

**FLÁVIO TEIXEIRA DA COSTA JUNIOR**

**O NATURALISTA E O VIAJANTE: O BRASIL NOS ESCRITOS DE  
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Karla Denise Martins

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2019**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

C837n  
2019 Costa Junior, Flávio Teixeira da, 1985-  
O naturalista e o viajante : o Brasil nos escritos de Saint-Hilaire  
(1816-1822) / Flávio Teixeira da Costa Junior. - Viçosa, MG, 2019.  
178f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Karla Denise Martins.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.174-178.

1. Saint-Hilaire, Auguste de, 1779-1853. 2. Escritos de viajantes franceses. 3. Naturalistas. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22 ed. 981.033

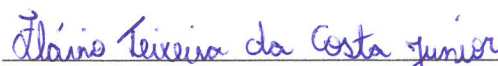
**FLÁVIO TEIXEIRA DA COSTA JUNIOR**

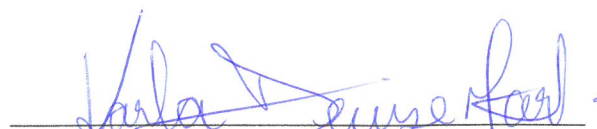
**O NATURALISTA E O VIAJANTE: O BRASIL NOS ESCRITOS DE  
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 11 de dezembro de 2019.

Assentimento:

  
Flávio Teixeira da Costa Junior  
Autor

  
Karla Denise Martins  
Orientadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela força concedida para tocar este projeto/sonho mesmo nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha esposa Dayanny pela cumplicidade e pelo amor oferecidos nos momentos de maior dificuldade. Agradeço por me acompanhar neste processo desde o desprezioso dia da prova de seleção, passando pelas quintas-feiras à espera do ônibus na rodoviária e culminado na crença de que esta dissertação poderia acontecer. Dayanny, você me ‘traz paz em tempos de guerra’.

Aos meus pais Flávio e Lúcia, agradeço a cobrança, a atenção, o carinho e a preocupação para comigo. Foi meu sonho, mas o que são os sonhos dos filhos senão uma extensão dos sonhos de seus pais.

Agradeço a turma do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania de 2017. Passar as manhãs e tardes de sexta-feira se tornou algo leve porque estive em companhias tão divertidas e agradáveis, cada um à sua maneira e cada qual ao seu modo.

Registro um agradecimento especial a colega Patrícia Bernardo que tanto me ajudou com as questões técnicas do mestrado. Patrícia todas as menções honrosas que poderiam ser feitas ainda não correspondem o quão grandiosa foi a sua ajuda. Muito obrigado por tudo mesmo.

Durante o desenvolvimento do curso, agradeço a todos os professores, mas destaco aqui o professor Dr. Leonardo Civale com qual desenvolvi forte amizade e pude aprender muito sobre os mais variados temas.

Este trabalho jamais sairia se não fosse pelas orientações mais do que especiais e atenciosas da professora Dra. Karla Denise Martins a quem agradeço a paciência, a atenção e a disponibilidade na qual a mesma teve comigo. Agradeço por ter abraçado o tema com a competência que já conhecia desde a graduação e pelas orientações que não foram simplesmente acadêmicas, pois não foram raras as vezes que cheguei em sua sala perdido apavorado e ansioso, e o seu primeiro trabalho era o de me acalmar para em seguida encaminhar meus estudos e estabelecer pontos a serem atingidos.

Agradeço pelo carinho e apoio de amigos que me ajudaram das mais diversas maneiras e deram sua parcela de contribuição ao nosso trabalho.

Deixo aqui um agradecimento ao professor Dr. Plínio Ferreira Guimarães e a Dra. Carolina Marotta Capanema, membros da Banca de Defesa da Dissertação, pela disponibilidade em participar da Defesa deste trabalho e pelas sugestões enriquecedoras.

Finalmente, agradeço a Auguste de Saint-Hilaire e toda a sua comitiva. Estudar um pouco de seus feitos em terras brasileiras acabou produzindo uma empatia não contraditória ao ofício de historiador. Esses sujeitos históricos merecem o meu reconhecimento e a minha gratidão por tudo que fizeram durante suas viagens ao Brasil.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

## RESUMO

COSTA JUNIOR, Flávio Teixeira da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2019. **O naturalista e o viajante: o Brasil nos escritos de Saint-Hilaire**. Orientadora: Karla Denise Martins.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Trata-se de um estudo sobre a literatura de viagem produzida por Auguste de Saint-Hilaire durante os seus trabalhos pelo Brasil. O recorte temporal se encontra compreendido entre os anos de 1816-1822, período no qual Saint-Hilaire coletou plantas e as enviou para a França. Apesar de ser um naturalista, seus escritos ultrapassaram a sua formação e, por isso, é possível encontrar reflexões nos mais variados campos dentre os quais destacam-se paisagens e populações durante a passagem do botânico-naturalista pelas terras brasileiras. Este estudo entende que – na literatura de viagem - seres humanos e natureza não podem ser entendidos de maneiras separadas e desenvolveu o conceito de *antroponatura*, com a finalidade de pensar mais profundamente a relação entre o homem e o meio natural. Também serão debatidos os encontros e desencontros de Saint-Hilaire durante suas viagens, esse debate tem como objetivo identificar uma condição humana que ultrapassou o trabalho científico e mostrar como o francês teve a capacidade de sentir prazeres e desprazeres durante suas viagens. As fontes analisadas para o desenvolvimento deste estudo foram as literaturas de viagem produzidas por Saint-Hilaire durante a sua passagem pelas mais diversas províncias brasileiras, sendo que estes “relatos” foram publicados após as viagens. Além da análise teórica, e conforme as exigências do programa, realizou-se uma intervenção prática que constitui o “Produto Final” do mestrado. Assim, a exposição intitulada *Os caminhos de Saint-Hilaire*, trabalhou com imagens em quadros de algumas plantas coletadas e catalogadas pelo naturalista no Brasil, além de lugares que remetessem a alguns aspectos da vida de Auguste de Saint-Hilaire. Nesta exposição, buscou-se uma sensibilidade que ultrapassasse o campo visual, e, por isso foram acrescentados sons de elementos da natureza. A expectativa é que a junção de trabalho teórico e prático possa oferecer uma nova reflexão sobre a ação dos viajantes estrangeiros em terras brasileiras e as contribuições que os mesmos ofereceram e oferecem para a construção do conhecimento histórico.

**Palavras-chave:** Auguste de Saint-Hilaire. Literatura de viagem. Naturalista.

## ABSTRACT

COSTA JUNIOR, Flávio Teixeira da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2019. **The naturalist and the traveler: The Brazil in the Saint-Hilaire's writings.** Advisor: Karla Denise Martins.

This assignment was developed based on the requirements of the Professional Master in Cultural Heritage, Landscapes and Citizenship. This is a study of the travel literature produced by Auguste de Saint-Hilaire during his work in Brazil. The time frame is between 1816-22, when Saint-Hilaire collected plants and sent them to France. Despite being a naturalist, his writings surpassed his formation and, therefore, it is possible to find reflections in the most varied fields, among which landscapes and populations stand out during the passage of the botanist-naturalist through Brazilian lands. This study understands that - in the travel literature - human beings and nature cannot be understood separately and has developed the concept of *anthroponature* in order to think more deeply about the relationship between man and the natural environment. Saint-Hilaire's encounters and disagreements will also be discussed during his travels. This debate aims to identify a human condition that has surpassed scientific work and to show how the French had the ability to feel pleasure and displeasure during their travels. The sources analyzed for the development of this study were the travel literature produced by Saint-Hilaire during his time in the most diverse Brazilian provinces, and these "reports" were published after the trips. In addition to the theoretical analysis, and according to the requirements of the program, there was a practical intervention that constitutes the "Final Product" of the master. Thus, the exhibition entitled *Os caminhos de Saint-Hilaire*, worked with images in pictures of some plants collected and cataloged by the naturalist in Brazil, as well as places that refer to some aspects of the life of Auguste de Saint-Hilaire. In this exhibition, we sought a sensitivity that went beyond the visual field, and for this reason sounds of elements of nature were added. The expectation is that the combination of theoretical and practical work can offer a new reflection on the action of foreign travelers in Brazilian lands and the contributions they have made and offer to the construction of historical knowledge.

**Keywords:** Auguste de Saint-Hilaire. Travel literature. Naturalist.

## **LISTA DE SIGLAS**

DAC - Divisão de Assuntos Culturais.

DGE - Departamento de Geografia.

DHI – Departamento de História.

UFV – Universidade Federal de Viçosa.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Auguste de Saint-Hilaire (1779-1851), alguns anos depois de sua viagem ao Brasil.....	13
<b>Imagem 2:</b> Trajeto percorrido por Saint-Hilaire entre os anos de 1816 e 1822.....	14
<b>Imagem 3:</b> Botocudo Firmiano, membro da comitiva de Auguste de Saint-Hilaire.....	79
<b>Imagem 4:</b> Araticum ( <i>Annona dioica</i> St. Hil).....	127
<b>Imagem 5:</b> <i>Calypso Campestris</i> .....	130
<b>Imagem 6:</b> <i>kielmeyera speciosa</i> .....	132
<b>Imagem 7:</b> Fruta-de-lobo ( <i>Solanum lycocarpum</i> St.Hill,) .....	135
<b>Imagem 8:</b> <i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil. (Loganiaceae).....	137
<b>Imagem 9:</b> Hall de entrada do Departamento de História.....	141
<b>Imagem 10:</b> Vista da exposição a partir do Hall de entrada do DHI.....	142
<b>Imagem 11:</b> Parte do material da exposição <i>Os caminhos de Saint-Hilaire</i> no DHI.....	144
<b>Imagem 12:</b> Verbete com as informações da <i>Annona dioica</i> .....	156
<b>Imagem 13:</b> <i>Annona dioica</i> .....	156
<b>Imagem 14:</b> Verbete com as informações da <i>Marcetia taxifolia</i> .....	157
<b>Imagem 15:</b> <i>Marcetia taxifolia</i> .....	157
<b>Imagem 16:</b> Verbete com as informações do <i>Hyptis adamantium</i> .....	158
<b>Imagem 17:</b> <i>Hyptis adamantium</i> .....	158
<b>Imagem 18:</b> Verbete com as informações da <i>Lavoisiera imbricata</i> .....	159
<b>Imagem 19:</b> <i>Lavoisiera imbricata</i> .....	159
<b>Imagem 20:</b> Verbete com as informações do <i>Solanum lycocarpum</i> .....	160
<b>Imagem 21:</b> <i>Solanum lycocarpum</i> .....	160
<b>Imagem 22:</b> Verbete com as informações da <i>Limnosipanea parviflora</i> Standl.....	161
<b>Imagem 23:</b> <i>Limnosipanea parviflora</i> Standl.....	161
<b>Imagem 24:</b> Verbete com as informações da <i>Hyptis petraea</i> .....	162
<b>Imagem 25:</b> <i>Hyptis petraea</i> .....	162
<b>Imagem 26:</b> Verbete com as informações da <i>Drosera villosa</i> .....	163
<b>Imagem 27:</b> Quadro da <i>Drosera villosa</i> .....	163
<b>Imagem 28:</b> Verbete com as informações da <i>Genlisea violácea</i> .....	164
<b>Imagem 29:</b> <i>Genlisea violácea</i> .....	164

<b>Imagem 30:</b> Verbete com informações de Auguste de Saint-Hilaire.....	165
<b>Imagem 31:</b> Auguste de Saint-Hilaire.....	165
<b>Imagem 32:</b> Verbete com as informações de Firmiano.....	166
<b>Imagem 32:</b> Firmiano.....	166
<b>Imagem 34:</b> Verbete contendo informações do mapa do trajeto de Saint-Hilaire pelo Brasil.....	167
<b>Imagem 35:</b> Mapa do trajeto de Saint-Hilaire pelo Brasil.....	167
<b>Imagem 36:</b> Verbete com as informações do trajeto de Saint-Hilaire por Minas Gerais.....	168
<b>Imagem 37:</b> Mapa da viagem de Saint-Hilaire por Minas Gerais.....	168
<b>Imagem 38:</b> Verbete do texto descritivo do <i>Hyptis petraea</i> .....	169
<b>Imagem 39:</b> Texto original com a descrição da <i>Hyptis petraea</i> .....	169
<b>Imagem 40:</b> Verbete com a descrição do <i>Hyptis adamantium</i> .....	170
<b>Imagem 41:</b> Texto com a descrição do <i>Hyptis adamantium</i> .....	170
<b>Imagem 42:</b> Verbete com informações do Castelo de Turpinière.....	171
<b>Imagem 43:</b> Castelo de Turpinière.....	171
<b>Imagem 44:</b> Verbete com informações do Grande Cemitério de Orleans.....	172
<b>Imagem:45:</b> Entrada e interior do Grande Cemitério de Orleans.....	172
<b>Imagem 46:</b> Verbete com informações do Busto de Saint-Hilaire.....	173
<b>Imagem 47:</b> Busto de Saint-Hilaire.....	173

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Províncias percorridas por Saint-Hilaire, na sua viagem ao Novo Mundo, entre 1816-1822.....	15
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE I	
CAPÍTULO 1 – As viagens de Saint-Hilaire como gênero literário.....	22
1.1 - <i>Antroponatura</i> : a relação entre homem e natureza a partir da literatura de viagem.....	22
1.2 - A paisagem como memória e texto.....	35
1.3 - Discursos filantrópicos.....	48
1.4 – Populações na literatura de um viajante francês.....	64
CAPÍTULO 2 – A viagem de “pés no chão” – sensibilidades e humores no “relato” .....	77
2.1 – Dificuldades e obstáculos: o outro na narrativa de viagem.....	77
2.2 – Portas abertas e bons encontros: o prazer da viagem.....	92
2.3 – Perigos enfrentados e sacrifícios feitos por um viajante de “pés no chão” .....	108
PARTE II	
CAPÍTULO 3 – Exposição de viagem: <i>Os caminhos de Saint-Hilaire</i> .....	122
3.1 – Imagens.....	123
3.2 – Exposição <i>Os caminhos de Saint-Hilaire</i> .....	138
3.3 – Portfólio.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
ANEXOS.....	156
FONTES.....	174
BIBLIOGRAFIA.....	175

## Introdução

O interesse no aprofundamento de estudos sobre literatura de viagem deu-se ainda nos anos da graduação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). À época, durante a disciplina de História do Brasil II - ministrada pelo professor Jonas Marçal de Queiroz – foi proposto que a turma realizasse um trabalho com fontes históricas e esta foi a primeira oportunidade que tive de entrar em contato com literatura de viagem. Ao pesquisar sobre viajantes do início do século XIX, percebi que muitos produziram diferentes tipos de conhecimento expostos em imagens, mapas, descrições e conceitos que acabaram se tornando responsáveis por uma forma de conhecimento sobre o Brasil.

Naquele período, pela primeira vez, pude entrar em contato com uma parte da literatura de viagem produzida pelo botânico-naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire e esse contato me deixou curioso para entender o que um viajante estrangeiro escreveu sobre as populações e a natureza brasileira do início do século XIX. Dessa maneira, o presente trabalho almeja debater a literatura de viagem produzida por Auguste de Saint Hilaire sobre *antroponatura* no Brasil. Em termos mais particulares, a partir dos ideais de ciência e da sensibilidade, presentes nos gêneros textuais produzidos pelo naturalista francês, pretende-se entender o que foi escrito sobre natureza e seres humanos durante sua viagem ao Brasil.

Para o nosso debate, utilizaremos a literatura de viagem produzida por Saint - Hilaire, sobre os anos de 1816-1822 – período em que o naturalista esteve no Brasil - a fim de compreender como os temas acima citados se encontram transformados em saberes pretensamente científicos a partir da narrativa de viagem produzida pelo autor.

Em linhas mais específicas, os objetivos deste trabalho serão: entender como se apresentam as paisagens nas narrativas de Auguste de Saint-Hilaire e quais eram as sensibilidades do naturalista diante das mesmas; analisar as dificuldades e os obstáculos enfrentados por um viajante de “pés-no-chão”; entender os prazeres e satisfações encontradas por este mesmo tipo de viajante; confrontar as imagens criadas pela historiografia dos temas natureza e populações com aquelas que se apresentam nas narrativas do viajante francês. Esse confronto tem por objetivo entender como o botânico-naturalista compreendeu as regionalidades e particularidades brasileiras em suas anotações.



Imagem 1: Auguste de Saint-Hilaire (1779-1851), alguns anos depois de sua viagem ao Brasil<sup>1</sup>

Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire nasceu na França, na cidade de Orleans em 1779 e morreu na mesma cidade no ano de 1853. Ainda durante a juventude Saint-Hilaire viveu em Hamburgo (atual Alemanha) se dedicando a atividade de comerciário, ao retornar a Paris, dedicou-se aos estudos de botânica. Durante este curso foi aluno de renomados naturalistas como Antoine-Laurent de Jussieu (1749-1836), Louis Claude Richard (1754-1821) e René Desfontaines (1750-1833). Estudou ainda com Alexander Von Humboldt (1773-1858), Saint-Hilaire especializou-se em morfologia vegetal.<sup>2</sup>

Apesar de existirem vários estudos historiográficos que contemplem Auguste de Saint-Hilaire a partir de diferentes enfoques, acredito, assim como Reinhart Koselleck, que a velha tríade *lugar, tempo e pessoa* se encontra presente no trabalho do historiador.

---

1

<http://1.bp.blogspot.com/-XVKFxCxNIYE/Ue0u2Lv8lqI/AAAAAAAAAIA/ZLubHDo1njo/s1600/Saint-Hilaire.png> acessado em 20/06/2019. Foto: F. Bouazzat, MNHN

2 PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: II – Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). Revista IHGB, Rio de Janeiro, a.173(455), abril/junho 2012. p.228.

“Caso se altere um desses três elementos, trata-se já de uma outra obra, ainda que pareça debruçar-se sobre o mesmo objeto”.<sup>3</sup>

O botânico esteve no Brasil entre os anos de 1816-1822 e viajou pelas províncias do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, atual Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e em suas viagens pelo país, o naturalista fez coleções de plantas e animais. Todavia, o viajante francês não limitou as suas observações, ao campo das ciências naturais, também foram reunidos numerosos dados relevantes para a geografia, a história, a arquitetura e a etnografia.

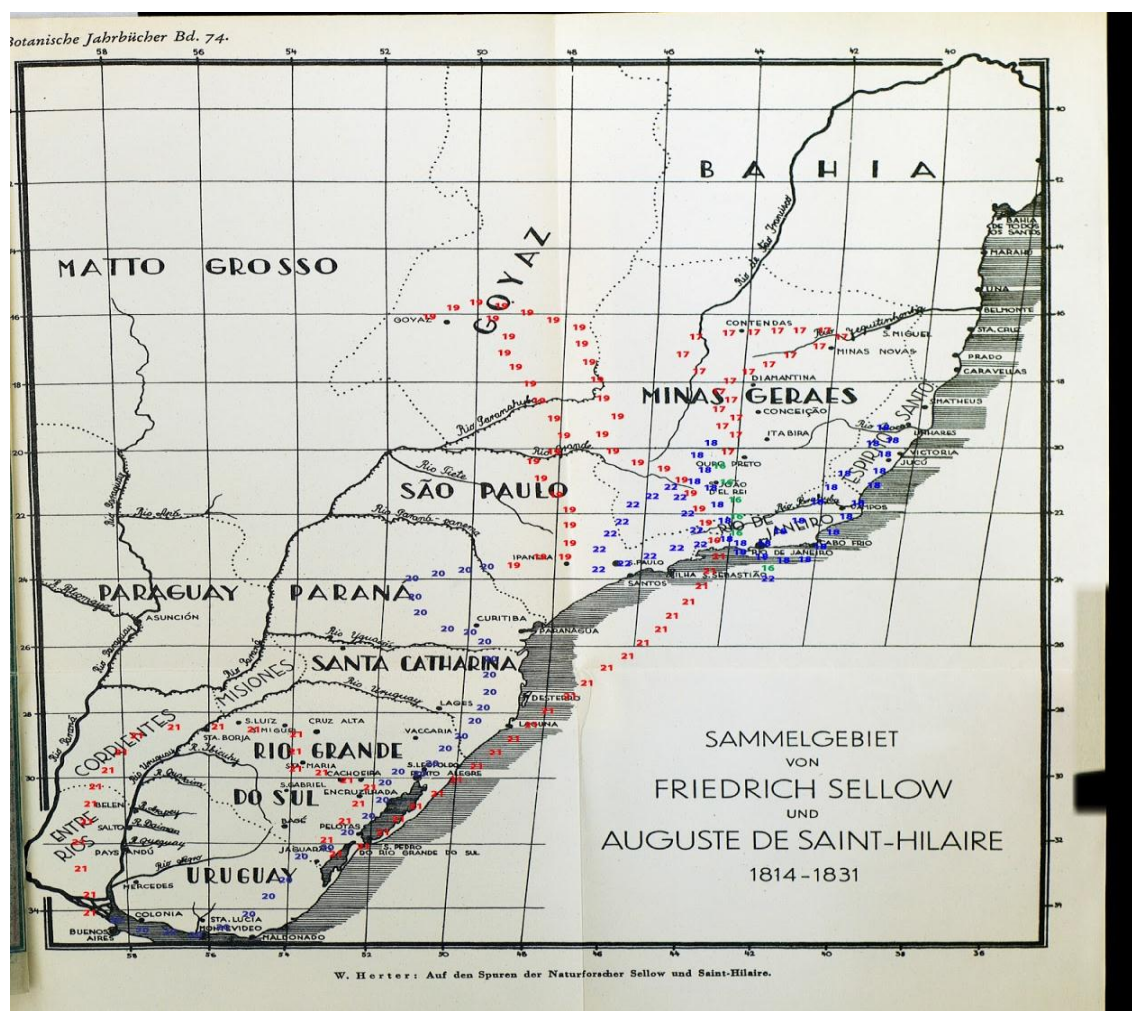


Imagem 2: Trajeto percorrido por Saint-Hilaire entre os anos de 1816 e 1822.<sup>4</sup>

3 KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006. p.161.

3 Fonte: Herbario Virtual Saint-Hilaire. Disponível em: <http://parquedaciencia.blogspot.com/2016/05/auguste-de-saint-hilaire-e-sua-passagem.html>, acessado em: 21/04/2019.

As viagens de Saint-Hilaire pelo continente americano foram realizadas entre 7 de dezembro de 1816 a 5 de maio de 1822. Para uma melhor ilustração de quais regiões foram percorridas pelo naturalista francês durante sua passagem pelo território brasileiro, segue em anexo uma tabela com a relação dos anos junto as províncias.

Ano	Regiões percorridas por Saint-Hilaire
1816	Rio de Janeiro, Minas Gerais
1817	Rio de Janeiro, Minas Gerais
1818	Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais,
1819	Minas Gerais, Goiás, São Paulo
1820	Campos Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul
1821	Rio Grande do Sul
1822	São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro

Tabela 1 – Províncias percorridas por Auguste de Saint-Hilaire durante sua viagem ao Novo Mundo.

Ainda sobre a viagem de Saint-Hilaire, segundo Lorelay Kury a mesma teria ultrapassado o campo científico. Esta viagem esteve vinculada aos discursos e práticas justificadas pela ‘filantropia’ e a concomitante afirmação de critérios ‘internos’ ao meio científico para consolidação de sua carreira. Desta maneira, “a viagem científica é, no iluminismo tardio, uma atividade que ultrapassa as fronteiras do que hoje em dia qualificamos como ‘puramente científico’”.<sup>5</sup>

Com a vinda de Dom João VI e sua administração concretizam-se várias iniciativas que abrem novos horizontes à vida do Brasil e, como parte ou como consequência delas, implanta-se um “verdadeiro ciclo de viagens e expedições científicas, à testa das quais especialistas eminentes de várias partes do mundo põem seu saber a serviço da flora, da fauna, da geografia, da geologia, da paleontologia, e da etnologia dessa porção do Novo Continente”.<sup>6</sup>

No contexto de viagens e mudanças do início do século XIX, Auguste de Saint-Hilaire chegou ao Brasil em 1816, na missão extraordinária do duque de Luxemburgo, cuja finalidade era resolver o conflito que contrapunha Portugal e França quanto à posse da Guiana, após o período napoleônico. Os recursos para que o botânico se sustentasse

5 KURY, L.B. **Auguste Hilaire, viajante exemplar**. Intellectus, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, 2003. Disponível em <http://www.intellectus.uerj.br>. Acessado em 3 de dezembro de 2007. p.3.

6 HOLANDA, Sérgio Buarque. **O Brasil Monárquico** – O processo de emancipação. Coleção História Geral da Civilização Brasileira, t.2, 11ª edição, - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.119.

no Brasil foram levantados pelo governo francês e o viajante-naturalista recebeu uma importância de seis mil francos para se sustentar no Brasil. De acordo com Kury, Saint-Hilaire “deveria buscar instruções junto aos professores do Museu e enviar para lá toda a correspondência científica e objetos de história natural que coletasse”.<sup>7</sup>

O trabalhos realizados por Auguste de Saint-Hilaire fazem parte de um contexto de mudança na relação entre o homem e o mundo natural. De acordo com Keith Thomas, o período entre 1500-1800 marca uma série de mudanças na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Estas mudanças levaram ao surgimento de novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem.<sup>8</sup>

No contexto de viagens científicas adverte-se que “Viajante naturalista é o título usado com frequência para designar oficialmente os correspondentes do Jardim do rei ou, mais tarde, do Museu Nacional de História Natural, encarregados de uma missão longínqua”.<sup>9</sup>

Márcia Naxara afirma que “os relatos de viagem podem representar certa amálgama entre dois mundos, que possibilita ao pensamento humano se organizar, ordenando-se e aprendendo as diferenças e similitudes”.<sup>10</sup> Neste sentido, o trabalho com viajantes nos permite entender pensamentos, visões de ciência e interpretações de mundo de diferentes regiões, mas sem perder de vista que o ponto de partida de um viajante estrangeiro era sempre o seu país de origem.

Ainda no que diz respeito à literatura de viagem, este tipo de gênero textual pode se apresentar como algo complexo e também muito contraditório, mesmo porque neste tipo de fonte, é possível encontrar elogios e críticas – sobre os mais diferentes temas - em páginas muito próximas.

Sobre viagens e viajantes, Mary Louise Pratt nos diz que a partir de meados do século XVIII, a expedição científica se transforma em um acelerador das energias e recursos de complexas alianças das elites comerciais e intelectuais de todo o continente europeu. Sendo assim, “a exploração científica acabaria por se tornar algo de intenso

7 KURY, L.B. **Op.cit.** 2007. p.4.

8 THOMAS, Keith. **O homem e mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e os animais. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

9 BOURGUET, Marie-Noelle. O Explorador. In: VOLVELLE, Michel (org.). **O homem do Iluminismo.** Lisboa: Presença, 1997.

10 NAXARA, Márcia Regina Capellari. **Cientificismo e sensibilidade romântica:** em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2004. p.442

interesse público, e fonte de alguns dos mais poderosos aparatos ideológicos de idealização, por meio dos quais os cidadãos europeus se relacionaram com outras partes do mundo”.<sup>11</sup>

No período do século XVIII, segundo Antonello Gerbi, o continente americano esteve envolvido em polêmicas teóricas com o Velho Mundo. Estas polêmicas se deram por conta de escritos que inferiorizavam o Novo Mundo, suas populações e sua natureza. Gerbi trabalha com pensadores como o Conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc), Cornelius de Pauw, Abade Raynal e Hegel e os debates que estes autores lançaram sobre a debilidade da natureza e do homem americano.<sup>12</sup> Os estudos de Gerbi ajudaram a compreender quais imagens do continente americano – já no século XIX - são referendadas ou refutadas por Auguste de Saint-Hilaire.

Um importante marco na realização das chamadas viagens científicas foi a expedição realizada pelo naturalista prussiano Alexander Von Humboldt pelo continente americano. Esta viagem marcou uma mudança nas concepções científicas, fez com que os naturalistas deixassem seus gabinetes e partissem rumo ao campo para a coleta de plantas e a promoção de herborizações. Conseqüentemente, estas viagens não promoveram apenas o contato do viajante com a natureza de destino, mas também o encontro do mesmo com diferentes grupos populacionais que habitavam as mais diversificadas regiões nas quais se encontravam um viajante.

Sobre o interesse de estrangeiros pelo Brasil, observa-se que a não ser durante o período dos anos de 1500 e, uma parte dos anos de 1600, o país nunca parecera tão fascinante “aos naturalistas, aos geógrafos, aos economistas ou aos simples viajantes como naqueles anos que imediatamente se seguem à instalação da ‘Corte portuguesa no Rio e à abertura dos portos ao comércio internacional’”.<sup>13</sup>

Lilian Schwarcz afirma que – durante o século XIX – a natureza brasileira ganhava novas representações, clichês e banalidades, sobretudo na França. Por outro lado, geógrafos e botânicos de formação passaram a redescobrir o Brasil. Naquele momento,

---

11 PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru, S: Edusc, 1999. P. 53.

12 GERBI, Antonello. **Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

13 HOLANDA, Sérgio Buarque. **Op.Cit.** p.12.

“o tempo era de crítica e revisão de conhecimentos, e o próprio cientista julgava imperfeita sua descrição dizendo que esse era um país definitivamente mal conhecido”.<sup>14</sup>

Dentro das perspectivas de estudo sobre a relação de *antroponatura* a partir da literatura de viagem produzida por Auguste de Saint-Hilaire, além dos já citados livros de Keith Thomas, Antonello Gerbi e Lilian Schwarcz pode-se encontrar outras possibilidades. Warren Dean, em *A Ferro e Fogo* busca entender a relação/devastação dos seres humanos com a Mata Atlântica a partir de uma perspectiva de longa duração.<sup>15</sup> Já o trabalho de Karen Macnow Lisboa, que estudou a viagem dos naturalistas bávaros Spix e Martius, ajudou a compreender como natureza e civilização faziam parte da construção do conceito de nação no Brasil durante o início do século XIX.<sup>16</sup>

Os estudos de Tzvetan Todorov ajudaram a analisar a presença, as vivências e a postura eurocêntrica e por vezes, etnocêntrica, adotada por Auguste de Saint-Hilaire em suas viagens ao Brasil. Neste sentido, entende-se o etnocêntrico como uma pessoa que parte de um particular se esforçando em generalizar. Assim, Todorov afirma que “o etnocêntrico segue a linha do menor esforço e procede de maneira não crítica: crê que seus valores são *os* valores e isso lhe basta; nunca busca verdadeiramente prová-lo.”<sup>17</sup>

Ana Maria Belluzzo, em o *Brasil dos Viajantes*, oferece uma boa definição de iconografias científicas. Seus trabalhos permitiram a compreensão de uma visualidade ordenada pela sensibilidade aliada à razão, derivada do encontro entre a arte e a ciência.<sup>18</sup>

Auguste de Saint-Hilaire, como um viajante que trabalhou junto a *antroponatura* brasileira, traz um certo desafio: uma autoridade científica respeitada no velho mundo que escreveu e buscou orientar os leitores de seus textos. Um botânico francês, que olhou, experimentou e principalmente vivenciou o Brasil e sua *antroponatura* a partir de uma viagem que ultrapassou o campo científico.

A literatura de viagem produzida por Saint-Hilaire marca uma relação de presença. Esta presença pode ser entendida como a viagem realizada pelo francês ao Brasil, viagem essa que fornece elementos para ser transformada em gênero textual a

14 SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O sol do Brasil**: Nicolas Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de Dom João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.p.48-49.

15 DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da mata atlântica. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das letras, 1996.

16 LISBOA, Karen Macnow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP,1997.

17 TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Edição 1993. P.21

18 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. 2º edição. São Paulo; Metralivros; Rio de Janeiro: Editora objetiva, 1999. Volume I e II.

partir de uma literatura que visa dar ao público uma dimensão possível de suas realizações em terras brasileiras.

As visões científicas, a viagem realizada por Saint-Hilaire, os contatos/choques do naturalista em terras brasileiras e os conhecimentos produzidos pelo francês a partir de sua viagem podem ser compreendidos no par de conceitos de ‘espaço de experiências e horizonte de expectativas’. Neste quadro, “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”.<sup>19</sup>

A seguir, um breve resumo dos capítulos da dissertação.

No capítulo 1 - *As viagens de Saint-Hilaire como gênero literário* - será problematizado o termo literatura de viagem. Além disso, serão objetos do debate as relações entre seres humanos e mundo natural a partir da literatura de viagem, ou seja, o que este trabalho chamou de *antroponatura*. Procura-se entender as críticas de Saint-Hilaire a uma *antroponatura* entendida como destrutiva e as sugestões para uma relação racional entre o homem e a natureza. A seguir se debaterá os escritos do naturalista sobre as paisagens brasileiras, e, se buscará as sensibilidades e emoções diante de determinados conjunto paisagísticos.

Ainda neste mesmo capítulo, serão debatidos os projetos filantrópicos com destaque para as marcas intervencionistas de Saint-Hilaire naquilo que – na sua opinião – estava errado, portanto, aquilo que fugia aos padrões e modelos científicos europeus do início do século XIX, além do horizonte de expectativas do naturalista para determinadas regiões. Por fim, o capítulo procura analisar como determinadas populações brasileiras se encontram apresentadas na literatura de viagem, e quais são os juízos emitidos e as críticas feitas a estas populações.

O capítulo 2 - *A viagem de “pés no chão” – sensibilidades e humores no “relato”* - começa com a análise dos problemas e das dificuldades vivenciadas pelo naturalista junto ao *outro* em terras brasileiras; observa-se uma compreensão de como estas dificuldades influenciaram os humores e, conseqüentemente, os escritos de Saint-Hilaire.

Ainda neste mesmo capítulo, também se busca compreender as satisfações e os prazeres vividos por um “viajante de pés-no-chão”, principalmente a partir de bons encontros, visitas a belos lugares e portas abertas ofertadas a comitiva de viagem. Finalmente, debater-se-á os sacrifícios e desgastes, apresentados pelo autor, em sua literatura de viagem.

---

19 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.307.

O capítulo 3 – Exposição: *Os caminhos de Saint-Hilaire* – visa o atendimento das exigências do mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, este capítulo apresentará a parte conhecida como “Produto Final”. Dito isso, em um primeiro momento serão apresentadas alguns desenhos produzidos por Saint-Hilaire em comunhão com alguns trechos da literatura de viagem que apresentam as herborizações de plantas coletadas.

No “Produto Final” desta dissertação será realizada uma exposição da viagem com imagens e sons. Neste quadro, algumas imagens foram produzidas por Saint-Hilaire durante sua viagem ao Brasil, outras são fotos das plantas coletadas pelo naturalista, além de imagens que resgatem a memória da viagem e de aspectos da vida de Saint-Hilaire em terra francesas. Já os sons buscar-se-á trazer aos participantes da exposição, uma sensação das vivências de Saint-Hilaire em terras brasileiras.

## **PARTE I**

## **CAPÍTULO 1 – AS VIAGENS DE SAINT-HILAIRE COMO GÊNERO LITERÁRIO**

No trabalho com os escritos produzidos por viajantes é comum encontrar na historiografia o termo relato de viagem. Uma explicação para isso pode vir do fato de que muitos viajantes acreditavam narrar o “real”, “a verdade” pura dos acontecimentos, ou seja, estes viajantes acreditavam que faziam um “simples relato” dos fatos e por isso classificavam os seus textos como tal.

O que muitos viajantes – inclusive o próprio Auguste de Saint-Hilaire – aparentemente não percebiam eram os múltiplos fatores, externos e internos, que podiam influenciar em sua escrita e que, conseqüentemente, foram responsáveis por fazer com que seus textos ultrapassassem a condição de um simples “relato” de viagem.

Este trabalho utilizará o termo literatura de viagem, porque acredita que este termo permite compreender os diferentes comportamentos contidos nos escritos do viajante francês. Assim sendo, entende-se que o texto de Saint-Hilaire pode se apresentar como um relato, um manual, um desabafo, uma advertência ou até mesmo um guia de conduta para os seus leitores, e é justamente isso que torna o termo literatura de viagem mais aplicável a produção textual do naturalista francês.

### **1.1 - *Antroponatura*: a relação entre homem e natureza a partir da literatura de viagem**

A relação entre seres humanos e mundo natural pode ser algo entendido como um discurso cambiante, ou seja, um discurso que se transforma de tempos em tempos e que pode variar de acordo com princípios religiosos, científicos, políticos, sociais e filosóficos de um determinado período. Sobre esses discursos, observa-se que a partir do século XVIII a razão e a ciência começaram a desafiar as antigas tradições, o que conseqüentemente ajudou na promoção de mudanças em relação ao discurso de *antroponatura*.

Auguste de Saint-Hilaire, na condição de um botânico-naturalista francês, emitiu determinados juízos de fato e de valor da relação entre os brasileiros e seu mundo natural. Assim, juntamente com o contato entre o viajante e as populações existiu – em determinados momentos - o choque com aquilo que o viajante via, observava e sentia.

Este choque, por vezes, pode ser entendido como um resultado da diferença entre o Velho e o Novo Mundo.

Segundo Keith Thomas, “a motivação inicial para o estudo de história natural foi de teor prático e utilitário. A botânica nasceu como uma tentativa de identificar os ‘usos e virtudes’ das plantas, essencialmente para a medicina, mas também para a culinária e manufatura”.<sup>20</sup>

A “civilização humana” pode ser entendida como uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza. Desse modo, o mundo vegetal pode ser entendido como fonte de alimento e combustível; “o Ocidente, por essa época, caracterizava-se por sua dependência excepcionalmente alta dos recursos naturais, fosse para o trabalho, o alimento, o vestuário ou o transporte”.<sup>21</sup>

Para Márcia Naxara, os seres humanos definem os métodos da apreciação estética, sendo possível que valores sejam acrescentados à visão e a comunhão da vida na natureza, de forma a transformá-la em experiência particular e importante, tanto do ponto de vista individual como coletivo. Naquele momento, o processo de interação estava fortemente ligado “à construção da identidade e das histórias nacionais por exemplo, na medida em que contribuíram para a exploração de novos territórios geográficos e para a sua associação e incorporação a valores intelectuais, espirituais e estéticos, assumidos coletivamente”.<sup>22</sup>

Durante o século XIX, de acordo com Karen Lisboa, “no relato desses viajantes a temática da “natureza” não é apenas uma “fonte de emoções”, mas um meio de compreender, interpretar e criar uma imagem de Brasil”.<sup>23</sup> Dessa maneira, as narrativas produzidas pelos viajantes tornaram possíveis uma forma de conhecimento do Brasil no mundo europeu, o que posteriormente acabou promovendo imagens cristalizadas da *antroponatura* brasileira no Velho Mundo.

As imagens do continente americano e suas populações – em muitos casos - no Velho Mundo foram depreciativas e caluniosas. Contudo, segundo Ilka Leite, “é possível, mediante pesquisa, reflexão e crítica, aproveitar muitas das informações fornecidas pelos

---

20 THOMAS, Keith. **Op. cit.** P.35.

21 **Ibidem**, p.33

22 NAXARA, Márcia. **Op.cit.** p.67-68.

23 LISBOA, Karen. **Op.cit.** p.23.

relatos. É preciso filtrar ao máximo, o preconceito e recuperar essas fontes no que elas possuem de caráter documental”.<sup>24</sup>

Na literatura de viagem produzida por Auguste de Saint-Hilaire, percebe-se que seres humanos e mundo natural – em grande parte das vezes - são vistos e analisados de maneiras muito diferentes. Enquanto o homem – em determinados momentos e em certas regiões brasileiras - foi entendido dentro de um estado de barbárie e selvageria, a natureza foi entendida como fonte de vida e de sentimentos.

Entretanto, Saint-Hilaire não escreveu os seus textos de viagem separando seres humanos e mundo natural, ou seja, o naturalista não fez uma literatura de viagem apenas para tratar dos seres humanos e outra para tratar do mundo natural. Logo, *antroponatura* (*antro*=homem/*natura*=natureza) pode ser entendida como uma relação entre o homem e a natureza, a partir de uma situação de transformação entre ambos, no qual os seres humanos se encontravam dentro da natureza, e não separados dela.

Deve-se levar em conta que algumas vezes o botânico criticou a *antroponatura* encontrada em terras brasileiras. Neste sentido, é marcante um registro feito por Saint-Hilaire quando se encontrava próximo a Macaé, na província do Rio de Janeiro:

Aqui, e provavelmente em todo o Brasil, não há, como na Europa, o uso de explorar inteiramente uma certa extensão da floresta; escolhem-se aqui e acolá as grandes árvores que se quer cortar e o lenhador as abate à sua altura, para não ter necessidade de curvar o corpo no trabalho. Mesmo que as árvores fossem abatidas ao nível do solo, os tocos, privados de ar o logo abafados pelas lianas não poderiam produzir brotação: com mais forte razão os tocos de 3 a 4 pés de altura devem logo secar e morrer. Quando passei por Macaé as belas árvores já começavam a se tornar raras e frequentemente eram procuradas em florestas muito distantes da embocadura do rio. Assim, enquanto que de um lado os brasileiros ateiam fogo a imensas florestas, sem outro proveito que o de um adubo passageiro, de outro lado, quando exploram árvores preciosas, fazem-no de modo a concorrer para a extinção de suas espécies.<sup>25</sup>

Observa-se um texto de forte crítica a ação destrutiva dos homens da região de Macaé. Contudo, as críticas são generalizadas aos proprietários de terras no Brasil e suas ações ligadas às transformações do mundo natural. Percebe-se no trecho transcrito, que o autor entendia a *antroponatura* no Brasil como uma relação de destruição e prejuízos para o mundo natural.

---

24 LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

25 HILAIRE, Auguste de Saint. **Viagem pelos distritos dos diamantes e litoral do Brasil**. Tradução de Leonam de Azevedo Pena. São Paulo: Edusp, 1974.p.185.

Compreende-se que esta visão partiu de um ponto de vista eurocêntrico, no qual o velho mundo oferecia as bases ideológicas para uma suposta utilização racional da natureza. Ainda à luz deste debate, interpreta-se que o texto de Saint-Hilaire se comporta como uma advertência, guiada por uma razão pretensamente científica.

Em Campos dos Goytacazes, ainda no Rio de Janeiro, ao fazer observações sobre o fabrico do açúcar da região, Saint-Hilaire fez novas críticas sobre a *antroponatura* destrutiva:

Com efeito a escassez de lenha faz-se sentir cada vez mais, sendo de temer sejam, breve vários proprietários de usinas a cessar seus trabalhos. Como já disse, os primeiros habitantes dos Campos dos Goitacases apenas cuidavam da pecuária; para formar pastagens eles incendiaram suas florestas, e, em muitos lugares somente arbustos e árvores esparsas podem fornecer combustíveis. Na verdade existem matas muito próximo da cidade de Campos: mas pertencem a homens que não venderão, porquanto são também possuidores de usinas quererão conservar suas caldeiras em atividade pelo maior prazo possível. Induzir os brasileiros ao plantio de árvores destinadas à lenha é, para eles, expor-se ao ridículo; entretanto continuam destruindo e incendiando suas florestas com tamanha perseverança que, se não quiserem tornar desertas grandes zonas do país, serão cedo ou tarde forçados a replantar as matas. Porque alguns proprietários de Campos não procurarão desde já libertar-se de uma opinião absurda? Porque lançando as vistas sobre o futuro não escolherão um canto de seus domínios pouco próprio à cultura para aí lançar as sementes de algumas árvores de crescimento rápido? O primeiro que plantar um tufo de mata no distrito dos Campos dos Goitacases merecerá, ousamos dizer, a gratidão do país. Entretanto, aquele que na América se der ao cuidado de lançar à terra sementes de árvores florestais não terá no futuro os mesmos trabalhos e sacrifícios que o plantador europeu; nas felizes zonas situadas entre os trópicos a vegetação é de tal modo ativa que o agricultor terá logo sombra sob as árvores que plantar e poderá mesmo, durante o curso de sua vida, cortá-las diversas vezes.<sup>26</sup>

Pode-se identificar vários tipos comportamentos no trecho descrito. Na primeira parte foi feito um apanhado histórico sobre a destruição das matas naquela região; em seguida, observa-se uma advertência sobre as consequências da *antroponatura* destrutiva praticada naquela região.

Em um segundo momento foram analisadas as matas ainda existentes e se afirmou que estas pertencem a donos de usinas preocupados com suas atividades trabalhistas. Pode-se deduzir, que no entendimento de Saint-Hilaire, a necessidade da utilização de lenha para a manutenção de caldeiras, geraria consequentemente, a não preservação das florestas que ainda se encontravam conservadas na região de Campos.

O naturalista francês entendia que aquele não era o momento de tentar convencer os brasileiros a replantar árvores, pois em seu entendimento a tentativa de persuasão para

---

26 *Ibidem*, p.200

um reflorestamento o levaria a ‘expor-se ao ridículo’. Saint-Hilaire acreditava também que a *antroponatura* praticada em terras brasileiras forçaria, por conta do processo de desertificação, a população a replantar suas florestas em algum momento.

Os questionamentos levantados demonstravam a prática de uma visão imediatista dos fazendeiros daquela região. Não obstante, a identificação desta prática se encontra também um desafio aos fazendeiros dos Campos dos Goitacazes, sendo que aquele que se lançasse em tal desafio, seria merecedor de gratidão de todo o país. Outra observação era a de que esse reflorestamento não precisava ocupar toda a propriedade, mas só uma pequena parte pouco significativa da mesma, ou seja, Saint-Hilaire já chamava atenção para a ideia de que a produção agrícola não precisava necessariamente se opor a conservação de matas.

Em sua opinião, um reflorestador no Novo Mundo teria muito menos trabalho do que alguém que se lançasse a essa mesma tarefa nas terras do Velho Mundo; o que tornaria um trabalho de reflorestamento bem menos complicado do que poderia se imaginar. Assim, nas perspectivas científicas do francês, um reflorestamento geraria novas árvores que poderiam ser exploradas por diversas vezes, desde que fosse praticada uma *antroponatura* racional e científica.

Conforme o historiador Warren Dean, os europeus no geral não estavam acostumados com o desperdício e descuido de recursos naturais. Portanto, a partir de suas viagens e escritos percebe-se que “Saint-Hilaire ficou espantado ao ver que os brasileiros tinham conseguido destruir tanto e mesmo assim continuassem adotando a prática, ao mesmo tempo que se recusavam a considerar a ideia do replantio”.<sup>27</sup>

Ainda segundo o mesmo historiador, “o mais desastoso, contudo, é que as ciências em Portugal eram ideologicamente suspeitas. As concepções políticas e sociais subversivas do iluminismo estavam entrelaçadas com suas propostas científicas, tanto na cabeça dos governantes quanto na cabeça dos cientistas”.<sup>28</sup>

As críticas quanto a uma *antroponatura* destrutiva e irracional não preencheram toda a literatura de viagem do naturalista francês. Entretanto, estas críticas estiveram presentes nos escritos de Auguste de Saint-Hilaire enquanto este se encontrava pelas mais diferentes províncias brasileiras. O autor, como homem de ciência do século XIX, não esteve no Brasil apenas como um explorador e estudioso de sua natureza e, sua viagem,

---

27 DEAN, Warren. **Op.Cit.** P. 154.

28 **Ibidem**, p.137.

não visava apenas a coleta de elementos da fauna e da flora. Dessa forma, o naturalista se colocou – em determinados momentos - como um defensor de uma *antroponatura* pautada pela racionalidade e benéfica a seres humanos e natureza.

Em sua viagem ao Espírito Santo, próximo ao Rio de Caraípe, Auguste de Saint-Hilaire escreveu que as matas da região haviam sido destruídas e incendiadas. Sobre isto, o francês nos deixou a seguinte passagem:

Nada poderia ser mais triste que esse aspecto. Os ramos que com o incêndio se haviam desprendido das grandes árvores, os cipós e os arbustos haviam sido consumidos; os grossos troncos apenas haviam sido tismados ou reduzidos a carvão e jaziam por terra, sem nenhuma ordem, lançados uns sobre os outros; a terra seca e coberta, aqui e ali, de cinza alvacentas; afinal, de todos os lados via-se elevar-se dentre esses destroços a base dos grandes troncos, cortados dois ou três pés acima do solo. O sistema agrícola adotado no Império do Brasil é o dos Tupinambás, Carijós e Tupiniquins e outras nações indígenas da subraça tupi hoje exterminada; os luso-brasileiros adquiriram ainda desses selvagens a cultura da raiz que fornece seu alimento principal e à qual devem uma série de aplicações diversas; o conhecimento de alguns frutos bons e de vários remédios salutres; inúmeras palavras geralmente difundidas entre eles; por fim, a maior parte dos nomes de suas montanhas e de seus rios. Deveriam ter, muito bem, um pouco de compaixão pelos descendentes daqueles que foram seus mestres.<sup>29</sup>

A passagem acima demonstra uma longa descrição do aspecto da natureza encontrada naquela região após a ação humana. Inicialmente, o naturalista dedicou-se a uma descrição detalhada da situação dos elementos naturais componentes daquele lugar após uma ação incendiária destrutiva. No primeiro momento, a narrativa do autor, revela um choque acompanhado de uma advertência aos praticantes daquela ação promotora de destruição.

Também foram observados alguns conhecimentos ‘selvagens’ úteis para a alimentação e até mesmo a medicina. A utilização do termo selvagem torna a análise contraditória, pois, o naturalista conseguiu compreender conhecimentos indígenas que seriam úteis em diversas áreas científicas e gramaticais, mas não conseguiu se livrar de uma visão etnocêntrica e colonizadora ao classificá-los como selvagens.

Conforme Gerbi, “a própria palavra selvagem não era, em princípios do século XVI, uma etiqueta neutra. Já vinha carregada de atributos espirituais negativos e dotes físicos positivos”.<sup>30</sup> Assim sendo, apesar de se situar no século XIX, Saint-Hilaire se referiu a populações indígenas – suas culturas e práticas - ainda tomando por base a definição de um momento anterior.

---

29 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. p.61.

30 GERBI, Antonello. **Op.cit.** p.71.

Outro elemento identificado pelo naturalista era o de que o sistema agrícola - destrutivo e incendiário - adotado no Brasil teria suas origens junto à população indígena. Em seu ponto de vista, os brasileiros deveriam ter compaixão pelos povos nativos dos quais herdaram nome de rios e montanhas. Contudo, nota-se outra visão etnocêntrica e colonialista quando se ditou o que deveria ser preservado e o que deveria ser civilizado em relação as populações indígenas.

Percebe-se também que não foram apenas a razão e o conhecimento que guiaram os escritos de Saint-Hilaire. Neste sentido, a utilização da palavra triste mostra uma sensibilidade presente e construída mediante aquilo que o autor viu, sentiu e escreveu sobre sua viagem. Nota-se ainda que nesta passagem a sensibilidade psicológica como uma condição complementar a atitude científica do naturalista francês.

Ao longo do século XIX, ocorre a construção de uma nova *antroponatura*. Assim sendo, por um lado teria existido a procura pela descoberta e pelos conhecimentos secretos da ciência objetiva e classificadora; por outro, e complementando esta atitude, também existiu uma sensibilidade aguçada de emoção, do corpo e da alma, no vivenciar essa mesma natureza.<sup>31</sup>

Nas proximidades de Ubá, Saint-Hilaire não deixou de fazer críticas a *antroponatura* destrutiva praticada pelos negros. O naturalista afirmou que “a semelhança entre as práticas seguidas em Benguela e as adotadas pelos brasileiros não nos deve entretanto, levar a concluir que em agricultura os negros, os bárbaros e os escravos tenham sido mestres dos portugueses, mais civilizados”.<sup>32</sup> Dessa maneira, ao apresentar as técnicas agrícolas praticadas pelos negros e desligá-las dos métodos agrícolas portugueses, Saint-Hilaire não inferiorizou aos portugueses, uma vez que não os colocava sob o mesmo patamar daquilo que o próprio naturalista considerava bárbaro e sem cultura.

Ainda à luz deste debate sobre uma *antroponatura* destrutiva, a literatura de viagem nos apresenta as seguintes anotações:

De fato que alternativa restava a eles, ao se verem diante de uma mata virgem e necessitando de terra para cultivo, a não ser derrubar a mata e atear-lhe fogo? Seria, pois, injusto reprová-los por terem começado dessa maneira. Todavia, podemos culpar os seus descendentes, e, com razão, por continuarem a queimar as florestas quando há agora à sua disposição tanta terra limpa e pronta para o cultivo; por privarem sem necessidades as gerações futuras dos grandes recursos que oferecem as matas; por correrem o risco de despojar as montanhas da necessária terra vegetal e tornar seus

---

31 NAXARA, Márcia. **Op.cit.** P.68.

32 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte. Editora Itatiaia. P.27.

cursos de água menos abundantes; finalmente, por retardarem o progresso de sua própria civilização disseminando o deserto à sua passagem, à medida que buscavam novas matas para queimar.<sup>33</sup>

Inicialmente, o naturalista não endureceu as suas críticas aos pioneiros da destruição dos recursos naturais na região próxima à Ubá, contudo, as críticas não foram poupadas aos descendentes destas populações, pois acreditava-se que estes tinham mais terras disponíveis para o cultivo. Outro ponto marcante - na literatura de viagem do naturalista - foi a preocupação com as futuras gerações que ficariam privadas destes recursos que teriam sido explorados de maneira exaustiva e bárbara ao tempo de sua viagem. Compreende-se, essa preocupação como uma atitude típica de um cientista do período das luzes, uma vez que em determinados momentos, o ideal do viajante francês se encontrava ligado a um projeto civilizatório a ser alcançado no futuro.

Ainda nesta opinião, a *antroponatura* praticada no Brasil daquele momento retardava o progresso da própria civilização brasileira. Nesta passagem, o texto do naturalista pode ser entendido, mais uma vez, como um manual de utilização de recursos para o desenvolvimento das futuras gerações. Dessa maneira, para atingir os benefícios do progresso e da racionalidade, aquelas populações deveriam aprender com os erros das gerações passadas e ao mesmo tempo - a partir de um uso técnico e racional - aproveitar a quantidade de terras disponíveis sem novas destruições.

Quando esteve próximo a Sabará, Saint-Hilaire não deixou de criticar as mudanças/destruições encontradas naquela região, após o desaparecimento do ouro. Desse modo foi escrito que:

Entrementes as terras destas regiões, das quais tudo se retira e nada se restitui serão rapidamente esgotadas. Em poucos anos um pequeno número de homens terão estragado uma imensa província e poderão dizer: “é uma terra acabada”. Então a necessidade imperiosa força-lo-á à renunciar a esse sistema agrícola destrutor; mas já não haverá consolo para a lembrança das belas florestas cujas árvores preciosas, exploradas com critério, podiam ser úteis a uma longa sucessão de gerações.<sup>34</sup>

Chama-se a atenção, para o tom dramático empregado na análise acima. Neste sentido, esta narrativa pode ser entendida como uma mistura de advertência e lamentação motivada por uma *antroponatura* prejudicial praticada naquela região, uma vez que era pela ação de um pequeno grupo de homens que aquelas terras eram devastadas. Nota-se

---

33 *Ibidem*, p.27.

34 SAINT-HILAIRE, *Op.cit.* 1974. p.72.

que neste caso, não são observadas generalizações para explicar as mudanças/transições observadas naquela região, pois, para o naturalista não era ação de toda a população daquela região, mas de um pequeno número de homens que causava aquele cenário de destruição.

O destaque para expectativas futuras foi outra perspectiva apresentada por Auguste de Saint-Hilaire. Pode-se entender o lamento por “uma terra acabada” como uma sensibilidade presente na narrativa do naturalista, mas provavelmente não compartilhada por um minerador que teria promovido aquela ação de trabalho/destruição de *antroponatura*.

Dentro das perspectivas científicas do naturalista seria indispensável uma nova *antroponatura*. Esta nova relação era necessária por conta da destruição e da irracionalidade praticadas pelos mineradores daquela região. O autor também lamentou a não existência de uma exploração mais racional junto aos recursos naturais e em seu horizonte de expectativas o cenário que se apresentava as futuras gerações seria de terra arrasada.

Na passagem pela então província de São Paulo, no caminho entre a cidade de São Paulo e Mogi-Mirim, observa-se uma diferente análise de *antroponatura*. Assim, o francês escreveu que:

Aproximando-se de São Paulo, as terras se tornam mais irregulares, acabando por se transformar numa vasta planície ondulada, e os campos apresentam então gramíneas rasteiras, numerosos mas pouco extensos de árvores, muito próximas umas das outras, formando uma espécie de mosaico em dois tons de verde muito diferentes: o das gramíneas, claro e agradável à vista, e o das árvores, de um matiz muito escuro. Não podemos deixar de conjecturar se esses grupos de árvores não constituem os restos da floresta que começa nas proximidades de Mogi-mirim, e se essa região não teria sido outrora coberta de matas até São Paulo. A natureza da vegetação poderia levar-nos a pensar assim, mas a topografia do terreno e a totalidade dos dados históricos refutam essa hipótese. Sem a ajuda desses últimos ficaríamos na mesma incerteza em que nos encontramos na Europa com relação à vegetação original da maioria de nossos campos. Assim, não posso considerar inútil para a ciência o meu trabalho no sentido de tornar conhecida a botânica das diversas regiões que já visitei e cuja vegetação primitiva ainda não desapareceu. Dessa maneira as futuras gerações ficarão sabendo como eram esses campos antes de se transformarem nos milharais e mandiocais que um dia os cobrirão. E talvez algum amigo da Natureza irá lamentar o desaparecimento das belas flores dos campos, das majestosas florestas virgens, das lianas que se estendem em elegantes festões de uma árvore a outra, da voz imponente da selva.<sup>35</sup>

---

35 SAINT-HILAIRE. **Viagem à província de São Paulo**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. P.56.

Como visto, Saint-Hilaire começou por apresentar a vegetação e a topografia daquela região. Em seguida foram apresentadas as diferenças desta vegetação e se fez uma suposição de que esta não seria a mesma cobertura vegetal que chegaria até São Paulo. Esta apresentação tinha por objetivo a busca por um entendimento sobre o tipo de mata que cobria o caminho entre São Paulo e Mogi-mirim.

Diferentemente de outros trechos em que Saint-Hilaire criticou prejuízos ao mundo natural com base em observações científicas e sensibilidades, nesta passagem atenta-se que a destruição da natureza seria uma perspectiva. Dito em outras palavras, enquanto em outras situações e lugares a destruição da natureza era algo observado, vivenciado, narrado e algumas vezes até lamentado pelo naturalista, nesta passagem, ela era apenas uma expectativa a se concretizar. Já, a utilização de palavras no futuro como irá, ficarão e cobrirão reforçam a projeção futurista apresentada pelo horizonte de expectativas encontradas no texto do autor.

Auguste de Saint-Hilaire compreendeu que era justamente a expectativa da destruição que tornava o seu trabalho necessário. Nesta passagem, compreende-se seu trabalho como uma espécie de herança para as pessoas do futuro que estivessem interessadas em conhecer a cobertura vegetal daquela região e até mesmo o passado da natureza e da ciência.

Diferente do que fez em outros momentos, não foi adotada uma postura crítica diante uma *antroponatura* e, neste trecho, o naturalista se limitou a apresentar suas expectativas. Pode-se inferir que as críticas não foram feitas, como em outros momentos, porque o que foi narrado eram expectativas e não realizações.

Durante uma parte do século XVIII e início do século XIX, os cientistas visavam que os seus conhecimentos sobrepusessem aos conhecimentos populares. Assim, uma “investigação mais sistemática dos cientistas, cujo ponto de vista não era estritamente utilitário e que não demoraram a perder qualquer ilusão que tivessem quanto ao alcance da curiosidade rural”.<sup>36</sup>

Nos Campos Gerais, a literatura de viagem apresentou uma diferente passagem sobre *antroponatura*:

Sabedores da enorme utilidade dessa árvore (Araucária), eles a respeitam e não a abatem a não ser em caso de necessidade, o que constitui um caso único em todo o Brasil, que menciono aqui com prazer. De resto, forçoso é admitir, há menos mérito

---

36 THOMAS, Keith. *Op.Cit.* P.103.

na preservação da araucária do que na de outras espécies mais valiosas, que diariamente tombam sob o machado do colono imprevidente. Como nossos pinheiros e abetos, a araucária gosta de solo arenoso, e para os habitantes dos Campos Gerais a abundância dessa árvore indica as terras pouco apropriadas para a cultura”.<sup>37</sup>

A preservação da araucária naquela região se constituía como um caso único de *antroponatura* racional e equilibrada. Contudo, entende-se que o exemplo citado pelo naturalista realça a *antroponatura* maléfica praticada em terras brasileiras, uma vez que a preservação de matas com a árvore citada seria uma exceção, um caso muito particular em práticas que privilegiavam a destruição da natureza a partir de medidas irracionais.

Buscou-se ainda uma explicação para compreender quais motivos levaram aquelas matas a serem preservadas, uma vez que isso não ocorria em outras regiões do Brasil. De acordo com o ponto de vista do naturalista, o solo arenoso e pouco apropriado para o desenvolvimento de outras culturas era o fator que levava as matas de araucária a não ter o mesmo fim que outras espécies de árvores. Consequentemente foram as condições do solo as responsáveis pela preservação até então observada e não a racionalidade como o naturalista francês acreditava que deveria acontecer.

Em Goiás, próximo a Fazenda dos Casados, outras críticas quanto a uma *antroponatura* podem ser encontradas:

No meio da mata que margeia o Paranaíba, e que já mencionei acima, tinham sido cortadas as árvores numa extensão de alguns hectares, para aí ser feita uma roça. Conforme o costume, havia sido ateado fogo aos troncos abatidos, e o fogo se propagou pela mata. Vi árvores gigantescas, queimadas pela base, tombarem com estrondo, arrastando em sua queda as que ainda não tinham sido atingidas pelas chamas. Dessa maneira, em troca de alguns alqueires de milho, os agricultores arriscam por sua imprevidência destruir uma floresta inteira. E não está longe o tempo em que os brasileiros irão lamentar a extinção total de suas matas.<sup>38</sup>

A passagem acima começou explicando qual era a motivação para se destruir aquelas matas, e segundo o autor, o objetivo era a abertura de uma roça. Em seguida, o naturalista descreveu como as árvores se encontravam após aquela ação destrutiva promovida pelos agricultores.

Se na primeira parte do trecho acima percebe-se um texto mais descritivo, nas últimas linhas nota-se uma narrativa extremamente crítica realizada por Saint-Hilaire.

---

37 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e a província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte; Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.17.

38 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela Província de Goiás**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte; Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p.124.

Assim, em sua opinião, não se justificava tanta destruição por tão poucos alqueires de milho, o que, em um determinado momento faria com que os brasileiros lamentassem *antroponatura* praticada pelos mesmos.

Vale lembrar que estas não foram as primeiras críticas ao corte de árvores e as queimadas. Desse modo, a passagem acima, assim como muitas outras mostra uma *antroponatura* irracional denunciada pelo naturalista francês, sendo que a destruição continuava, dessa vez, na então província de Goiás.

Para complementar esta crítica, Saint-Hilaire apresentou um curioso escrito em que afirmou:

Já levantei minha voz há muito tempo contra a destruição intempestiva das florestas. Mas é forçoso reconhecer que não são os brasileiros os únicos que merecem censura pela devastação das matas. Esse grave erro é o resultado da imprevidência e do egoísmo, e em toda parte há homens imprevidentes e egoístas. Apesar das sabias regulamentações em vigor, das exortações dos agrônomos, mil vezes repetidas, e dos males causados pelos desmatamentos indiscriminados, continua na França a derrubada de florestas que deveriam ser conservadas. Colinas que outrora eram cobertas de pinheiros, nos *Pireneus*, não apresentam hoje senão esparsos tufos de capim. Basta que surjam ali arbustos, para serem logo arrancados.<sup>39</sup>

Convém observar que esta passagem se encontra em uma nota de rodapé, logo, ela pode ser compreendida como um complemento que visava dar um melhor entendimento ao leitor. Sendo assim, o naturalista começou o trecho acima com uma observação pessoal para tentar mostrar que a prática de derrubar florestas não era algo inédito em sua literatura de viagem.

Já a utilização da palavra forçoso mostrava como Saint-Hilaire lamentava o fato de que uma *antroponatura* irracional não era apenas uma prática brasileira. Dessa forma, observa-se que o naturalista buscou demonstrar que era um defensor de florestas, independentemente de qual país estas se encontrassem.

Em seu entendimento, na França existiam regulamentações governamentais e profissionais qualificados para que uma *antroponatura* científica e racional fosse praticada. Contudo, o egoísmo e a irresponsabilidade de alguns franceses fazia com que uma agricultura bárbara e uma destruição de florestas ainda acontecessem nas terras do Velho Mundo.

---

39 *Ibidem*, Loc.Cit.

A *antroponatura* trabalhada por Saint-Hilaire não se mostra apenas como uma ação humana destrutiva e prejudicial para o mundo natural. Ainda sobre a natureza da província de Goiás encontra-se os seguintes escritos:

A própria Natureza, porém, parece ter propiciado à Província de Goiás meios de comunicação que esperam apenas uma população mais numerosa para florescer o seu comércio e permitir à província enviar seus produtos aos dois extremos do Brasil. A Serra do Parnaíba e do Tocantins, dividindo as águas do norte das do sul, é o ponto intermediário entre as duas navegações mais extensas do mundo.<sup>40</sup>

Nesta parte, a literatura de viagem se apresenta como um manual de conduta. Observa-se como o naturalista buscou ensinar as populações da região de Goiás a melhor maneira para se atingir os ideais civilizatórios. Além disso, a esperança era de que se os goianos utilizassem melhor seus recursos naturais poderiam progredir a partir da utilização da sua natureza. Para isto, as populações de Goiás necessitariam manter uma *antroponatura* a partir de uma forma científica e equilibrada. Entendeu-se ainda a natureza como uma auxiliar ao progresso humano e não uma força de oposição do mesmo.

Se em outros momentos a *antroponatura* analisada era aquela que opunha o homem a natureza, com prejuízos a segunda, neste trecho, esta relação acrescentaria boas expectativas a um desejado progresso. Neste sentido, os benefícios trazidos pela navegação e a facilidade de comunicação oferecida pelos rios eram essenciais, na visão de Saint-Hilaire, para transformar a expectativa daquele momento em futuro de benefícios e luzes.

Nota-se uma postura crítica de Saint-Hilaire em relação a *antroponatura* destrutiva, sendo que estas críticas podem ser vistas a partir da resistência do naturalista a medidas irracionais praticadas, principalmente, pelos brasileiros junto a sua natureza. Naquele momento, o homem era entendido como uma força integradora da natureza e não opositora da mesma, conseqüentemente, a prática irracional da destruição era uma forma de desequilibrar a *antroponatura*.

Pode-se afirmar que, em certas análises, a visão de *antroponatura* também foi marcada por um eurocentrismo. Contudo, o reconhecimento por parte do naturalista que muitos franceses de seu tempo também praticavam uma *antroponatura* destrutiva mostra que a proposta de Saint-Hilaire não foi apenas criticar os brasileiros, mas sim apontar

---

40 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op. Cit.** 2004. p.186.

caminhos científicos e racionais para que homens – independentemente de suas nacionalidades – pudessem conviver melhor com a sua natureza.

## 1.2 - A paisagem como memória e texto

Ao contrário de um viajante dos mares, típico dos séculos XV e XVI; um viajante naturalista de “pés no chão” teve a oportunidade de entrar em contato com os mais diferentes tipos de objetos durante a sua viagem. Dessa forma, a paisagem entra na literatura de viagem produzida por Auguste de Saint-Hilaire, a partir de um contato que posteriormente se transformou em um texto no qual se torna possível identificar uma apreensão da sensibilidade do viajante francês.

Durante a segunda metade do século XVIII e início do século XIX, o estar e vivenciar se tornou mais importante do que o “ouvir falar”. Se em um primeiro momento da chegada dos europeus ao Novo Mundo se dava muito crédito a fábulas e histórias místicas, essa situação passa a se tornar menos comum durante o século das luzes. Logo, a narrativa de um viajante passa a ser mais detalhista e menos fantasiosa, haja vista que esta viagem era guiada, em parte, por princípios científicos.<sup>41</sup> Neste quadro, entende-se que Saint-Hilaire buscou uma narrativa detalhada do que vivenciou, sentiu e observou para ter mais respeito e credibilidade nos meios científicos de seu tempo.

Sobre a ideia de paisagem esta pode ser entendida como algo complexo e polissêmico, sendo que este conceito pode ser objeto de estudo de antropólogos, biólogos, geógrafos, arquitetos, historiadores entre vários outros. Assim sendo, desde o período renascentista, a paisagem pode se encontrar como fonte de inspiração para um artista ou fonte de análise e contemplação para um viajante.

Para Denis Cosgrove, o conceito de paisagem pode ser entendido como uma ideia valiosa, pois diferentemente “de *lugar*, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *meio ambiente* ou *espaço*, lembra-nos que apenas através da

---

40 Após as viagens de Marco Polo e Pierre D’Ally foi comum a separação entre viagens reais e viagens imaginárias. Compreende-se que essa divisão pode se apresentar de maneira equivocada, pois todos os processos de observação, análise e escritas tem origem na mente e acabam trabalhando, de algum modo, com o imaginário do viajante, independentemente de seu tempo histórico.

consciência humana e razão humanas este esquema é conhecido por nós, e através da técnica podemos participar dela como seres humanos”.<sup>42</sup>

Nosso trabalho entende paisagem como Dora Corrêa. Esta autora, utiliza a noção de paisagem para se referir aos elementos naturais percebidos sensorialmente/sentidos pela visão, organizados, perspectivados e enquadrados.<sup>43</sup> Desse modo, apesar de não ser apenas visual, entende-se que a ideia de paisagem tem suas origens a partir de esquemas visuais para em seguida levar a mobilização de outros sentidos e no caso do viajante-naturalista francês ganhar formas humanas bem enquadradas, como observa-se a seguir:

A Vila foi construída no fundo de uma espécie de funil, sendo inteiramente rodeada de morros de altura desigual, que fazem parte da Serra de Corumbá e do Tocantins. No entanto, a paisagem que a cerca nada tem de melancólica. Os morros não são altos, e as matas que os cobrem mantêm-se permanentemente verdes. Não sendo muito fechadas, elas não dão ao lugar a aparência tristonha e severa das regiões das florestas virgens. Além do mais, a cor do céu, mesmo no mês de junho, quando geralmente não é tão bonita em outros lugares, mostrava-se ali de um azul luminoso. Para os lados do sul os morros são mais baixos, deixando ver no horizonte a Serra Dourada. Seu cume, por assim dizer nivelado, e suas encostas nuas e acinzentadas dão uma pitoresca aparência a paisagem.<sup>44</sup>

Esta literatura de viagem foi produzida quando Saint-Hilaire se encontrava em Vila Boa, então capital de Goiás. No trecho descrito, percebe-se como elementos naturais (florestas e céu) se fundem a elementos humanos (vila e construída), o que permite uma compreensão harmônica de *antroponatura*, uma vez que os elementos paisagísticos não são separados em humanos e naturais, mas compreendidos de maneira holística no qual a descrição dos objetos da natureza foi feita de uma maneira humanizada.

Ainda sobre o conceito de paisagem, o antropólogo Philippe Descola apresenta a seguinte definição:

A noção de paisagem implica portanto a existência de modelos perceptivos que funcionam como uma integração entre as propriedades do objeto e dos esquemas de representação culturalmente parâmetros desse objeto. Esses modelos são tão poderosos que se perpetuam do mesmo modo sobre um longo período e através de mídias diferentes.<sup>45</sup>

---

42 COSGROVE, D. **A Geografia está em toda a parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. P.100.

43 CORREA, D. S. Paisagens através de outros olhares. **Revista de História Regional**. São Paulo, v. 20, n. 2, p. 252-276, 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr> Acessado em: 20/08/2016. p.256

44 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.Cit.** 1975. P.50

45 Em francês no original, transcrição e tradução minhas: La notion de paysage implique donc l'existence de modèles perceptifs fonctionnant comme une intégration des propriétés saillantes de l'objet et des schèmes de représentation culturellement paramétrés de cet objet. Cet modèles sont parfois d'une telle

A palavra paisagem se encontra presente nas mais diferentes literaturas de viagem de Saint-Hilaire enquanto este se encontrava pelas mais distintas regiões do Brasil. Entretanto, isso não significa que o naturalista teria conceituado o seu entendimento de paisagem, em decorrência disso, não é possível perceber em seus escritos uma definição a priori da ideia de paisagem.

A literatura de viagem, ao trabalhar com elementos paisagísticos, pode oferecer um texto, a partir de uma perspectiva de presença e ausência. A presença é uma situação de um viajante que teve sua sensibilidade alterada mediante a uma paisagem, ou seja, alguém que a contemplou, a compreendeu sensorialmente e a traduziu para um texto. Já a ausência, indica a distância deste mesmo escritor que – em determinados momentos - já não se encontrava mais diante do conjunto paisagístico, mas resgata memórias deste conjunto a partir de seu gênero textual.

Segundo Dora Côrrea, “também a memória, as lembranças fazem parte das paisagens. Elas são levadas nas migrações e depois transplantadas, adequadas ou guardadas”.<sup>46</sup>

A análise da literatura de viagem permite a compreensão de uma proposta que ultrapassa a poética do sublime. Portanto, além de sugerir uma postura integradora do observador estrangeiro com a natureza tropical e de corresponder às exigências estéticas da prática naturalista, a poética do pitoresco condiciona aos observadores a identificar paisagens ligadas às dos ambientes europeus.<sup>47</sup>

Um trecho narrado por Saint-Hilaire, em sua passagem pela região de Córrego Novo - província de Minas Gerais - nos permite entender determinadas questões relacionadas aos seus entendimentos de paisagem:

Nas vizinhanças da habitação enormes rochedos elevam-se próximo ao regato. Enfim, defronte da residência, abaixo dessas montanhas que limitam o horizonte, a vista repousa sobre um grupo de casinhas intercaladas de árvores, nos meios das quais notam-se, pela elegância do porte, algumas bananeiras. Encontram-se nas montanhas da Europa paisagens que se compõem de elementos mais ou menos semelhantes; mas

---

puissance qu'ils se perpétuent à l'identique sur une longue période et travers de médias différents” DESCOLA, Philippe. *Antropologie de la nature*. Disponível em: [https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304\\_R1112\\_Descola.pdf](https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304_R1112_Descola.pdf) acessado em 15/03/2018. P 649.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.272.

<sup>47</sup> LISBOA, Karen. *Op. Cit.* p.100

aqui o aspecto é singular, sendo-me impossível pintá-lo, o que creio ser devido à cor dos rochedos, sua posição e à natureza dos vegetais.<sup>48</sup>

A palavra paisagem não se encontrou subentendida, portanto, ela se encontrou ligada a uma memória do naturalista junto a uma outra paisagem do continente de sua origem. Nota-se ainda que a ideia de paisagem foi reforçada a partir da utilização das palavras horizonte e visão, uma vez que estas enfatizam os elementos compreendidos naquele conjunto. Assim sendo, o conjunto paisagístico analisado e transcrito nesta passagem se encontrou mais ligado a uma paisagem visual.

A partir de uma descrição romântica e quase poética Saint-Hilaire evidencia e humaniza os elementos que constituíam aquela paisagem. Nesta descrição, montanhas, árvores, bananeiras e casinholas se tornam elementos humanizados - não por eles mesmos - mas a partir da contemplação e da sensibilidade contidas nas literaturas das viagens realizadas pelo naturalista francês.

Ainda sobre a passagem e a descrição de Saint-Hilaire sobre a região do Córrego Novo, entende-se que a paisagem é “a resultante de uma estrutura da interação e da conjunção entre um indivíduo e um sítio (lugar) que o fez, esse indivíduo, mas pode ser por aquele que se mantém ao lado dele, o sítio é uma paisagem”.<sup>49</sup>

A relação do naturalista francês com a paisagem extrapolou o campo do meramente estético. Assim, “sentimentos, palavras, imagens, emoções, formando ideias e induzindo condutas (individuais e coletivas) no sentido da submissão e do apaziguamento ou, pelo contrário, da ambição e do poder”.<sup>50</sup>

No Brasil, o naturalista francês teria experimentado nos trópicos uma natureza que poderia causar enorme prazer. Esta experiência é definida por Karen Lisboa como “sentimento de natureza”, sendo que esse sentimento, pode ser entendido como uma sensação de enorme prazer junto ao mundo natural. Dessa maneira, “os objetos naturalistas, permeada por uma “essência poética”, decorrem as descrições estetizadas, que por sua vez são fixadas em paisagens”.<sup>51</sup>

---

48 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.Cit.** 1974. P 43

49 Em francês no original, transcrição e tradução minhas: “Il est la resultante d’une structure d’interaction conjoignant un individu et un site qui fait que, pour cet individu, mais peut-être pas pour celui qui se tient à coté de lui, ce site est un paysage.” DESCOLA, Philippe. *Op.cit.* [https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304\\_R1112\\_Descola.pdf](https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304_R1112_Descola.pdf) acessado em 15/03/2018.p.650

50 NAXARA, Márcia. **Op.Cit.** p.156.

51 LISBOA, Karen. **Op. Cit.** p.97.

Em sua viagem ao Espírito Santo - próximo a Linhares - foram feitas mais observações sobre paisagem:

Chegando à casa de Martins em Linhares, vi apenas um Rio e as inúmeras florestas que se estendem em suas margens; durante toda essa viagem, nenhuma habitação me mostrou aos olhos. As pequenas ilhas que, como as margens do rio, são cobertas de matas que se elevam aqui e ali, do meio das águas, oferecem a paisagem alguma variedade. Nenhum ruído nos fere os ouvidos, além dos murmúrios dos ventos que agitam a folhagem das árvores, o canto alegre da araponga e o do pavão, semelhante aos sons de uma flauta doce.<sup>52</sup>

Elementos naturais humanizados e romantizados se encontram fortemente apresentados no trecho descrito acima. Entende-se que o canto alegre semelhante a uma flauta doce não é uma característica dos sons emitidos pelas aves, mas sim um recurso utilizado pela percepção da sensibilidade contida na literatura de viagem de Saint-Hilaire. Dessa maneira, se para o naturalista aqueles sons eram agradáveis e doces, para um camponês ou habitante daquela região aqueles mesmos sons poderiam ser entendidos como um ruído ou um barulho insuportável.

A condição de estar de passagem por aquela paisagem contribuiu para uma sensibilidade diferenciada. Dito em outras palavras, para o naturalista aqueles sons formaram um conjunto harmônico porque o mesmo não precisou de dormir ou passar mais tempo naquela região. Pode-se deduzir que as pessoas que o hospedaram tinham uma sensibilidade diferenciada quanto à aqueles sons, visto como, conseqüentemente, estavam mais familiarizados com eles.

Ligado a um determinado “sentimento de natureza” e diferente do que fez em outros momentos, nota-se que a paisagem que Saint-Hilaire transforma em texto não é apenas aquela que se apresenta ao seu campo visual. Desse modo, também utilizou-se da audição para fazer a compreensão dos elementos componentes daquele conjunto paisagístico encontrado nas proximidades de Linhares.

A narrativa de viagem que apresenta essa paisagem não opõem a fauna a flora e a relação entre estes dois elementos, pode ser entendida como uma relação complementar, o que torna possível uma compreensão holística daquele conjunto paisagístico.

Philippe Descola, ao abordar as diferenças entre paisagem sonora e ambiente sonoro, afirma que:

---

52 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.Cit.** 1974. p.89.

Quais lições tirar dessas considerações pela questão dos paralelos entre paisagem sonora e visual? Da abordagem que não é preciso confundir ambiente sonoro e paisagem sonora: o ambiente sonoro é a junção de sons percebidos por um indivíduo em um tempo e um lugar dados, enquanto que a paisagem sonora exige uma aproximação reflexiva possibilitada pela captura e a discrição do primeiro por meio dos registros auditivos a vontade e que permitam de fazer uma experiência sobre o escutar novamente e uma estruturação consciente do espaço acústico.<sup>53</sup>

Conforme Keith Thomas, muitos antropólogos teriam sugerido que existe uma “tendência constante do pensamento humano projetar, no mundo da natureza, categorias e valores derivados da sociedade humana, que criticarão ou defenderão, justificando determinado arranjo social ou político”.<sup>54</sup>

Na cidade de São Paulo, Saint-Hilaire fez uma observação da paisagem encontrada a partir do antigo convento dos jesuítas. Assim, o autor escreveu que:

Das janelas do palácio que dão para os campos descortina-se uma vista maravilhosa da planície que já descrevi. Abaixo da cidade vê-se o Tamandataí, que vai coleando uma campina semi-alagada (novembro), no fim da qual se estendem os pastos pontilhados de tufos de árvores baixas. À esquerda, do lado do noroeste, o horizonte é limitado pelas serras do Jaraguá, que descrevem um semicírculo. À direita a planície se estende a perder de vista, sendo cortada pela estrada do Rio de Janeiro, que é margeada de chácaras. Animais pastam espalhados pela campina, e a paisagem se torna mais animada com as tropas de burro que chegam e saem da cidade e com a presença de numerosas mulheres lavando roupa à beira do córrego. À direita da estrada algumas velhas Araucárias chamam a nossa atenção. Admiramos seu talhe gigantesco e principalmente os seus galhos que, nascendo em planos diferentes, se elevam à semelhança de castiçais e terminam todos no mesmo ponto, formando uma copa perfeitamente regular. Grupos de esguias palmeiras contrastam com a rigidez dessas coníferas por suas longas folhas flexíveis, que pendem de seus e são agitadas pelo vento. O verde é talvez mais belo, mais matizado do que os campos da Europa no começo da primavera e, segundo me afirmaram, conservam o seu viço praticamente o ano todo.<sup>55</sup>

Um recurso utilizado nas mais variadas narrativas de viagem realizadas por Auguste de Saint-Hilaire foi a sua descrição detalhista dos conjuntos paisagísticos apreendidos. Na descrição realizada junto ao antigo convento dos jesuítas - assim como em outros momentos - a paisagem que foi apresentada possuiu uma exposição que se

---

53 Em francês no original, transcrição e tradução minhas: “Quelles leçons tirer pour la question des parallèles entre paysage sonore et paysage visuel? D’abord qu’il ne faut pas confondre environnement sonore et paysage sonore: l’environnement sonore est l’ensemble des sons perçus par un individu en un temps et un lieu donnés, tandis que le paysage sonore exige une approche réflexive rendue possible par la capture et la discrétisation du premier au moyen d’enregistrements réécoutables à volonté et permettant de ce fait une expérience sur l’écoute et une structuration consciente de l’espace acoustique.” DESCOLA, Philippe. Op.cit. [https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304\\_R1112\\_Descola.pdf](https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304_R1112_Descola.pdf) acessado em 15/03/2018. p. 654.

54 THOMAS, Keith. **Op. cit.** p.84.

55 SAINT-HILAIRE. **Op. Cit.** 1976. P.130

apegou aos mínimos detalhes visualizados, compreendidos e transformados em texto a partir de sua sensibilidade.

Pode-se afirmar também que a paisagem observada – a partir de São Paulo - foi uma paisagem animada, uma vez que, elementos como tropas de burro e mulheres lavando roupas conferiam ânimo e dinamismo ao conjunto paisagístico observado pelo naturalista. Sendo assim, o viajante francês entendeu aquela paisagem como um conjunto formado não pela oposição, mas sim pela junção de elementos humanos e naturais.

A paisagem, quando trabalhada por um fotógrafo ou um desenhista, pode ser entendida a partir de um ponto fixo, pois, o autor faz o seu registro a partir do momento em que se encontra parado e observando a partir de um determinado ponto. Já nas literaturas das viagens produzidas por Saint-Hilaire, a paisagem se transformou em um texto a partir de observações feitas – em grande parte das vezes - durante um deslocamento físico do naturalista, visto que era durante suas coletas e observações, que as paisagens eram mais bem analisadas e até mesmo contempladas. Compreende-se que a paisagem adquire características e pode ser adjetivada conforme a percepção visual e sensível de quem a analisa.

Sobre a paisagem e elementos para a sua análise, Philippe Descola afirma que:

A paisagem não é um espaço neutro que pode se moldar a sua maneira, mas um conjunto complexo de fatores físicos e históricos com os quais é necessário marcar a fim de transformar um lugar sem ser infiel a ele. A observação atenta do lugar é portanto imperativa, ao mesmo tempo que a educação do olhar, para detectar no lado direito a instalação das linhas de força, a dinâmica das formas e os modos de junção entre os elementos.<sup>56</sup>

Em Porto Alegre foi feita uma descrição romanceada de alguns elementos paisagísticos observados, o viajante afirmou que:

Para além da Rua da Igreja do Palácio, dos edifícios vizinhos dessa praça e das casas existentes mais abaixo avista-se o lago, que aparenta ter a mesma largura do Loire em Orleans, circundado de ilhas baixas e cobertas de vegetação pouco crescida. Entre essas ilhas vêem-se serpentear os braços dos quatro rios supra citados, sendo impossível determinar com exatidão a que rio pertencem porque antes de chegar ao lago eles se cruzam e se confundem. As águas que vêm na direção do Rio Gravataí, na extremidade mais oriental do lago, aí chegam descrevendo duas faixas de terra, que ambas, se curvam em um semi-círculo deixando em sua extremidade apenas uma

---

56 Tradução e transcrição minhas : “Le paysage n’est pas un espace neutre que l’on peut façonner à sa guise, mais un ensemble complexe de facteurs physiques et historiques avec lesquels il faut composer afin de transformer un site sans lui être infidèle. L’observation attentive du lieu est donc impérative, en même temps que l’éducation du regard, pour déceler dans l’endroit à aménager les lignes de force, la dynamique des formes, les modes de liaison entre les éléments.” DESCOLA, Phelippe. Op.cit. [https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304\\_R1112\\_Descola.pdf](https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304_R1112_Descola.pdf) acessado em 15/03/2018. p. 655

estreita abertura. Alguns trechos dos rios mostram-se por trás das ilhas, resultando num conjunto agradável essa mistura de águas e terras. Para completar este quadro acrescentarei que o horizonte é limitado pelos cumes da Serra Geral, a qual tendo sua direção no quadrante de este para norte some-se a perder de vista.<sup>57</sup>

Saint-Hilaire começou tomando por referência os “elementos humanizados” da paisagem – neste caso a Igreja e seus edifícios vizinhos – para em seguida começar a descrever os ‘elementos naturais’ visualizados naquele conjunto paisagístico. Nesta descrição, mesmo se encontrando próximo a Porto Alegre, o naturalista francês privilegiou os elementos da natureza encontrados naquele conjunto paisagístico.

Ao analisar este trecho, Saint-Hilaire não teria diferenciado/oposto paisagem natural e paisagem humanizada. O naturalista faz uma descrição paisagística na qual elementos da chamada paisagem natural podem ser entendidos a partir de uma continuidade de elementos paisagísticos humanizados. Ainda à luz desse debate, essa descrição não trouxe uma oposição entre *natur* a *kultur*, algo comum em alguns românticos do século XIX.

O próprio viajante teria reconhecido a necessidade de complementar a sua descrição daquela paisagem, tanto que no parágrafo seguinte encontra-se a seguinte continuação do texto:

Querendo gozar uma vista de aspecto diferente, mas também cheia de encantos, basta, logo que se chega ao alto da cidade, na rua da Igreja, voltar-se para o lado oposto àquele que acabo de descrever. A parte do lago que banha a península do lado sudoeste forma uma grande enseada de contorno semi-elíptico, de águas ordinariamente tranquilas. Um vale, largo e pouco profundo, confina a parte longínqua da enseada. Nas margens o Conde da Figueira mandou plantar, recentemente, uma grande área de figueiras selvagens, que futuramente constituirá aprazível ponto para passeios. Além o terreno acha-se coberto de árvores e mormente de arbustos. Vêem-se aqui e ali casas de campos. Mais além, enfim, estendem-se vastos gramados semeados de espinheiros, grupos de árvores e fileiras de arbustos copados que desenham os contornos irregulares de um grande número de sebes. O lago estende-se obliquamente para o sul, orlado de colinas pouco elevadas. No horizonte ele confunde-se com as nuvens e ao longe avista-se um rochedo esbranquiçado, surgindo por meio de suas águas. A paisagem do lado noroeste é mais alegre e mais animada do que esta, cuja calma parece convidar ao sonho.<sup>58</sup>

Nesta longa passagem - em primeiro lugar - destaca-se a mudança de posição do observador. Assim sendo, para um registro mais rico e preciso daquela paisagem, Saint-Hilaire muda de lugar intencionalmente, o que consistiu em um recurso que lhe permitiu

---

57 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Leonam Azeredo Pena. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; 1999. P.41.

58 **Ibidem**, p.41-42.

a descrição de novos objetos e o enriquecimento ainda maior desta descrição com informações dos elementos contidos naquele conjunto paisagístico. Ainda nesta visualização, entende-se que aquela paisagem não foi apenas um elemento para a observação do viajante, mas também uma fonte de descanso e tranquilidade para o mesmo.

O trabalho do homem junto a paisagem pode ser entendida a partir da análise da ação do Conde da Figueira. Desse modo, o plantio realizado a mando do Conde tornaria, em um futuro próximo, aquela paisagem mais agradável para aqueles que entrassem em contato com ela e, de acordo com a literatura de viagem, a interferência humana traria benefícios para aquele elemento paisagístico. Neste caso, a proximidade de Saint-Hilaire e a empatia do mesmo pelo Conde podem ter contribuído para uma emissão de juízos positivos para as transformações promovidas pelo mesmo.

Observa-se que uma *antroponatura* racional trazia benefícios a todos os envolvidos, por conseguinte, as transformações promovidas pelo conde embelezavam à vista e traziam benefícios à aquele conjunto paisagístico. Assim sendo, a *antroponatura* não estava ligada apenas a conservação de recursos naturais por parte dos brasileiros, mas também a um embelezamento de paisagens que – sob o ponto de vista do naturalista - agradariam melhor a quem as contemplasse.

Nota-se também a utilização de palavras como calma, alegre e animada quando Saint-Hilaire escreveu sobre estas paisagens. Desse modo, o autor humaniza a paisagem a partir de seus textos, de sua visão de mundo e até mesmo pela condição de seu humor naquele momento.

O conjunto paisagístico contemplado em Porto Alegre foi construída a partir das ideias de observação, contemplação, harmonia e construção. A observação detalhista de Saint-Hilaire levou que o mesmo mudasse o seu ponto de contemplação, o que consequentemente permitiu um entendimento harmônico daquele conjunto paisagístico e por conseguinte, uma construção descritiva rica em particularidades do que a sua sensibilidade inicial lhe permitiu capturar.

Denis Cosgrove afirma que a paisagem está ligada a uma nova forma “de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis a mente humana, assim como ao olho e agem como

guias para os seres humanos em suas ações de alterar o e aperfeiçoar o meio ambiente”.

59

Em outro momento, nota-se, mais uma vez, a paisagem como fonte de contemplação e descanso quando Saint-Hilaire esteve de passagem por Porto Estrela, região próxima à Ubá. Destaca-se a seguinte descrição:

Começamos por atravessar o rio, e mal nos tínhamos embrenhado na mata os cães farejaram um veado e saíram em sua perseguição. O animal se atirou na água e nadou até a outra margem e nós entramos em uma canoa e tornamos a atravessar o rio. Lá eu sentei-me em uma pedra e me pus a contemplar as terras que me cercavam. No porto, a paisagem animada pela presença do homem mas ali a natureza perdera de seu aspecto primitivo. Logo, adiante o rio fazia uma curva, impedindo-me de ver a continuação do seu curso, mas pelo que pude perceber ele formava como que um lago comprido, cercado de matas virgens. As águas banhavam as raízes de árvores enormes, e várias espécies de aves aquáticas planavam sobre a sua superfície. Pedras escuras se projetavam acima da água, aumentando a velocidade da corrente do rio contrastava com a imobilidade das águas, cujos ramos nem a mais leve brisa agitava.<sup>60</sup>

Além de uma atitude contemplativa, percebe-se também que naquele trecho, a presença humana não conseguia atrapalhar o que existia de belo e encantador naquela paisagem. Dessa maneira, se na região próxima a Porto Alegre, as intervenções humanas enriqueceriam o conjunto paisagístico, na região próxima Ubá a presença humana trazia perdas ao conjunto paisagístico daquela região.

Em um retorno à Ubá, o naturalista deixa claro que não poderia desfrutar dos encantos acima descritos. Segundo Saint-Hilaire, “os percalços da viagem e acima de tudo os desgostos que me causavam os meus acompanhantes perturbavam o meu sossego”.<sup>61</sup>

Como já dito, uma atitude contemplativa do naturalista dependia das sensibilidades e dos humores do autor assim como aquilo que era encontrado durante a sua viagem, ou seja, para que a paisagem fosse descrita em seus pormenores tudo deveria estar funcionando harmoniosamente. Percebe-se que a sensibilidade do autor estava muito ligada as suas condições de contemplação, e, para que as belezas paisagísticas pudessem se apresentar devidamente aos seus olhos e serem ‘corretamente’ escritas, era necessário que Auguste Saint-Hilaire estivesse trabalhando em harmonia. Assim, os aborrecimentos com sua comitiva foram os responsáveis por não permitir que uma *antroponatura* mais harmoniosa daquela paisagem.

---

59 COSGROVE, D. A. **Op. cit.** p. 99.

60 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op. cit.** 1974. p.33

61 **Ibidem**, p.33.

Segundo Karen Lisboa, uma “identificação afetiva” dos viajantes com a natureza brasileira “é vertida em sensações de prazer, elevação da alma e êxtase. Aproximando-se dos preceitos da poética do “pitoresco”, adequável ao estilo científico estético-científico para tratar os objetos da natureza”.<sup>62</sup> Assim sendo, a descrição de uma paisagem na narrativa de viagem pode traduzir uma integração de *antroponatura*.

Ao chegar à Província do Rio de Janeiro, Auguste de Saint Hilaire nos narra algumas situações, no qual o naturalista se rende a beleza daquilo que a sua visão contempla. Segundo o autor:

Essas belas florestas deixam-me, entretanto, qualquer cousa a desejar: são as flores; mas, como já disse, as árvores que produzem sem cessar ramos e folhas só raramente florescem e apenas de longe em longe algumas mimosas deixam ver suas panículas brancas no meio de uma folhagem finamente rendada. O azul do céu mais brilhante que já admiraria depois de estar no Brasil, dava maior relevo às belezas que me cercavam. É de notar que as cores do céu não são sempre belas, variando segundo as estações. Assim, quando cheguei ao Rio de Janeiro no mês de julho fiquei admirado da semelhança do céu com o de Paris no tempo da canícula.<sup>63</sup>

A comparação da paisagem aqui encontrada a do velho mundo não é para diminuir o que aqui foi capitado a partir da sensibilidade de Auguste de Saint-Hilaire, mas sim para evidenciar o que havia de belo naquela região. Assim, a referência ao céu de Paris surge como um reforço da beleza encontrada naquela paisagem e entende-se também que a presença do céu – nesta passagem - surge como mais um elemento identificado no horizonte daquele conjunto paisagístico. Ainda à luz desse debate, esta passagem marca uma narrativa integradora capaz de identificar no Brasil paisagens semelhantes às dos ambientes europeus.

Segundo Augustin Berque, a paisagem pode ser entendida como “*marca*, pois expressa uma civilização, mas também é uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação com a sociedade, com espaço e com natureza”.<sup>64</sup>

A partir de finais do século XVIII e inícios do XIX, a paisagem seria mais associada a uma visão individual e subjetiva, e aos discursos de identidade nacional: ela

---

62 LISBOA, Karen. **Op.cit.** p.105.

63 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op. cit.** 1974. p.121.

64 BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998. p.85

se transformaria em “terra natal”. Dessa forma, a paisagem se converteria numa fatura romântica pronta para interpretação individual.<sup>65</sup>

A oportunidade de viajar por determinadas regiões por mais de uma vez contribuiu para que Saint-Hilaire pudesse observar e escrever sobre uma paisagem dinâmica, ou seja, em transformação. Desse modo, o naturalista fez uso de suas memórias para observar e escrever sobre essas modificações ocorridas em Araxá, na província de Minas Gerais:

Quando nos meses de agosto e setembro de 1817, percorri a parte do sertão que se estende a leste do São Francisco até o norte da Província de Minas, as matas e os campos estavam desprovidos do verdor, e nada havia para me alegrar a vista. Já agora não acontecia o mesmo. As ondulações do terreno, o verde-escuro das árvores formando blocos de diferentes formas no meio dos pastos, os variados matizes de verde que os campos apresentam logo depois da queima, as pastagens cobertas unicamente de capim alternando-se com outras árvores mirradas que crescem aqui e ali – tudo isso formava um conjunto encantador. Nos pontos um pouco mais elevados tem-se a imagem perfeita da imensidão, mas de uma imensidão sem monotonia.<sup>66</sup>

Nota-se que um novo encontro com aquela região fez com que o texto se tornasse mais leve e atento as condições paisagísticas da mesma. Percebe-se ainda um romantismo que valorizou os elementos paisagísticos que foram transformados a partir de uma ação do tempo.

Não houve uma atitude contemplativa harmoniosa durante a primeira passagem por aquela região, pois, as observações feitas sob condições climáticas desfavoráveis tornariam aquele elemento paisagístico mais triste e menos agradável a vista de Saint-Hilaire. Já em um segundo momento, o cenário visual que apresentava aos olhos do naturalista permitiu uma observação mais colorida sobre aquela paisagem o que, conseqüentemente, promoveu uma construção textual mais harmoniosa sobre as mesmas paisagens.

Destaca-se também a utilização da palavra sertão. Neste trecho, a palavra sertão pode ser entendida como uma conjectura da qual elementos paisagísticos fazem parte; esta conjectura é apreendida a partir do olhar e da sensibilidade de um viajante que se encontrava naquela região de maneira passageira, sendo assim, associada a elementos concretos como árvores e pastagens. O sertão citado por Saint-Hilaire pode ser apreendido como uma região de passagem, uma vez que não existe a referência de que o naturalista permaneceu por um tempo maior naquela região.

---

65 SCHARCZ, Lilian. **Op.cit.** p.125.

66 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op. cit.** 1974. p.121

Segundo Haruf Espíndola aquele conceito era entendido de uma maneira muito diferente da maneira atual. Assim, “sertão foi um termo utilizado no passado, para distinguir e contrapor paisagens consideradas humanizadas, civilizadas e conquistadas daquelas bravias, desconhecidas e, contraditoriamente, possíveis de serem descobertas, conquistadas e incorporadas”.<sup>67</sup>

Ao escrever sobre as paisagens brasileiras, Saint-Hilaire tomou uma atitude conciliadora entre dois mundos, uma vez que referências, por vezes eram com os elementos mais familiares e belos até então encontrados pelo naturalista nas terras do Velho Mundo. Dessa maneira, esses elementos atravessaram o oceano a partir das memórias do naturalista e serviram de referência para um registro daquilo que era compreendido a partir de suas sensibilidades e humores.

À luz deste debate, a paisagem também se mostra como fonte de encantamento, ou seja, a capacidade de um viajante em se maravilhar com o mundo natural, as suas características e as suas belezas e transformar este encanto em texto, que oferece ao leitor, uma dimensão possível daquilo que o naturalista apreendeu a partir de sua sensibilidade. Não obstante, ao tratar de conjuntos paisagísticos, a literatura de viagem, em grande parte das vezes, se mostra como uma narrativa encantada com aquilo que o autor apreendeu a partir dos seus sentidos e humores.

Na literatura de viagem, atenta-se que apesar da paisagem ser – na maioria das vezes – fonte de encantamento, contemplação e descanso; a mesma é descrita de uma maneira muito diferenciada de viajantes que estiveram no Brasil durante os séculos XVI e XVII. Auguste de Saint-Hilaire não procurou origens edênicas e sagradas para aquilo que foi registrado a partir de sua sensibilidade, logo, não se procurava ligações bíblicas entre rios, montanhas e animais observados em seus conjuntos paisagísticos. O naturalista descreveu paisagens de uma maneira romântica, quase poética, mas sem o estabelecimento de ligações fantásticas e religiosas em seus escritos, o que, conseqüentemente, demonstra também uma *antroponatura* científica junto aos mais diversos conjuntos paisagísticos.<sup>68</sup>

---

67 ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru, São Paulo: EDUSC. p.75.

68 Para um exame mais detalhado sobre motivos edênicos na colonização do Novo Mundo durante os séculos XVI e XVII, quais eram suas visões de mundo dos viajantes daquele período, seus referenciais teóricos e como os viajantes deste séculos analisavam populações e paisagens ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

A maneira pela qual Saint-Hilaire analisou, descreveu e sentiu as paisagens brasileiras mostra um trabalho de um viajante extremamente minucioso. Suas descrições paisagísticas ultrapassaram a condição científica de viajante e apresentaram um romantismo quase poético que necessariamente não se opõem a sua condição de um botânico do período das luzes. Destaca-se também que foi justamente a viagem que proporcionou condições para que o francês se encantasse com árvores, sons, animais e até mesmo pessoas dentro de determinados conjuntos paisagísticos o que, conseqüentemente, marcou uma determinada sensibilidade a partir de um encontro com o mundo material.

### 1.3 - Discursos filantrópicos

Auguste de Saint-Hilaire não se limitou a observações sobre uma suposta natureza selvagem durante o seu período de trabalho no Brasil. Como estudado anteriormente, o viajante fez ressalvas e adotou uma postura crítica sobre as ações e intervenções de *antroponatura*.

Durante o século XIX, os objetivos de Saint-Hilaire no Brasil se encontravam relacionados à coleta e ao envio de plantas a Europa, mas, nota-se em seus textos uma viagem que extrapolou esses objetivos, principalmente quando o autor observa as grandes potencialidades que a natureza podia oferecer aos brasileiros. Ainda à luz desse debate, a literatura de viagem – produzida por Auguste de Saint-Hilaire e vários outros viajantes - tinha a função de revelar o Brasil e sua *antroponatura* para uma Europa pretensamente culta e dita “civilizada”.

Sobre a análise de potencialidades das terras e recursos brasileiros, destaca-se o seguinte trecho em que o botânico francês se encontra aos arredores do Tijuco e descreveu que:

Os arredores do Tijuco apresentam um solo árido e não produzem nem mesmo os gêneros necessários à subsistência dos habitantes. Entretanto é possível que se se adotasse nessa região um sistema de agricultura mais racional, se se introduzisse a prática dos pastos artificiais, se se cuidasse de criar maior quantidade de gado, fazendo-se a parceria, enfim empregando-se a charrua, podia-se cultivar, em vários pontos do Distrito, o centeio, os feijões, outros grãos miúdos e talvez mesmo a cevada. Mas, enquanto se persistir em seguir a prática usada atualmente em toda a província não se tirará nenhum partido das terras dos arredores de Tijuco.<sup>69</sup>

---

69 *Ibidem*, p.30.

Na literatura de viagem de Saint-Hilaire, a filantropia pode ser entendida a partir dos conceitos de identificação e intervenção. A identificação se dava quando o naturalista procurava demonstrar aquilo que estaria errado, que não seguia princípios científicos gerando destruição a natureza e causava prejuízos econômicos, o que conseqüentemente, levava a um não aproveitamento das melhores oportunidades, porquanto não eram seguidos preceitos racionais. Já a intervenção pode ser compreendida como uma sugestão dada, após a identificação, e que mostrava como técnicas pretensamente racionais e científicas poderiam trazer benefícios, desde que fossem colocadas em prática.

Na região do Tijuco, Saint-Hilaire fez uma sugestão de cunho filantrópico para a correção da aridez do solo e uma melhor utilização do mesmo a partir da adoção de uma prática mais racional, logo, o que o naturalista sugeria naquele momento era um uso mais técnico e científico do terreno.

Em seu ponto de vista, o problema da aridez do solo seria solucionado com a utilização do chamado sistema de parceragem, que neste contexto seria entendida como um modo de adubação com pequenos animais mantidos em cercados, para que se obtivesse a fertilização do solo através da matéria orgânica produzida pelos mesmos. Também afirmou-se que se os habitantes da região continuassem a cultivar o solo de maneira tradicional, os mesmos não teriam os benefícios que uma agricultura pretensamente científica podia proporcioná-los.

Entende-se que neste ponto, a literatura de viagem se apresentou como um manual instrutivo a partir de um ideal guiado por princípios científicos. A descrição do autor buscava se apresentar de uma maneira científicista, o que conferiria legitimidade, principalmente junto aos franceses, ao trabalho realizado pelo naturalista em terras brasileiras.

Pode-se dizer que Saint-Hilaire sugeria que o conhecimento dos agricultores brasileiros, suas práticas tradicionais e não científicas fossem apagados em prol de uma *antroponatura*, classificada pelo autor, como racional, utilitária e científica. Em sua opinião, o conhecimento dos agricultores brasileiros era irracional, sendo que esta irracionalidade não atendia as novas teorias e práticas científicas do século XIX.

Conforme Lorelay Kury, o sentimento de filantropia que teria guiado as atividades dos viajantes naturalistas parte de uma distinção inicial fundamental: “países civilizados

com ciência e países não totalmente civilizados com práticas empíricas tradicionais”.<sup>70</sup> Sendo assim, o mundo europeu, chamado de civilizado, tinha por finalidade - naquele contexto Iluminista – ajudar ao resto do mundo, chamado de não civilizado e visto em um estado de barbárie, a atingir ao ideal das luzes e do progresso.

Nos Campos Gerais, Saint-Hilaire fez observações sobre a araucária e as possibilidades de utilização da mesma. Dessa maneira, o naturalista escreveu:

A araucária não apenas enfeita os Campos Gerais como é também extremamente útil aos seus habitantes; sua madeira branca, cortada por uns poucos veios cor de vinho, é empregada em carpintaria e marcenaria, e embora seja, mais dura, mais compacta e mais pesada do que o pinho da Rússia ou da Noruega, ela poderá ser utilizada vantajosamente no fabrico de mastros e vergas quando for estabelecido um meio de comunicação mais fácil entre os Campos Gerais e o litoral. Suas sementes que são compridas, medindo aproximadamente metade de um dedo, não são na verdade farinhentas como a castanha, mas lembram o sabor deste fruto, sendo mesmo ainda mais delicadas do que ele. Desde tempos imemoriais essas sementes vêm contribuindo para a subsistência dos indígenas, que as chamam de *ibá* ou fruto – o fruto por excelência, mal os europeus desembarcaram no litoral do Brasil eles aprenderam a conhecer a árvore que produz esse fruto, que constituía a maior parte da alimentação dos antigos paulistas em suas bárbaras e aventureiras expedições contra o Paraguai. Ainda hoje os habitantes dos Campos Gerais comem as sementes da araucária e as empregam com sucesso para engordar porcos.<sup>71</sup>

Além de enfeitar a região, Saint-Hilaire reconhecia a utilidade que a araucária possuía na carpintaria e na marcenaria. Assim sendo, ao não fazer críticas a utilização da araucária, o naturalista já observava uma maneira racional e científica da árvore atender aos moradores da região dos Campos Gerais.

Apesar de observar uma *antroponatura* pretensamente racional, Saint-Hilaire vislumbrava outras possibilidades para o trabalho com a araucária. Neste ponto de vista, compreende-se também que era possível o uso da madeira em mastros e vergas, contudo, seria necessário uma melhora nos caminhos entre os Campos Gerais e o litoral.

Reconheceu-se também que a utilização racional das sementes de araucária já era realizada antes da chegada dos portugueses e que os mesmos se valeram desta prática indígena. Em um raro momento, Saint-Hilaire não censurou uma *antroponatura* de origem indígena, já a utilização da palavra sucesso mostra que aquela prática agrícola era aprovada pelo discurso de autoridade científica do naturalista.

---

70 KURY, L.B. **Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar**. Intellectus, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, 2003. Disponível em <http://www.intellectus.uerj.br> Acessado em 3 de dezembro de 2007. p.1-11.

71 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op. cit.** 1978. p.16-17.

Os discursos filantrópicos de Saint-Hilaire não estiveram ligadas somente a sua condição de naturalista. Observa-se também que o francês fez sugestões para melhorar o comércio na região do Rio Doce capixaba:

Por fim quando o Rio Doce vier a ser navegável, os habitantes do Espírito Santo poderão, em troca de seu sal, receber, a preço reduzido, os metais de Minas Gerais. A ignorância e a apatia que têm oposto ao progresso do comércio da Província do Espírito Santo, desaparecerão, sem dúvida, com o tempo, mas os agricultores desta região lutarão contra um flagelo para o qual, insistentemente, até hoje procuram remédio eficaz. Falo das grandes formigas. Esses insetos não atacam nunca, ou pouco atacam o milho, a cana de açúcar e o feijão; mas, são muito ávidos do algodão e, mais ainda, da mandioca.<sup>72</sup>

Embora ligada ao mundo natural, a sugestão apresentada acima tinha por finalidade um desenvolvimento econômico da então província do Espírito Santo, a partir da atividade comercial. Dessa maneira, o reconhecimento de quais as culturas atingidas e das culturas não atingidas pelas formigas tinha por finalidade uma orientação científica aos agricultores daquela região.

Outro ponto marcante na descrição apresentada é a utilização dos verbos *vier* e *desaparecerão*. Pode-se entender que estes verbos, conjugados no futuro, marcam a esperança do francês que aquela região atingiria os ideais de progresso e desenvolvimento a partir da utilização de um modelo científico oferecido pelos textos do naturalista.

Destaca-se ainda a utilização das palavras *ignorância* e *apatia* que – em seu ponto de vista - podem ser entendidas como características de pessoas que não foram atingidas pelas luzes do progresso e por ideais civilizatórios. Percebe-se também que não houve a humanização dos elementos naturais, mas sim uma desqualificação dos seres humanos que viviam às margens do Rio Doce.

De acordo com Koselleck, o termo progresso teria surgido coincidindo com a descoberta de um novo horizonte de expectativas. Desta maneira, o objetivo de uma perfeição possível, foi posto a serviço de um melhoramento da existência terrena, que permitiu que a doutrina dos últimos fins fosse ultrapassada, assumindo-se o risco de um futuro aberto.<sup>73</sup>

Da mesma forma, “o conceito de ‘progresso’ só foi criado no final do século XVIII, quando se procurou reunir grande número de novas experiências dos três séculos

---

72 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1974. p.12

73 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.116. Koselleck destaca que o termo “*progressus*” veio substituir o termo “*profectus*”. Assim, uma perfeição que se acreditava que antes só seria alcançada no além, passaria a ser posta a serviço de um melhoramento da existência terrena.

anteriores”.<sup>74</sup> Não oponente, “o conceito de progresso único e universal nutria-se de novas experiências individuais de progressos setoriais, que interferiam com profundidade cada vez maiores na vida cotidiana e que antes não existiam”.<sup>75</sup>

Durante a última viagem a província de São Paulo, Saint-Hilaire fez mais uma sugestão filantrópica no campo econômico, mas desta vez de caráter industrial. O francês escreveu que:

Encontramos algumas tropas que vinham do termo de Baependi carregadas de fumo e outras que se dirigiam para Minas, com carregamento de sal e ferro. É verdadeiramente vergonhoso que, num país onde este metal é tão abundante, proceda ainda do estrangeiro grande parte do que consome. É evidente que seria prestar real serviço ao Brasil sobrecarregar o ferro de impostos consideráveis ao entrar na capitania, forçando-se assim os filhos da terra a fazer uso das riquezas que têm à mão.<sup>76</sup>

Na opinião do autor era uma vergonha grande parte do ferro brasileiro ainda ser importado, uma vez que o Brasil tinha grandes reservas naturais deste tipo de minério. Sendo assim, entendia-se que a produção industrial poderia ser facilitada pela quantidade abundante do minério de ferro existente em terras brasileiras.

Se em outros momentos, Saint-Hilaire se colocou contra a cobrança de impostos, desta vez, o viajante acreditava que a requisição de tributos poderia forçar a uma industrialização. Sendo assim, à medida que o preço do ferro importado aumentasse o tornaria inviável a um consumidor brasileiro. Compreende-se que o ideal era incentivar uma produção nacional que geraria desenvolvimento - e por conseguinte o progresso idealizado - e não a taxaço do povo brasileiro.

Na região dos Campos Gerais, observa-se uma curiosa sugestão filantrópica sobre o desejo daquela região em se separar da Província de São Paulo:

Confesso, entretanto, que se fosse chamado a opinar sobre esse grave assunto, eu hesitaria, e estou certo de que o motivo que me levaria a isso seria o mesmo que impediu a Assembléia Geral de se pronunciar a respeito. De uns certos tempos para cá cada arraial, cada lugarejo brasileiro deseja tornar-se sede de um distrito, cada cidade a cabeça de uma comarca. Se essas reivindicações se estendessem também às províncias, se fosse concedida a Curitiba a sua separação de São Paulo, uma centena de comarcas iriam quere o mesmo privilégio, e os laços já frágeis que ligam as diferentes regiões do Brasil não tardariam a se tornar mais frágeis ainda. Ainda que a reivindicação dos curitibanos seja inteiramente justificada, talvez eles deêm uma

---

74 *Ibidem*, p.317.

75 *Ibidem*, p.317.

76 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo**. Tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. P.115-116

prova do seu patriotismo adiando-a mais uma vez. “Não foi unicamente no Brasil que eu vivi”, disse eu outrora, “também visitei as margens do Prata e do Uruguai. Até recentemente tratava-se de uma das mais belas regiões da América meridional. Seus habitantes se desuniram, cada arraial e cada lugarejo decidiu formar uma pátria separada; chefes ignóbeis se armaram em toda parte; a população foi dispersada ou aniquilada; as estâncias foram destruídas; vastas extensões de terra, quase do tamanho de uma província, não produzem hoje senão cardos, e onde outrora pastava um numeroso gado não se veem senão bandos de veados, de emas e de ferozes onças.”<sup>77</sup>

A passagem acima apresentou uma sugestão filantrópica de caráter político-administrativo. O naturalista identificou o desejo da população dos Campos Gerais de se constituírem como região autônoma de São Paulo. Para o francês, a reivindicação por autonomia era legítima, mas de uma extrema complexidade que levava o autor em hesitar no primeiro momento a emissão de uma opinião sobre o assunto.

No desenvolvimento de seu texto, Saint-Hilaire deixava claro que em nome de uma unidade política brasileira – que se encontrava extremamente frágil durante a primeira metade do século XIX– era melhor que a população dos Campos Gerais aguardasse uma outra oportunidade para a separação. Ainda sob seu ponto de vista, a efetivação de autonomia aos Campos Gerais poderia gerar um efeito negativo em outras regiões que também lutavam por mais liberdade política e fragilizar ainda mais o então Império do Brasil.

Para legitimar escritos contrários a autonomia dos Campos Gerais, utilizou-se as consequências danosas que uma maior autonomia trouxe para as outras regiões da América em que esteve. Assim, no entendimento do naturalista, era necessário um ‘sacrifício’ dos moradores dos Campos Gerais em prol de um bem maior, a unidade nacional.

Na então Província de São Paulo foram feitas observações sobre possibilidades de navegação. Segundo o naturalista:

A Província de São Paulo é pelo menos tão bem irrigada quanto a de Minas e o sul de Goiás. É bem verdade que não se encontra um curso d’água que, no presente, seja navegável numa extensão tão grande quanto o Araguaia, o Tocantins e o São Francisco. Todavia, situada à beira do mar, ela tem menos necessidade de navegação fluvial do que as Províncias centrais, e com o passar do tempo vários de seus rios, livres dos obstáculos que hoje os embaraçam e auxiliados, nos trechos difíceis, por canais laterais, poderão tornar-se úteis meios de comunicação.<sup>78</sup>

---

77 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1978. p.118

78 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1976. p.53.

Neste trecho, Auguste de Saint-Hilaire começa a sua análise por comparar províncias e cursos d'água existentes e já visitados. O francês compara as possibilidades de navegação fluvial na Província de São Paulo com outras grandes bacias hidrográficas. Em seguida, afirmou-se que a região de São Paulo levava uma desvantagem na navegação fluvial em comparação a regiões como o Araguaia, o Tocantins e o São Francisco.

Deve-se lembrar que um dos objetivos dos discursos filantrópicos emitidos por Auguste de Saint-Hilaire era a de encontrar soluções para problemas observados em terras brasileiras. Se em um primeiro momento foram observados os problemas e as limitações da região de São Paulo, em um segundo momento, se apresentou perspectivas para a superação destes obstáculos como a possibilidade da navegação marítima e a abertura de canais laterais junto as regiões de navegações mais difíceis. Neste sentido, o caráter filantrópico no trabalho do naturalista chegou também à área dos transportes e deslocamentos.

Na passagem seguinte, ainda falando sobre rios, Auguste de Saint-Hilaire afirma que:

Uma profusão de rios poderá dar acesso ao Paraná, que fará escoar pelo Paraguai e o Entre Rios os produtos das zonas tropicais da província, ao passo que o Paraíba levará, ao norte, até os Campos dos Goitacases, os produtos europeus e caucásicos dos Campos Gerais e de Curitiba. Na verdade, já há muito tempo que os paulistas aproveitaram o Tietê para iniciar essa gigantesca e arriscada navegação fluvial, que os levava até Cuiabá. E se por ocasião de minha viagem, o comércio tinha abandonado esse meio de transporte, por razões que explicarei mais tarde, o governo ainda se servia dele para fazer chegar ao Mato Grosso tropas e munição de guerra. Como acontece com o Tietê, é no Paraná que se lançam direta ou indiretamente os rios que, ao sul do ponto onde começa a Serra da Mantiqueira, nascem na vertente ocidental da Serra do Mar, e entre eles há alguns bastante caudalosos. Os que descem pela vertente oriental não podem ter um curso muito extenso, mas são muito úteis aos agricultores ribeirinhos para o transporte de seus produtos aos portos mais próximos. As águas que, compreendidas na bacia situada entre a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar, se escoam das vertentes opostas, vão desaguar, ao sul, no Tietê, e ao norte no Paraíba – rios esses que após correrem paralelos na banda ocidental, se afastam um do outro, seguindo o primeiro a direção do noroeste e o segundo a do nordeste.<sup>79</sup>

Como visto, esta passagem começou por uma apresentação que tinha por finalidade de demonstrar em quais rios seriam escoados determinados tipos de produtos. A literatura de viagem começou abordando uma navegação por longas distâncias que sairia das grandes bacias hidrográficas da região de São Paulo e que chegaria a outras importantes bacias.

---

79 *Ibidem*, p.53.

Na sequência, o naturalista fez um resgate de um passado no qual o Rio Tietê foi aproveitado como fonte de transporte. Entende-se que este resgate teve por objetivo legitimar a possibilidade do seu projeto, tendo em vista que em um passado determinado a navegação pelo trajeto Tietê-Cuiabá atendia determinadas demandas da população de São Paulo.

Já os chamados rios da vertente oriental seriam mais úteis para os ribeirinhos e a chegada dos mesmos e de seus produtos aos portos mais próximos. Neste sentido, o projeto filantrópico ligado a navegação não atendia apenas a grandes transportes nas bacias maiores, mas atendia também a produtores menores e suas demandas.

Lembra-se que “uma característica do horizonte de expectativa esboçado pelo Iluminismo tardio é que o futuro não apenas modifica a sociedade, mas também a melhora”.<sup>80</sup> Sendo assim, o que Saint-Hilaire escrevia não era apenas fruto de observações, mas também de uma perspectiva em um futuro aberto, no qual a *antroponatura* poderia ser melhorada desde que se levasse em conta os seus ensinamentos.

Outras sugestões de caráter filantrópico foram feitas quando o naturalista passou por São Miguel – região próxima a São João Del Rei. Ao chegar naquela localidade e se inteirar sobre uma fazenda que produzia um corante azul índigo, o naturalista nos apresenta a seguinte descrição:

Informaram-me que o processo para a extração da tinta era o mesmo usado com *Indigofera* e que o corante era fixado com a ajuda da urina. É realmente espantoso que as propriedades de uma espécie vegetal tão abundante no País só sejam conhecidas num longínquo recanto da Província de Minas. Seria interessante que os habitantes das regiões mais afastadas do Império do Brasil se dedicassem ao cultivo das Indigóferas, cujo o produto poderiam exportar com proveito. Seria também aconselhável que procurassem saber, através de experiências comparativas se *solanum indigoferum*, cujo fécula dizem ser melhor do que a de Indigófera, não teria sobre esta a vantagem de esgotar menos o solo além de ser de cultivo mais fácil e fornecer uma produção mais abundante.<sup>81</sup>

Se em outros momentos Saint-Hilaire fez sugestões filantrópicas relacionadas à agricultura, a política, a economia, a administração, aos transportes e até mesmo as populações, nesta passagem, o francês pôde utilizar da sua formação e de seus conhecimentos sobre botânica para apresentar uma sugestão de exploração racional do

---

80 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p 318

81 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. P.95.

índigo. Aqui, mais do que em outros momentos, Saint-Hilaire se utilizou de um discurso que estaria legitimado por sua condição de autoridade científica do período das luzes.

Apesar de conhecer a Indigófera e suas propriedades, Saint-Hilaire só se atentou para as suas potencialidades após ver que as mesmas já eram cultivadas em terras brasileiras. A identificação de uma região produtora legitimava o que o naturalista escrevia sobre as perspectivas oferecidas sobre este tipo de cultivo e sua marca intervencionista fica clara quando se escreveu que este tipo de cultivo deveria ser levado para regiões mais distantes do Brasil.

Ao analisar as propriedades e as potencialidades do índigo, mais uma vez, a literatura de viagem se apresentou como um manual a instruir populações brasileiras sobre as riquezas naturais encontradas no país e a melhor forma de explorá-las. Percebe-se, os princípios científicos presentes no texto do autor, quando este sugeriu que fossem feitas experiências comparativas visando uma utilização racional do solo.

Ainda sobre as identificações e escritos intervencionistas em São Miguel, nota-se uma observação crítica por parte de Saint-Hilaire quando o mesmo evidencia o fato dos brasileiros não conhecerem as propriedades do índigo. Assim sendo, o francês não fez elogios aos habitantes daquela região que cultivavam aquele gênero botânico. Também não se levou em conta as dificuldades de comunicação enfrentadas pelos brasileiros, o pouco interesse que os portugueses tinham pela ilustração e o fato de que o Brasil era “redescoberto” no início do século XIX.

Auguste de Saint-Hilaire no contexto das luzes do século XIX estaria “dotado de uma superioridade técnica e olhava de cima para baixo o grau do desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos”.<sup>82</sup>

Quando se encontrava no Rio Grande do Sul, o naturalista francês fez considerações sobre a introdução de vinhas naquela região, estes escritos podem ser analisados a partir da seguinte descrição:

Somente vantagens, e grandes terá a introdução geral de uma espécie qualquer de fabrico de vinho no Brasil, devendo o governo encorajar, por todos os meios possíveis, a plantação da vinha e a fabricação do vinho nas regiões do Brasil onde possa haver esperança de sucesso, tais como esta Capitania, em Goiás, no Distrito Diamantino e na comarca de Sabará na Capitania de Minas.<sup>83</sup>

---

82 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** 317.

83 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op, cit.** 1999. p.34

Ao contrário do que aconteceu enquanto Saint-Hilaire esteve em outras regiões do Brasil, no Rio Grande do Sul estas sugestões filantrópicas foram feitas em menor quantidade. Pode deduzir-se que estas sugestões foram menos frequentes naquela província porque - na visão do naturalista - os habitantes daquela região seriam ricos e ambicionavam por um aumento de suas fortunas o que, conseqüentemente, tornaria seus discursos filantrópicos menos necessárias.

Ainda sobre esta passagem, a sugestão filantrópica não se limitava apenas aquela região. Assim, o naturalista delimitou as regiões – a partir de seu ponto de vista – possíveis de receber os benefícios do fabrico de vinho no Brasil e a necessidade do governo incentivar a produção do mesmo.

Sobre o vinho, em sua opinião era “incontestável que o pior vinho nacional é mais apetecível às classes pobres que a água ou a cachaça com açúcar”.<sup>84</sup> Neste sentido, o juízo de valor emitido sobre a cachaça pode ser entendido a partir de seu ponto de vista eurocêntrico, uma vez que provavelmente o naturalista não apreciava nem o uso e muito menos o consumo exagerado da bebida brasileira.

Ao buscar uma relação filantrópica com o Brasil, o texto de Auguste de Saint-Hilaire se apresentou a partir de uma forte marca científicista e intervencionista, diferentemente do que observa-se em alguns outros momentos da sua literatura de viagem. Este caráter científicista pode ser entendido como uma marca que conferia legitimidade e confiança aos seus trabalhos.

Durante o período das luzes a crença dos cientistas - incluindo os naturalistas - era de que a ciência, a técnica e as suas aplicações criavam condições para um mundo melhor. Desse modo, “ciência e técnica estabilizaram o progresso como sendo a diferença temporal progressiva entre a experiência e a expectativa”.<sup>85</sup>

Ainda à luz desse debate, o texto de Saint-Hilaire também se apresentou a partir de um viés questionador e esperançoso, mesmo em regiões, que na visão do autor, seriam pouco desenvolvidas. Sobre a província de Goiás foi feita a seguinte anotação:

O pouco que acabo de dizer mostra que os habitantes de Goiás não devem desesperar de sua situação, mesmo que se limitem às suas culturas habituais. Mas por que não tentarem eles sair da rotina? Por que não exigirem de suas terras produtos que, sendo raros na região e constituindo uma carga mais leve trariam mais lucro que o fumo, o açúcar e o algodão?<sup>86</sup>

---

84 **Ibidem**, p.34

85 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.321.

86 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. p. 182.

A situação referida acima era a exportação de algodão promovida por algumas regiões do interior e um suposto sucesso na exportação do mesmo sendo que, o francês se mostrou otimista com um possível progresso daquela província. Contudo, a condição para que este desenvolvimento viesse se efetivar estava ligada a uma mudança de mentalidade dos agricultores da região de Goiás que precisavam sair de uma suposta situação de inércia e ignorância na qual se encontravam submetidos.

Durante o século XIX, “o progresso estava voltado para uma transformação ativa deste mundo, e não do além, por mais numerosas que possam ser, do ponto de vista intelectual, as conexões entre o progresso e uma expectativa cristã de futuro”.<sup>87</sup>

Entretanto, Saint-Hilaire não se limitou a apenas a demonstrar o que, em sua visão, estava errado. Assim, o naturalista demonstrou a partir de vários exemplos o que deveria ser feito pelos agricultores de Goiás.

O chá aclimatou-se bem no Rio de Janeiro, e sem dúvida iria adaptar-se igualmente às terras altas da Província de Goiás, e se for difícil ajustar-se o cultivo do indigueiro às necessidades da escassa população local os seus excedentes poderão ser exportados com lucros ainda garantidos. O indigueiro, ou anileiro é nativo em Goiás e poderia ser cultivado com bons resultados, como já foi outrora em outras partes do Brasil. É bem possível que em regiões montanhosas como as de Santa Luzia, Corumbá, S. Antônio dos Montes Claros e nas vizinhanças dos Montes Pirineus se consiga cultivar a amoreira, dando assim margem à criação do bicho da seda. O Rio de Janeiro despacha vinhos da Europa para Vila Rica e nada impediria que a província também os fabricasse com os frutos do seu próprio solo, e os enviasse à capital. Algumas pessoas já tentaram fabricar o vinho com a deliciosa uva do tempo da seca, e vinagre com a do tempo das águas. O resultado obtido foi bastante bom, e é de se supor que se tornaria melhor à medida que adquirisse mais experiência no seu fabrico. Além do mais, incrementando-se o cultivo das vinhas poderia haver uma produção em grande escala. É bem verdade que a vinha encontra um inimigo temível numa grande formiga, muito comum na região, que em poucos instantes despoja as parreiras de suas folhas. Mas não há nenhum tipo de cultura não tenha seus inimigos. É preciso que o agricultor tenha bastante animo para lutar contra eles e anular sua ação na medida do possível.<sup>88</sup>

Nesta passagem, Saint-Hilaire não usou exemplos europeus de *antroponatura* para demonstrar que a província de Goiás podia ser atingida pelos ideais de progresso e civilização; o referencial e as práticas a serem seguidas não tinham o Velho Mundo como origem, o que tornou o texto – nesta parte – menos eurocêntrico. A utilização do recurso de demonstrar o que já havia dado certo em outras regiões do Brasil pode ter sido uma

---

87 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.318.

88 **Ibidem**, p.182.

maneira utilizada pelo autor para justificar a sua confiança e o seu otimismo sobre o futuro daquela região.

A prática filantrópica de Saint-Hilaire não se limitou a apresentar um bom horizonte de expectativas para aquela região. Por um lado, pensou-se no que poderia ser cultivado naquela província, por outro, não deixou-se de tentar prever as dificuldades que os agricultores de Goiás poderiam enfrentar caso seguissem as instruções contidas na sua literatura de viagem.

Neste caso, o que o naturalista alertou quando passou por Goiás era que boas experiências necessariamente não coincidiriam com a realização de expectativas iniciais. Assim, “o espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa. Os limites de um e de outro se separaram”.<sup>89</sup>

Os discursos filantrópicos não tiveram apenas para os agricultores de Goiás como público alvo. O naturalista deixa claro que era necessário uma participação do governo, e a partir de uma condição de ‘homem detentor das luzes e do conhecimento’ apresenta a seguinte passagem:

Seria preciso que a administração que tanto contribui para esse triste estado, se dispusesse a ajuda-los, estimulando-os e oferecendo-lhes boas vantagens. Seria preciso que o governo concordasse com alguns sacrifícios imediatos, que no futuro reverteriam em grandes proveitos. Todo fazendeiro que exportasse uma certa quantidade de algodão criasse um certo número de bois e porcos, de cavalos, que dedicasse uma determinada extensão de suas terras ao cultivo do indigueiro, do chá, do trigo, que fabricasse vinho ou vinagre, que criasse bichos de seda, etc., devia ser isento de uma parte ou da totalidade dos dízimos. E para que os pobres pudessem gozar dessas vantagens tanto quanto os ricos, e para que a melhora se tornasse geral, era preciso que a porção de terra semeada com trigo, por exemplo, fosse proporcional ao número de braços com que contasse cada chefe de família.<sup>90</sup>

Em seu horizonte de expectativas Saint-Hilaire não pensava apenas nos agricultores. Observa-se, que a responsabilidade do governo era a maior nessa caminhada que levaria aos ideais de civilização e progresso, mesmo porque para o naturalista, este governo era o responsável pela apatia e as precárias condições de vida na qual a população goiana se encontrava.

Na opinião do autor era necessário uma política justa; uma política na qual o tratamento governamental não diferenciava ricos e pobres, mas beneficiasse o trabalho para uma melhora geral daquela população. Sua expectativa era que a política deixasse

---

<sup>89</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.318.

<sup>90</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. p.183.

de emperrar o desenvolvimento científico e trabalhasse como um auxiliar do mesmo, o que, por consequência, iria promover uma melhora na vida das populações.

Mais uma vez a literatura de viagem de Saint-Hilaire se apresentou como um manual, desta vez dirigido ao governo. Assim, com a proposta de isenção de impostos mediante a uma determinada condição procurava-se demonstrar que o trabalho realizado em terras brasileiras seria digno de confiança, pois este era embasado em princípios científicos e até mesmo econômicos respeitados naquele momento.

No caminho entre Mogi-Mirim e Campinas foram feitas novas observações e críticas sobre a cobrança de pedágios e os prejuízos que os mesmos causavam a população. O naturalista afirmou o seguinte:

Luís d' Alincourt já explicou que de Paciência a São Paulo, num trecho de aproximadamente 45 léguas, havia cinco travessias de rio que eram cobradas, e devo acrescentar que de Goiás até Paciência havia mais cinco. Daí resulta que o algodão enviado, por exemplo de Meia-Ponte a São Paulo, terá de pagar dez vezes as taxas, ao passo que o açúcar de Campinas e de Jundiá não paga um tostão. De onde se conclui que os impostos aumentam em proporção a distância; que quanto mais dispendioso o transporte, mais alta a quantia cobrada pelo fisco; enfim, que quanto menos favorável é a localização de uma cidade, mais sobrecarregado de impostos é o seu comércio. Não havia, certamente, nenhuma razão especial para prejudicar Moji-mirim e favorecer Campinas, ou para sobrecarregar Meia Ponte e ajudar Moji-mirim. Se um rio atravessa a estrada, é preciso cobrar o pedágio, porque o pedágio aumenta as rendas do tesouro público. É esse o único raciocínio que foi feito. Não passou pela cabeça da administração que, ao agir assim, ela estava prejudicando totalmente o comércio e a agricultura de regiões longínquas, que, mais do que tudo precisavam de estímulo”.<sup>91</sup>

Foram apresentadas as regiões nas quais eram cobrados os impostos entre Paciência e São Paulo e também de Goiás a Paciência. Entende-se que esta apresentação teve como proposta mostrar como eram pesados os custos daquela região e como estes custos prejudicavam aqueles que necessitavam de realizar aquela passagem.

A narrativa de viagem buscou um entendimento dos motivos governamentais que levavam a cobrança de tantos impostos e nesta busca se posicionou contra essa lógica. Sendo assim, Auguste de Saint-Hilaire defendeu a lógica do comerciante e do agricultor, haja vista que estes eram os responsáveis pela produção de riqueza e compreendeu que os agricultores e comerciantes deviam ser estimulados em suas práticas pelo governo regencial.

Ainda nesta passagem, observa-se o par identificação e intervenção, típicos da prática discursiva filantrópica. A identificação daquilo que estava errado - segundo o

---

91 SAINT-HILAIRE, August. *Op. cit.* 1976. p.108

ponto de vista de Auguste de Saint-Hilaire – era a enorme quantidade de impostos cobrados e como este não melhoravam em nada a vida do produtor. A intervenção seria a não cobrança dos impostos, o que acabaria por gerar um estímulo à produção das regiões mais necessitadas e por conseguinte uma melhora nas atividades econômicas das mesmas.

Ainda na Província de São Paulo foram feitas novas críticas ao sistema de tributação praticado no Brasil do século XIX. O autor afirmou que:

Os 1.250 réis restantes referiam-se aos *direitos da casa doada*. Este último imposto tinha sido criado originariamente em proveito dos que haviam aberto o caminho desde São Paulo até o Sul; mais tarde, porém, reverteu em benefício do tesouro público e fazia parte das rendas da província da qual era recebido. A taxa de 3.500 réis cobrada sobre cada burro parecerá, sem dúvida, muito elevada, entretanto, não ficava só nisso. Além dessa, os animais ainda ficavam sujeitos a outras taxas quando entravam na Província de Minas Gerais. Os burros constituem quase todas as regiões do Brasil, o seu único meio de transporte, e taxa-los dessa forma é uma maneira certa de desencorajar o comércio e a agricultura, que no país têm tanta necessidade de estímulo.<sup>92</sup>

Em sua visão, o sistema tributário atrapalhava de maneira considerável o comércio e a agricultura no Brasil. Pode-se identificar que esta cobrança de impostos sobre burros como uma atitude de má-fé do governo, uma vez que em várias regiões este animal seria o único meio de transporte disponível. Assim sendo, o naturalista identificou um prejuízo da população para um enriquecimento do governo.

Nota-se que possíveis prejuízos, causados ao autor, por essa cobrança podem ter influenciado um posicionamento contrário a esta excessiva política tributária. Já a posição filantrópica de Auguste de Saint-Hilaire, contrária à excessiva carga tributária, pode ser entendida também a partir de sua vivência no Brasil e os prejuízos que essa política causava ao viajante e aos próprios brasileiros.

Neste caso, a identificação de um problema se deu a partir de uma vivência muito clara, porquanto o autor sentiu no bolso o quanto aquelas cobranças dificultavam a vida de quem trabalhava. Entretanto, se fica fácil identificar que a política de pedágios era prejudicial e injusta, a solução intervencionista não se mostra tão clara assim, pois, dessa vez, a intervenção do naturalista, não sugere quais preços deveriam ser cobrados, ou se aquele pedágio deveria ser extinto.

Em sua última viagem pelo Rio de Janeiro, Saint-Hilaire reconhece a capacidade de aprendizado do povo brasileiro, mas critica a falta de planejamento dos mesmo na

---

92 *Ibidem*, p.187.

execução de suas tarefas. Sobre a execução do caminho entre Vargem e a Comarca de São João, escreveu-se que:

Os defeitos da sua administração acumulam os obstáculos fictícios aos reais. O espírito de inveja e intriga mais veemente do que em qual quer outro lugar, interpõe-se a tudo quanto se faz, tudo perturba, favorece o tratante, e desencoraja o homem honesto. Começa-se qualquer empreendimento útil, para logo ser interrompido e abandonado. Às vezes um serviço ordenado pelo governo e que se poderia acabar em pouco tempo, e com despesas mínimas, jamais termina, embora nele se trabalhe sempre. Esta obra como que quase se torna o apanágio de um homem de posição. De que viveria ele se lhe tomassem tal patrimônio?<sup>93</sup>

Nesta opinião, identifica-se que a não conclusão de determinadas obras favorece somente a desonestidade, o que, conseqüentemente, acaba por desencorajar os homens honestos em suas práticas. Não obstante, a falta de um controle mais rigoroso por parte do governo, faz com que um serviço ordenado não termine, mesmo que nele se empregue tempo e trabalho.

Ainda sob o seu ponto de vista, estas práticas ofereceriam uma espécie de pensão para os seus comandantes. Neste caso, a intervenção para solucionar este tipo de problema seria a retirada das pessoas que praticassem atos prejudiciais, ao governo e a população, de seus respectivos cargos.

A partir da análise da literatura de viagem do naturalista francês, observa-se que críticas não foram direcionadas apenas ao governo regional de Goiás ou de São Paulo. Dessa maneira, também foram feitas duras cobranças ao governo imperial brasileiro quando escreveu:

Como é que hoje, livre o Brasil dos grilhões do sistema colonial não se forma na capital do império uma sociedade de agricultura que tenha por fim esclarecer os lavradores sobre seus verdadeiros interesses, arrancando-os à imprevidência e abrindo novas fontes de prosperidade?<sup>94</sup>

A sugestão do naturalista teria sido muito frutífera no que diz respeito a práticas agrícolas racionais controladas pelo Estado. O caráter científico e até mesmo intervencionista da literatura de viagem se torna mais rígido com a independência do Brasil. No entanto, Saint-Hilaire – ao contrário do que fez na região dos Campos Gerais - parece não ter levado em conta as adversidades que o novo governo enfrentava para se estabilizar e que essas adversidades podem ter gerado, naquele período, dificuldades do

---

93 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.Cit.** 2002. p.19

94 SAINT-HILAIRE, August de. **Op.cit.** 1974. p.187.

mesmo em criar instituições de ensino que promovessem práticas agrícolas científicas e medidas econômicas racionais.

Estas considerações feitas por Saint-Hilaire tinham como objetivo que o Brasil - a partir da ação de seus governantes e populações - alcançasse aos ideais do progresso e das luzes. À luz deste debate, “tanto o progresso sociopolítico quanto o progresso técnico – científico modificam os ritmos e os prazos do mundo-da-vida”.<sup>95</sup> Assim sendo, “ao contrário do tempo da natureza, o progresso adquire uma qualidade genuinamente histórica”.<sup>96</sup>

Sobre o otimismo de Auguste de Saint-Hilaire, este pode ter sido utilizado até mesmo como uma justificativa de sua viagem ao Brasil, o que ultrapassava seu estado de viajante e sua formação botânica, na medida que sua literatura foi publicada depois de suas viagens. Este otimismo pode ser compreendido como uma atitude presente em um cientista que tinha a crença nas ideias de progresso e civilidade, mas também de um viajante que se apaixonou com o Brasil e o considerou “como se fosse meu próprio país”.<sup>97</sup>

Saint-Hilaire trabalhou com a identificação de problemas e as sugestões de intervenção para os mesmos a partir de seus textos de viagem; o francês não se limitou a observar passivamente aquilo que - conforme seus princípios e visões - estaria errado. Assim, o naturalista buscava justificar aos franceses e também aos brasileiros o seu trabalho por aqui realizado quando apresentou o seu espaço de experiência vivido no Brasil e seu horizonte de expectativas em sua literatura de viagem.

Entende-se também que após detectar aquilo que precisava de ser melhorado, as sugestões feitas por Saint-Hilaire utilizaram muitos verbos no condicional. Ao fazer essa utilização, o naturalista enxergou suas sugestões como perspectivas passíveis ou não de serem realizadas, mas que em seu ponto de vista trariam benefícios caso fossem colocadas em prática.

A filantropia proposta e trabalhada por Auguste de Saint-Hilaire em suas narrativas ultrapassou o campo científico natural; sua ideia era de que as experiências vividas entre dois mundos podiam ser úteis nos campos da economia, comércio, navegação, administração, política entre outros. Nota-se também que muitas dessas

---

95 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.116.

96 **Ibidem**, p.321.

97 SAINT-HILAIRE, August de. **Op.cit.** 1978. P.132.

observações levavam uma fé na sociedade e no progresso do Brasil e para que o ideal civilizatório fosse alcançado era o caminho científico que deveria ser percorrido.

#### 1.4 – Populações na literatura de um viajante francês

Apesar de não ser o objeto principal de seu trabalho no Brasil, as diferentes populações brasileiras se encontram presentes na literatura de viagem produzida por Auguste de Saint-Hilaire. Dessa forma, a emissão de diferentes tipos de juízos sobre essas populações fez parte dos escritos do naturalista francês, mesmo porque, o contato com diferentes grupos populacionais pode ser entendido como uma marca de um viajante de “pés no chão”.

Nos séculos XVIII e XIX, as populações do Novo Mundo foram objeto de intensos debates, tanto na Europa quanto na América, sendo que do Velho Mundo partiram imagens depreciativas dos americanos. Muitas destas imagens foram elaboradas, divulgadas e referendadas por pessoas que nunca estiveram no continente americano, mas que foram responsáveis por cristalizar imagens preconceituosas a partir da desvalorização das populações do continente americano.<sup>98</sup>

Já durante o século XIX, os mais diferentes viajantes foram responsáveis pela emissão de diversos tipos de observações e análises que contribuiriam para promover e/ou reforçar estereótipos sobre os brasileiros. Naquele momento, pretendia-se informar, a partir de uma determinada visão de mundo e de ciência, o que era o Brasil e quem eram os brasileiros.

Sobre o contato e as vivências de um viajante em terras distantes, pode-se tratar “as relações entre colonizadores e colonizados, ou visitantes e “visitados” não em termos da separação, mas da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro das relações radicalmente assimétricas de poder”.<sup>99</sup>

Ao observar a literatura de viagem de Saint-Hilaire, “nota-se que o estrangeiro não partilha forçosamente dos preconceitos daquele que observa, mas nem por isso está livre dos seus próprios, que muitas vezes valem os outros”.<sup>100</sup> Neste sentido, “se o que

---

98 Para um melhor debate sobre este assunto ver: GERBI, Antonello. **Op.cit.** 1996.

99 PRATT, Mary Louise. **Op. cit.** 1999. P. 32

100 TODOROV, Tzvetan. **Op.cit.** p.94

define a etnologia é a exterioridade do observador, existirão tantas descrições de uma sociedade quanto forem os observadores”.<sup>101</sup>

Os modelos discursivos sobre civilização e progresso do século XIX foram fornecidos pela Europa. Por outro lado os costumes conflitantes com essa perspectiva eram combatidos e considerados “bárbaros” e “selvagens”. Neste processo, do velho continente teriam partido várias projeções do que se entendia e se desejava como significado de civilização. Enquanto isso, “no Brasil, desejava-se não apenas outro lugar diferente, mas outro lugar melhor, isto é, o mundo europeu, civilizado”.<sup>102</sup>

Segundo Márcia Naxara “o povo brasileiro, visto por suas elites, aproximava-se do atraso e da barbárie.”<sup>103</sup> Para essa historiadora, as representações do povo brasileiro - no início do século XIX - eram as de “um povo informe caracterizado pela pequenez moral, em meio a uma natureza representada, tanto de pontos de vista pitorescos como sublimes, como provedora, grandiosa e exuberante”.<sup>104</sup>

Entretanto, pode-se observar que essa visão de uma população brasileira inferior a europeia – embora majoritária - não foi totalizante nas anotações de Auguste de Saint-Hilaire, como no trecho em que o viajante escreveu:

Em toda a província encontrei homens de costumes delicados, cheios de afabilidade e hospitaleiros; os habitantes de Tijuco não possuem tais qualidades em menor grau, e, nas primeiras classes da sociedade elas são ainda acrescidas por uma polidez sem afetação e pelas qualidades de sociabilidade. Encontrei nesta localidade mais instrução do que em todo o resto do Brasil desejo mais vivo de se instruir. Os habitantes de Tijuco são principalmente notáveis na arte caligráfica e podem a esse respeito rivalizar com os mais hábeis ingleses. Tanto quanto pude julgar eles não são menos hábeis na arte musical que os outros habitantes da Província, e uma missa cantada que assisti na Igreja de S. Antônio não me pareceu inferior à que assisti alguns meses na Vila do Príncipe.<sup>105</sup>

Destaca-se o reconhecimento e o fascínio do autor com o nível de afabilidade e educação dos habitantes da região do Tijuco. Em seu julgamento existia nas populações daquela região o intenso desejo de se instruir, sendo a mesma a mais culta que o autor teve contato até o momento em que escreveu aquele texto. Já a utilização de palavras como polidez e sociabilidade ressaltam um suposto caráter civilizado dos moradores daquela região.

---

101 **Ibidem**, p.95

102 NAXARA, Márcia. **Op.cit**, p. 439 em diante.

103 **Ibidem**, p.444.

104 **Ibidem**, p.444

105 SAINT-HILAIRE, **Op.cit**. p.1974.

Outro importante ponto é a ligação feita pelo naturalista entre o Arraial do Tijuco e a Europa. Essa ligação pode ser percebida quando se comparou a caligrafia dos moradores daquela localidade com a dos ingleses e a qualidade da missa que lembrou o naturalista a sua terra natal. Compreende-se essa aproximação como uma forma ressaltar as qualidades encontradas no Tijuco, mesmo porque que essas aproximações eram feitas com o mundo europeu, dito civilizado.

Se por um momento a visão eurocêntrica não foi apagada, ela pelo menos foi muito relativizada. Percebe-se ainda que o continente europeu ainda fornecia os modelos comparativos, mas o texto do naturalista aponta um reconhecimento de características dos moradores da região dos diamantes superiores aos moradores do Velho Mundo.

Lembra-se aqui que apesar de afirmar que “Encontrei nesta localidade mais instrução do que em todo o resto do Brasil desejo mais vivo de se instruir”, Saint-Hilaire não esteve em todo território brasileiro e ao fazer afirmação, provavelmente, se referia as regiões percorridas entre os anos de 1816-1822.<sup>106</sup>

Contudo, apesar dos elogios, o espírito etnocêntrico de Saint-Hilaire ainda é manifestado de maneira circular. Assim, sobre etnocentrismo, Todorov afirma que “de início definem-se valores absolutos a partir de seus próprios valores pessoais, e finge-se em seguida julgar seu próprio mundo com a ajuda desse falso absoluto”.<sup>107</sup>

Na literatura de viagem do naturalista francês pode ser notada a diferença regional quanto à educação e a instrução. Destarte, observa-se o seguinte trecho, em que se descreve uma suposta ignorância da população de São João Del Rei:

Como esses emigrados portugueses que aumentam sem cessar a população da comarca de Rio das Mortes e sobretudo a de S. João D’El Rei, não receberam nenhuma educação, e como sua ignorância não os impede de gozar, quando enriquecem, dessa consideração que infelizmente se dá aos ricos, eles não pensam em dar instrução aos seus filhos. Os costumes grosseiros favorecidos ainda pelos hábitos rurais, perpetuam-se nas famílias. Observa-se na comarca de Rio das Mortes menos conhecimentos, menos polidez e mesmo menos hospitalidade que nas outras partes da província.<sup>108</sup>

Fortes críticas foram feitas quanto a uma suposta falta de educação e a ignorância dos habitantes de São Del Rey. O naturalista viu os emigrados portugueses como ignorantes e critica o fato destes não terem instruídos seus filhos, mesmo depois de

---

106 Para ver quais foram as províncias percorridas por Saint-Hilaire durante a sua permanência no Brasil, recomenda-se o retorno na introdução deste trabalho.

107 TODOROV, Tzvetan. **Op.cit.** 1993. P.21

108 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** p.1974.

enriquecerem. Em seu ponto de vista, mesmo uma descendência europeia não foi capaz de melhorar os hábitos e costumes dos moradores daquela região.

Vale destacar que Saint-Hilaire percorreu o Brasil a partir de 1816, ou seja, em um momento muito próximo ao fim das invasões napoleônicas na Europa. Logo, alguns vestígios da rixa entre Portugal e França podem ter contribuído para uma crítica mais pesada do autor ao povo português.

O viajante fez duras observações sobre uma suposta ignorância dos moradores de São João Del Rey, que de acordo com seus escritos era a mais ignorante da província. Neste mesmo trecho, observa-se ainda uma crítica aos hábitos rurais e a falta de hospitalidade dos moradores daquela localidade.

Desta maneira, se Saint-Hilaire viu a região do Tijuco como civilizada e ficou fascinado com a educação e a afabilidade de seus moradores; o mesmo não aconteceu quando o viajante entrou em contato com os habitantes da comarca de São João Del Rey, visto como o naturalista classificou a população da região como grosseira e ignorante. De acordo com a sua literatura de viagem é perceptível uma diferença regional muito grande, mesmo porque as populações destas regiões faziam parte da província de Minas Gerais.

Apesar de elogios a população brasileira não serem muito frequentes, eles existiriam na literatura de viagem produzida pelo francês. Assim, ao escrever sobre a administração de Goiás, o naturalista fez uma apanhado geral sobre os brasileiros dizendo que:

Uma das maiores infelicidades que tiveram os brasileiros, após a vinda do rei, consistiu em que passaram a ser governados por homens que desconheciam totalmente a América. Entre os ministros de D.João VI, no Rio de Janeiro, havia homens esclarecidos, mas sua formação política e econômica se fizera em Portugal. Não conheciam do Brasil senão sua capital, no entanto tentaram pôr em prática, num país que diferia totalmente da Europa, ideias que só seriam adequadas a esta. Enganaram-se igualmente a respeito das pessoas e das coisas. Imaginaram que o país fosse rico, e ele é pobre; acreditaram que seus habitantes fossem estúpidos, e eles são inteligentes e têm grande facilidade de aprender as coisas.<sup>109</sup>

Existiu um reconhecimento das qualidades da população brasileira, no entanto, o naturalista não poupou críticas ao governo dizendo que este não conhecia suas populações e as capacidades da mesma. Na parte descrita acima, pode-se afirmar que existiu um afrouxamento no olhar etnocêntrico do francês.

---

109 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.Cit.** 2004. p.171

À luz desse debate, destaca-se também uma espécie de olhar antropológico mais humanizado praticado pelo naturalista. Assim, diferente de outros momentos, Saint-Hilaire ao afirmar, o quanto o Brasil e a Europa são diferentes, adverte que seria necessário reconhecer as demandas e as potencialidades do Brasil e dos brasileiros.

Contudo, em certos casos, o texto de Saint-Hilaire pode se apresentar como contraditório. Logo, deve-se observar que o texto de um viajante pode estar sujeitos a condições externas, as concepções científicas e morais do naturalista. Neste sentido, se os elogios são percebidos quando o autor escreveu que “em toda a província encontrei homens de costumes delicados, cheios de afabilidade e hospitaleiros”.<sup>110</sup> O mau humor e até mesmo a grosseira do naturalista ficaram evidenciados pela utilização de palavras como ignorância e menos instrução.

Em outro momento, quando trabalhava com dados populacionais da então Província de São Paulo, a visão apresentada se deu uma maneira mais crítica e etnocêntrica ao tratar sobre a população brasileira. Saint-Hilaire escreveu que:

Possuímos, sobre a estatística da Província de São Paulo, dados bem mais precisos e numerosos que sobre a de Goiás. Convém esclarecer, porém, que eles estão longe de merecer extrema confiança com que isso é feito na França ou na Alemanha, evidentemente faltam-lhes os meios de que dispomos para torna-los precisos. A preguiça generalizada dos brasileiros, a sua ignorância, que não é menor, principalmente em certas regiões da Província de São Paulo, e a extrema disseminação da população do país são alguns obstáculos que impedem, em particular no que se refere a dados demográficos, a obtenção de informações que não sejam baseadas em cálculos absolutamente falhos.<sup>111</sup>

Se em um outro momento foi afirmado que os brasileiros eram inteligentes e tinham facilidade de aprender as coisas, nesta passagem, uma parte deste mesmo povo, foi chamado de preguiçoso e ignorante. Esta comparação nos permite entender quanto a literatura produzida por um viajante pode ser contraditória e como elogios e críticas podem ser escritos por uma mesma pessoa.

A falta de confiança sobre os dados populacionais na Província de São Paulo pode ser entendida a partir da comparação com o mundo europeu. Assim, o esforço do naturalista para entender as dificuldades e explicar os métodos utilizados no censo brasileiro não deixou de ser uma marca etnocêntrica da sua literatura de viagem.

---

110 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Loc.cit.** 1974.

111 SAINT-HILAIRE, Auguste. **Op.cit.** 1976. P.63.

Outra contradição identificada foi percebida quando o autor afirmou que os governantes portugueses não conheciam a população brasileira. Neste sentido, parece não ter existido um esforço de Saint-Hilaire para compreender como era o trabalho dos censores naquele momento e quais eram os limites de materiais e de recursos impostos aos profissionais do censo.

Ao escrever sobre populações negras e indígenas a marca etnocêntrica e civilizatória de Auguste de Saint-Hilaire fica mais evidenciada. Neste sentido, um olhar antropológico e humanizado cai por terra, mas as contradições ainda continuam a se mostrar em sua literatura de viagem.

Sobre a população de origem africana, segundo Leite, os viajantes poderiam adotar dois tipos de postura no contato com a mesma, “uma, quando se admiravam com a presença de um contingente significativo de africanos e descendentes; e a outra quando os ignoravam totalmente, com isto contornando qualquer dificuldade que pudesse daí advir”.<sup>112</sup>

Na literatura de viagem de Saint-Hilaire, vê-se uma variação regional sobre as populações negras e indígenas. Observa-se ainda que, quando o francês percorreu por determinadas regiões fica notável a presença de grupos afrodescendentes em seus textos de viagem. Já em outras regiões existe uma forte predominância de escritos sobre as populações indígenas.

Segundo Márcia Naxara, frequentemente os viajantes emitiram juízos ambíguos sobre os brasileiros. “Os elogios mesclam-se à críticas, alternando aprovação e admiração por suas habilidades com reprovação pelo que se lê como incapacidade ou inferioridade”.<sup>113</sup>

Dito isso, chama-se atenção para a passagem em que Saint-Hilaire descreveu a situação de negros e mulatos abandonados em São João Del Rey, província de Minas Gerais:

Esses pobres são constituídos por negros e mulatos velhos, aleijados e em más condições para o trabalho. Senhores bárbaros tudo tiram da mocidade de seus escravos, abreviando-a muitas vezes um trabalho forçado e, quando não podem mais tirar partido desses infelizes, desembaraçam-se deles, dando-lhes alforria. Então eles não terão outro recurso que pedir esmola, tornando-se um peso morto para a população.<sup>114</sup>

---

112 LEITE, Ilka Boaventura. **Op.cit.** p.107.

113 NAXARA, Márcia. **Op.cit.** 2000.

114 SAINT-HILAIRE, August de. **Op.cit.** 1978.

Nota-se uma forte crítica a ação dos senhores que aproveitariam o máximo do trabalho de seus escravos, e quando os cativos não estariam mais em condições de serviço os alforriavam. Consequentemente, esta ação era a responsável por lançar os ex-cativos em situação de pobreza nas cidades.

Auguste de Saint-Hilaire realiza um forte juízo de valor; o naturalista deixa bem claro, que na sua opinião, a exploração demasiada do trabalho escravo acompanhado por uma alforria ao ex-cativo, quando este se encontrava velho e doente, era uma prática errônea por parte dos senhores. Contudo, esta observação não pode ser entendida a partir de um viés mais humanizado, já que o naturalista não se colocava contra a prática da escravidão, e se posicionava apenas contra a alforria do escravo que estava velho, doente e sem condições de se sustentar.

Em outro ponto, Saint-Hilaire classifica uma situação como ato de vagabundagem e aponta as medidas tomadas contra as mesmas:

Quando estive no rancho de José Henriques comentavam-se as sábias medidas que o governo vinha de tomar para reprimir a vagabundagem, e as ordens que haviam sido dadas aos comandantes de visar os passaportes dos viajantes que atravessavam as aldeias e cidades. Várias vezes, tentaram, já, diminuir o número de vagabundos (vadios), que são o flagelo da província de Minas; mas o bando de ociosos aparecem a cada dia, favorecidos pela condescendência dos proprietários; quero crer que as ordens dadas ao tempo em que viajei, terão o mesmo resultado que as anteriores; aliás quando passei um ano mais tarde pela província de Minas não se dizia haver menos vadios que antes.<sup>115</sup>

No trecho acima, o vagabundo pode ser entendido como uma pessoa sem ocupação profissional, que se deslocava de um lugar ao outro e vivia de maneira ociosa. Logo, os vagabundos descritos acima podem ser compreendidos como um grupo de pessoas à margem de um processo civilizatório, haja vista que não existiram sugestões filantrópicas destinadas a este grupo.

Nota-se ainda um posicionamento contra uma suposta vagabundagem ao elogiar as medidas tomadas pelo governo, entretanto, o viajante se mostra descrente quanto ao cumprimento dessas medidas, pois percebeu que as mesmas, tomadas um ano antes, não diminuiram o número de vadios. Outro importante ponto mostrado no trecho acima é que a viagem e o conhecimento anteriores teriam feito Saint-Hilaire questionar e a duvidar do funcionamento da lei.

---

115 SAINT-HILAIRE, August de. **Op.cit.** 1974.

Ao descrever e criticar a vagabundagem – em grande parte da população negra - Saint-Hilaire, como já foi dito, não teria proposto ideias para aqueles supostos vagabundos saírem daquela situação na qual se encontravam. Assim sendo, nota-se uma diferença nesta passagem para outras descrições, pois o forte discurso filantrópico e cientificista – praticada em outros momentos - se transformou em uma observação sem esperanças e expectativas.

As expectativas de Auguste de Saint-Hilaire naquele momento teriam se mostrado bem limitadas. Dito em outras palavras, o espaço de experiência vivido em outro momento fez com que o naturalista se mostrasse de uma maneira descrente quanto a um melhor horizonte de expectativas. Observa-se até mesmo um desencantamento com as instituições brasileiras, uma vez que a experiência teria mostrado que as mesmas não funcionavam.

Como já dito em outra ocasião, os escritos sobre populações indígenas na literatura de viagem também foram, por vezes, marcantes e contraditórios. Assim, Saint-Hilaire, na província do Espírito Santo escreveu que:

Quando o índio pede justiça como pode obtê-la? É aos amigos e patrícios de seus adversários que ele é obrigado a dirigir-se, já que os Juizes ordinários de Benevente são exclusivamente portugueses. E ainda, como as queixas de uma raça de homens pobres e sem apoio chegarão até os magistrados superiores, a tão grande distância desses infelizes e, na maioria das vezes surdos à voz dos que se apresentam de mãos vazias?<sup>116</sup>

Diante destes questionamentos foram reconhecidas as dificuldades e a injustiça na qual estavam submetidos os indígenas. Para o naturalista, a burocracia e o sistema de justiça estariam predispostos a servir aos portugueses, mas não existiu – por parte de Saint-Hilaire - uma preocupação em saber quais seriam os valores e as noções de justiça praticados por aqueles grupos indígenas.

Apesar de um certo reconhecimento das injustiças praticadas junto as populações indígenas, o etnocentrismo pode ser percebido a partir de uma noção europeia de justiça. Ainda sobre este mesmo trecho, o raciocínio pode ser entendido de uma maneira circular, uma maneira na qual “de início definem-se os valores absolutos a partir de seus próprios valores pessoais, e finge-se em seguida julgar seu próprio mundo com a ajuda desse falso absoluto”.<sup>117</sup>

---

116 SAINT-HILAIRE, August de. **Op.cit.** 1974. P.32

117 TODOROV, Tzvetan. **Op.cit.** p.24.

Entretanto, se existe uma espécie de compaixão pelas injustiças sofridas pelos índios no trecho apresentado. Na página seguinte, próximo na região do Rio Benevente, Saint-Hilaire escreve que “O que atrasa o progresso da agricultura é o medo dos botocudos, que há 25 ou 30 anos vêm causando danos no território deste distrito”.<sup>118</sup> Neste sentido, o autor teria compreendido o índio como fonte de medo e atraso daquela população.

Em outro trecho Saint-Hilaire afirmou que:

Como tive ocasião de dizer, o caráter desses desvalidos homens da natureza exigiria que fossem tratados com doçura, amor e firmeza, por tutores benévolos e desinteressados, que tivessem sobre eles grande domínio de reflexão e de inteligência. Esses tutores, diga-se a bem da verdade, eles os tiveram nos jesuítas. Entretanto, teriam ressentimento do governo da Companhia de Jesus por estar persuadidos de que ela pretendia destronar o soberano do Brasil e colocar-se em seu lugar, o que a seus olhos era o maior de todos os crimes.<sup>119</sup>

Ao se propor um tratamento dócil e amoroso, o que também se propunha era um domínio e uma integração dos índios a um projeto civilizatório. Assim sendo, os elogios à atuação da Companhia de Jesus e o reconhecimento de um bom trabalho que a mesma realizou junto aos grupos indígenas reforça a ideia de que para Saint-Hilaire “índio bom é índio civilizado”.

Durante a segunda metade do século XVIII e parte do século XIX havia na atmosfera do pensamento europeu uma crença na docilidade e inocência dos índios. Por conseguinte, a proposta de uma tutoria dócil e amorosa junto aos grupos indígenas pode ser reflexo desta atmosfera presente no pensamento ilustrado daquela época.

Mais uma vez, suas críticas foram dirigidas ao governo brasileiro que teria atrapalhado este projeto civilizatório, uma vez que o mesmo dirigiu ações contrárias a atuação da Companhia de Jesus. Entende-se que o horizonte de expectativas não anulava a atuação e a importância da Igreja em um novo projeto civilizatório junto as populações nativas.

A contradição ao tratar de populações pode ser compreendida a partir da análise de narrativas que teriam afirmado a capacidade e a crença nas populações brasileiras; e de outro lado, as críticas aos hábitos e costumes inferiores dessa mesma população.

Durante o contexto do século XIX, a ideia era de “Os índios, portanto, deviam ser duplamente escravos por natureza: por serem fortes, como os servos de Aristóteles, e por

---

118 SAINT-HILAIRE, August de. **Op.cit.** 1974. p.33.

119 **Ibidem**, p.68.

habitarem lugares de clima debilitante: em suma, porque eram robustos e ferozes e porque eram débeis e poltrões.”<sup>120</sup>

Ao escrever sobre negros e índios, Saint-Hilaire deixa uma curiosa incoerência, já que, seus escritos nos sugerem que quando o autor se encontrava distante destas populações, elas eram teriam de ser objeto de cuidado e zelo a partir de um ideal civilizatório. Entretanto, quando a presença física do francês era a mais próxima possível, essa mesma população era fonte de atraso, desprezo e barbárie.

As críticas de Auguste de Saint-Hilaire também foram dirigidas aos membros de “sua raça”. Assim entre São Paulo e Itu foi feita a seguinte narrativa:

Toda a região que eu percorria então tinha sido outrora habitada por numerosos índios. Nós os dizíamos, e os nomes dados por eles às suas moradas são o único traço deixado a terra. É dessa maneira que o fogo, à medida que avança faz desaparecer a relva das savanas. Nossa raça perversa não emprega a sua superioridade sobre as outras raças senão para oprimi-las. Reduzimos os africanos à escravidão, e dentro de poucos anos nada mais restará da raça americana a não ser remotas lembranças.<sup>121</sup>

Chama a atenção, o fato de que para o naturalista francês os indígenas estariam fadados ao desaparecimento por conta da ação violenta praticada pelos membros de “sua raça”. Em sua visão, a única presença perceptível dos nativos em um futuro não muito distante seriam os nomes de origem indígena.

Apesar de uma aparente visão humanitária, o etnocentrismo se mostra fortemente quando o naturalista afirmava que a sua raça era superior; apesar de escrever sobre as mazelas de sua suposta raça, em nenhum momento Saint-Hilaire buscou uma compreensão do outro a partir de sua cultura e de suas vivências. Nessa opinião, o que estava errado não era o fato de sua raça ser superior e a outra inferior, mas sim o fato desta suposta superioridade ser utilizada para o extermínio dos ditos inferiores e não para a educação e um projeto civilizatório dos mesmos.

No contexto do século XIX, acreditava-se que ao se afirmar que as raças eram diferentes, “também crê que umas são superiores às outras, o que implica uma hierarquia única de valores, de um padrão de avaliação com o qual faz julgamentos universais”.<sup>122</sup>

Ainda sobre raças, acreditava-se que “no plano das qualidades físicas, o julgamento de preferência toma facilmente a forma de uma apreciação estética; minha

---

120 GERBI, Antonello. **Op.cit.** p.73.

121 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1976. P.162.

122 TODOROV, Tzventan. **Op.cit.** p.110.

raça é bela, as outras são mais ou menos feias. No plano do espírito, o julgamento refere-se a qualidades tanto intelectuais quanto morais”.<sup>123</sup>

Ao escrever sobre os mestiços da região próxima à Itapetininga, Saint-Hilaire afirmou que:

Parece, entretanto, que sua indolência não permite que plantem mais do que o estritamente necessário para que não morram de fome. Os mestiços são em geral superiores a uma das raças às quais devem sua origem. Assim, os camponeses a que me refiro se acham colocados acima dos índios mas são infinitamente inferiores aos mulatos e até mesmo aos habitantes da parte mais ocidental de Minas Gerais, tão pouco inteligentes e tão apáticos. Estes devem sua estupidez ao isolamento e à ignorância que corre em suas veias. Não existem na região brancos de raça verdadeiramente pura, salvo seus iguais os antigos colonos, o que fez nascer o ódio e constantes desavenças entre eles. Depois de 1820 novas imigrações terão certamente ocorrido, e outras irão ocorrer. Novas misturas irão retemperar a população, e a instrução que o governo provincial procura difundir acabará por tirar o povo da região do estado de semibarbaria em que se acha mergulhado.<sup>124</sup>

Ao observar as populações mestiças, nota-se uma forte condenação do processo de mestiçagem por parte de Auguste de Saint-Hilaire. Neste sentido, o mestiço poderia até ser superior a uma das suas de raças de origem, mais seria inferior a mulatos e a parte mais apática da população mineira. Não obstante, quando se afirma que o mestiço estaria abaixo do mulato, o autor procurou realçar para o seu leitor qual seria o estágio de inferioridade racial encontrado junto as populações mestiças.

À luz deste debate, o naturalista buscava trazer ao seu texto uma explicação da miséria e da apatia daquela região, a partir da análise das populações mestiças que se encontravam localizadas próxima a Itapetininga. A explicação e, conseqüentemente, a condenação da mestiçagem - expostas no texto do naturalista – tinham o respaldo em importantes discursos filosóficos e científicos dos séculos XVIII e XIX.

Na opinião demonstrada, um projeto imigratório que levasse a “raça branca” àquela região, conseqüentemente, levaria também temperança e desenvolvimento. Já o governo ficaria a cargo de difundir a instrução necessária para acabar com um suposto estado de falta de luzes e civilidade que predominava junto aos grupos populacionais daquela região.

Em outro momento, o naturalista, ainda falando sobre a população mestiça da Província de São Paulo, afirmou que:

---

123 **Ibidem**, p.110.

124 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1976. p.208.

O clima da Província de São Paulo não mudou; as outras influencias às quais a nossa raça é submetida nessa província, pelo menos na parte ocidental, também não mudaram. Como se explica, pois, que os mestiços que habitam a região situada entre Sorocaba e os Campos Gerais, oriundos sem dúvida dos antigos Mamelucos, sejam tão diferentes de seus antepassados? Não podemos admitir que eles se tenham degenerado por força dos vários cruzamentos que os fizeram aproximar-se de nossa raça. Não seria mais plausível que os antigos mamelucos se tivessem modificado temporariamente? Esses homens não eram menos apáticos do que os seus descendentes, sendo mesmo provável que o fossem até muito mais, contudo, sentiam-se estimulados pelo exemplo dos brancos, queriam mostrar-se iguais a eles, e através de suas crueldades para com os índios procuravam à vergonha de descender dessa raça proscrita e desprezada.<sup>125</sup>

Buscou-se uma explicação que visava entender uma suposta mudança no comportamento dos mestiços que viviam entre Sorocaba e os Campos Gerais. Sob o ponto de vista do naturalista, o clima não seria o responsável por esta mudança, tendo em vista que membros da raça branca, submetidos a aquele clima e àquelas condições, não mudaram o seu modo de ser.

Entende-se, a partir da literatura de viagem, que a mudança no comportamento dos mestiços foi compreendida pelo estímulo que os mesmos sofreram da raça branca, sendo que este estímulo levou aos mamelucos a sentirem vergonha, desprezo e a tratar com crueldade a raça indígena. À luz dos debates do século XIX, a condenação a mestiçagem pode ser compreendida a partir da exemplificação de que o mestiço foi influenciado pelo que de pior existia na raça branca.

Entre Lorena e Guaratinguetá foram feitas novos escritos sobre a mestiçagem. Segundo Saint-Hilaire:

Entre Lorena e Guaratinguetá o terreno mostra-se me nos uniforme e as matas têm algum vigor, o que se enquadra na regra geral a se estabelecer a respeito da vegetação do Brasil. Desde o lugar de onde partimos até aqui, viam-se muitas casas, à direita e esquerda do caminho. Várias têm um engenho de açúcar, e não existe uma só de dois andares. A maioria as semelha-se às dos mais pobres agrega dos da capitania de Minas. Todas as vezes que lhes deitei os olhos ao inteiro, vi uma rede suspensa e algumas pessoas dentro. O uso da rede, quase desconhecido na capitania de Minas, é muito espalhado na de São Paulo a exemplo dos hábitos dos índios, outrora numerosos nesta região. Já tive muitas vezes a ocasião de notar que, por toda par te onde existiram índios, os europeus, destruindo-os, adotaram vários de seus costumes e lhes tomaram muitas palavras da língua. Se os mineiros têm grande superioridade sobre o resto dos brasileiros, isto provém, certamente, de que pouco se misturaram com os índios.<sup>126</sup>

Inicialmente, nota-se um texto descritivo de caminhos e de vegetação. Os escritos mais críticos começam a partir do momento em que o viajante visualizou os engenhos

---

125 *Ibidem*, p.223.

126 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Op.cit.* 2002. P.81-82.

encontrados naquela localidade e a semelhança destes com os mais pobres da então capitania de Minas Gerais.

Ao observar a utilização das redes de dormir, desenvolve-se mais um raciocínio etnocêntrico e desqualificador das populações indígenas. Para o viajante, o hábito de dormir em redes daqueles paulistas podia ser entendido como herança cultural dos nativos americanos, um vestígio da outrora, presença grandiosa, daquele tipo de população. Não oponente, Saint-Hilaire entendeu que a destruição das populações nativas foi acompanhado pela adoção de certos costumes destes grupos e de algumas palavras de sua língua.

Segundo o francês, o atraso de São Paulo era explicado pela presença da mestiçagem em grande parte das populações da então capitania de São Paulo, conseqüentemente, essa mistura promovia a sobrevivência de costumes e hábitos dos indígenas. Nesta opinião, achava-se que uma suposta superioridade civilizacional dos mineiros era explicada pela pouca mistura destes com as populações indígenas.

A análise de literatura de viagem sobre populações, deve levar em conta condições como: região, tipo de população e projetos do autor. Dessa maneira, um estudo mais detalhado permite ao leitor perceber, simultaneamente, contradições e generalizações contidas nos textos produzidos pelo viajante.

A literatura de viagem permite entender a existência de uma marca etnocêntrica e civilizatória nas narrativas de Auguste de Saint-Hilaire, contudo, não se deve afirmar que a narrativa contenha apenas isso; ela por vezes pode ser contraditória e curiosa. Neste sentido, o texto de viagem pode apresentar elogios e crenças nas capacidades dos brasileiros, ainda que se trate de uma narrativa produzida por um naturalista francês, a partir de uma experiência em terras brasileiras, no período das luzes em que se procurava um ‘conhecimento verdadeiro’ do Brasil.

## **CAPÍTULO 2 – A VIAGEM DE “PÉS NO CHÃO” – SENSIBILIDADES E HUMORES NO “RELATO”**

No contexto científico do século XVIII, o naturalista Georges-Louis Leclerc (conde de Buffon) foi um importante estudioso do continente americano. Suas afirmações foram responsáveis pela construção de fortes imagens sobre o Novo Mundo, suas populações e sua natureza. Contudo, apesar de participar de importantes debates e produzir estudos respeitados, Buffon nunca pisou em terras americanas e pode ser classificado como um naturalista de gabinete.<sup>127</sup>

Naquele contexto, um naturalista de gabinete pode ser entendido como aquele que recebeu o material de seu trabalho em um museu natural ou em algum outro tipo de centro de estudos, e se caracterizou por não ter a viagem como parte do seu trabalho. Nota-se que a atuação dos naturalistas de gabinete foi muito comum até a segunda metade do século XVIII, quando o Iluminismo e novas concepções científicas passaram a adotar a viagem como uma parte do trabalho do naturalista. Entretanto, mesmo com novas visões de mundo e de ciência, encontram-se naturalistas de gabinete ainda na primeira metade do século XIX.

Ao contrário de Buffon, que foi um importante naturalista de gabinete do século XVIII, Saint-Hilaire pode ser entendido como um naturalista-viajante de “pés no chão”, visto que realizou sua viagem predominantemente a pé para coletar suas plantas e fazer seus registros. Conseqüentemente, a sua condição de viajante o fez encantar e também se desgastar com o que foi vivenciado nas terras do Novo Mundo.

### **2.1 – Dificuldades e obstáculos: o outro na narrativa de viagem**

Como dito em outra ocasião, um viajante de “pés no chão” pode ser entendido como aquele que se deslocou de seu local de origem e produziu uma literatura a partir de uma viagem feita, predominante, a pé. Neste quadro, o viajante de “pés no chão” pode ser visto de uma maneira diferente dos viajantes navegadores dos séculos XV e XVI, tendo em vista que estes produziram suas narrativas de viagem sobre um deslocamento que privilegiava a navegação.

---

127 Para um melhor estudo sobre o Conde de Buffon e os debates gerados a partir de suas teses, ver: GERBI, Antonello. **Op. Cit.** 1996.

Ao sair da sua região de origem, um viajante embarcava rumo a um grande desconhecido e por mais que Saint-Hilaire tenha buscado informações sobre o Brasil e os brasileiros foi a viagem que o colocou diante do outro de fato, com suas qualidades ou seus defeitos, com seus vícios e suas virtudes. Dessa forma, o encontro com o outro pode ser entendida como uma característica peculiar do viajante de “pés no chão”.

Sobre as reflexões junto ao outro Tzvetan Todorov afirma que:

Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja a língua e os costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.<sup>128</sup>

A análise da literatura de viagem de Auguste de Saint-Hilaire permite a compreensão de determinadas concepções filosóficas e científicas cristalizadas durante os séculos XVIII e XIX, mas a narrativa de viagem em si pode ser considerada a consequência de uma vivência muito particular. Dessa maneira, se muitos dos viajantes do XIX saíram dos seus locais de origem (cidade, região, país) com determinados conceitos formados, a viagem - com seus encontros, contatos, choques, problemas e desafios - pode ser entendida como uma experiência muito singular na elaboração da literatura de viagem.

Para a realização de sua viagem, Auguste de Saint-Hilaire teve uma comitiva, predominantemente, composta por Yves Prégent (taxidermista francês que veio a falecer em São Del Rey), José Mariano (tocador que com a morte de Prégent assumiu a função de taxidermista), Firmiano (botocudo responsável pela abertura de caminhos), Matias (tocador dos animais da comitiva), Marcelino (tropeiro), Manuel (escravo) e Antoine Laruotte (secretário francês de Saint-Hilaire). Neste quadro, a utilização do termo

---

128 TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América:** a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P.3-4.

predominantemente remete ao fato de que em algumas regiões, alguns membros acabaram sendo incorporados de maneira provisória e outros acabaram abandonando o naturalista por motivos diversos.

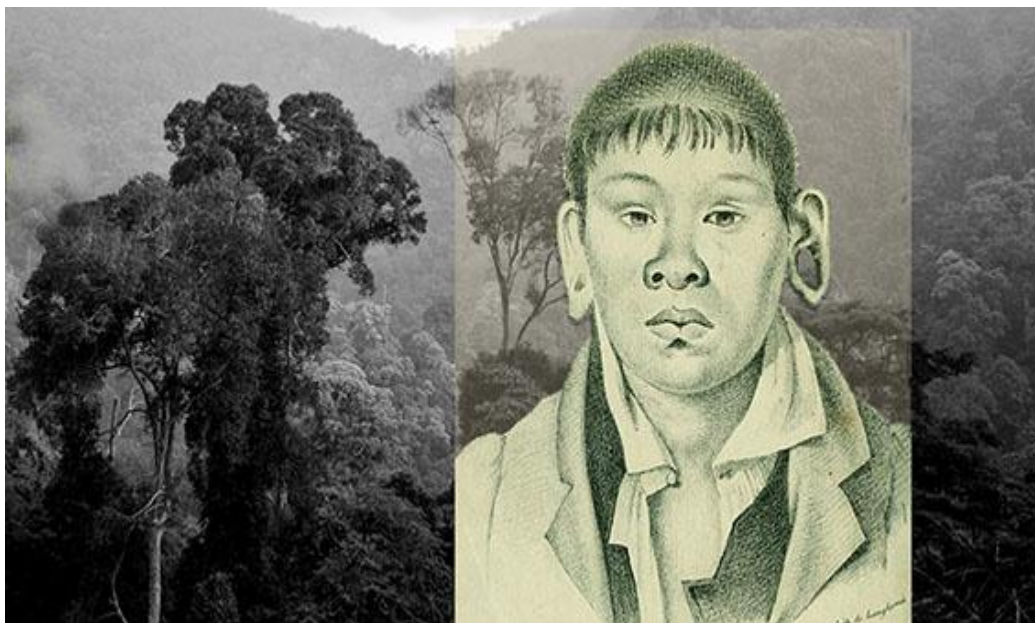


Imagem 3: Botocudo Firmiano, membro da comitiva de Auguste de Saint-Hilaire<sup>129</sup>

As queixas do naturalista sobre os membros de sua comitiva foram feitas dos mais diferentes modos. Em determinados momentos percebe-se críticas individuais aos membros. Já em outros momentos a crítica foi feita ao conjunto de sua comitiva, como esta passagem às margens do Arroio Caotchobaí no Rio Grande do Sul:

Experimento sempre contrariedades devidas aos meus companheiros, apesar de não poder negar que me prestam grandes serviços. Matias é me sempre útil, mas fala-me quase sempre de modo insolente ou não se dá ao trabalho de responder-me as perguntas. Firmiano está mais moleirão, aborrecido e irritante do que nunca; Laruotte não passa de uma criança grande, mal criada; José Mariano não se mostra mal humorado mas tem prazer em contrariar-me e desencorajar-me. Para viver em paz o meu único recurso é manter profundo silêncio, mas torna-se penoso concentrar-me, não podendo conversar um instante com os que me acompanham, e nunca receber uma prova de amizade.<sup>130</sup>

Em outro momento deste trabalho afirmou-se que a literatura produzida por um viajante pode se apresentar de maneiras diversas. Neste trecho, a narrativa se apresentou como um desabafo do naturalista quanto aos supostos defeitos de seus ‘camaradas’, ou

---

128 Disponível: [https://sumidoiro.files.wordpress.com/2013/01/post\\_firmiano-retrato.jpg](https://sumidoiro.files.wordpress.com/2013/01/post_firmiano-retrato.jpg) acessado: 21/03/2019. Autor desconhecido.

130 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1999 p.143

seja, Saint-Hilaire buscou na escrita uma forma de expressar seus sentimentos mais íntimos sobre os membros de sua comitiva.

Ao apresentar as características dos seus companheiros de viagem, nota-se uma contradição inicial na passagem apresentada quando o autor afirma que seus companheiros lhe trazem contrariedades, mas prestam grandes serviços. Percebe-se ainda que o viajante preferiu concentrar o seu texto nas contrariedades que cada um dos membros de sua comitiva o causava.

Ao desabafar sobre os defeitos pessoais e as dificuldades causadas pelos membros de sua comitiva, também foram apresentadas as estratégias para sobreviver a estas condições adversas. Assim, o uso do silêncio como tática teria causado grandes incômodos ao naturalista, uma vez que o mesmo sentia a necessidade de ter alguém para desabafar os seus problemas e procurar uma ajuda para a solução de suas angústias.

Pode-se ter uma ideia do humor e da sensibilidade do viajante, naquela ocasião. Nota-se que esta análise permite entender o que naturalista pensava e escrevia sobre sua comitiva, entretanto, não terá uma ideia do que os membros desta comitiva pensavam sobre o trabalho e a vida com o naturalista francês porque estes não produziram uma narrativa própria sobre a viagem. Sendo assim, qualquer opinião será sempre analisada apenas do ponto de vista de Auguste de Saint-Hilaire.

Uma das razões para estas críticas a sua comitiva podem ser atribuídas a uma perda de um entusiasmo do naturalista francês com a viagem. O mesmo reconhece, em outra passagem ainda pela região do Rio Grande do sul, que “estou mais sensível ao temor é por causa do esgotamento de minhas forças e por que não sou mais sustentado pelo mesmo entusiasmo”.<sup>131</sup> Destarte, o próprio Saint-Hilaire teria reconhecido uma mudança em sua sensibilidade e humor com o desenvolvimento da viagem.

Em outro momento, ressalta-se um novo desentendimento com a comitiva ainda na província do Rio Grande do sul, o autor escreveu que:

Apenas encontrei Firmiano e José Mariano, os quais me disseram terem os soldados ido examinar o caminho que devemos percorrer amanhã. Entretanto, Matias voltou logo, gritando, colérico, que o caminho estava horrível e que a amanhã a carroça será reduzida a cacos. Acrescentou, insolentemente, ser eu o culpado por seguir o conselho de todo mundo menos os dos meus empregados. Como não há outro caminho além desse e o da Serra de São Martinho, há muito abandonados, nenhum conselho teria a pedir. Todavia não respondi isso a Matias, limitando-me a dizer, com o maior sangue frio, que não teria hesitado a seguir-lhe os conselhos caso conhecesse ele esse caminho, mas sendo a primeira vez que vinha a esta região falecia-lhe autoridade para

---

131 *Ibidem*, p. 203.

me aconselhar. Em seguida reanimei-o com vasta dose de aguardente. Amanhã distribuirei dessa bebida a todos os camaradas e em seguida abandonar-me-ei à Providência.<sup>132</sup>

A atitude de Matias, narrada por Saint-Hilaire, nos permite entender, naquele momento, um pouco do ponto de vista de um dos empregados do naturalista naquela comitiva. Neste quadro, Matias parecia se sentir sem vez e sem voz com uma sugestão que não era acatada pelo francês, ainda assim, o naturalista francês teria apresentado justificativas para não seguir o conselho de um dos seus ‘camaradas’.

A narrativa de viagem deixa subentendida que o autor enxergou que aquele momento não era propício para uma resposta carregada de ira e fúria. Já a atitude de distribuir aguardente aos membros de sua comitiva pode ser vista no mínimo como uma maneira diferenciada de controlar os ânimos, uma vez que Saint-Hilaire condenava o consumo excessivo desta bebida.

Em outro momento da narrativa, percebe-se um lamento acompanhado de uma crítica a mudança no comportamento do botocudo Firmiano:

Tenho a lastimar a mudança de conduta de Firmiano, originada já pelos maus exemplos, já pelas chacotas que recebe de José Mariano, e principalmente do negro Manoel. Ele já não é calado; discute e responde grosseiramente; torna-se desonesto, mentiroso e contraria a todo mundo. A opressão exalta e transmuda o caráter. Humilhado revolta-se e arma-se de insuportável mau humor. É tão ignorante que se torna impossível fazê-lo voltar ao bom caminho. Não compreende o quanto será infeliz se eu o abandonar, reconhecendo apenas ser justo que me sirva porque eu o alimento e visto. Seus serviços são tão mal feitos quanto seja possível e ele não me dispensa mais nenhum afeto. Suporto-o por piedade porque se perderá se eu o abandonar e porque espero que ficando só, comigo, voltará ao que era anteriormente.<sup>133</sup>

Percebe-se duras queixas ao comportamento de Firmiano além da utilização de palavras como desonesto e ignorante para reforçar as características negativas do botocudo. Buscou-se compreender também quais foram os motivos que levaram a uma transformação no comportamento do botocudo e acabou-se por atribuir esta mudança ao contato de Firmiano com alguns membros da comitiva. Em seguida, uma marca civilizatória e etnocêntrica, fica evidenciada quando Saint-Hilaire apresenta os motivos pelos quais não poderia abandonar Firmiano. Em nenhum, momento a narrativa nos aponta a existência de um questionamento ao botocudo, quais eram as suas vontades e os

---

132 *Ibidem*, p.163.

133 *Ibidem*, p. 20-21

seus desejos, ou seja, não existiu uma vontade mínima do naturalista em entender o *outro* a partir dos seus anseios.

A relação de Saint-Hilaire com Firmiano também pode ser analisada a partir dos conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativa. Assim sendo, o naturalista colocou expectativas iniciais no botocudo de que se este tivesse contato com o mundo dito civilizado mudaria seu caráter e supostamente se transformaria em uma pessoa melhor. Contudo, observa-se que a experiência do botocudo com os membros da comitiva, segundo os escritos de Saint-Hilaire, o tornaram um ser humano pior e esta piora no comportamento do botocudo acabou por frustrar as expectativas do naturalista.

Durante a última viagem de Saint-Hilaire pelo Brasil, nota-se novamente mais críticas ao comportamento de Firmiano quando este se separou por um instante da comitiva em Santo Antônio do Jacutinga, no Rio de Janeiro:

Torna-se o jovem índio dia a dia mais sombrio, tudo faz de má vontade; passou a ser enfim, sob todos os pontos de vista, o arremedador de José Mariano. Entretanto, e é isto o que me aflige, tornei-me indispensável a ele; abandoná-lo seria condená-lo a uma miséria certa. E não devo esquecer que fui quem o tirou de suas florestas; que até agora não está doutrinado e ainda não batizado. A todos quantos encontrei assinalei-o minuciosamente pedindo-lhes que lhe indicassem o caminho. Minhas esperanças se realizaram e aqui nos reapareceu antes da noite.<sup>134</sup>

Neste ponto de vista, nota-se uma mistura de sentimentos do naturalista quanto ao botocudo. Em um primeiro momento, se descreveu uma mudança de comportamento, provocada pela influência maléfica de José Mariano, que tornava a convivência com Firmiano quase insuportável.

Em seguida, o naturalista, consumido por um sentimento de piedade, acreditava que abandonar o indígena seria condená-lo a miséria. Também percebe-se um sentimento de culpa por parte de Auguste de Saint-Hilaire, pois o mesmo se via como um tutor do índio e o responsável pela sua retirada das florestas.

Em uma outra situação, os problemas narrados se referiam ao taxidermista e arrieiro José Mariano:

Eu havia combinado com o meu arrieiro que passaríamos um dia nas margens do Rio Pardo, a fim de que ele tivesse tempo de caçar alguns papagaios, uma ave que costuma afluir em numerosos bandos às fontes de água mineral próximas desses rio. José tomou a dianteira para ir pedir hospedagem em alguma casa, e quando cheguei ele informou-me de que não havia encontrado nenhum local onde pudéssemos acomodar

---

134 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.**2002.p.15.

nossas coisas. Em vista disso, teríamos de andar mais 1 légua. Essa perspectiva atrapalhou meus planos, e além do mais eu não achava que fosse possível atravessar o rio e alcançar outro ponto de pouso antes da noite. Apresentei minhas objeções nos termos mais cautelosos que consegui arranjar, mas tudo em vão, pois José recusava-se a aceita-las. Concordei então em continuar o caminho. Já agora, porém, ele queria ficar, e no final nossas malas foram descarregadas e colocadas numa casinha habitada por uma pobre viúva, a única habitação que havia nesse lugar. Durante todo o resto da noite José Mariano deu mostras de um mau-humor insuportável, mudando de idéia três ou quatro vezes, ora dizendo que devíamos seguir viagem no dia seguinte, ora que seria melhor ficar ali para caçar papagaios. Tive o cuidado de não irritá-lo ainda mais, pois começava a temer por sua sanidade mental. Ele passava vinte e quatro horas sem comer, mantinha os olhos apenas entreabertos, tinha a tez amarelada e uma aparência intratável. Procurava briga com todo mundo, e se por acaso dirigia alguma palavra amável a uma pessoa era fácil ver que sua atitude era forçada.<sup>135</sup>

O prolongamento da distância percorrida e os prejuízos para os planos de Auguste de Saint-Hilaire são os dois pontos iniciais mais marcantes desta passagem. Inicialmente foi manifestado o desejo de que José Mariano pudesse caçar papagaios naquela região. Neste caso, o autor manifestou uma oposição aos desejos do arrieiro, contudo, ao opor-se, o naturalista teria demonstrado uma calma e um auto controle que tinham por objetivo tornar a sua viagem a mais tranquila possível e transmitir uma calma ao membro de sua comitiva.

Em seguida, compreende-se o quanto o naturalista estaria impressionado com as mudanças de feição do arrieiro chegando até temer pela sanidade mental do mesmo. Infere-se que este temor poderia estar ligado a sua própria segurança. Desse modo, ao passar por aquele tipo de dificuldade, Saint-Hilaire buscou ressaltar o quanto o seu trabalho foi desgastante e o quanto o mesmo se sacrificou para cumprir a sua missão.

Em outro momento, uma atitude de curiosidade dos outros junto a Firmiano levou a uma reação de Saint-Hilaire. Quando o naturalista esteve na Vila de Almeida, localizada na então Província do Espírito Santo escreveu que:

Cada qual queria ver o tapuio; vinham contemplá-lo como se examinassem um animal feroz que, por fim, tivesse encontrado um amo, depois de muita luta, e não ocultavam mesmo o ódio e o desprezo que nesta região a sua raça inspirava. Aborreceu-me tanta importunação e acabei sem paciência, pondo-os porta a fora. Os pobres índios são tão humildes e dóceis que nenhum deles permitiu uma brincadeira ou um murmúrio.<sup>136</sup>

Ao apresentar a situação vivida por Firmiano, percebe-se mais uma dificuldade vivida por um viajante de “pés no chão”, o incômodo causado pelos outros. Neste caso,

---

135 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1976. p.98.

136 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1974. p.105.

não foi o membro de sua comitiva que teria ocasionado o desgaste na viagem, mas aqueles achavam o botocudo exótico e como consequência disso os incomodavam.

A partir da narrativa de viagem, entende-se que a curiosidade despertada por Firmiano junto aos outros não causou a impaciência do mesmo. Assim, ao defender o botocudo daquela situação, Saint-Hilaire aparentou estar mais irritado que Firmiano quanto a ação daqueles curiosos e, tomando essa atitude de ‘proteção’, o naturalista buscou se apresentar como o tutor e protetor do botocudo.

Supõem-se que o francês teria ficado irritado em não ser o centro das atenções. Contudo, esta ideia pode ser refutada quando se analisa um outro momento narrado pelo autor quando este se encontrava na região de Campo Alegre entre Araxá e Paracatu, o naturalista escreveu que:

Instalei-me em Campo Alegre sob um telheiro que ligava dois casebres e não tinha paredes. O lado que dava para o terreiro era fechado por longas estacas. O dia inteiro as mulheres enfiavam o nariz por entre as estacas para observar o que estávamos fazendo, e os homens paravam ali para conversar. Ninguém trabalhava, e a conversa daquela boa gente oferecia tão pouco que seria melhor que ficassem calados.<sup>137</sup>

Desta vez, a presença dos outros o incomodou diretamente, porquanto, neste caso, não era um membro da comitiva que despertava a atenção e a curiosidade, mas a própria presença e o trabalho do viajante-naturalista. Mais uma vez, não existiu um esforço mínimo de explicar a sua situação e entender o *outro*.

A falta de educação e o mau humor de Saint-Hilaire ficam perceptíveis quando o naturalista afirma que “seria melhor que ficassem calados”. Em seu ponto de vista, aquela população atrapalhava o seu trabalho e não contribuía em nada para o desenvolvimento de sua viagem. Não existiu uma preocupação em explicar a aqueles curiosos a importância de seu trabalho e o que fazia naquela região. Infere-se que uma explicação sobre o seu trabalho ou até mesmo um pedido educado de silêncio talvez poderia contribuir para que aquela população se afastasse ou ao menos mudasse o seu comportamento. Nota-se ainda um comportamento arrogante e mal-humorado do viajante, mesmo porque, o que foi apresentado pela narrativa, não se mostra como motivo para tanto desgaste.

---

137 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. p.139.

As dificuldades com os membros da comitiva não se deram apenas pelas discordâncias de opiniões e pelas discussões mais acaloradas. Desse modo, o autor escreveu sobre a morte de Yves Prégent:

Volto agora ao melancólico albergue de S. João del Rei e ao infortunado enfermo entregue aos meus cuidados. Presa de uma dolorosa agitação, ele se voltou para a religião em busca de calma e consolo de que necessitava. Paciente e resignado a partir de então, seus olhos não se afastavam de mim um único instante. Mas a expressão suplicante de seu olhar me dilacerava o coração. Desanimado e vencido pelo cansaço, mandei de volta ao Rio das Mortes o índio Firmiano, que parecia aborrecer-se por ter de participar dos constantes cuidados com o doente e mantive comigo José Mariano, que tinha capacidade para me ajudar. Tinham me dado esperanças, que no entanto não se concretizaram. A 7 de março e foi enterrado, com apreciado decoro, na igreja paroquial de S. João del Rei. <sup>138</sup>

O falecimento de um membro da comitiva não foi uma situação comum durante a viagem de Auguste de Saint-Hilaire. Contudo, esta perda certamente, o abalou profundamente, uma vez que o mesmo escreveu posteriormente que havia emagrecido e mal conseguia manter-se de pé.

A morte de Yves Prégent parece ter influenciado a relação de Saint-Hilare com a região de São João Del Rey. Assim, se em outras regiões da Província de Minas Gerais, o naturalista se sentia mais à vontade e ressaltava as qualidades encontradas junto as populações e costumes de modo geral, em São João Del Rey a sua narrativa, por vezes, foi indelicada e áspera.

Apesar da morte de Prégent, o naturalista não perdeu a determinação em concluir o seu trabalho. Dessa maneira, a necessidade de continuar a viagem e completar suas coleções superaram a angustia e o medo causados pela perda de um membro da comitiva e outras dificuldades de viagem.

Os problemas e as dificuldades apresentadas a partir das narrativas de viagem não se encontraram relacionados apenas aos membros da comitiva. Em outros momentos, estas dificuldades estiveram ligadas a questões relacionadas a hospedagem e aos hospedeiros do naturalista:

Senti muito frio durante a noite e levantei-me de mau-humor, resolvido dar uma boa lição ao meu hospedeiro. Quando ele apareceu e me deu bom dia perguntei-lhe como única resposta se sabia ler, pedindo-lhe que lançasse os olhos sobre minha portaria (passaporte régio). À medida que ele ia lendo eu via seu corpo empertigar-lhe e sua atitude se tornar mais respeitosa. ‘Não lhe mostrei esse papel ontem à tarde’, expliquei quando ele terminou a leitura, ‘porque julgava que uma pessoa de bem não precisasse

---

138 *Ibidem*, p.70.

de uma ordem para abrigar decentemente um viajante que se comporta de modo digno. Quero esclarecer que a pessoa a quem o senhor permitiu que dormisse à sua porta, quando possui uma casa tão espaçosa, é um cavalheiro, honrado pela proteção especial do rei deste país'. E como eu me achasse a par dos negócios do meu hospedeiro, acrescentei a essas palavras uma ameaça que deve tê-lo deixado extremamente preocupado. O pobre homem ficou petrificado. Desmanchou-se em desculpas e ofereceu-me a casa toda. Como único favor pedi-lhe que no futuro recebesse melhor os estrangeiros e fiz questão de pagar as ligeiras refeições que fizera em sua casa. <sup>139</sup>

A péssima noite de sono, causada pelo frio e pelas acomodações ruins ofereceram a coragem necessária para que Saint-Hilaire 'desse uma boa lição' ao seu hospedeiro, pois, na visão do naturalista, o mesmo teria a obrigação de receber viajantes de maneira digna e honrada. Dessa forma, quando foi pedido ao hospedeiro que se recebesse melhor os viajantes que passassem por sua fazenda no futuro, o seu sacrifício de uma noite de sono mal dormida valeria a pena.

Neste quadro, não existiu uma reflexão do naturalista sobre a sua atitude de apresentar a sua portaria após uma noite dormida, haja vista que se o mesmo apresentasse as suas credenciais ao chegar naquela propriedade certamente poderia ter evitado problemas com uma noite de sono mal dormida e acomodações precárias.

Ainda à luz deste debate, quando o hospedeiro pediu desculpas a Saint-Hilaire entende-se que o mesmo reconheceu os seus erros perante o naturalista. Este pedido de desculpas parece não ter o acalmado, pois o mesmo se preocupou em pagar as refeições feitas e não demonstrou nenhuma compaixão e paciência com os lamentos do hospedeiro daquela ocasião.

Mais uma vez a culpa das dificuldades e dos problemas foi atribuída ao *outro*. Diferentemente, do que foi visto anteriormente quando o outro era um membro de sua comitiva, desta vez o outro era o hospedeiro que não teria lhe recebido com as 'honras devidas'. Esta decepção pode ser entendida pelo fato de Saint-Hilaire sempre esperava ser recebido de portas abertas, e sob o seu ponto de vista, uma boa recepção deveria ser uma obrigação a se cumprir junto a um 'mártir da ciência e do progresso'.

Ainda sobre este desabafo, o mesmo também pode ser analisado a partir das ideias de espaço de experiência e horizonte de expectativas. Assim, uma atitude zangada de Saint-Hilaire junto ao hospedeiro foi ocasionada porque suas expectativas de uma acomodação digna não foram atendidas e a experiência de uma péssima noite de sono parece ter alterado os ânimos do autor.

---

139 *Ibidem*, p.76.

Ainda sobre hospedagem, mas em outra localidade, as dificuldades foram outras. Dessa maneira, próximo a Ponte Alta (nas proximidades de São Del Rey), o naturalista escreveu que:

Ao chegarmos a Ponte Alta, José Mariano foi pedir hospedagem à dona da casa e permissão para que nos deixasse guardar a bagagem no engenho de açúcar pertencente à propriedade. Ela recusou o nosso pedido, e fomos metidos num quartinho recém-construído cheios de bichos-de-pé e onde mal nos podíamos mexer. Não obstante, fui obrigado a permanecer dois dias inteiros em Ponte Alta, por causa da chuva, e só parti no quarto dia. Nesse intervalo o dono da casa apareceu e eu fiz a ele comentários bastante ásperos sobre meu alojamento. Ele, porém, me respondeu com tanta simplicidade e me ofereceu seus préstimos de maneira tão amável que logo se dissipou o meu mau humor.<sup>140</sup>

A dificuldade desta vez foi com os bichos-de-pé. Diferentemente da outra narrativa, no qual o autor pareceu ter dormido mal por condições climáticas, desta vez foram os bichos-de-pé os causadores dos problemas encontrados na viagem de “pés no chão”.

Mais uma vez, percebe-se uma grosseria nos modos de Auguste de Saint-Hilaire quando o mesmo afirmou que fez comentários ásperos junto ao dono da casa. Contudo, a simplicidade e os préstimos demonstrados pelo dono do abrigo parecem que contribuíram para melhorar o humor do naturalista.

Desta vez, o pedido de desculpa e a simplicidade do dono da casa parecem ter correspondido as expectativas do viajante. Logo, um comportamento calmo e educado observado junto ao outro parece ter sido uma condição indispensável para que a raiva e o mau humor do naturalista fossem dissipados; e apesar das dificuldades narradas, o *outro* correspondeu as suas perspectivas. Percebe-se também que as dificuldades enfrentadas podem ser entendidas como uma mistura das condições da hospedagem com os humores do viajante em determinadas ocasiões.

No Rio Grande Sul, próximo a Fazenda do Salto, Saint-Hilaire e sua comitiva tiveram um grande desentendimento com o Padre Alexandre (pároco da região), esse desentendimento foi assim registrado:

Pedi-lhe o mais polidamente possível, permissão para passar a noite em sua casa, mas ele recusou-me bruscamente, dizendo não haver lugar, que frequentemente dormia ao relento e que eu podia fazer o mesmo. Insisti, dando-me a conhecer em pura perda. A cada resposta dada mostrava mais insolência. A revoltante ironia que imprimia as suas palavras terminou por esgotar-me a paciência. Não guardando mais respeito algum e

---

140 *Ibidem*, p.93.

afetando chama-lo somente *padre* e *você*, para irritar-lhe o orgulho, critiquei acicamente sua falta de hospitalidade e caridade. Após dar-lhes os nomes mais aviltantes montei novamente a cavalo. Matias ficou para trás e, ouvindo o padre fazer-me grandes ameaças, teve ocasião de dizer-lhe que se fosse preciso mostraríamos não sermos poltrões.<sup>141</sup>

A má recepção ofertada pelo padre junto a comitiva de Saint-Hilaire deixou profundas marcas no mesmo. A necessidade fez com que o viajante perdesse os seus “bons modos” e dispensasse um tratamento cordial junto ao padre. Assim, o que a literatura de viagem nos mostra, é que este religioso devia ser uma pessoa difícil e de pouca empatia pelo *outro*.

Desta vez, Saint-Hilaire deu voz a um membro de sua comitiva, neste caso a Matias. Pode ter contribuído para isso, o fato de Matias responder as ameaças feitas pelo sacerdote, uma vez que o peão da comitiva não deixava que ameaças intimidassem a todos da comitiva e falava por ela quando avisou ao padre que os membros da comitiva não eram pessoas covardes.

Ainda em relação ao encontro/desencontro com o padre, Saint-Hilaire tentou não generalizar aquele comportamento e buscou ser justo na sua emissão de juízos ao afirmar que “eu sabia, dito pelo alferes, que esse homem abusava dos sacramentos e que tendo permissão para realizar batizado em sua fazenda não realizava por menos de 8\$000”.<sup>142</sup> Assim, ao tomar conhecimento desse tipo de prática, o naturalista percebeu que o problema ocasionado pela atitude do padre Alexandre não foi uma exceção, mas sim uma característica de alguém com uma personalidade desprezível.

É possível que Saint-Hilaire não soubesse que o tipo de cobrança realizada pelo pároco não feria aos estatutos da Igreja naquele período. Consequentemente, apesar do juízo de valor negativo emitido pelo viajante, a prática do pároco não possuía nada de ilegal.

Depois do desentendimento com o Padre Alexandre, Saint-Hilaire escreveu um curioso desabafo:

Cumpre notar: os dois únicos homens que me recusaram hospitalidade durante minhas longas viagens foram – um materialista e um padre; mas com a diferença de que fui bem recebido quando o materialista soube quem eu era, enquanto o padre nada se dobrou.<sup>143</sup>

---

141 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1999. p.119.

142 **Ibidem**, p.119.

143 **Ibidem**, Loc.cit.

Entende-se o quão marcante foi a atitude do padre para o viajante francês, mesmo porque o mesmo destacou que em apenas duas oportunidades as hospitalidades não foram boas. Em seu ponto de vista, a atitude do padre foi a mais desprezível, pois o mesmo se mostrava arrogante e em nada atencioso, mesmo quando Saint-Hilaire apresentou sua portaria.

Nas proximidades de São Del Rey, Saint-Hilaire narrou mais dificuldades encontradas com hospedagem. Dessa maneira, o autor escreveu que:

José Mariano tinha chegado antes de mim ao nosso ponto de pousada quando desmontei meu burro ele veio me dizer que o dono da casa se recusava a ceder um quarto, concordando apenas em me alojar no rancho destinado aos viajantes. Como o rancho fosse de uma sujeira atroz e aberto de todos os lados, e além do mais eu desejasse permanecer ali alguns dias, para visitar São João Del Rey, fui procurar o proprietário e lhe supliquei que se mostrasse mais cordato. Mencionei a minha portaria, mas tudo em vão. “Que tenho eu a temer do senhor?”, retrucou-me o homenzinho. “Absolutamente nada”, foi tudo o que pude responder. Isso me deu uma justa idéia da minha posição. As boas maneiras fizeram mais do que a ameaça da portaria. Ele acabou por me ceder um quartinho, onde ficamos todos empilhados de uma maneira absolutamente intolerável.<sup>144</sup>

Desta vez, a portaria foi apresentada antecipadamente, ou seja, antes de ser hospedado em definitivo. Ao fazer isso, o viajante teve a esperança ser mais bem recebido e maneiras mais cordiais do seu hospedeiro, no entanto, pela narrativa, percebe-se que o hospedeiro pouco se importou com a condição de Saint-Hilaire quando este tentou se valer de uma posição de autoridade.

Diferente de outras momentos, Auguste de Saint-Hilaire buscou um melhor entendimento a partir da utilização de boas maneiras. Percebe-se pela narrativa que, em determinados momentos, o naturalista acreditava que as boas maneiras eram uma obrigação dos outros e não dele. Assim, o confronto a sua posição de autoridade acabou por gerar uma mudança na atitude do viajante, e este conquistou o que desejava inicialmente.

A ideia de passar mais dias naquela região pode ter influenciado a esta mudança de comportamento. Ainda assim, a utilização das palavras ‘absolutamente intolerável’ na narrativa de Saint-Hilaire nos mostram a dimensão de seu humor naquele momento.

Na passagem pela Serra da Canastra temos uma outra narrativa das condições nas quais o naturalista foi hospedado. Assim se escreveu que:

---

144 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. p.61-62.

Deram-me por alojamento uma dessas casinhas que compõem em geral sede das fazendas naquela deserta região. Mas achei-a tão suja e desconfortável que pedi um pouco indelicadamente ao pobre velho que me arranjasse outra. Ele realmente não tinha nada melhor para me oferecer. A casinha foi varrida e eu me instalei nela. Não obstante, recei ser visitado à noite pelos porcos, pois a casa não tinha portas e suas paredes eram simplesmente feitas de grandes pedras mal ajustadas umas sobre as outras. Meu idoso hospedeiro convidou-me a partilhar do seu jantar, e eu aproveitei a oportunidade para me penitenciar da minha grosseria anterior tratando com toda consideração.<sup>145</sup>

Se em vários outros momentos Saint-Hilaire não apresentou o nome de seus hospedeiros, desta vez, o viajante não fez o mesmo, ou seja, o acontecimento narrado se deu na fazenda de Manoel Antônio Simões.

Em um primeiro momento desta recepção, o viajante acreditou que o seu hospedeiro o alojava em condições precárias por má vontade. Contudo, logo em seguida Saint-Hilaire entendeu que as péssimas condições ofertadas não eram apenas aos membros de sua comitiva e que o estado no qual aquela fazenda se encontrava não era dos melhores.

O jantar oferecido pelo hospedeiro contribuiu para uma mudança no juízo emitido pelo viajante sobre aquela recepção. Assim, nota-se uma situação que não foi muito comum na literatura de viagem, um momento em que existiu o reconhecimento de uma ação injusta e um olhar que buscou compreender melhor a situação do *outro*.

À luz do par espaço de experiência e horizonte de expectativa, compreende-se que na fazenda de Manoel Antônio Simões as expectativas de melhores acomodações desejadas não foram atendidas. Entretanto, a experiência de uma boa refeição e de uma agradável companhia parecem ter superado as expectativas de uma boa hospedagem, o que conseqüentemente contribuiu para uma narrativa mais dócil, compreensível e amável com o hospedeiro.

Segundo Reinhart Koselleck aquele que acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, se encontra errado. Assim sendo, “Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. Mas quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca. Poderia ter-se informado melhor”.<sup>146</sup>

Em outro momento a narrativa de viagem nos apresenta dificuldades junto a mão-de-obra necessária para uma forma de trabalho. Em São Paulo, Saint-Hilaire escreveu que:

---

145 **Ibidem**, p.109

146 KOSELLECK, Reinhart. **Op.cit.** p.312.

Pelo que todo mundo me disse, e eu próprio comprovei, parece que em nenhum outro lugar, a não ser em São Paulo, existem artesãos tão preguiçosos, tão incorretos e talvez, mesmo, tão pouco honestos. Esses homens não podiam alegar como desculpa, o excesso de calor, mas suas necessidades – como já disse – eram poucas e eles podiam satisfazê-las facilmente, já que o preço dos víveres e dos alugueis era muito baixo. Em sua maioria descendentes dos mamelucos, eles haviam, de resto conservado toda a inconstância da raça indígena, e todos os outros que iam chegando adotavam logo os mesmos costumes. Quando um artesão ganhava algumas patacas (330 réis) ele descansava até que elas acabassem. Eles mal possuíam as ferramentas necessárias ao seu trabalho e quase nunca dispunham de material. Assim, era preciso fornecer o couro ao sapateiro, o pano ao alfaiate, a madeira ao marceneiro. Eles recebiam dinheiro adiantado para a compra desses materiais, mas quase sempre o gastavam com outras coisas e o trabalho não era feito, ou era entregue depois de longo prazo. Se alguém precisava encomendar qualquer coisa a um artesão, tinha de fazê-lo com grande antecipação. Suponhamos, por exemplo, que se tratasse de um trabalho de marcenaria. Antes de tudo era necessário recorrer aos amigos para se conseguir, na mata, a madeira para a obra. Em seguida, era preciso ir centenas de vezes à casa do marceneiro, pressionando-o e ameaçando-o. e no final, muitas vezes não se conseguia nada. Perguntei a um estimável homem estabelecido em São Paulo que de que maneira ele se arranjava quando precisava de um par de sapatos. Ele me respondeu que os encomendava a vários sapateiros ao mesmo tempo. Geralmente sempre havia algum entre eles, que, pressionado pela falta de dinheiro, se dispunha a executar o trabalho. Os oficiais da Guarda Nacional e o próprio ouvidor, apesar de toda a autoridade de que eram revestidos, não conseguiam vencer essa extrema indolência.<sup>147</sup>

Narrativas sobre dificuldades com mão-de-obra não foram muito frequentes na literatura de viagem de Auguste de Saint-Hilaire. Sendo assim, a necessidade imediata do naturalista por uma canastra - caixa para o armazenamento de material coletado - provavelmente o motivou a fazer uma reflexão geral sobre a mão-de-obra encontrada em São Paulo.

Se em outros momentos, principalmente ao falar de populações e raças, a literatura de viagem de Saint-Hilaire se apresentou de uma maneira generalizante, ao escrever sobre as dificuldades de se encontrar mão-de-obra, o texto do naturalista foi mais específico, ou seja, era uma situação típica da Província de São Paulo. Neste quadro, esta narrativa pode ser considerada como um produto de uma mistura de experiências pessoais com relatos de outras pessoas. Mais uma vez buscou-se nas origens indígenas uma explicação para um comportamento errôneo e desleixado.

Observa-se uma dissertação sobre a escassez de matérias-primas e a precariedade das ferramentas dos trabalhadores daquela região e como os mesmos eram descompromissados com o seu trabalho. Dessa forma, o naturalista buscou entender quais

---

147 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op. cit.** 1976. p.146.

foram as estratégias adotadas naquela região quando as pessoas necessitavam de uma mercadoria com mais urgência.

Neste caso, não pode-se afirmar que Saint-Hilaire não entendeu a situação do outro. Dito em outras palavras, a narrativa produzida pelo naturalista pode ser entendida como um fruto de uma experiência ruim junto a um marceneiro que lhe prometeu um bom trabalho e não teve capacidade para cumprir a promessa; esta narrativa foi a consequência de um problema vivenciado junto a um trabalhador de São Paulo que não lhe entregou o trabalho devido.

Em muitas das situações narradas, Auguste de Saint-Hilaire escreveu *sobre* o outro e não *ao* outro. Dessa forma, ao fazer desabaços, demonstrar o seu ponto de vista sobre algumas atitudes tomadas pelos membros da comitiva, escrever sobre ‘as portas que lhe foram fechadas’ ou os maus encontros da viagem; o naturalista provavelmente pensou que essas pessoas jamais leriam a sua literatura de viagem, o que, conseqüentemente, pode ter contribuído para um texto carregado de agressividade e que muitas vezes se aproximou a condição de desabaço sobre os problemas vivenciados.

A partir da análise da literatura de viagem produzida por Auguste de Saint-Hilaire pode se perceber o seu caráter, sua condição de viajante e seus humores. Os contatos e as vivências junto aos *outros* são fatores essenciais para o entendimento de seus trabalhos e escritos. Outra possibilidade que o estudo da literatura de viagem nos oferece é uma pequena dimensão daquilo que o naturalista sofreu para que os seus trabalhos fossem realizados, mas entendendo “que o destinatário é tão responsável pelo conteúdo de um discurso como seu autor”.<sup>148</sup>

## **2.2 – Portas abertas e bons encontros: o prazer da viagem**

Ainda sobre a viagem realizada por Auguste de Saint-Hilaire, se esta apresentou períodos de dificuldades, a mesma também apresentou momentos de descontração e prazer com objetos encontrados, paisagens vistas e sentidas, natureza observada e vivida e bons encontros a partir de portas abertas.

Percebe-se que a viagem não foi marcada somente por dificuldades com a comitiva, maus encontros e expectativas frustradas. A análise da literatura de viagem nos

---

148 TODOROV, Tzvetan. **Op.Cit.** 2003.p.10.

permite entender que Auguste de Saint-Hilaire não esteve em terras brasileiras apenas como um botânico naturalista do século XIX, mas como um ser humano que teve a capacidade de se encantar com o que encontrou e vivenciou nas mais diversas regiões do Brasil.

Não obstante, sobre os tipos de viajante de “pés no chão”, pode-se entender que:

O viajante pode ser um assimilador, aproveitador, turista, impressionista, assimilado, estrangeirista, exilado, alegorista, desencantado ou filósofo. Assimilador, quando evidencia um certo espírito messiânico e interpreta as diferenças como carências diante do seu ideal; aproveitador, quando especula sobre as diferenças do outro para melhor explorá-las em termos mercantis; turista, representado pelo viajante apressado que prefere as coisas a seres humanos; impressionista, que é um turista mais sofisticado, capaz de enxergar os seres humanos somente para desfrutar impressões que lhe produzem; assimilado, quando quer conhecer o outro para parecer-lhe; estrangeirista, que descobre com competência as carências do outro, não desejando ser assimilado; exilado, que considera a vida no exterior como uma experiência de não pertencer; alegorista, que conta sobre um povo estrangeiro para poder discutir seus próprios problemas; desencantado, que viaja para poder elogiar a própria casa; filósofo, que observa as diferenças para descobrir propriedades e que é capaz de denunciar injustiças fora de suas fronteiras.<sup>149</sup>

A análise da literatura de viagem de Saint-Hilaire nos permite enquadrá-lo em alguns destes comportamentos. Para este enquadramento é necessário analisar a sua viagem pelos mais diversos pontos do Brasil e as percepções e juízos emitidos pelo viajante diante de uma multiplicidade de pessoas e objetos encontrados junto aos seus afazeres.

No Espírito Santo, tendo descrito os arredores do convento e Igreja de Nossa Senhora da Penha encontra-se a seguinte passagem:

Para chegar à Igreja, passa-se primeiro por um arco e galga-se depois um caminho ladeado por dois muros, calçado com pedras grandes e chatas e sombreado por copadas árvores. Na extremidade deste caminho, exatamente embaixo do rochedo, encontra-se uma plataforma a qual se ergueu uma construção estreita, baixa e comprida, dividida em pequenos aposentos destinados aos peregrinos que a devoção atrai para a montanha. Desta plataforma se sobe uma escada estreita cortada no rochedo e, alcançando o convento, descortina-se uma vista de imensa extensão. Vêem-se o mar, a parte oriental da baía com suas ilhas, e do lado sul e do sudoeste, em frente ao Morro da Penha, o Monte Moreno, que ao sul da baía forma a ponta mais avançada para o Oceano; entre estas duas montanhas se acha a foz do Ribeirão da Costa, cujas águas, após serpearem por terrenos baixos e arenosos, vizinhos do mar, vão entulhar a baía com as areias que carrega.<sup>150</sup>

---

149 CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Relatos de viagem como fontes à história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. P.18-19.

150 SAINT-HILAIRE, Auguste. **Op.Cit.** 1974. p.114.

Saint-Hilaire esteve no Convento acompanhado pelo capitão mor Francisco Pinto e em um primeiro momento se preocupou com a descrição dos caminhos que os levaram até o alto do convento. Logo em seguida, sua descrição apresenta os elementos paisagísticos e naturais captados por sua visualização a partir do ponto mais alto do convento, mas reconhece que a sua descrição é um “ligeiro esboço” daquela vista.

Em comum com outros elementos e descrições paisagísticas feitas pelo naturalista em outras regiões – e já debatidas em nosso trabalho – é a riqueza de detalhes na qual aquela região foi descrita, sendo que o francês se apega a cada detalhe do mundo natural possível de ser captado por sua sensibilidade.

Diferente de outros momentos, esta descrição surge não em um deslocamento de trabalho do autor entre uma região e outra, pois o mesmo estava no convento não como um naturalista em coleta, mas sim como um viajante curioso por conhecer aquele lugar e ter um momento de descontração e tranquilidade, após o término de suas atividades de trabalho na província do Espírito Santo.

Mais detalhes do Convento foram oferecidos quando o autor escreveu que:

A capela do Convento da Penha é bem pequena, mas muito bonita e bem ornamentada; não pude percorrer detidamente o convento; o que vi, entretanto, me pareceu bastante notável. Os religiosos que nele residem são mandados do Rio de Janeiro por seus superiores; quando de minha viagem, eram apenas dez. Entretanto, a virgem da Penha continua a gozar de grande fama e, de muito longe, principalmente de Campos, lhe enviam oferendas por vezes consideráveis.<sup>151</sup>

Na continuação da descrição sobre a sua ida ao Convento, Saint-Hilaire se deteve nas características do mesmo. A literatura de viagem se concentrou em descrever elementos como tamanho, ornamentação e funcionalidade daquele lugar e ao contrário do elemento paisagístico descrito, o naturalista reconheceu que não pode fazer um percurso muito detalhado, o que, conseqüentemente, também o influenciou na hora da sua descrição do interior do Convento de Nossa Senhora da Penha.

Chama-se a atenção ao fato de Saint-Hilaire não mencionar nenhum dos membros de sua comitiva de viagem e parece que os mesmos não estavam presentes naquele momento. Esta ausência pode ser entendida como um indicativo de um comportamento turístico praticado por Saint-Hilaire, uma vez que o mesmo para descansar teria se desligado de seus ‘camaradas’.

---

151 *Ibidem*, p. 115.

Em Batatais, no interior de São Paulo, descreveu-se outro momento de descontração:

No rancho de Batatais pude entregar-me tranquilamente às minhas ocupações habituais, o que, lamentavelmente, nem sempre acontecia. Quando terminei o meu trabalho, fui dar uma volta pelos campos. O sol acabava de se pôr, e a Natureza inteira estava mergulhada numa calma profunda. Um frescor delicioso pairava no ar, e esse entardecer me fez lembrar os da nossa primavera.<sup>152</sup>

Desta vez, o viajante não se encontra em nenhuma região com atributos especiais, mas percebe-se que o naturalista estava em um momento de paz e reflexão. Já o recurso de humanização da natureza, ao se referir a “calma profunda” daquela região, pode ser entendido mais como uma situação no humor do viajante do que a característica do rancho de Batatais.

Nota-se também que o naturalista se permite passar por uma situação de descanso após finalizar o seu trabalho. Naquele momento de prazer, a beleza do entardecer o levava a recordar o Velho Mundo, o que permite deduzir que a sensação de descanso deve ter sido intensa.

Contudo, a literatura de viagem permite entender que o prazer da viagem e os momentos de descontração e descanso não estiveram fixados apenas em lugares ou contemplação de paisagens. Em um breve momento de descontração, Saint-Hilaire narrou uma situação de prazer vivenciada junto aos membros de sua comitiva:

Esse dia era a véspera da festa de São Luís, celebrada na França, e eu quis comemorá-la, com meus homens em pleno sertão. A vida que eu levava no Brasil, apesar das fadigas e privações por que tinha de passar, agradava-me cada vez mais, e, como já disse, era com certo temor que eu pensava no meu regresso à França. Mas a França é a minha pátria, e lá estavam reunidos todos os objetos de minha afeição. Forçoso era, pois, que eu revivesse um dia. Como poderia eu deixar de me interessar por sua felicidade sem que com isso me desinteressasse da minha própria? Ao chegar a Sapezal indiquei aos meus homens os pontos onde deviam se colocar, e ao anoitecer eles atearam fogo aos pastos que margeiam o riacho junto ao qual ficava localizado o rancho. Em poucos instantes uma chama brilhante estendeu-se em linha reta dos dois lados do córrego. Cada tufo de capim parecia uma tocha, e assim tivemos um espetáculo pirotécnico pouco dispendioso e mil vezes mais bonito do que os que se preparam nas cidades com tanta arte e simetria. Eu tinha trazido comigo, do Rio de Janeiro, um barrilote de aguardente de Portugal, e guardara cuidadosamente uma pequena quantidade de bebida para celebrar a festa. O álcool provocou alegria geral. Marcelino pôs-se a tocar violão e a cantar modinhas, acompanhado por José Mariano. Laruotte valsou com cada um dos dois, e a noite terminou com o jogo-dos-quatrocantos, que os meus ajudantes brasileiros ainda não conheciam e que os divertiu

---

152 SAINT-HILAIRE. **Op.cit.** 1976. p.95

bastante. Esse instante de alegria foi de curta duração. Terríveis aborrecimentos e contrariedades sem número iriam em breve tomar o seu lugar.<sup>153</sup>

Ao promover a comemoração de uma festa francesa em terras brasileiras, compreende-se que – naquele momento - existiu a busca por uma atitude conciliatória entre os dois países, sendo que da França vinha a motivação para se festejar, enquanto o Brasil oferecia o lugar e as pessoas para que esta celebração ocorresse. Percebe-se ainda um sentimento que ultrapassou o campo científico, quando o viajante afirmou que a vida no Brasil o agradava, mas que a França reunia os objetos de sua afeição e isso era mais do que suficiente para justificar o retorno a sua terra natal.

Depois de apresentar suas motivações para celebrar a festa de São Luís em terras brasileiras, descreveu-se quais foram as instruções dadas aos membros de sua comitiva. Existiu uma valorização, por parte do viajante, quando o mesmo comparou a sua festa com aquelas promovidas nas cidades, e compreende-se que suas orientações tornaram aquela comemoração agradável, bela e pouco dispendiosa.

Ainda nesta mesma passagem, observa-se que uma atitude censurada em outras ocasiões foi permitida naquele momento - a distribuição de aguardente para os membros da comitiva. Também foi descrito o comportamento de cada camarada e a felicidade dos mesmos durante aquela noite de comemoração. Por fim, Saint-Hilaire optou por destacar que aquele momento de alegria era uma exceção, e que ele logo seria substituído por situações de aborrecimentos e contrariedades.

A literatura de viagem não nos mostra outros momentos de descontração e prazer vivenciados e compartilhados entre Auguste de Saint-Hilaire e sua comitiva. Sendo assim, a passagem acima nos mostra um raríssimo momento em que existiu - por parte do naturalista - uma preocupação com o bem estar dos seus auxiliares de viagem.

Na casa do capitão-geral de São Paulo João Carlos Augusto d'Oeynhausen, o viajante escreveu que:

Pedi permissão ao capitão-geral para fazer um brinde à união eterna de Portugal e da França. Falei em francês, e o general levantou-se e traduziu para todos as minhas palavras. Bebemos também à saúde do rei Luís XVIII. Em seguida, todo mundo sentou-se, e o general, olhando para mim, fez um brinde em francês em nome da *vitória da boa causa*. Tinha morado em Lisboa e ficara conhecendo vários refugiados franceses ilustres. Conhecia perfeitamente a história de nossa revolução, e até mesmo sabia de cor o jargão utilizado pelo partido chamado de aristocrático. No meio do jantar, um coronel da Guarda Nacional levantou-se e declamou um poema em louvor da rainha. Este homem não era membro da corte. Logo depois fez um elogio ao infante

---

153 SAINT-HILAIRE. **Op.cit.** 1975. p.115.

D.Sebastião e finalmente recitou uma ode aos paulistas. Não consegui apanhar bem o sentido dos versos, mas pelo que pude entender eles pareceram cheio de ênfase que se encontra nas epístolas laudatórias do tempo de Luís XIII, de cujo ridículo os portugueses ainda não se deram conta. Devo declarar, entretanto, que a ode aos paulistas tinha certa originalidade que fazia honra ao poeta. O seu exemplo e o excelente vinho do Porto despertaram a verve dos presentes, e cinco ou seis deles se puseram a improvisar versos em honra do general e de sua mãe. Houve réplicas e trélicas, que se desafiavam, o que vem provar que os versos não tinham sido previamente preparados. A harmonia natural da língua portuguesa e o pequeno número de desinências que a caracterizam tornam, aliás, fácil esse tipo de divertimento. O jantar decorreu em ambiente de jovialidade, mas ao mesmo tempo de decoro, demonstrando os convivas um elevado grau de sociabilidade.<sup>154</sup>

Além de um momento de descontração e prazer junto à mesa, nota-se que Saint-Hilaire estava muito à vontade naquele momento. Uma das evidências dessa descontração foi o fato do viajante usar sua língua materna, de uma maneira muito confortável, para brindar a união entre Portugal e França e ter no capitão geral um tradutor de suas palavras. Naquele momento a utilização da língua francesa reforçava a sua condição de estrangeiro e o fazia se sentir mais perto de sua pátria-mãe, mas não lhe causava embaraços pelo fato de ser um francês em meio a brasileiros.

Mesmo em um momento de descontração, Auguste de Saint-Hilaire não deixa de adotar uma postura crítica mediante aquela situação. Nota-se determinadas críticas a ode entoada pelo coronel da Guarda Nacional, principalmente aquelas recitadas ao rei Luís XIII, contudo, reconheceu também a originalidade e a qualidade da mesma ode quando esta fazia referências aos paulistas.

Ainda sobre este mesmo trecho afirmou-se que a harmonia da língua portuguesa tornava fácil aquele divertimento a partir de réplicas e trélicas. Esta afirmação pode ser entendida como um elogio a nosso idioma, o qual Saint-Hilaire dominava muito bem; além disso, o naturalista não se importou com o fato dessas réplicas e trélicas terem sido feitas de maneira improvisada, pois o mesmo parece ter se divertido com estas improvisações.

Nota-se também a utilização das palavras jovialidade, divertimento, decoro e sociabilidade. Neste sentido, o uso da palavra jovialidade indicava o momento cordial e tranquilo na confraternização promovida por aquelas pessoas; a palavra divertimento indicou o quanto Saint-Hilaire gostou daquele momento, ou seja, o quanto o mesmo se sentiu à vontade naquele lugar; já a utilização das palavras decoro e sociabilidade indicavam o respeito, os bons comportamentos e as boas maneiras daquelas pessoas

---

154 SAINT-HILAIRE. **Op.cit.** 1976.p.143-144.

durante a ocorrência daquele jantar. Não obstante, o viajante realçou que nem o excelente vinho do Porto oferecido naquele momento fez com os convidados perdessem os bons modos.

Os prazeres da viagem não estiveram ligados, somente, à jantares ou as paisagens admiradas. Encontros com estrangeiros também fizeram parte de momentos agradáveis da viagem do naturalista como o encontro com um inglês em São Paulo, que pode ser demonstrado na seguinte passagem:

Quando estive em São Paulo encontrei ali vários ingleses e alguns franceses, mas todos eles um velho conhecido. Tratava-se de um certo Williams Hopkins, criado de Woodford, que este me havia recomendado por ocasião de minha passagem por Lisboa e a quem Duque de Luxemburgo havia concedido permissão, a pedido meu, para nos acompanhar na viagem ao Brasil, a bordo do *Hermione*. Esse excelente homem tinha retomado a São Paulo para rever uma mulher que havia conhecido e com quem afinal se casou. Estabelecera-se ali e exercia agora, com sucesso, a profissão de funileiro. William (Guilherme) e sua mulher acreditavam dever a mim a felicidade de que desfrutavam, e me prestaram com toda boa vontade os modestos serviços que estavam ao seu alcance, esforçando-se por demonstrar-me a sua gratidão. Esse sentimento não é tão comum para que nos esqueçamos facilmente das pessoas que o possuem”.<sup>155</sup>

Em sua estadia na cidade de São Paulo, Saint-Hilaire chamou a atenção para a grande quantidade de europeus que passaram pela cidade. Inclusive, o naturalista escreveu que outros conhecidos viajantes estiveram na cidade em um passado não muito distante.<sup>156</sup>

Apesar de outros importantes europeus terem passado por São Paulo, em momentos não muitos distintos ao naturalista francês, o prazer de sua viagem esteve ligado a um bom encontro, ou neste caso, a um reencontro. De certo modo, o reencontro com Williams Hopkins, um funileiro inglês que Saint-Hilaire conheceu em Lisboa, a gentileza e a gratidão demonstrados pelo mesmo fizeram com que a sensibilidade do viajante se tornasse doce e agradável o que, nesta parte, tornou a sua literatura de viagem um agradável reconhecimento da gratidão demonstrada ao forasteiro inglês.

Em Itu, no interior de São Paulo, percebe-se novos bons encontros que foram descritos da seguinte maneira:

---

155 *Ibidem*, p.144-145.

156 Saint-Hilaire escreve que viajantes como o Conde Pahlen (russo), os naturalistas Spix e Martius (prussianos), John Mawe (mineralogista) também estiveram na cidade de São Paulo em um momento não muito distante. As citações do naturalista francês a outros viajantes nos mostram como Saint-Hilaire não estava desligado daquilo que acontecia no Brasil e como os estrangeiros estavam interessados nos mais diversos aspectos da *antroponatura* brasileira durante a primeira metade do século XIX.

Tão logo minha bagagem foi descarregada, recebi a visita de um capitão da Guarda Nacional, enviado pelo capitão-mor para me apresentar os seus cumprimentos e indagar se eu precisava de alguma coisa. Depois de ter analisado as plantas que havia recolhido durante a jornada, saí em companhia do capitão para dar um passeio pela cidade e ver o que havia de interessante nela. Aproveitei para fazer uma visita ao capitão mor que me recebeu com uma cortesia exagerada, já há muito tempo em desuso no norte da Europa mas que os portugueses ainda insistem em conservar. O ouvidor da comarca, a quem visitei, recebeu-me com grandes mostras de consideração, e quando voltei a encontra-lo mais tarde, em Sorocaba, ele me cumulou de gentilezas”.<sup>157</sup>

Este bom encontro surgiu após uma gentileza ao fim de um dia de trabalho, de maneira que, a boa educação apresentada pelo capitão-mor correspondeu às expectativas de Saint-Hilaire, pois o mesmo vinha de um longo dia de coleta de plantas. Observa-se que a recepção ao naturalista poderia variar muito, sendo que uma boa recepção tornava a sua literatura de viagem um agradecimento a aqueles que lhe receberam de portas abertas, tendo em vista que isso nem sempre acontecia.

Já o passeio pela cidade só foi realizado após encerramento do dia de trabalho. Desse modo, o autor deixava subentendido que o momento de lazer e descontração sempre vinha depois da obrigação, ou seja, só era possível conhecer e explorar uma determinada cidade ou um determinado lugar depois que o trabalho de coleta fosse finalizado.

Também foram feitas observações sobre costumes que estavam em desuso naquele momento e diferentemente do bom encontro ocorrido na cidade de São Paulo, em Itu eram brasileiros que deixavam Saint-Hilaire à vontade. Entretanto, diferente do encontro ocorrido em São Paulo, não foram citados os nomes e sobrenomes das pessoas que lhe ofertaram atenção sendo divulgadas apenas as suas profissões.

Na província de Minas Gerais na região do antigo Arraial do Tijuco, Saint-Hilaire escreveu sobre a boa recepção encontrada da seguinte forma:

Colocou-se em Chapada um deslocamento de cavalaria tirado do Regimento das Minas e comandado por um cabo. Este posto é encarregado de inspecionar os viajantes e impedir o contrabando dos diamantes. Fui recebido pelo cabo, para o qual trazia uma carta de recomendação; ele hospedou-me, nutriu-me e à minha gente e os militares do posto tiveram para comigo toda a sorte de atenções. Em geral no tocante à polidez não é demais fazer o elogio dos soldados do regimento de Minas. Todas as vezes que me encontrei com alguns deles, deparei modos extremamente delicados e

---

157 SAINT-HILAIRE. **Op.cit.** 1976. p.165-166.

de todo diferentes dessa rusticidade grosseira que caracteriza frequentemente o soldado europeu.<sup>158</sup>

As anotações acima iniciaram-se com a análise do funcionamento de um corpo burocrático que era responsável pela fiscalização de viajantes. Em seguida, o viajante francês escreve que apresentou sua carta de recomendação ao cabo responsável por aquele regimento e destacou o respeito e a atenção que o soldado ofereceu a toda sua comitiva.

Como já foi visto anteriormente, nem sempre Saint-Hilaire apresentava suas credenciais nas regiões em que chegava, o que, em determinados momentos, lhe causou sérios embaraços e constrangimentos. Outro ponto já trabalhado foi o de que nem sempre as suas credenciais lhe garantiam uma boa recepção, o que por vezes teria o irritado. Entretanto, nesta passagem, nota-se que a apresentação foi específica ao cabo, o qual também não teve seu nome citado, mas que recebeu a todos de sua comitiva com as ‘devidas honras’.

Outro fato que nos chama a atenção foi a comparação entre os soldados do regimento de Minas com os europeus. Assim, ao compará-los aos europeus buscou-se ressaltar como os soldados mineiros eram bem educados e delicados, características estas não encontradas nos soldados do Velho Mundo.

Em Sabará, Saint-Hilaire escreveu sobre a sua hospedagem na casa do Juiz de Fora da região:

Hospedei-me, na capital da comarca do Rio das Velhas, em casa do Sr. José Teixeira, então juiz-de-fora, e intendente ou inspetor do ouro. Fui acolhido perfeitamente. O Sr. Teixeira era um homem de 40 e poucos anos, rico e de semblante muito agradável. Nascido em Minas, fizera seus estudos em Coimbra e tinha conversação atraente. Era impossível desfrutar melhor reputação que a do Sr. José Teixeira; por toda parte onde o conheciam gabavam-lhe as qualidades, sua humanidade, seu desinteresse, sua candura, seu amor pela justiça, sua competência e seu amor à pátria.<sup>159</sup>

Mais uma vez, o viajante encontrou as portas abertas e rendeu-se agradecimentos a acolhida. Desta vez, a ênfase foi dada a quem o acolheu sendo que o nome do juiz José Teixeira foi colocado na literatura de viagem, também foi feito um breve apanhado histórico daquele que o recebia.

O naturalista também reforçou que José Teixeira era um homem rico, formado em Coimbra e tinha por volta de 40 anos. Percebe-se ainda como o autor geralmente se sentia

---

158 SAINT-HILAIRE. *Op.cit.* 1974. p.24-25.

159 *Ibidem*, p.77.

à vontade mediante a determinados tipos de autoridade e as tratava com muito respeito, um respeito que não rendeu muitas vezes aos membros de sua comitiva. Outro ponto de destaque era que Saint-Hilaire, na maioria das vezes, não convivia muito tempo com estas pessoas e isso pode ter influenciado em escritos que ressaltavam a qualidade destes homens.

Outro ponto - nesta parte da literatura de viagem - foi a utilização de palavras como humanidade, desinteresse, candura, competência e amor à pátria para definir as supostas boas qualidades do juiz-de-fora de Sabará. Compreende-se que Saint-Hilaire utilizou a referência aos outros para confirmar que Teixeira possuía essas qualidades e para mostrar que seus escritos eram dignos de confiança.

Quando estive no Rio Grande do Sul, em Boa Vista, Saint-Hilaire descreve um bom encontro junto ao Senhor Gavet, um compatriota chefe de um curtume regional. Sobre este encontro o naturalista escreveu:

Ainda bem não tinha entrado e nos puzemos, eu e o Sr. Gavet, a falar a respeito de nossa pátria. O Sr. Gavet, que apenas um ano veio de França, poz-me a par de inúmeros fatos que eu absolutamente ignorava. As minhas perguntas demonstravam tal alheamento do que se passava desde há 4 anos em nossa terra que meu interlocutor ficava estupefato.<sup>160</sup>

O encontro com um compatriota e as notícias da França parecem ter deixado Saint-Hilaire muito à vontade durante aquela ocasião. Este encontro demonstrava o quanto era difícil para um viajante obter atualizações, naquela época, sobre sua terra natal e o quanto o naturalista estava distante dos eventos ocorridos no Velho Mundo.

Infere-se aqui que o ‘alheamento’ de Saint-Hilaire, provavelmente, não foi proposital, pois, a análise de sua literatura de viagem, permite perceber que o mesmo era muito ligado a sua terra natal. Esta falta de notícias parecia estar muito mais ligada as suas condições de trabalho e as dificuldades impostas por conta dessas condições; e, um agradável encontro com um compatriota, se mostrava como uma ótima possibilidade de sentir mais próximo a França.

Na cidade de Congonhas do Campo - em Minas Gerais – foram realizadas observações sobre as características da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, sobre este santuário o autor escreveu:

---

160 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1999. p.25.

Está visto que eu não deixaria Congonhas sem ir visitar a igreja de N.S. Bom Jesus de Matosinhos, que é, para esta região, como observa Lucock o que é para a Itália a N. Senhora de Loreto. Essa igreja foi construída no cume de um morro, no meio de um terraço pavimentado de largas pedras e circundado por um muro de arrimo. Diante dela colocaram sobre os muros da escadaria e sobre o terraço, estátuas de pedra representando os profetas. Essas estátuas não são obras primas, sem dúvida; mas observa-se no modo pelo qual foram esculpidas qualquer cousa de grandioso, o que prova no artista um talento natural muito pronunciado. Elas são devidas a um homem que residia em Vila Rica e que demonstrou desde sua infância, uma grande vocação pela escultura. Muito jovem ainda, disseram-me, ele resolveu tomar não sei que espécie de bebida com a intenção de dar mais vivacidade e elevação a seu espírito; mas perdeu o uso de suas extremidades. Entretanto prosseguiu no exercício de sua arte; ele fazia prender as ferramentas na extremidade do antebraço e foi assim que fez as estátuas da igreja de Matosinhos.<sup>161</sup>

Ao visitar a Igreja, o viajante fez observações detalhadas sobre as obras de arte ali encontradas e não se concentrou nas paisagens ao redor, como havia feito no Convento da Penha. Pode-se observar um certo comportamento turístico nesta passagem, uma vez que o mesmo se deteve detalhadamente nos objetos encontrados e, para situar o seu leitor europeu, o francês se valeu da aproximação feita pelo comerciante inglês John Lucock entre a Igreja brasileira e aquela encontrada na Itália.

Após descrever a localização da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, Auguste de Saint-Hilaire afirmou que as representações dos profetas esculpidos naquela Igreja, não eram obras primas. Entretanto, também não existiu uma escrita rude e mal educada com o escultor responsável por aquele trabalho, pois o viajante foi capaz de reconhecer a grandiosidade daquela manifestação artística e o talento de que a esculpiu.

Procurou-se entender quais eram as origens do responsável por aquela obra, que atualmente é atribuída a Antônio Francisco Lisboa (o aleijadinho). Observa-se que, para afirmar sobre uma doença sofrida pelo escultor daquelas estátuas, o viajante não consultou livros, manuais ou outros materiais mais confiáveis e deixou se levar pelo “ouvi dizer”, adotando assim, uma atitude nada científica naquele momento, o que reforça a sua condição turística naquela ocasião.

A descrição da Igreja continuou com as seguintes palavras:

Essa Igreja é pequena, mas rica, conservada limpa e ornada de um grande número de quadros feitos em Vila Rica, dos quais denotam felizes inclinações para a pintura. A imagem que constitui objeto de veneração dos devotos foi colocado no interior do altar-mor, e representa Jesus Cristo morto. Beijam-se os pés dessa imagem para merecer indulgências; depois depositam-se esmolas. Acima do altar elevam-se pequenos degraus ornados de pequenas figuras de anjos segurando castiçais, sendo que alguns têm os cabelos ridiculamente levantados em topete. A sacristia é grande e

---

161 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1974. p.92.

muito bonita. De um dos lados do templo existe uma casa chamada “casa dos milagres”. Onde se acham reunidas em uma grande sala uma tão prodigiosa quantidade de oferendas e membros de cera, que não cabe mais nada. Enfim atrás da igreja vêem-se duas construções compridas, colocadas em frente uma da outra e que são destinadas a abrigar peregrinos e confrades estrangeiros.<sup>162</sup>

Ao continuar suas observações sobre a Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, apesar de não ser científico, Saint-Hilaire não deixa de ser criterioso na apresentação e descrição dos detalhes. Chamou-se a atenção para o estado de conservação e limpeza daquela Igreja, além da origem e da beleza contida nas pinturas que se encontravam dentro do templo religioso.

O viajante parece ter se impressionado com a devoção do povo junto à imagem de Jesus contida no altar-mor da Igreja, sendo que o fato de compartilhar a fé católica pode ter contribuído para que não fossem realizadas críticas a aquela prática devocional. Entretanto, a falta de espaço e as condições em que estavam a denominada “casa dos milagres”, parece não ter agradado ao viajante.

Desta vez, Saint-Hilaire ficou atento aos lugares próximos a Igreja. Ao se atentar para estes lugares narrou a importância das construções próximas a Igreja de Bom Jesus de Matosinhos e a utilidade dos mesmos para peregrinos e confrades estrangeiros. Observa-se assim, um comportamento turístico típico que privilegia lugares ao invés de pessoas.

No caminho entre São João Del Rey e o Rio de Janeiro, Saint-Hilaire produziu uma narrativa assim registrada:

Comecei a descer, e logo o mais majestoso espetáculo se ofereceu aos meus olhos. Ao redor de mim altas montanhas, cobertas de espessas florestas, dispunham-se em semicírculo. Abaixo da cadeia minha vista mergulhava-se numa imensa extensão de colinas onde as matas são entremeadas de plantações; à esquerda avistei quase toda a Baía do Rio de Janeiro e uma parte das ilhas; enfim, à entrada da baía via a montanha pitoresca chamada Pão de Açúcar e, apesar de não poder distinguir a cidade reconhecia sem dificuldade o ponto onde se acha situada. O céu mais brilhante e os efeitos de luz mais variados aumentavam a beleza dessa vista imensa. Não pude, confesso, contemplá-la sem profunda emoção. Após tão longa viagem, tantas canseiras e privações, revia o porto onde um dia eu devia embarcar para França; as duas mil léguas que me separavam da pátria podiam ser transpostas em menos tempo que o que empreguei em percorrer a Província de Minas e, se me decidisse a prolongar meu exílio, iria ao menos ter prazer indizível de receber notícias de minha família e de minha pátria.<sup>163</sup>

---

162 *Ibidem*, p.92-93.

163 *Ibidem*, 124.

Inicialmente, observa-se uma romântica descrição paisagística, na qual o viajante registrou cada detalhe compreendido por seu campo visual. Não obstante, a utilização da palavra espetáculo traz uma dimensão possível da sensibilidade e do prazer vivenciados pelo viajante diante daquele conjunto paisagístico.

Saint-Hilaire identificou detalhes na paisagem como, florestas e montanhas, que tinham suas belezas reforçadas pelo azul do céu daquele momento. Desse modo, as condições do tempo acabaram por favorecer a atitude contemplativa, pois o azul do céu tornava todo aquele cenário mais belo e digno de contemplação; e também tornava aquela viagem mais prazerosa e agradável.

O autor faz uso de palavras como canseiras e privações. Ao fazer a utilização destas palavras, Saint-Hilaire destacou a dificuldade no exercício de seu trabalho e que depois dessa dificuldade era merecido um descanso e um reconhecimento pela realização do mesmo.

Esta passagem poderia ser trabalhada no item sobre paisagens, contudo, destaca-se aqui é que as descrições paisagísticas foram complementadas pelas memórias e expectativas do viajante junto a sua terra natal. Dito em outras palavras, aquela paisagem e a futura chegada ao Rio de Janeiro se constituíam como parte de um caminho que deixava Saint-Hilaire mais próximo da França, mesmo que afetivamente, pois o viajante receberia notícias de seus familiares e de sua terra natal.

A utilização da palavra exílio por parte do autor parece não tomar o mesmo significado dos dias atuais. Ao utilizar essa palavra, o naturalista parece ter entendido o exílio como uma viagem a trabalho realizado em terras distantes e não como uma perseguição política que o impedia de voltar a sua pátria, de tal modo que Saint-Hilaire nos passa a noção de que exílio era estar distante de seu país natal.

Na Serra da Canastra, Minas Gerais, atenta-se uma grandiosa descrição daquilo que era capitado por sua sensibilidade. Assim o viajante escreveu:

Embrenhamo-nos na mata e dentro em pouco começamos a ouvir o barulho da cachoeira. Pelas informações que me tinham dado havia poucos instantes, eu sabia que ela se despencava do lado meridional da Serra da Canastra. De repente avistei o seu começo e logo em seguida pude vê-la em toda a sua extensão, ou pelo menos o máximo que podia ser visto do ponto onde nos achávamos. O espetáculo arrancou de José Mariano e de mim um grito de admiração. O ponto onde a água cai há uma depressão no cume do paredão de rochas, formando um sulco largo e profundo que vai descendo em ziguezague até uns dois terços da altura da pedreira, segundo nos pareceu. De um ponto ainda bastante elevado, onde termina a fenda, despeja-se majestosamente uma cortina de água, cujo volume é maior em um dos lados. O terreno que se estende abaixo da cascata é bastante irregular, e um outeiro coberto de

verdejante relva esconde a parte inferior da cortina de água. Do lado direito desce até ela uma mata de um verde sombrio. É essa a nascente do S. Francisco.<sup>164</sup>

Saint-Hilaire descreve a Cachoeira Casca d'Anta a partir da casa do lavrador Felisberto. O viajante ficou tão extasiado com aquilo que lhe era oferecido as vistas, que exprimiu sua euforia a partir de um grito – compartilhado por José Mariano – quando avistou aquele conjunto paisagístico que têm na cachoeira o seu principal ponto de referência.

Como trabalhado anteriormente, os membros da comitiva não eram muito lembrados ou citados durante os momentos de descontração e lazer vividos por Saint-Hilaire em terras brasileiras. Contudo, a descrição que o naturalista fez daquele momento vivenciado parece ter sido tão marcante que o francês não se importava em compartilhar da atitude de um membro de sua comitiva, o que não aconteceu com frequência.

Ainda naquela região, Saint-Hilaire afirmou que “À noite, a luz de um luar soberbo me permitiu distinguir todas as coisas, as coisas, com a cachoeira refletindo o clarão do fogo que devorava o pasto vizinho”.<sup>165</sup> Assim, se em outros momentos e em outras ocasiões, as queimadas eram fonte de lamentação e crítica, neste ponto, ela se ofereceu como um objeto complementar que tornava aquela paisagem mais atrativa e bela.

Outro importante ponto - nesta passagem pela Serra da Canastra - foi o fato do viajante não ter se importado com as condições de sua recepção, sobre isso o francês escreveu que:

Meu hospedeiro oferecera-se para me levar até ao pé da queda de água que tem o nome de Cachoeira Casca d'Anta, mas suas ocupações impediram-me de fazer isso. Em troca, arranjou-me como guia o seu sogro, Manuel Lopes, que morava a uma distância de meia légua de sua casa. Ao despedir-me de Felisberto tentei fazer com que acetasse algum dinheiro, mas meus esforços foram vãos. Durante o tempo que permaneci na sua casa, esse homem mostrou uma bondade, uma tranquilidade de espírito, uma resignação à vontade divina e uma paciência em suportar a pobreza que só são encontradas atualmente longe das cidades. Felisberto, se ainda está vivo, já não deve mais se lembrar do estrangeiro que um dia foi lhe pedir abrigo. Quanto a mim, ainda o vejo sentado num banco de madeira, num cômodo escuro e sem móveis, e me parece ouvi-lo contar com calma as afrontas e vexames que tinha sido vítima. Os exemplos de honestidade e de virtude não são tão comuns para que possamos esquecê-los facilmente.<sup>166</sup>

---

164 SAINT HILAIRE, Auguste de. **Op. cit.** 2004. p.103.

165 **Ibidem**, loc.cit.

166 **Ibidem**, p.104-105.

A literatura de viagem chama a atenção para o fato de que esses hospedeiros eram pessoas mais simples e que viviam em uma situação de pobreza, mas que isso não se apresentou como um obstáculo para um afeto e uma atenção ofertada, poucas vezes encontrado pelo viajante francês em terras brasileiras. Também, afirma-se que em outros momentos, Saint-Hilaire encontrou ‘portas abertas’ por autoridades com status e algum poder, sendo que o viajante se sentia muito bem acolhido por essas autoridades, o que diferenciou ainda mais o momento vivenciado na Serra da Mantiqueira.

A utilização de adjetivos como bondade, tranquilidade de espírito e paciência, por parte do autor - para definir o caráter de Felisberto - mostram uma dimensão do agradecimento do viajante aos seu hospedeiro. Além disso, o fato de Felisberto não ter aceitado nenhum pagamento pela recepção de Saint-Hilaire e sua comitiva foi outro fator que aumentou a admiração sentida pelo viajante.

Em nenhum outro momento, a literatura de viagem mostra que o autor imaginou como estariam as pessoas que o hospedaram, ou seja, o naturalista se lembrava das vivências junto a elas, mas não imaginava como as mesmas poderiam estar no momento da escrita. Sendo assim, a maneira singular do resgate de memórias e atitude de imaginar como estaria Felisberto nos dias de sua escrita nos mostra como as vivências na Serra da Canastra foram marcantes para o viajante.

Saint-Hilaire também apresentou uma justificativa para esta longa descrição e para as motivações de nunca ter esquecido de Felisberto quando afirma que ‘exemplos de honestidade e de virtude não são tão comuns para que possamos esquecê-los facilmente’. Pode-se inferir que o encontro de uma paisagem perfeita composto por um lugar de pessoas honestas deixou lembranças profundas e agradáveis junto ao naturalista.

Ainda sobre a Serra da Canastra, Saint-Hilaire continuou a sua descrição sobre a passagem naquelas terras. Desta vez, o viajante naturalista escreve como ocorreu sua aproximação junto a Cachoeira Casca D’Anta:

A casa de Felisberto ficava distante da queda de água mais de um quarto de légua, e de lá eu só conseguia vê-la de maneira imprecisa. Vou descrevê-la tal como apareceu aos meus olhos, quando dela me aproximei o máximo que era possível. Acima dela vê-se, como já disse, uma larga fenda na rocha. No ponto caem as águas as pedras formam uma concavidade pouco pronunciada. Da casa de Felisberto a cachoeira me pareceu ter apenas um terço da altura das rochas, mas após tê-la observado de diversos ângulos creio poder afirmar que sua extensão é de dois terços dessa altura. Não a medi, mas de acordo com o cálculo provavelmente bastante preciso de Eschwege, ela deve ter uns 203 metros, aproximadamente. Ela não se precipita das rochas com violência, exibindo, pelo contrário, um belo lençol de água branca e espumosa que se expande lentamente e parece formado por grandes flocos de neve. As águas caem numa bacia semicircular, rodeada de pedras amontoadas desordenadamente, de onde descem por

uma encosta escarpada para formar o famoso Rio S. Francisco, que tem quase 700 léguas de extensão e recebe uma infinidade de outros rios.<sup>167</sup>

Após sair da casa de Felisberto e aproximar-se da Cachoeira Casca d'Anta, Saint-Hilaire se valeu de uma rica escrita para descrever, o que até então, só havia observado de longe. Como realizado em outras partes da sua literatura de viagem, que o francês buscou ser atencioso aos mais diversos aspectos observados. O fato de adotar uma atitude mais detalhista pode ser entendida também como uma justificativa para que o viajante se aproximasse daquela cachoeira a 'explorando' sob os mais diversos ângulos.

As citações ao Barão de Eschwege, a respeito da altura da cachoeira, podem ser entendidas como uma tentativa de fornecer uma informação confiável ao seu leitor. Ao não medir a altura da Casca D'Anta o naturalista poupava este trabalho o que, por consequência, lhe deixava mais livre para admirar aquele lugar. Ainda assim, na opinião do autor, a informação dada ao leitor era a de outro viajante digno de credibilidade e honra.<sup>168</sup>

Apesar de criterioso na descrição, pode se observar um comportamento turístico de Saint-Hilaire ao aproximar-se da Casca D'Anta, pois, neste sentido, a aproximação demonstrava um comportamento de um turista curioso para explorar boa parte da região da Mantiqueira.

Para finalizar a sua passagem pela Serra da Mantiqueira, Saint-Hilaire faz um apanhado geral em que escreve:

Para se ter uma ideia de como é fascinante a paisagem ali, o leitor deve imaginar estar vendo em conjunto tudo o que a Natureza tem de mais encantador: um céu de um azul puríssimo, montanhas coroadas de rochas, uma cachoeira majestosa, águas de uma limpidez sem par, o verde cintilante das folhagens e, finalmente, as matas virgens, que exibem todos os tipos de vegetação tropical.<sup>169</sup>

Na passagem pela Mantiqueira, compreende-se que o naturalista teve o seu horizonte de expectativas muito bem atendido, uma vez que naquela região foram encontradas portas abertas aliadas a uma paisagem exuberante. Dessa maneira, a união

---

167 **Ibidem**, p.104.

168 Atualmente sabe-se que a altura da queda d'água da Cachoeira Casca D'Anta é 186 metros e apesar de não medir com exatidão, as informações oferecidas pelo Barão de Eschwege e reproduzidas por Saint-Hilaire estiveram muito próximas a realidade. Para mais informações sobre a Cachoeira Casca D'Anta ver: <https://nascentesdasgerais.webnode.com.br/products/cachoeira-casca-danta-na-serra-da-canastra-mg/> acessado em 17/03/2018.

169 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. p.105.

destes elementos tornou a literatura de viagem, nesta passagem, um escrito dócil e até mesmo saudosista quanto a *antroponatura* ali encontrada.

A passagem pela Mantiqueira tornou a literatura de viagem um texto romântico, no qual o viajante convidou o seu leitor a imaginar o quão prazeroso foi a passagem por aquelas terras. Ao propor uma reflexão imaginativa ao leitor, Saint-Hilaire não deixava de ser o naturalista metódico e preocupado com o andamento de suas coletas, mas mostrava uma sensibilidade que ia além do científico e que sua viagem também poderia lhe proporcionar bons encontros, fascínio e encantamento com aquilo que foi descoberto no Brasil.

Percebe-se também que ao convidar o seu leitor adotar uma atividade imaginativa, não foram utilizadas referências francesas, ou de nenhuma outra região europeia para dar uma dimensão possível do que foi presenciado na Serra da Mantiqueira. Supõem-se que, o viajante ficou tão fascinado com o que viu e vivenciou que não encontrou belezas correspondentes nem mesmo em sua terra natal, a França.

De fato, um naturalista de gabinete, certamente, nunca teria a oportunidade de se seduzir como Saint-Hilaire pela Mantiqueira ou outras belas regiões. Assim sendo, a viagem também foi responsável por uma sensibilidade mais ou menos aguçada, pois essa sensibilidade podia levar em conta humores, fadigas, encontros/desencontros, tempo de viagem, prazeres e satisfações, mas que precisava da viagem para se desenvolver.

### **2.3 – Perigos enfrentados e sacrifícios feitos por um viajante de “pés no chão”**

A análise da literatura de viagem de Auguste de Saint-Hilaire nos permite perceber determinadas concepções filosóficas e científicas cristalizadas durante os séculos XVIII e XIX, mas a narrativa de viagem em si pode ser considerada a consequência de uma vivência e de um trabalho muito particulares.

Já foi debatido neste trabalho os prazeres e os encontros/desencontros que um viajante de “pés no chão” sentiu durante a realização de sua viagem. Contudo, em uma viagem as dificuldades impostas foram muito além da presença ou ausência do *outro*. Naquele momento, um viajante de “pés no chão” se encontrava sujeito a perigos naturais, tombos de cavalo, chuvas torrenciais, caminhos tortuosos, saudades da pátria e dos familiares, perda de material coletado, mosquitos, doenças entre outras adversidades impostas por sua condição de viajante. Estes sacrifícios jamais puderam ser feitos por

naturalistas de gabinete, uma vez que estes não tinham a viagem como da realização de seus trabalhos.

Em um importante acontecimento de sua viagem, nas proximidades do Tijuco, Saint-Hilaire escreveu que:

O terreno que margeia o caminho é a princípio arenoso e árido; mas em seguida a vegetação torna-se mais bonita que a de perto de Tijuco. Pus-me então a colher flores, deixando seguir o tocador João Moreira que conduzia os animais carregados com minha bagagem. Mas logo minha pasta de plantas assustou o cavalo que eu montava e caí no meio das pedras. A queda foi violenta; meu sangue corria de todos os lados e meu olho esquerdo principalmente foi grandemente ofendido. Estando já a duas léguas e meia de Tijuco e somente a uma de Rio Manso, tomei a resolução de seguir para esta última povoação, e, após ter lavado o rosto em um riacho, pus-me a caminhar. A pouca distância do local em que levei a queda encontrei meu cavalo, amarrado a uma árvore por algum transeunte honesto. Sentia então uma violenta dor no estômago, consequência do comoção que sofri; sentei-me e dormi imediatamente. Acordando peguei as rédeas de meu cavalo e recomecei a caminhar. Ao fim de pouco tempo as forças faltaram-me; vi-me obrigado a tornar a sentar e tornei a desfalecer. Depois dois negros que passavam ajudaram-me a montar a cavalo e um deles me conduziu a Rio Manso.<sup>170</sup>

Provavelmente esta foi a única queda a cavalo sofrida por Auguste de Saint-Hilaire durante sua viagem em terras brasileiras. Em outras literaturas produzidas pelo viajante, não são encontradas narrativas sobre um acidente como o ocorrido às margens do Tijuco.

Sobre os momentos pós queda, o viajante fez uma descrição de seu estado físico e das dificuldades vivenciadas no pós queda. Curiosamente, o autor ainda teve forças para se preocupar como se encontrava o seu cavalo e elogiar a atitude de um desconhecido que se preocupou em amarrar o animal para que o mesmo não fugisse. Apesar da tentativa de continuar seguindo caminho, a descrição feita nos mostra que o francês não se encontrava nas condições adequadas para a sequência de sua viagem.

Ainda como consequência deste acidente, Saint-Hilaire continua sua descrição:

Dois dias após minha queda parti para Tijuco, deitado em uma rede. Segundo a usança da região ela era suspensa por suas extremidades de um pau muito forte e cada ponta do pau sustentado por um negro. Como dois carregadores não poderiam fazer sozinho as 5 léguas que se contam de Rio Manso a Tijuco o Sr. Julião emprestou-me cinco de seus escravos, que se revezavam no caminho. Essa boa gente, para tornar a caminhada mais suave, seguia cantando, como é habito dos africanos, e não supunha sem dúvida, que essa música agravava o cansaço de meu cérebro, já enfraquecido.<sup>171</sup>

---

170 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1974. P.40

171 **Ibidem**, loc.cit.

Ainda muito debilitado, o naturalista foi ajudado pelo Senhor Julião, um proprietário de terras da região do Tijuco que ofereceu escravos carregadores para que o viajante pudesse ser levado para o Tijuco, aonde teria melhores cuidados. Esta atitude fez com que o naturalista francês aumentasse a sua gratidão para com os moradores daquela região e também reconhecesse os serviços e a atenção disponibilizados pelo Senhor Barros - cirurgião da região do Tijuco – responsável pelos seus cuidados médicos.

Atenta-se ainda para a atitude junto aos escravos responsáveis pelo deslocamento do viajante. Saint-Hilaire reconheceu que o trabalho realizado pelos cativos era pesado, mas parece não ter se importado em saber o nome daqueles cativos e até mesmo reclamou dos cânticos recitados pelos mesmos. Assim, o reconhecimento dado foi junto ao proprietário dos cativos, mas não aqueles que tornaram o seu deslocamento possível.

Já durante a passagem pelos Campos Gerais, em um lugar denominado Rincão da Cidade, a dificuldade de viagem foi provocada a partir de uma curiosa abordagem:

Tratava-se de uma pequena fazenda pertencente a pessoas pouca abastadas e com numerosa família. A dona de casa recebeu-me com extrema gentileza. Enquanto eu trabalhava ela veio sentar-se à soleira da porta do meu quarto e nos pusemos a conversar. “Por que o senhor se sacrifica dessa maneira viajando pelo mundo?”, falou-me ela. “O senhor não tem mãe; não seria melhor que fosse para junto dela e a consolasse na sua velhice? Neste momento ela sem dúvida estará pensando no senhor; imaginando que, enquanto ela desfruta de todas as doçuras da vida, o seu filho estará talvez passando necessidade, e ela chora por sua sorte. A sua mãe não precisa do senhor, mas o senhor pode estar certo de que qualquer mãe prefere viver na pobreza, mas junto com os filhos, do que na riqueza, mas longe deles”. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu supliquei a essa senhora que não continuasse a falar desse jeito. Uma senhora que demonstrava tanto respeito pelos direitos maternos devia ser, ela própria, mãe excelente, e terá sido abençoada – espero – por todos os seus filhos. Eu jamais sentira um desejo tão vivo de rever minha pátria e minha família, mas eu me achava como que preso por uma espécie de fatalidade a essa terra do Brasil. Não segui os conselhos de minha bondosa hospedeira, e foi amargo o preço que paguei por isso.<sup>172</sup>

Neste caso, a dificuldade da viagem não foi de ordem material ou física, mas de viés sentimental. A distância de sua pátria e de seus familiares combinados a uma inquisição feita de uma maneira dócil, gentil e amável provocaram no viajante um sentimento de saudade misturado a um remorso por não se encontrar junto à sua mãe. Dessa forma, a dificuldade psicológica se mostrou tão forte quanto qualquer tipo de dificuldade física ou material enfrentada pelo naturalista.

Em outros momentos, observa-se que Saint-Hilaire ficou irritado e até mesmo transtornado com atitudes que não lhe convinham, sendo possível perceber – a partir de

---

172 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1978. P.59-60

seus escritos – a perda de paciência junto ao outro. Já, com a hospedeira descrita acima, o viajante se comportou de maneira sentimental e sensível, sendo que a única censura feita pelo autor não era pela atitude da hospedeira, mas sim pelo fato dos argumentos utilizadas pela mesma estarem corretos.

O naturalista também deduziu que aquela mulher deveria ser uma boa mãe, pois a mesma respeitava os assim chamados ‘direitos maternos’. Ainda à luz desse debate, a literatura de viagem nos demonstra que não existiu nenhum remorso junto aquela hospedeira, mas sim um sentimento de culpa mediante a palavras duras, mas verdadeiras conforme a concepção do naturalista.

No momento da viagem, Saint-Hilaire esteve no Brasil na condição de botânico-naturalista e realizou enormes sacrifícios para que seus trabalhos obtivessem reconhecimento. Contudo, o confronto que o mesmo sofreu na região dos Campos Gerais pareceu tê-lo feito repensar na sua condição de ‘mártir do progresso e da ciência’ e se estes sacrifícios valeriam mesmo a pena.

Esta passagem também demonstra um Auguste de Saint-Hilaire mais humano e menos cientista, ou seja, uma pessoa capaz de se emocionar, sentir saudades e até mesmo de compreender o outro. Entende-se ainda que o naturalista, diante daqueles questionamentos, sentiu-se como um exilado da pátria pelo trabalho e pela glória da ciência.

Na província do Espírito Santo, em um encontro junto ao governador da Província, Saint-Hilaire escreveu sobre sua intenção de viajar pelo Rio Doce:

Incitou-me ele, muitas vezes a não prosseguir minha viagem, e me apresentou sob as cores mais sombrias a região deserta que ia percorrer; sobretudo não se cansava de prevenir-me contra a insalubridade das margens do Rio Doce: “O Rio Doce é um inferno”, tais foram as expressões de que usou ao falar-me desse rio. Mas, todas essas falas não fazia arrefecer minha curiosidade; eu havia resolvido ir até as fronteiras da Província e pus-me a caminho. <sup>173</sup>

Neste caso, as dificuldades da viagem foram colocadas pelo outro, no caso o governador, mas foram muito relativizadas pela curiosidade científica de Auguste de Saint-Hilaire. Ainda neste quadro, não existiu censura a atitude do governador, mas também não se deu importância as opiniões emitidas pelo mesmo; por conseguinte, o

---

173 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1974. p.59-60.

naturalista seguiu viagem para a região do Rio Doce, o que lhe permitiu realizar seus trabalhos e tirar suas próprias conclusões.

Em Paracatu, Saint-Hilaire realizou reflexões sobre um outro tipo de dificuldade vivenciada por um viajante de “pés no chão”, o naturalista escreveu que:

Havia ainda outros pontos de contato entre a vegetação das duas regiões. Era de se esperar que eu fizesse uma proveitosa colheita de plantas ao me afastar tão pouco de uma cadeia que dá origem a dois dos maiores rios da América, e principalmente ao atravessá-la. Entretanto, essa colheita me decepcionou enormemente. A maioria das plantas que eu via ao meu redor já tinham sido observados por mim dois anos antes, nas proximidades do Rio S. Francisco e, por conseguinte, numa região bem mais setentrional e sem dúvida menos elevada. Entre as enfezadas árvores dos campos encontrei praticamente as mesmas Leguminosas, as mesmas Apocináceas, Voquisiáceas e, entre outras, a *Salvertia convallariodora*, Aug. St. Hil., de flores a um tempo tão perfumadas, bizarras e belas, e finalmente a espécie conhecida pelo nome de quina-do-campo ou mendanha, cuja casca tem as mesmas propriedades da quina-do-peru, e que, para espanto meu, verifiquei não passar de um *strychnos* (*Strychnos pseudoquina*, Aug.S.Hil.).<sup>174</sup>

A coleta e observação de plantas repetidas teriam tornado esta nova viagem improdutiva. Desta vez, a dificuldade se encontrou relacionada diretamente a realização do trabalho; pois, não eram dificuldades naturais ou encontros desagradáveis que frustraram o naturalista, mas sim a pouca produtividade que lhe deixaram abatido.

Entende-se que as expectativas do naturalista não foram realizadas com a sua segunda experiência na região de Paracatu. Em seu ponto de vista, a proximidade aos ‘dois dos maiores rios da América’ lhe traria melhores resultados e as herborizações seriam abundantes naquela região. Dessa maneira, a decepção pode ser compreendida pelo fato do horizonte de expectativas não ter sido preenchido pelo espaço de experiência.

Ainda sobre as dificuldades vivenciadas em Paracatu, Saint-Hilaire continua sua literatura de viagem:

Essa viagem foi tão penosa para mim quanto infrutífera para a ciência. No meio dos campos, onde não há sombra, o calor era excessivo, e ao final de uma jornada tediosa e fatigante eu encontrava apenas comida grosseira, nada mais que água para beber, alojamentos detestáveis e hospedeiros ignorantes e estúpidos.<sup>175</sup>

Nesta espécie de desabafo sobre as dificuldades encontradas nas proximidades de Paracatu, Saint-Hilaire sintetiza todas os problemas possíveis de serem vivenciados por um naturalista de “pés-no-chão”. Observa-se que estes problemas uniram a sensibilidade

---

174 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004. p.123.

175 **Ibidem**, loc.cit.

e a condição científica de Saint-Hilaire, visto que o francês classificou aquela viagem como ‘penosa e improdutiva’.

Certamente a síntese de problemas apresentados e expectativas frustradas tornaram a literatura de viagem muito intransigente com a região de Paracatu, contudo, uma melhor coleta de plantas poderia ter relativizado as opiniões de Saint-Hilaire sobre aquela região. Neste quadro, uma menor dificuldade com caminhos, melhores condições naturais, boa alimentação e boas hospedagens também poderiam contribuir para que a literatura, produzida pelo viajante, nesta parte, não se tornasse um desabafo.

Uma dificuldade de outra ordem foi demonstrada na então Província de São Paulo, próximo a Santa Bárbara:

Pouco antes de Santa Bárbara atravessa-se uma ponte sobre um pequeno rio (Rio de Santa Bárbara). Enquanto José Mariano seguia na frente para pedir hospedagem num sítio vizinho, o novo tocador, totalmente inexperiente, caminhava atrás vagarosamente. Os burros, não tendo quem os conduzisse, meteram-se por um caminho abandonado que ia dar no Rio de Santa Bárbara, e um deles, carregado com duas malas cheias de plantas secas, caiu dentro d’água e se pôs a nadar. Julguei que fosse perder, num minuto, quase todo o fruto de uma viagem tão prolongada, tão penosa e que me custara tantas privações. Perdi a calma e me entreguei ao desespero. Firmiano lançou-se ao rio para segurar o burro, enquanto chegava o tocador. Mas só com grande dificuldade é que conseguiram retirar o animal da água.<sup>176</sup>

Na primeira parte, buscou-se explicar em detalhes o acontecimento quase traumático em Santa Bárbara. O naturalista se mostra minucioso a cada detalhe que levou a quase perda do material coletado e explica que a inexperiência do tocador, a ausência de José Mariano e a desorientação dos animais foram os causadores da queda do animal junto ao rio.

A possibilidade, não efetivada, de perder o material coletado levou Saint-Hilaire a uma situação de desespero. O naturalista descreveu ao leitor as motivações que o levaram a agir daquela maneira e explicou que as privações e as contrariedades envolvidas na realização de suas coletas foram os principais motivadores para aquela atitude nada racional.

A análise desta passagem nos permite compreender o nível de comprometimento do naturalista com a realização de seus trabalhos e como o mesmo buscou transmitir uma imagem de ‘mártir da ciência e do progresso’. Entende-se que para Saint-Hilaire o seu trabalho possuía um caráter sagrado para a ciência e, qualquer perda, não seria apenas

---

176 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1976. p.93-94.

uma perda pessoal, mas uma perda para a ciência de maneira geral. Também compreende-se que o naturalista buscou uma valorização de seus feitos, ou seja, uma demonstração aos seus leitores como o seu trabalho em terras brasileiras foi árduo.

Chama-se a atenção também para o fato de que o naturalista não tenha emitido nenhum juízo de valor ou utilizado adjetivos valorosos para qualificar a atitude do botocudo Firmiano. Deduz-se que a ideia do botocudo conviver e trabalhar com um ‘francês instruído e promotor de civilização’ já era uma recompensa por si só, não sendo necessária nenhuma forma de agradecimento por uma ação, até certo ponto, ousada por parte do indígena.

Ainda em Santa Bárbara, após o acontecimento às margens do rio, Saint-Hilaire escreveu que:

As pastas com as plantas estavam colocadas nas malas laterais, e uma de suas bordas molhou-se, sendo necessário secar cada folha de papel, separadamente. Enquanto nos ocupávamos com esse tedioso trabalho, desabou uma chuva torrencial. A água entrou na casa onde nos achávamos hospedados, molhando novas folhas dos cadernos. Tivemos de secá-las por sua vez, perdendo dois dias e meio em Santa Bárbara, sufocados pela fumaça e os rostos ardendo pelo calor do fogo.<sup>177</sup>

Em seu ponto de vista, as dificuldades não cessaram após o estabelecimento de sua comitiva em uma casa localizada na região de Santa Bárbara. Em um primeiro momento observa-se que era necessário o cuidado com o material que havia caído no rio e que esse trabalho teria que ser feito com a maior paciência possível.

Ainda sobre dificuldades, a chuva mais uma vez veio atrapalhar o trabalho do naturalista. Desta vez, mesmo dentro de uma casa, a chuva causou transtornos, dificultou a desidratação do material coletado e atrasou em mais de dois dias a sequência da viagem.

O sacrifício para a recuperação do material coletado causou transtornos e incômodos aos membros da comitiva, ou seja, o naturalista não se preocupou apenas em coletar plantas, mas também em entregá-las da melhor maneira possível para uma análise posterior, mesmo que para essa recuperação acontecer fossem causados prejuízos físicos a todos os membros de sua comitiva.

Durante a sua passagem pela então Província do Rio Grande do Sul, vários foram os momentos de dificuldade apresentados pela literatura de viagem do naturalista francês.

---

177 *Ibidem*, p.94.

Em uma região denominada de Tronqueira, Saint-Hilaire escreveu sobre um suposto furacão que atingiu sua comitiva:

Algumas horas antes do por do sol o céu apresentou-se coberto de negras e espessas nuvens e logo teve início um verdadeiro furacão, o mais terrível que tenho presenciado em minha vida. A escuridão era tamanha que dificilmente se podia ler. Por todos os lados o céu era riscado de relâmpagos. As trovoadas sucediam-se sem interrupção, e o ronco do vento sul ultrapassava o ruído do trovão dada a sua violência. Nesse momento achava-me em companhia do pequeno Diogo na sala do meu hospedeiro. Estando abertas a janela e as porta, tudo quanto se achava a mesa foi carregado pelo vento; corri a fechá-las, mas nesse momento uma parte do telhado foi arrebatada, e, apesar da casa ser nova, um pedaço da parede, construída com tijolo e barro, foi derrubado pelo furacão e entulhado por cima de minhas malas. A água caía torrencialmente dentro de casa; pedaços de telhas voavam ao redor de mim. Estava já ferido numa coxa e temendo maiores acidentes corri para o quarto vizinho; encontrei-o descoberto e alagado como a sala. Entrei, então, em um pequeno gabinete próximo onde deparei as mulheres da casa, as quais, apertadas umas às outras, tremendo, pediam fervorosamente proteção aos céus. Ao fim de sete ou oito minutos a intensidade do furacão diminuiu. Voltei a sala e trouxe as malas para lugares menos expostos a chuva. Entrementes, chegam Matias e Laruotte. O primeiro contou-me que ao início do furacão encontrava-se com Firmiano, na carroça e que não obstante o enorme peso da viatura e a horizontalidade do terreno, fora lançada contra uma árvore que ela arrancara, sendo a coberta atirada longe. Neves, chegando nesse momento, contou-nos que um telheiro sob o qual se abrigara, com José Mariano, tinha sido destruído, ficando José um pouco ferido.<sup>178</sup>

A informação oferecida por Saint-Hilaire sobre a tempestade que atingiu sua comitiva é fortemente questionável. O principal ponto a se duvidar é o fato daquilo que foi presenciado e descrito pelo naturalista era mesmo um furacão, uma vez que se sabe que esse tipo de fenômeno da natureza não é muito comum em terras brasileiras, mesmo nos dias de hoje. Certamente, o que foi descrito como um furacão, pode ter sido uma tempestade muito violenta causadora de inúmeros estragos.

Saint-Hilaire continua seus escritos localizando sua posição dentro da casa e quem o acompanhava naquele angustiante momento. O autor continua sua descrição demonstrando os efeitos devastadores que aquele ‘furacão’ causou na casa, nos objetos e nas pessoas. Também foram descritas as atitudes – tomadas pelo naturalista e por outros presentes – a fim de se protegerem daquele fenômeno natural.

Mais uma vez, a atenção com os materiais foi marcante. O naturalista se preocupou em destacar que suas malas foram atingidas por uma parede que caiu e qual foi a atitude adotada junto as malas com o seu material após o enfraquecimento daquela

---

178 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1999. p.175

tempestade. Dessa forma, o francês destaca que, apesar de tudo, os frutos dos seus trabalhos ainda se encontravam em um bom estado de conservação.

Finalmente, escreveu-se também sobre as condições em que se encontravam os membros de sua comitiva. Entende-se que ao destacar a situação do seu material coletado antes da situação física dos seus acompanhantes de viagem, Saint-Hilaire estabelecia as suas prioridades; em primeiro lugar o material de seu trabalho e em segundo a vida dos membros de sua comitiva. Pode-se afirmar que, muitas vezes, a preocupação com a condição civilizatória de seus ‘camaradas’ – principalmente de Firmiano – era maior do que com as condições físicas dos mesmos.

Saint-Hilaire continuou sua descrição sobre os efeitos daquele evento:

O dono da casa estava ausente durante esses sucessos; ao chegar mostrou-se com uma resignação e uma coragem de que poucos europeus seriam capazes; “Isso é um castigo do céu; é a vontade de Deus”, foram as únicas palavras por ele proferidas; antes de deitar-me notei que todos já riam do que havia sucedido.<sup>179</sup>

O naturalista se mostrou surpreso com a coragem de seu hospedeiro e com o fato de que todos estavam muito descontraídos, mesmo após um evento de destruições tão catastróficas. Sob o ponto de vista do francês, seu hospedeiro deveria ter apresentado uma atitude mais materialista e até mesmo ansiosa mediante as perdas provocadas por aquela tempestade.

Em seguida, emitiu-se um juízo de valor quanto ao comportamento daquelas pessoas:

É preciso dizer que semelhante coragem é menos admirável em um americano que em um europeu. Este teria minuciosamente apurado seus prejuízos, calculando o tempo que seria necessário para tudo reparar e quais privações teria de sujeitar. O feliz americano, pouco se preocupando com o futuro, abstem-se desses cuidados.<sup>180</sup>

Nesta passagem, observa-se um texto extremamente etnocêntrico, ou seja, o autor parte de seus valores e experiências europeias para deixar uma crítica a atitude supostamente despreocupada dos americanos após uma situação catastrófica. Nota-se também uma forte repressão pautada por valores que o naturalista francês tinha como ‘*os valores*’.

---

179 **Ibidem**, Loc.cit.

180 **Ibidem**, Loc.cit.

Ao demonstrar quais seriam as atitudes tomadas por um europeu que se encontrasse mediante a uma situação de destruição parecida com aquela, o francês deixa claro que seriam atitudes muito diferentes das observadas naquela ocasião, ou seja, seria uma atitude mais materialista e racional de preocupação com perdas. Já a coragem apresentada pelo americano era vista como uma atitude desleixada de alguém que não tinha a mínima educação para se preocupar com o amanhã.

Nesta passagem, os valores do Velho Mundo foram tomados como os valores universais e acreditava que todos deveriam se guiar por eles. Pode-se afirmar que seu juízo de valor etnocêntrico foi extremamente superficial; pois o naturalista nem questionou seu hospedeiro a razão pela qual este se encontrava tão tranquilo.

Em Arroio Guarapitã, ainda na província do Rio Grande do Sul, Saint-Hilaire escreveu sobre outra dificuldade vivenciada depois de se alimentar com um mel recolhido junto a uma colmeia daquela região pelos membros de sua comitiva, assim escreveu o francês:

Comemos os três desse mel. Fui, segundo José Mariano, o que mais comeu, e avalio não ter tomado quantidade a duas colheradas. Senti logo uma dor no estomago, mais incômoda que forte e deitei-me em baixo de uma carruagem, com a cabeça apoiada sobre a pasta do herbário, caindo em um espécie de sonolência, durante o qual senti-me transportado aos espaços celestiais, ouvindo uma voz que gritava: “Ele não se perderá, há um anjo que o protege.” Nesse instante minha irmã veio buscar-me pela mão. Achava-se vestida de branco, com uma faixa ao redor do corpo e sua fisionomia trazia aparência de inexpressável calma e serenidade. Tomou-me pela mão, sem me olhar e sem proferir uma só palavra, e conduziu-me perante o tribunal de Deus. Lembrei-me das últimas palavras da parábola do Bom Pastor e acordei.<sup>181</sup>

Certamente as fortes dores causadas por aquela alimentação foram fruto de um mel envenenado, sendo que este mel levou o naturalista a um sono profundo e, enquanto dormia, o francês teve um curioso sonho. Neste sonho, Saint-Hilaire narra um encontro com a sua irmã e a condução feita pela mesma junto ao que foi chamado de tribunal de Deus.

Nesta passagem, o naturalista acreditou estar mediante a morte e diante de tal situação de desespero adota uma atitude religiosa na sua narrativa. Assim, se a literatura de viagem produzida pelo francês foi - em grande parte das vezes - pautada por uma cientificidade característica do período das luzes; mediante de um risco de morte a atitude do naturalista se aproximou a de um cristão medieval.

---

<sup>181</sup> *Ibidem*, p.103.

Como se sabe, Saint-Hilaire não morreu em terras brasileiras, ao contrário do que aconteceu com o taxidermista, Yves Prégent, membro de sua comitiva que faleceu em São João Del Rey. Entretanto, a literatura de sua viagem ao Rio Grande do Sul nos mostra que as dificuldades físicas e mentais enfrentadas naquela região, certamente, foram muito grandes.

O autor continuou a narrativa do drama vivenciado naquela região e assim escreveu:

Meus amigos, disse-lhes em português, sinto que vou expirar neste deserto, longe de minha família e de meu país; as sombras da morte rodeiam-me; vou juntar-me a esses anjos que me incitam a segui-los. Não sou mau, nunca fiz mal a ninguém, minhas faltas são perante Deus, que me perdoará, espero-o, ou talvez me punirá'. Uma luta cruel mas de curta duração passou-me em minha alma. Minha mãe e meu sobrinho não precisam de mim, mas esse pobre Firmiano, que atirei nesses desertos, que será dele quando eu não mais existir? Matias, recomenda-o ao Conde da Figueira; que ele nunca seja escravo de ninguém'. Quis afastá-lo mas em seguida chamei-o para junto de mim e vi algumas lágrimas correr de seus olhos. 'Matias perdô-te o mal que me fizeste. Laruotte, sabeis que minhas coleções pertencem ao museu de História Natural; meus manuscritos devem ser remetidos à minha família.<sup>182</sup>

Na continuação de seu 'relato', Saint-Hilaire ainda adota um tom religioso e dramático em um primeiro momento. O autor acreditava que legiões celestiais o convocavam a segui-las, justificava suas ações perante Deus e esperava pelo perdão ou pela condenação do Senhor

A crença do naturalista francês em estar mediante a morte fez com que o mesmo se preocupasse com o destino dos membros de sua comitiva após a sua morte. Assim sendo, o naturalista afirmou que seus familiares não precisariam dele tanto quanto os membros de sua comitiva e buscou indicar o futuro de cada 'camarada' caso a sua morte se efetivasse.

Observa-se a adoção, em um primeiro momento, uma atitude religiosa em face de uma possível morte e, em seguida, retorna a uma atitude racional para pensar nas possibilidades futuras para os membros de sua comitiva. Assim, esta atitude pode estar ligada ao fato de Saint-Hilaire acreditar que naquele momento a sua morte era eminente, mas a sua comitiva e os seus materiais coletados ainda possuírem perspectivas futuras.

Ainda na viagem ao Rio Grande Sul, Saint-Hilaire deixa um escrito interessante sobre a sua sensibilidade naquele momento da viagem:

---

182 *Ibidem*, p.104

Receio que nunca tenho estado mais desanimado que nessa ocasião. Agora mesmo, afastado o perigo, não deixo de recear a continuação da minha viagem até ao Rio de Janeiro. Na que fiz por mar, da Vila de Vitória a esse porto, parecia-me que nada podia acontecer e no meio da tempestade, experimentada à altura de Cabo Frio, dormi profundamente. A que atribuir essa diferença? Não posso culpar os pressentimentos, pois que os havia formado nos desertos de Goiás não foram verificados. Se eu estou mais sensível ao temor é por causa do esgotamento de minhas forças e não sou mais sustentado pelo mesmo entusiasmo.<sup>183</sup>

Nota-se um curto desabafo, no qual é possível entender seus dramas pessoais e a sua situação mental naquele momento. O francês já não se mostrava com o mesmo vigor e a mesma disposição dos primeiros anos de viagem; e o incidente em terras gaúchas que quase lhe tirou a vida parece ter deixado pensamentos nada agradáveis e profundos receios na mente do autor.

Nota-se uma comparação daquele momento com outras dificuldades vivenciadas em terras brasileiras. Ao fazer esta comparação percebe-se que o naturalista já não se encontrava no auge de suas forças físicas e mentais, sendo que o próprio autor reconhecia esta alteração de sensibilidade e a usava para justificar sua condição de temor naquele instante. Segundo o autor, em outros momentos de igual dificuldade a reação se deu de maneira diferenciada, pois existia uma vontade encarar os perigos e não ocorria um amedrontamento mediante aos obstáculos.

Em seu retorno ao Rio de Janeiro em 1822, Saint-Hilaire nos descreve uma dificuldade de outra ordem, a perda do material coletado:

Eram as que recolhera nas Minas Novas, nas margens do rio de S. Francisco, entre o rio de Janeiro e o rio Doce, nas montanhas de Tapanho a canga e arredores de Ubá. O clima do rio de Janeiro a que não estava habituado, o cheiro de cânfora, enxofre, e essência de terebintina, continuamente respirado, e devo confessá-lo, o desgosto experimentado vendo as perdas do meu herbário, todas estas causas me alteraram sensivelmente a saúde, tirando-me quase inteiramente o alento.<sup>184</sup>

O estrago e a conseqüente perda desse material foram responsáveis por adiar o retorno de Saint-Hilaire à França. Desse modo, o naturalista teve que refazer suas viagens pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo para coletar novamente as plantas que se encontravam naquele material destruído.

Para alguém metódico e preocupado com a qualidade dos seus trabalhos, aqueles prejuízos não poderiam ser deixados de lado. Assim, o naturalista se colocava mais uma

---

183 *Ibidem*, p.203.

184 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Op.cit.* 1999. p.175

vez como” um mártir da ciência e do progresso” e ao refazer a sua viagem demonstrava a sua preocupação com o bem estar da ciência.

Lembra-se que, naquele momento, Saint-Hilaire buscava um reconhecimento da comunidade científica francesa e, conseqüentemente, a apresentação de parte de um material deteriorado poderia dificultar esse reconhecimento pelo qual o naturalista tanto trabalhou.

Nota-se também que a observação quanto o material deteriorado ocorreu após o acontecimento do envenenamento com o mel de abelha no Rio Grande do sul, envenenamento esse que trouxe grandes prejuízos à saúde de Saint-Hilaire. Dessa maneira, não era com a mesma saúde e nem com as mesmas sensibilidades que o autor fazia esta última viagem ao território brasileiro.

Assim, ao demonstrar também as dificuldades, privações e vivências particulares em terras brasileiras, Saint-Hilaire mostrou que o seu trabalho científico no Brasil lhe causou embaraços, sacrifícios, privações e angústias diversas. Conseqüentemente, essas demonstrações podiam ter como objetivo o reforço da sua condição de cientista exemplar e de mártir científico.

## **PARTE II**

### ***CAPÍTULO 3 –EXPOSIÇÃO:OS CAMINHOS DE SAINT-HILAIRE***

A utilização da literatura de viagem é um tipo de fonte histórica que ganha cada vez mais força nos meios acadêmicos brasileiros. Esta ampliação permite que Auguste de Saint-Hilaire e outros viajantes sejam cada vez mais reconhecidos e compreendidos em suas múltiplas visões sobre os mais diversos assuntos. Assim, viajantes e seus múltiplos trabalhos podem ser debatidos como fontes para o entendimento de um determinado assunto ou para a compreensão da própria viagem realizada pelos mesmos.

A realização de um ‘produto acadêmico’ oferece a oportunidade para que novos grupos possam conhecer o que é produzido e debatido na academia, mas sem perder de vista que se trata de um trabalho que também almeja o reconhecimento dos pares.

Na UFV, os produtos acadêmicos do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania se destacam por sua diversidade e é possível encontrar produtos do programa de pós graduação inseridos nas áreas de tecnologia, cursos de formação e capacitação de profissionais, materiais paradidáticos, documentários entre outros. Estes produtos - além de cumprirem as exigências básicas para a obtenção do título de *Magister Scientiae* - promovem a integração junto a um público maior do que o chamado meramente acadêmico, à medida que encontra nas mais diversas comunidades o seu alvo.

Compreende-se que os saberes da experiência, produzidos por cada profissional a partir da pesquisa, dos produtos educacionais tomam sentidos e significados próprios por cada um em seus contextos. Desse modo, “Há que se efetivar uma compreensão sobre os produtos educacionais e os mestrados profissionais como elementos que viabilizam a formação docente pela pesquisa e a construção de saberes da experiência.”<sup>185</sup>

Nossa proposta é organizar uma exposição para um público amplo público. Pretende-se, nesta exposição, a apresentação de elementos que valorizem a condição de Auguste de Saint-Hilaire como um naturalista que coletou plantas em terras brasileiras e um ser humano que sensível as mais diversas condições.

---

185 FREIRE, Gabriel; GUERRINI, Daniel; DUTRA, Alessandra. **O Mestrado Profissional e os Produtos Educacionais:** a pesquisa na formação docente. Disponível em: [www.utfpr.edu.br/.../mestrados.../mestrado-profissional.../produtos-educacionais/prod...](http://www.utfpr.edu.br/.../mestrados.../mestrado-profissional.../produtos-educacionais/prod...) Acessado em 17/07/2019. p.112.

### 3.1 - Imagens

Auguste de Saint-Hilaire é conhecido em diversos meios acadêmicos, o seu nome é citado nos mais diferentes trabalhos universitários e é possível encontrar escola, parques e pousadas em diversas localidades com o seu nome.<sup>186</sup> Contudo, os seus trabalhos e as suas contribuições ao Brasil ainda continuam muito restritos à área acadêmica, e não se encontram muitos materiais didáticos ou de outra espécie que fazem uma apresentação mínima de Saint-Hilaire e seus trabalhos.<sup>187</sup>

Livros e apostilas de História, dos ensinamentos fundamental e médio, ao apresentarem a temática do Período Joanino e Abertura dos Portos costumam exibir limitações quando tratam o significado do chamado “Redescobrimento do Brasil”. Neste sentido, estes materiais se restringem a demonstrar certos aspectos da chegada da corte em terras brasileiras, algumas medidas joaninas entre 1808-1821 e as rebeliões do período. Em alguns livros didáticos até se encontra uma apresentação mínima de um ou outro viajante que chegou ao Brasil durante a primeira metade do século XIX, mas não existe o aprofundamento deste assunto.

De fato, observa-se a necessidade de trabalhar outros aspectos relacionados ao pós 1808. Uma boa possibilidade é o questionamento de quais foram as consequências desta abertura para o campo das ciências, como os viajantes estrangeiros se sentiram em terras brasileiras no início do século XIX e quais foram as contribuições oferecidas pelos mesmos sobre o Brasil oitocentista.

Logo, um produto acadêmico que promova uma articulação entre a formação docente, a pesquisa e questionamentos pode ser um bom viabilizador para a ampliação dos conhecimentos de um público mais amplo. “É com os produtos educacionais que se

---

186 A Escola Augusto de Saint-Hilaire é localizada na cidade de São Vicente no estado de São Paulo. Já o Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange está localizado no estado do Paraná abrangendo os municípios litorâneos de Matinhos, Morretes, Paranaguá e Guaratuba, no caso do parque o naturalista francês divide o seu nome no parque com o biólogo brasileiro Roberto Ribas Lange. Em Porto Alegre, encontra-se o Parque Natural Municipal Saint’Hilaire, uma unidade de conservação da natureza com 1.148 hectares. Também é possível encontrar a Casa Auguste de Saint-Hilaire, uma pousada localizada no Parque Nacional de Ibitipoca. A partir destes exemplos, percebe-se determinados lugares que homenageiam a memória de Saint-Hilaire e que conseqüentemente reconhecem a importância de seu trabalho em terras brasileiras.

187 Encontrei uma citação a Auguste de Saint-Hilaire em um material do Colégio Objetivo de São Paulo. Naquele caso, o capítulo da apostila trabalhava com as bandeiras no Brasil e utilizou uma citação de Saint-Hilaire referente aos bandeirantes. Entretanto, não houve uma preocupação em apresentar quem era o autor daquele texto e qual a importância de seus trabalhos, ou seja, parte do trabalho do naturalista foi utilizado como uma mera maneira ilustrativa de um determinado assunto.

vislumbra a pesquisa como integrante do percurso formativo dos professores, elaborado e materializado a partir do contexto de atuação profissional.”<sup>188</sup>

Os produtos acadêmicos podem ser entendidos como fornecedores de conhecimentos que se destinam a um público maior; um grupo que, em muitos casos, está fora dos debates acadêmicos, mas que pode ser integrado ao mesmo. Dessa forma “é preciso compreender que também se constituem como elementos produtores de conhecimento, tanto para quem os produz quanto para aqueles em que são destinados”.<sup>189</sup>

Uma vez que o produto deste trabalho se encontra relacionado a uma exposição que trabalhará com escritos e imagens é de fundamental importância uma discussão que leve em conta a relação entre viajantes e imagens. Assim sendo, segundo Ana Maria Belluzzo, a iconografia produzida pelos viajantes que estiveram no Brasil nos oferece uma história de pontos de vista, de distância entre observações, de triangulações do olhar. Isso possibilita ver o europeu e entrever o Brasil o que, conseqüentemente, ajuda a evidenciar versões não fatos.<sup>190</sup>

Sobre iconografia, Erwin Panofsky afirma que:

Ligamos os motivos artísticos (composições) com assuntos e conceitos. Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens, sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam de *invenzioni*; nós costumamos dar-lhes o nome de estórias ou alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por ‘iconografia’. De fato, ao falarmos do “tema em oposição à forma”, referimo-nos, principalmente, à esfera dos temas convencionais, ou seja, ao mundo dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, estórias e alegorias, em oposição ao campo dos temas primários ou naturais manifestados por motivos artísticos.<sup>191</sup>

Conforme Antunes, “a imagem, assim como o texto é uma construção discursiva e, para que seja realizado o seu exame, é preciso que exista uma metodologia capaz de realizar uma crítica rigorosa que remeta ao artista e as suas intenções, a fim de evitar incorrer em deturpações interpretativas.”<sup>192</sup>

Ainda sobre imagens, estas se apresentam como uma forma de expressão humana de longa data, mesmo porque antes do desenvolvimento da escrita, sociedades

188 FREIRE, Gabriel; GUERRINI, Daniel; DUTRA, Alessandra. **Op.cit.** p.105.

189 **Ibidem**, p.106.

190 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Op.cit.** Volume I. P.13.

191 PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2º edição.1979. p.51.

192 ANTUNES, Anderson Pereira. **A iconografia dos viajantes oitocentistas: um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX**. Trabalho de monografia apresentado ao Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz. UFRJ. Rio de Janeiro. 2013. p.50.

denominadas pré-históricas utilizavam as chamadas pinturas rupestres. Estas pinturas nos permitem o conhecimento de alguns detalhes do funcionamento daquelas sociedades e/ou a formulação de hipóteses sobre a vida dos grupos humanos que utilizavam esses recursos.

A chegada e a permanência dos europeus em terras brasileiras – ainda no século XVI - possibilitou a produção de uma vasta literatura de viagem. De acordo com Belluzzo, esta literatura “é responsável pela divulgação de representações de um outro mundo, versado em imagens literárias e imagens visuais sucessivamente traduzidas e interpretadas. Texto e visualidade flutuam, desdobram-se com parâmetros no ideário europeu, brotam do desejo de expressão de um alter-ego.”<sup>193</sup>

No século XIX, durante o chamado “Redescobrimento do Brasil” e a entrada de viajantes estrangeiros no Brasil, observava-se:

O patrimônio mais enaltecido da nação brasileira, ou seja, sua natureza, foi muito representado por viajantes estrangeiros em imagens naturalísticas através de aquarelas e desenhos ressaltando a flora e a fauna tropicais. Vale ressaltar que sem os métodos artificiais de captação de imagens, nada mais necessário que a presença do pintor desenhista dentro da natureza. A participação posterior do naturalista permitia o acréscimo de detalhes através de desenhos, necessários para a identificação taxonômica do espécime a ser ressaltado, ou pelo menos, o naturalista indicaria ao artista os detalhes que este deveria acrescentar à pintura aquarelada. Isto posto, percebe-se que o artista passou a ter uma nova função fora das academias e estúdios artísticos, sendo incluído num novo mercado de trabalho de cunho científico. A valorização da natureza tropical muito presente na literatura romântica brasileira, ao mesmo tempo majestosa e assustadora, revela sentimentos do sublime através de detalhes dramáticos como a natureza retorcida dos troncos e ramos, seu envolvimento por trepadeiras parasitas e epífitas, como por exemplo, cipós, samambaias, orquídeas etc. Tons amarelados, ocres e esverdeados dão à floresta seu caráter quase medonho e, porque não dizer, mágico. Homens minúsculos em trajes a rigor passam a ser representados em meio à floresta exaltando a nação dos trópicos que interage com a civilização de origem europeia.<sup>194</sup>

A produção iconográfica e literária dos viajantes pode ser entendida como o fruto de escolhas particulares entre muitas visões possíveis. No momento da viagem, conforme Belluzzo, “A condição de viajante equivale a um olhar desacostumado ao meio, predisposto a maior visibilidade que a do habitante. Entretanto, em muitos casos, os

---

193 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Op.cit.** Volume I. P.66.

194 ASSIS JÚNIOR, Heitor de. José dos Reis Carvalho: obras naturalísticas etnográficas e naturezas mortas. II Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP.2006. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2006/DE%20ASSIS%20JUNIOR,%20Heitor%20-%20IIIEHA.pdf> Acessado em 19/07/2019.

viajantes são donos de um olhar educado, não se devendo subestimar os desejos e as expectativas que estão associados à evasão e à distração provocadas pela viagem”.<sup>195</sup>

O trabalho realizado por Saint-Hilaire no Brasil pode ser compreendido como uma soma da sua literatura de viagem, mapas de regiões brasileiras percorridas por sua comitiva somado a desenhos de diversas flores e plantas que foram encontradas e catalogadas pelo naturalista. Como pode ser observado, os dois primeiros capítulos deste trabalho privilegiaram a literatura de viagem produzida pelo naturalista, neste último também serão debatidos os desenhos que complementaram as suas herborizações em terras do Novo Mundo.

No contexto das viagens científicas do século XIX, Humboldt “defendeu uma aliança entre arte e ciência, admitindo que as experiências estéticas experimentadas pelos viajantes diante dos cenários que desvelaram não só faziam parte, mas eram um dos elementos mais importantes da atividade científica.”<sup>196</sup>

Ainda sobre imagens produzidas, compreende-se que, “apesar do esforço para que os registros realizados pelos viajantes fossem objetivos, detalhistas e reproduzissem, de forma científica, o real observado, eles nunca deixaram de estar atados às convenções culturais e sociais de sua época.”<sup>197</sup>

No século XIX, “o interesse do europeu pelo conhecimento científico da natureza tropical coincide com a prática da viagem e com outras modalidades de corpo a corpo com a natureza sensível. Alia-se, de certo modo, ao desejo de vivenciá-la pela sensação de experimentá-la diretamente, avistá-la ou desbravá-la”.<sup>198</sup>

Observa-se que, diferentemente de alguns viajantes que estiveram no Brasil durante a primeira parte do século XIX, Saint-Hilaire não foi um pintor de cotidianos, populações e paisagens. Alguns motivos podem ter contribuído para que isso ocorresse, tais como: o fato de sua comitiva não possuir nenhum artista-desenhista de ofício, as descrições detalhistas que o francês fez de suas viagens e encontros, além da importância dada pelo naturalista ao desenho de plantas – o que pode ter feito com o que o mesmo não se preocupasse em produzir imagens de outros aspectos de sua viagem.

Dito isso, passara-se a análise de algumas imagens de plantas coletadas e desenhadas por Saint-Hilaire em terras brasileiras, como o desenho a seguir:

---

195 **Ibidem**, volume III. p.19-20.

196 ANTUNES, Anderson Pereira. **Op. cit.** p.22

197 **Ibidem**, p.48.

198 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Op.cit.** Volume III. P.11.

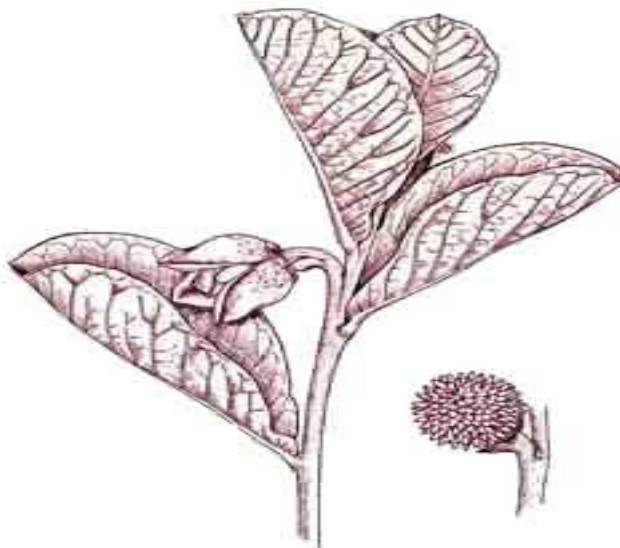


Imagem 4: Araticum (*Annona dioica* St. Hil.)<sup>199</sup>

Na imagem acima, observa-se um desenho do *Araticum* e que as formas da planta são expostas em suas particularidades pelo francês. Geralmente, os desenhos realizados por Saint-Hilaire eram feitos no momento da coleta ou em ponto de parada mais próximo e a partir de uma análise da riqueza contida na imagem apresentada, compreende-se que o autor possuía um domínio científico e artístico da técnica de desenhar plantas e flores.

Como em outras ocasiões, Saint-Hilaire coloca técnicas racionais e científicas a serviço de seu trabalho, mas observa-se aqui que essas técnicas se encontraram apenas a serviço da planta. Dito mais claramente, o naturalista fez um desenho rico em informações para os seus pares ou os futuros observadores, mas não se preocupou em desenhar a região na qual a planta foi encontrada ou o lugar em que realizou este trabalho.

Durante a sua viagem as terras do Novo Mundo, Saint-Hilaire levou para a Europa um herbário de 30.000 espécimes abrangendo mais de 7000 espécies de plantas, das quais as espécies novas podem ser calculadas em mais de 4.500. Muitos gêneros novos foram descritos pelo viajante francês.

Sobre viajantes naturalistas e seus múltiplos trabalhos, Belluzo afirma que:

Afinal o mundo sensível torna-se inteligível por intermédio de operações mentais e transformações materiais. Portanto, é preciso considerar modificações operadas por registros e suportes gráficos e também modos como o mundo visto foi organizado em

---

199 Pignal M., Romaniuc-Neto S., De Souza S., Chagnoux S. & Lange Canhos D. A. 2013. Saint-Hilaire virtual herbarium, a new upgradeable tool to study Brazilian botany. *Adansonia*, sér. 3, 35 (1): 7-18. <http://dx.doi.org/10.5252/a2013n1a1> acessado em 06/10/2018. Acessado em 06/10/2018.

uma segunda natureza. O que se entende por segunda natureza? Os seres recortados e figurados nos cadernos de anotação de campo dos viajantes, os espécimes coletados de anotação de campos dos viajantes, retirados de um *continuum* natural e dispostos em herbários e mostruários os jardins zoológicos e botânicos. Incluem-se ainda coleções museológicas de história natural, que constituem a nova ordem que se oferece ao observador. Os diários de bordo, as anotações de campo, estando mais próximo da experiência sensível do mundo, não podem ser confundidas com as inúmeras versões às quais dão origem. Praticamente outros desenhos tomam corpo através dos modos de configuração dos desenhistas intermediários e dão lugar aos notáveis livros da natureza, que foram as publicações.<sup>200</sup>

Segundo a autora, as operações mentais e as transformações materiais podem ser compreendidas como um recurso que promove uma aliança entre sensibilidade e visão científica presentes em um trabalho realizado por um naturalista. Já a ideia de segunda natureza pode ser vista como um resultado do trabalho realizado pelo botânico, uma consequência capaz de justificar e até mesmo recompensar esforços e dificuldades, uma busca por reconhecimentos diversos.

Durante o período das luzes, as recomendações de Lineu eram de que cada planta seria dependente da figura, número, proporção e situação. “Dado que entende serem as plantas divididas em cinco partes – como se sabe raiz, caule, folhas, flores e frutos -, os quatro principais devem ser observados em cada uma das partes e entre elas.”<sup>201</sup>

Ao contrário de muitos outros viajantes que estiveram no Brasil durante o início do século XIX, Saint-Hilaire não desenhou conjuntos paisagísticos e não usou iconografia para complementar sua literatura de viagem e as imagens de plantas feitas pelo naturalista podem ser encontradas em seus cadernos de campo.<sup>202</sup>

Supõem-se que o desenho das plantas colhidas não seria uma atividade complementar de suas viagens no Brasil, mas sim uma exigência durante as herborizações. Já a não realização dos desenhos poderia dar a entender a comunidade científica que o trabalho realizado pelo naturalista em terras brasileiras não foi realizado de maneira totalmente racional.

Ainda sobre iconografia, para que não ocorra um sentimento de estranhamento e desconhecimento junto a uma obra de arte ou a um conjunto imagético é necessário

---

200 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Op. cit.** Volume II. p.11

201 **Ibidem**, p.18.

202 Os naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius, o príncipe renano naturalista Maximilian zu Wied-Neuwied, o pintor bávaro Johann Moritz Rugendas e o artista francês Jean Baptiste Debret são alguns dos viajantes que estiveram no Brasil da primeira metade do século XIX e que escreveram e pintaram sobre a *antroponatura* do Novo Mundo. Observa-se também que Rugendas e Debret se dedicaram mais a atividade de pintura, pois a tinham como ofício. Enquanto Spix e Martius e o príncipe de Neuwied se atentaram mais ao trabalho com coleções de plantas e a descrição de pessoas.

conhecer a vida dos artistas para além de suas preferências teóricas, mas sem deixar as mesmas em segundo plano. Sendo assim, “uma interpretação realmente exaustiva do significado intrínseco ou do conteúdo de imagens artísticas poderia até nos mostrar técnicas de um certo país ou artista.”<sup>203</sup>

Pode-se realizar uma junção entre literatura de viagem e iconografia botânica a partir da seguinte passagem:

Pela primeira vez, depois de muito tempo, voltei a ver um campo onde havia árvores mirradas misturadas, como em Minas e Goiás, no meio do capim e dos subarbustos. Entre elas, reconhecia a *mangabeira-falsa* e várias leguminosas típicas das pastagens das duas províncias que acabei de citar, mas me pareceu que a vegetação ali não era tão variada quanto nas margens do São Francisco e do Parnaíba. Entre as plantas herbáceas e os subarbustos havia vários que crescem com abundância nos campos das regiões bem mais setentrionais, tais como as compostas 1443 *ter* e 1443 *quater* e Hipocrateácea denominada *Calypso Campestris*, ASH Juss. Camb. Registro também, como uma planta que já conhecia, o pequi de haste anã (*Caryocar brasiliensis*, var. *nana*), que na ocasião se achava em flor (5 de fevereiro), e que eu tinha encontrado pela primeira vez em outubro, nos arredores da França, quando se achava igualmente.

<sup>204</sup>

Já foi dito anteriormente que a literatura de viagem de Saint-Hilaire trabalhou com a ideia de *antroponatura*, ou seja, a relação entre seres humanos e mundo natural no qual o homem e natureza estariam integrados a partir dos textos de viagem. Percebe-se no trecho acima, uma narrativa descritiva de um dos trabalhos realizados na região dos Campos Gerais no qual o trabalho do naturalista consistiu em descrever as plantas encontradas, a vegetação regional e registrar os resultados das herborizações durante aquela jornada.

Além do registro em literatura de viagem, Saint-Hilaire produziu uma iconografia em seus cadernos de campo para registrar as plantas encontradas naquela região e o desenho produzido pelo naturalista da *Calypso Campestris* se encontra a seguir.

---

203 PANOFSKY, Erwin. **Op.cit.** p.52

204 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1978. P.37.



Imagem 5: *Calypso Campestris* desenhado por Saint-Hilaire<sup>205</sup>

A análise da literatura de viagem em conjunto com o desenho científico nos permite compreender uma atitude científica holística, na qual escritos e desenhos de plantas e flores devem ser compreendidos como obrigações típicas de um naturalista viajante de “pés no chão”.

As plantas coletadas passavam por um processo de desidratação e quando eram estudadas em museus ou outros centros científicos europeus, por outros naturalistas, já não se encontravam da mesma forma em que foram colhidas em suas regiões de origem – no trabalho de Saint-Hilaire estas regiões foram o Brasil, o Uruguai e o Paraguai. Sendo assim, o desenho possibilitava um melhor entendimento da planta antes da realização de processos científicos além de oferecer uma dimensão possível – para quem não as visualizou *in loco* - da planta, da fruta ou da flor quando estas eram colhidas na natureza.

No trabalho de coleta e identificação de plantas realizado por Auguste de Saint-Hilaire, “a iconografia é de um auxílio incalculável para o estabelecimento de datas,

---

204 Disponível em: <http://tropical.theferns.info/viewtropical.php?id=Peritassa+campestris> acessado em: 26/04/2019.

origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores”.<sup>206</sup>

Conforme Belluzo, além dos artistas adjuntos às expedições, os naturalistas aprimorados em centros acadêmicos europeus e os naturalistas amadores eram dotados de conhecimentos na elaboração de desenhos, que faziam parte da formação naquela época. Assim, “Todos, herdeiros da tradição artística, traziam na bagagem esse meio de que dispunham para realizar a primeira aproximação com um mundo praticamente desconhecido, para enfrentar o cenário não habitual, para preservar a memória visual ao lado do diário manuscrito, quando não estivesse diante do observado”.<sup>207</sup>

Segundo Antunes, imagens podem ser entendidas como produções conscientes e inconscientes de seus autores. Não obstante, “não são apenas as imagens que trazem toda esta subjetividade e intencionalidade inerentes ao seu autor, mas os registros escritos também descrevem, à sua maneira, apenas o mundo construído a partir da perspectiva do seu autor”.<sup>208</sup>

Dessa forma, “os objetos e eventos, cuja a representação por linhas, cores e volumes constituem o mundo dos motivos, podem ser identificados tendo por base nossa experiência prática”.<sup>209</sup>

Em uma de suas viagens por Minas Gerais, nas proximidade de Araxá foram descritas as espécies coletadas:

No lado voltado para Araxá a serra é muito escarpada. Seu flanco, eivado de rochas, deixa ver aqui e ali algumas árvores tortuosas, principalmente a *Kielmeyra speciosa*, Aug.S.Hill., Juss., Camb. (vulgarmente conhecida como pau-santo), que na ocasião se achava coberta de belas flores em tons rosa e vermelho. Havia também alguns espécimes de Voquísia nº 356 e da Composta nº 372. Alguns trechos são totalmente cobertos por uma espécie do gênero *Vellozia* (canela-de-ema), cujas hastes, tão grossas como o braço de um homem e quase sempre simples, têm pouco mais do que um pé de altura e terminam num tufo de folhagens.<sup>210</sup>

---

206 PANOFSKY, Erwin. **Op.cit.** p.53.

207 BELLUZO, Ana Maria de Moraes. **Op.cit.** Volume II. p.94.

208 ANTUNES, Anderson Pereira. **Op. Cit.** P.49.

209 PANOFSKY, Erwin. **Op.cit.** p.53.

210 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 2004.p.127.

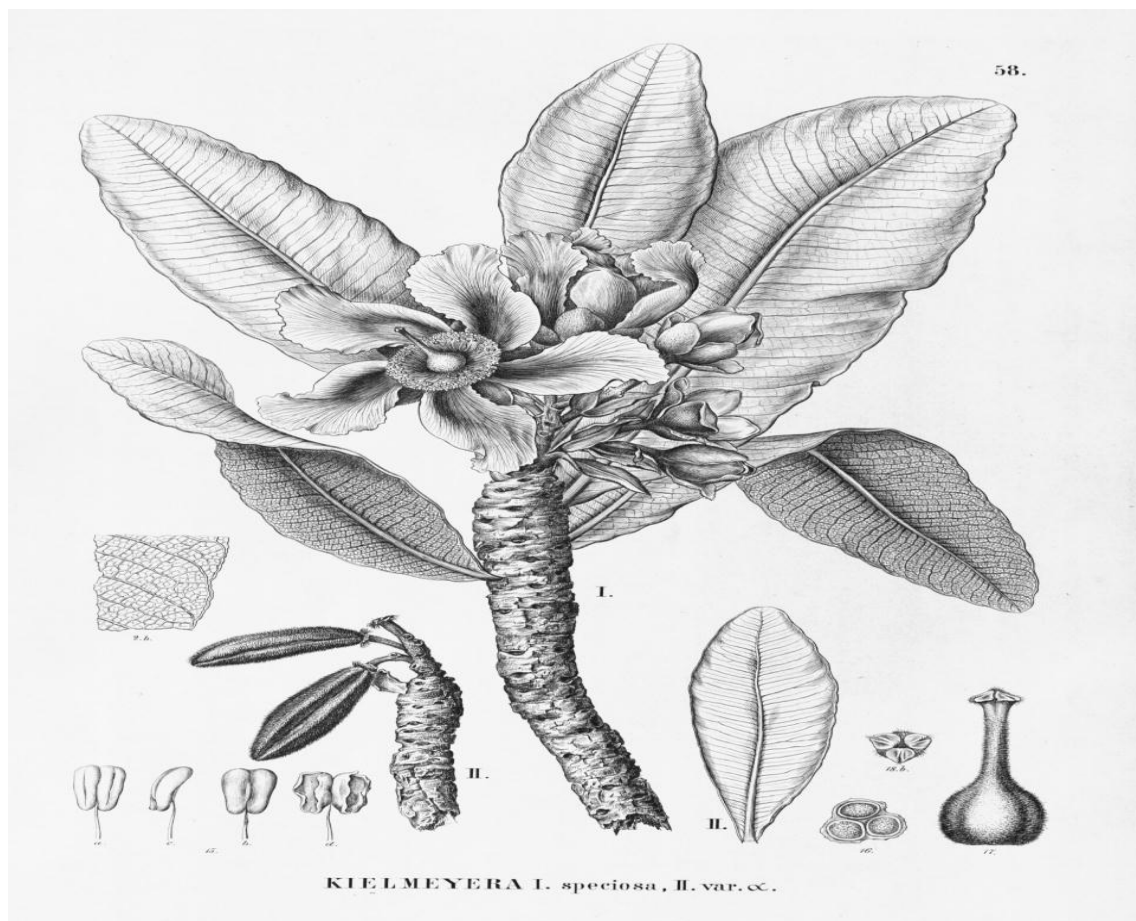


Imagem 6: *kielmeyera speciosa* <sup>211</sup>.

A observação da descrição feita por Auguste de Saint-Hilaire de suas coletas na região próxima à Araxá e o desenho feito pelo mesmo da *kielmeyera speciosa* nos permite entender, mais uma vez, como o naturalista foi criterioso tanto na sua literatura de viagem quanto nos seus desenhos.

Uma análise mais particularizada do desenho da árvore demonstra que o botânico faz uma ilustração maior da *kielmeyera speciosa* com todos os seus componentes. Para uma maior riqueza de detalhes e um melhor entendimento de um público ilustrado de naturalistas de gabinete, também foi feito um outro conjunto desenhos da folha, do caule, das flores e dos frutos. Acredita-se que - sob o ponto de vista do naturalista - isso tornava o seu trabalho digno de reconhecimento, uma vez que o mesmo era realizado com um forte rigor científico.

---

210 Disponível em: <http://tropical.theferns.info/image.php?id=Kielmeyera+speciosa> acessado em: 05/05/2019.

Nota-se também uma sensibilidade artística aliada com um racionalismo científico. Assim, um desenho da planta em seus mínimos e curiosos detalhes propiciava informações valiosas do Novo Mundo naquilo que muitos viajantes acreditavam que ele teria de melhor, a sua natureza.

Conforme Panofsky, “devemos nos familiarizar com aquilo que os autores das representações liam ou sabiam. No entanto, mais uma vez, embora o conhecimento dos temas e conceitos específicos transmitidos através de fontes literárias seja indispensável e suficiente para uma análise literária não garante sua exatidão”.<sup>212</sup>

Entende-se aqui que Auguste de Saint-Hilaire colocou a arte a serviço da ciência, sendo possível inferir que o naturalista não visava um reconhecimento da comunidade artística, mas tinha na arte uma maneira de ser reconhecido pela comunidade científica francesa do início do século XIX.

Durante a sua viagem a Província de São Paulo, próximo à cidade de Itapeva, nota-se novas coletas e citações das plantas encontradas na região:

Pouco a pouco eu ia avançando, ainda que obliquamente, na direção do Sul; em consequência, a vegetação deveria apresentar algumas modificações. Com efeito, encontrei no[s] trechos descampados muitas plantas que ainda não conhecia, mas vi também uma grande variedade que é também encontrada nos campos de Minas, de Goiás e ao norte da Província de São Paulo. Cito, por exemplo, alguns espécimes anões do pequi (*Caryocar Brasiliense*, A.S. Hill., Camb., Juss.), cujo fruto tem ali nome, bastante singular, de *fruto inglês*. Desde que deixara Sorocaba eu havia encontrado, mas me pequena quantidade, o *borulé* (*Brosimum*). Um dia antes de chegar a Itapeva, vi também alguns espécimes anões de uma Gutífera de grandes folhas glaucas e flores cor-de-rosa (*Kielmeyra speciosa*, A.S.H., Camb., Juss), tão comuns nos campos de Minas. Finalmente, a planta vulgarmente chamada *Mangabeira falsa* é bastante comum na região. A flora dessa parte da Província de São Paulo constitui o começo da transição entre a das províncias tropicais e a vegetação do Rio Grande.<sup>213</sup>

Antes de registrar quais as árvores e plantas encontradas, o trecho descrito fez um levantamento geral das características botânicas daquela região; em seguida foi comparado a botânica de Itapeva em São Paulo com a que foi encontrada nas províncias de Minas Gerais, Goiás e até mesmo com o norte de São Paulo.

Se em outras circunstâncias, nota-se que os escritos de Saint-Hilaire foram uma mobilização que envolveu vários sentidos, para a realização de desenhos o que se nota é

---

212 PANOFSKY, Erwin. **Op.cit.** p.59.

213 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1976.p.224

uma forte predominância do visual e, neste caso, não se nota a mobilização de todos os sentidos como em outras descrições.

No interior de Goiás, na Serra de Corumbá, próximo dos arraiais de Santa Luzia e Meia Ponte, Saint-Hilaire escreveu que:

Após subir a serra por alguns instantes, achei-me num planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de subarbustos. Quanto às árvores, registrarei unicamente um *Solanum*, de frutos grandes como maçãs, a que dão o nome de fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*, Aug. de S. Hil.), e várias Apocináceas, entre as quais a que é usada na região como purgativo e é chamada de tiborna (*Plumeria drastica*, Mart.) Todas as plantas, ressecadas pelo ardor do sol, tinham uma coloração amarela ou cinza, que afligia o olhar. Já não se viam flores, e o aspecto da região fazia lembrar Beauce logo após a época da colheita. Unicamente o elegante e altivo buriti, elevando-se do fundo dos brejos, desfazia essa ilusão. Todo mundo afirma que há nesse planalto um grande número de animais selvagens, mas que nessa época do ano eles se escondem nas grotas, onde o capim ainda se mantém fresco. Os pássaros eram também raros até o planalto, quando ali passei, pois meus acompanhantes caçaram durante um dia inteiro e conseguiram matar apenas três.<sup>214</sup>

Diferentemente do que fez com árvores, plantas e flores coletadas no Brasil, Saint-Hilaire não desenhou os animais abatidos e empalhados por sua comitiva. Supõem-se que formação em botânica e a ideia do naturalista de que esses animais empalhados chegavam em melhor estado de conservação ao seu destino final do que as plantas coletadas no Novo Mundo podem ter contribuído para a não realização de desenhos destes animais.

Ao descrever o buriti, observa-se mais uma vez que Saint-Hilaire humaniza as características da planta. De fato, ao utilizar as palavras altivo e elegante o naturalista torna possível uma percepção daquilo que se passava aos seus olhos naquele momento, porém essa percepção humanizada do buriti poderia não ser compartilhada por um membro de sua comitiva ou por algum outro viajante com uma formação diferenciada. Percebe-se também que a descrição humanizada do buriti pode ser compreendido como um recurso do naturalista para contrastá-lo com as demais plantas da região, uma vez que as mesmas se encontravam ressecadas e uma coloração pouco entusiasmante.

Conforme visto em outro momento deste trabalho, observa-se aqui que a humanização de algum elemento a partir da sensibilidade do naturalista foi uma característica da escrita de Auguste de Saint-Hilaire quando o mesmo se encontrava conjunto paisagístico. Entretanto, o trecho acima no qual o buriti foi descrito, nos permite

---

214 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1975. p.22.

afirmar que para a descrição de uma planta, também foi utilizada uma maneira sensível e romântica de escrever

Cabe lembrar, que apesar de uma rica descrição das coletas, não foram utilizadas imagens das plantas coletadas nas literaturas de viagem. Portanto, a descrição das plantas encontradas não era complementada pelos desenhos da mesma, sendo que Saint-Hilaire escreveu um outro livro no qual traz desenhos e informações mais detalhadas sobre as espécies coletadas no Novo Mundo.<sup>215</sup>

Já o desenho do *Solanum lycocarpum*, vulgarmente conhecido como fruto-de-lobo se encontra a seguir:

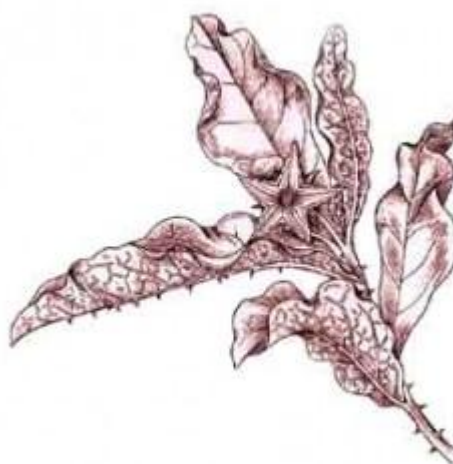


Imagem 7: *Solanum lycocarpum* St.Hill<sup>216</sup>

Um ponto que a análise do desenho permite compreender são as técnicas utilizadas naquele momento e o quanto as mesmas eram diferentes das atuais. Isso pode ser explicado pela formação em botânica naquele período; as técnicas artísticas praticadas

---

215 Auguste de Saint-Hilaire escreveu um livro chamado História das Plantas mais Notáveis do Brasil e do Paraguai, no qual existe uma comunhão entre textos de viagem e imagens desenhadas. Nos demais escritos, Saint-Hilaire até escreve sobre as herborizações realizadas, mas não se preocupou em promover uma união entre escritos sobre os acontecimentos das viagens e as imagens das plantas coletadas.

216 Disponível em: [https://www.serradacanastra.com.br/saber-mais/saint-hilaire/attachment/fruta\\_lobo](https://www.serradacanastra.com.br/saber-mais/saint-hilaire/attachment/fruta_lobo) acessado em: 10/06/2019

pelos naturalistas entre os séculos XVIII e XIX; além dos materiais que aqueles botânicos-desenhistas possuíam para realizar seus desenhos na época.

Já a comparação entre as imagens do *Araticum* e do *Solanum lycocarpum* permite entender que em alguns desenhos, Auguste de Saint-Hilaire utilizou técnicas e materiais muito parecidos. Assim, a cor das imagens, os elementos em destaque reforçam essa ideia e, neste caso, o não detalhamento de outras partes dos arbustos são alguns dos elementos em comum nestas duas imagens.

Depois de passar pela Fazenda Ponte Alta em Goiás, Saint-Hilaire descreve uma coleta e uma vegetação diversificada:

A não ser nas matas, a vegetação apresenta sempre a mesma alternativa e em vários trechos descampados ainda se encontra a *Vellozia* arborescente, que já assinali como sendo característica das regiões elevadas. Assim, os campos ora apresentam grandes extensões cobertas exclusivamente de capim, ora exibem aqui e ali algumas árvores raquíticas surgindo no meio daquela singular monocotiledônea. De resto, as árvores mal lhe deixam espaço para se desenvolver. É essa planta – como já disse – que estabelece a grande diferença entre os campos dessa região e a Província de Minas. Encontram-se também ali as mesmas espécies de *Qualea* que se vêem em Minas, a Voquízia nº502, a Gencianácea nº 206, tão comum em todos os campos, a *Hyptis* nº 157, a Composta 453, o velame, conhecido por suas qualidades purgativas, o pequi (*Caryocar brasiliensis*, Aug. de S.Hill., Camb.), o tamboril, ali chamado de vinhático-do-campo, a Auranciácea nº632, o pacari (*Lafoensia pacari*, Aug. de S.Hill.), a Acantácea nº642, a quina-do-campo (*Strychnos pseudoquina*, Aug. de S.Hill.), etc.<sup>217</sup>

Uma análise do trecho acima permite compreender que o naturalista se encontrava em uma região de maior altitude, uma vez que foi citada a presença da *Vellozia* - planta típica do cerrado brasileiro – e presente em regiões de altitude elevada.

Esta mesma passagem também permite a observação de uma grande variedade de árvores e plantas identificadas pelo autor. Muito dessas plantas e árvores descritas acima foram encontradas em outras regiões, contudo, destacou-se o que diferenciava a vegetação de Minas com a de Goiás.

Das várias plantas descritas, apresenta-se a imagem da *Strychnos pseudoquina*

---

217 SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Op.cit.** 1975. p.32.

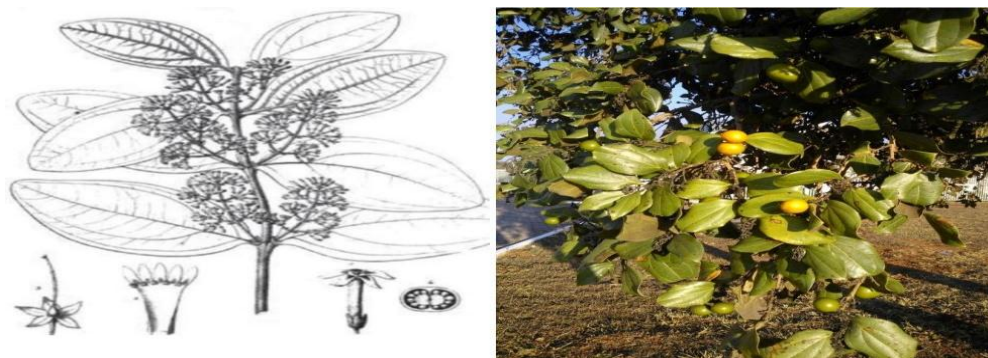


Imagem 8: *Strychnos pseudoquina* A.St.-Hil. (Loganiaceae)<sup>218</sup>

Nota-se que junto ao nome da planta encontra-se as iniciais de Auguste de Saint-Hilaire. Isso ocorre - nos meios botânicos e alguns outros meios científicos - quando uma pessoa cataloga uma nova espécie e a mesma geralmente carrega uma homenagem aos seus 'descobridores'.

Mais uma vez, o naturalista foi detalhista no seu desenho. Nesta imagem, o autor caracterizou as mais diferentes propriedades do *Strychnos pseudoquina* e, ao lado da imagem produzida pelo naturalista vê-se uma foto mais atualizada da planta citada.

Diferente de outras situações, compreende-se que na descrição das plantas coletadas, a narrativa de viagem produzida por Saint-Hilaire se comportou como um relato. De fato, o naturalista narra com alguma riqueza de detalhes as flores e árvores encontradas em suas coletas e as descreve de maneira muito detalhista.

As imagens produzidas podem ser compreendidas a partir uma função didática na qual plantas e árvores são desenhadas com uma grande precisão científica. Neste quadro, entende-se o desenho como um estímulo, uma forma de compreensão do mundo natural, além de um ponto de vista deste mesmo mundo. Já a união entre literatura de viagem e imagens de plantas permite um melhor entendimento das plantas em seu contexto natural, o momento da coleta e a região na qual as herborizações foram realizadas.

Cabe advertir, que apesar de um trabalho de rigor metodológico, a falta de nossa parte de uma formação no campo da botânica impede um maior detalhamento biológico-científico das plantas colhidas por Saint-Hilaire, mesmo porque este detalhamento nunca foi a proposta desta pesquisa. Dito isso, nossa proposta foi a de entender as imagens produzidas pelo francês em conjunto com suas visões de mundo, ciência e sensibilidades, mas com um olhar de historiador sobre seus feitos em terras brasileiras.

---

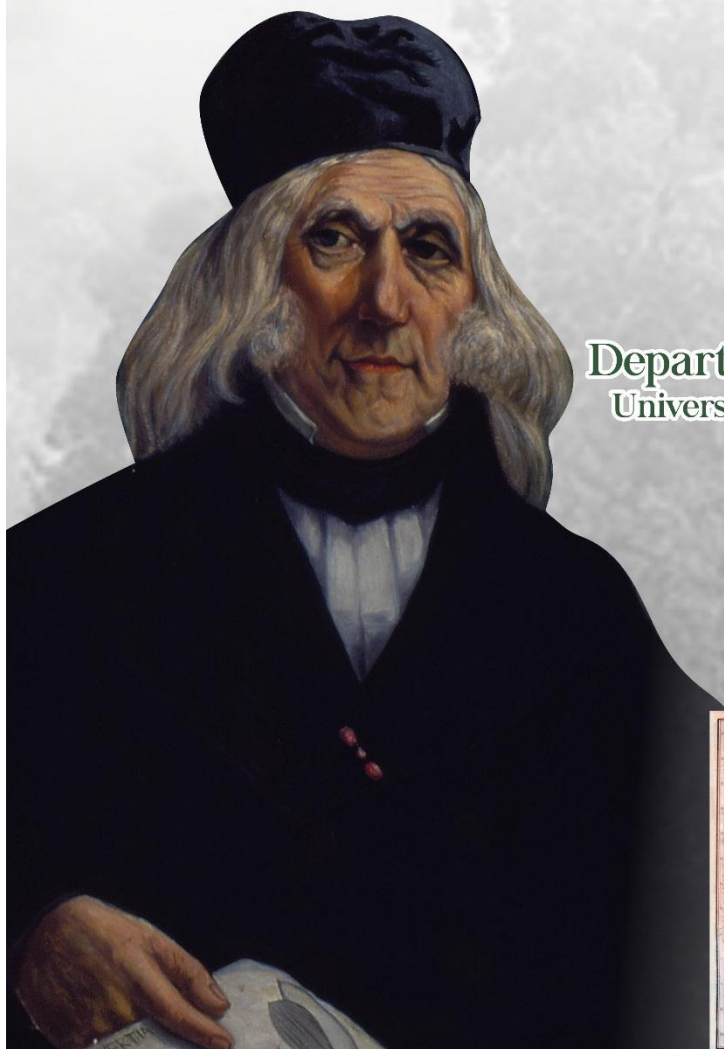
218 Disponível em: <http://xxivspmb.ceplamt.org.br/saint-hilaire/> Acessado em 19/07/2019.

EXPOSIÇÃO DE VIAGEM



O Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania convida para a exposição:

# Os caminhos de Saint Hilaire



14 e 15  
Outubro no  
Departamento de História  
Universidade Federal de Viçosa.



“*Os caminhos de Saint-Hilaire*”

Programação:

14 de outubro de 2019: montagem dos quadros, organização da disposição do espaço, abertura da exposição e análise das primeiras impressões.

15 de outubro de 2019: continuidade da exposição, novas análises das impressões dos participantes e encerramento das atividades

Responsável:

Flávio Teixeira da Costa Junior – licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa, mestrando no curso de Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela mesma instituição. Atua como professor de História do ensino fundamental e médio pela rede pública e privada na cidade de Manhuaçu.

Orientadora:

Professora Dra. Karla Denise Martins. Departamento de História da UFV e do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da mesma universidade.

A exposição *Os caminhos de Saint-Hilaire* tem como proposta a discussão de alguns aspectos relacionados a viagem de Auguste de Saint-Hilaire em terras brasileiras. Esta exposição visa a integração com pessoas das mais diversas áreas do conhecimento e as convida a reflexão e ao debate sobre o que botânico-naturalista produziu em terras brasileiras, principalmente, conhecimentos relacionados a seres humanos e natureza.

Cabe destacar que o período entre 2016-2022 marca o segundo centenário da chegada e da viagem de Saint-Hilaire pelo Novo Mundo. Neste cenário, uma exposição que apresente seus esforços, ensinamentos, desencontros e encantamentos durante os caminhos percorridos pelo Brasil tem como proposta que um grupo maior de pessoas possa conhecer estes feitos.

Um dos objetivos na apresentação dos trabalhos de Auguste de Saint-Hilaire - em uma exposição de viagem - é entender como algumas ideias produzidas por um viajante estrangeiro do início do século XIX se cristalizaram e chegaram até o nosso tempo. Dito

isso, visa-se aqui como um entendimento de como era a relação de *antroponatura* no período em que o naturalista percorreu o Novo Mundo e entender se alguns dos pontos de vista, debatidos na literatura de viagem.

Expedições de igual teor já foram realizadas em museus e dependências universitárias, mas Viçosa ainda não foi palco desse tipo de trabalho ligado aos viajantes e suas experiências de viagem.<sup>219</sup>

Inicialmente, a exposição seria realizada no hall de entrada da Biblioteca da Universidade Federal de Viçosa nos dias 02, 03 e 04 de Outubro, contudo, a greve realizada pelos servidores da universidade nos dias 02 e 03 fez com que nosso evento fosse remarcado para outra data e local.

O novo local foi escolhido foi o hall do Departamento de História nos dias 14 e 15 de Outubro. Nestes dias foram expostos 18 quadros com imagens e seus respectivos verbetes. Para uma melhor análise do espaço fotografou-se o mesmo antes da apresentação.



Imagem 9: Hall de entrada do Departamento de História- MG. 14/10/19. Acervo pessoal.

---

219 Por conta dos 200 anos da chegada de Saint-Hilaire ao Brasil foi feita uma exposição de sua viagem pelo Instituto Histórico e Geográfico Itaborahyense, sendo que o link para o acesso se encontra disponível em: <http://www.ihgi.org/440647134> acessado em 03/09/2019. Outra exposição que trabalhou com aspectos da viagem do naturalista francês, neste caso, pela região de Diamantina tem o seu link disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/viagem-de-saint-hilaire-a-diamantina-e-relembra-em-exposicao-no-instituto-casa-da-gloria> acessado em 03/09/2019.

\*\*\*



Imagem 10: Vista da exposição a partir do Hall de entrada do DHI – MG. 14/10/2019. Acervo pessoal.

. Primeiro dia: organização do evento e apresentação da exposição – 14 de Outubro de 2019.

O início dos trabalhos se deu próximo às 07:00 horas da manhã com a chegada ao local com o material a ser exposto, em seguida a funcionária do Departamento de História Mileny Prates e eu fomos à Divisão de Assuntos Culturais da UFV solicitar a retirada dos cavaletes que já haviam sido reservados à professora orientadora.

Inicialmente, eu e a secretária do DHI levamos oito cavaletes da DAC para o hall do departamento, sendo esse transporte realizado no carro da funcionária. Ainda no início da manhã, um caminhão a serviço da DAC, chegou com o restante dos cavaletes o que possibilitou a continuidade na organização do evento. Agradeço aqui a disponibilidade da funcionaria em me ajudar.

Uma vez montados os cavaletes, testou-se a percepção dos quadros nos mesmos. Foi sugerido pela funcionária do Departamento de Geografia e aluna da turma de 2017 do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, o acréscimo de uma cartolina branca ao fundo de cada quadro. Esta sugestão foi acatada e, em seguida, a mesma me ajudou na fixação destes cartazes ao fundo do quadros. O término da montagem da exposição se deu por volta das 09:50 minutos da manhã do dia 14 de

Outubro com a fixação dos verbetes em cada quadro. Gostaria de deixar um agradecimento mais do que especial a minha colega pela ajuda e disponibilidade.

A exposição teve por finalidade demonstrar a um público mais amplo, os trabalhos realizados por Auguste de Saint-Hilaire no Novo Mundo. A partir disso, buscou-se apresentar aos participantes aspectos que promovessem uma forma de conhecimento sobre seus feitos em terras brasileiras, além de objetos e lugares que retratassem a memória do naturalista no Brasil e na França.

A exposição foi montada com 18 quadros ao todo, sendo que 10 destes quadros se localizavam à direita da entrada do departamento. Estes quadros eram de imagens de plantas desenhadas e coletadas pelo naturalista. À esquerda da entrada do departamento ficaram organizados os quadros que tratavam de aspectos da viagem de Saint-Hilaire pelo Novo Mundo e outros relacionados a memória do naturalista francês. Ao fundo da entrada do departamento se localizava o banner da exposição; uma pequena caixa com sons de nascentes e pássaros; os livros *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce* e *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*; um caderno para o registro de presenças; uma caixa de sugestões com um pequeno caderno de anotações para aqueles que se dispuseram a deixar suas opiniões e críticas sobre o evento. Com exceção do banner, todo o material localizado no fundo departamento ficou sobre uma mesa disponibilizada pelo DHI.

Os cartazes que se localizavam nos cavaletes próximos ao hall de entrada do departamento tiveram que ser fixados com fita crepe ao fundo, uma vez que durante a manhã do dia 14 de Outubro o vento era forte, o que conseqüentemente causou a queda de alguns quadros. Entretanto, isso não trouxe prejuízos visuais a exposição, mesmo porque o material foi fixado ao fundo dos cartazes e depois desta fixação o vento deixou de ser uma ameaça para a continuidade do evento.



Imagem 11: Parte do material da exposição *Os caminhos de Saint-Hilaire* no DHI – MG. 15/10/2019. Acervo pessoal.

Pela manhã, o número de participantes não foi muito alto, mesmo porque grande parte do período foi ocupado na organização dos trabalhos. Contudo, observou-se que um número de curiosos razoável.

A exposição *Os caminhos de Saint-Hilaire* foi beneficiada pela realização da Semana Acadêmica de Geografia, pois este evento proporcionou uma maior circulação de pessoas pelo departamento e, algumas delas, se interessaram pelo que ali estava exposto. Entretanto, nem todos os alunos que participaram desta semana acadêmica se interessaram pela nossa exposição.

Durante o período da tarde, um número considerável de pessoas entre alunos dos cursos de História, Geografia, funcionários do departamento e até mesmo professores passaram pelo evento. À medida em que estas pessoas paravam para apreciar o material exposto, busquei explica-las qual a motivação que levava aquele material estar ali exposto, porquê aquela exposição se encontrava disposta naquele formato e pedia sempre aos interessados que assinassem os nomes no caderno de presença e, se possível, deixassem ali suas opiniões, sugestões e impressões sobre a exposição.

Durante a exposição, procurei deixar os participantes o mais à vontade possível e busquei explica-los o que era o trabalho; quem foi Auguste de Saint-Hilaire e qual foi a importância de seus feitos no Novo Mundo; além dos motivos que levavam a exposição a se organizar daquela maneira. A exposição ocorreu em uma clima agradável e as pessoas me trataram com uma extrema educação durante as abordagens e explicações.

A professora orientadora chegou ao evento próximo às 15:40 da tarde. Conversamos sobre a exposição, a montagem dos materiais e foram feitas algumas considerações sobre o formato da exposição. Em seguida, a orientadora conversou comigo sobre o trabalho e deixou algumas de suas opiniões anotadas na caixa de sugestões.

A caixa de som que estava localizada ao fundo da exposição parou de funcionar por conta de bateria descarregada. A coloquei para recarregar em uma tomada próxima e este acontecimento não trouxe prejuízos para o evento. Por volta das 16 horas o som foi restabelecido e a exposição continuava com um número menor de visitantes.

No primeiro dia, a exposição foi encerrada às 17:42 com a retirada de uma pequena parte dos materiais como os livros, a caixa de som, a caixa de sugestões e o caderno de assinaturas, no qual constavam 40 assinaturas no primeiro dia. Os quadros e o banner foram mantidos em seus respectivos lugares e o material retirado foi guardado em uma sala do DGE.

. Segundo dia: apresentação da exposição e encerramento das atividades – 15 de Outubro de 2019.

No segundo dia, cheguei ao local da exposição às 07:03. Foi encontrada uma situação mais favorável, pois quase todo o material já estava montado e mesmo aquele guardado no dia anterior era de fácil deslocamento. Durante o período da manhã não ocorreram acontecimentos significativos e o número de assinaturas recolhidas não foi muito alto.

Durante à tarde, um aluno do quarto período de graduação em História - foi a exposição para me oferecer um auxílio. Passei as instruções da exposição e o mesmo me prestou um bom auxílio durante aquela tarde, embora, continuasse na exposição a explicando aos visitantes o meu trabalho.

No dia anterior fiz o convite para que os alunos da minha turma de mestrado que estivessem em Viçosa e pudessem prestigiar o evento. Além da já mencionada funcionária do DGE, pude contar com a presença de outros dois colegas ao final da tarde. Os expliquei um pouco sobre aspectos da exposição, e um deles fez algumas colocações sobre a importância e as dificuldades dos trabalhos de Saint-Hilaire.

Todas as imagens e verbetes trabalhados se encontram dispostos nos anexos. Selecionou-se nove imagens de plantas, sendo duas delas de desenhos executados pelo naturalista e as outras sete das próprias plantas que foram coletadas pelo mesmo. Também

se escolheu outras nove imagens que retratassem aspectos da vida do naturalista em terras brasileiras e francesas. Essas imagens tinham por objetivo oferecer ao público uma dimensão dos trabalhos de Auguste de Saint-Hilaire, além de aspectos pessoais do mesmo.

Sendo assim, procurou-se, a partir da exposição, apresentar aos participantes um Auguste de Saint-Hilaire como um cientista criterioso e também como um ser humano que com seus vícios e virtudes produziu uma forma de conhecimento importante sobre o Brasil e os brasileiros.

Na terça-feira do dia 15 de Outubro a exposição foi encerrada às 17:29 com a retirada dos cartazes. No caderno de presenças da exposição 69 participantes deixaram suas assinaturas, desse total 13 pessoas deixaram suas sugestões, opiniões e críticas quanto ao evento. Gostaria de agradecer a cada um dos participantes por ter tirado um pouco de seu tempo para ofertar atenção.

\*\*\*

Como já dito, a exposição contava com uma caixa para que os participantes deixassem suas opiniões foi pedido aos mesmos que não se identificassem até mesmo como uma forma de sentirem mais à vontade. Sendo assim, estas opiniões serão apresentadas e debatidas neste item da dissertação, sendo que mesmo aqueles que se identificaram terão seus nomes preservados.

Em nosso trabalho, a escrita transcrita levará a letra O (de opinião). Também não será seguida a ordem das sugestões depositadas na caixa.

O1: *“Achei legal e interessante, belas imagens. Gostei que ele passou pela minha cidade Almenara”.*

O2: *“Sugestão: inserir a fonte das imagens com o endereço ou autoria”.*

O3: *“Parabéns Flávio, excelente trabalho. Ótima ideia a exposição. Sugiro que leve-a pra outros lugares. O som ambiente foi também ótima ideia”.*

O4: *“Trata-se de uma bela exposição que ressalta um período e personagens um tanto desconhecidos p/ o público geral, o que torna o trabalho ainda mais importante. Parabéns ao trabalho, cujo jogo entre esquemas visuais e sonoros cumpriram a função de ambientizar os interlocutores”.*

O5: *“Na minha opinião, a exposição foi extremamente interessante. O que mais me chamou a atenção foi a conciliação entre a explicação e o som ambiente. Flávio apresenta uma fala clara e objetiva”.*

O6: *“Gostaria de ter visto um pouco mais da escrita do autor da exposição”.*

O7: *“A exposição é muito interessante mostra um pouco da riqueza do trabalho de Saint-Hilaire, sendo que as expedições naturalistas são de grande importância de serem estudadas para termos a compreensão dos aspectos históricos/geográficos da paisagem”.*

O8: *“O trabalho de resgate de História, na visão de um pesquisador vindo de lugares longínquos, e que se sentiu fascinado pela nossa flora é no mínimo curioso. Fascinante o trabalho! Duzentos anos de história da flora brasileira, relatada pela lente de quem entendia dos ecossistemas. Parabéns!”*

O9: *“Trabalho muito bom; apresentação ótima; seria de bom proveito caso tenha outras oportunidades, levar esse trabalho para apresentar em outros locais, assim pessoas principalmente as que não possuem estudos acadêmicos também ficam conhecendo a vida desse homem que ficou para a História e deixou uma grande quantidade de riqueza de conhecimentos para nós. Vale a pena também estudar sobre outros homens que também fez História e nos trouxe muito conhecimento sobre a natureza; que é a nossa fonte de vida”.*

O10: *“Ótima exposição. Apresentando imagens nítidas e informações sobre o naturalista”.*

O11: *“Trabalho muito bem desenvolvido, apreço pelos detalhes e excelentes explicações, além do enorme carisma demonstrado. Muito bom!”*

O12: *“Gostei das imagens e da disposição do trabalho sobre a vida e obra de Saint-Hilaire. Achei as ilustrações botânicas com resolução um pouco baixo, fora isso somente elogios.”*

O13: *“Eu gostei muito da exposição, poderia haver vídeos relativos a Saint-Hilaire, mas obviamente são muitas informações em confronto.*

*Você pode trabalhar com persuasão para fazer as pessoas realizarem a crítica”.*

As análises deixadas na caixa de sugestões nos mostram um público satisfeito com o que foi apresentado na exposição. Supõem-se que, em alguns casos, a empatia com o apresentador da exposição pode ter contribuído para uma atitude menos ácida dos expectadores com o trabalho.

Lembra-se ainda que o espaço estava aberto as mais diversas críticas e quando elas vieram foram feitas de maneira sutil e educada. Ainda neste debate, as pessoas não eram obrigadas, mas sim convidadas a participar. Também lembrou-se que a exposição oferecia uma outra forma de aprendizado sobre Saint-Hilaire de uma maneira simples, mas muito eficiente.

Ainda sobre a exposição, o que aqui foi escrito nesta dissertação é um breve relatório das atividades da primeira exposição. Assim sendo, pretende-se realizar novas exposições para novos públicos, principalmente, um público mais jovem, tendo em vista que é com este grupo que desenvolvo minhas atividades profissionais. Não obstante, a montagem de novas exposições, não se mostra como algo difícil de se realizar, uma vez que quase todo material disponível já se encontra pronto.

## PORTFÓLIO

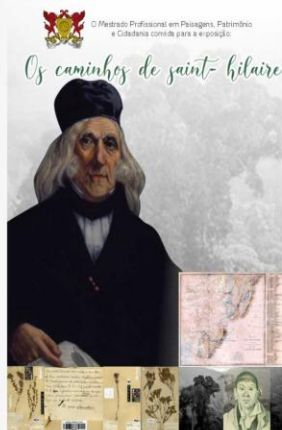
## PORTIFÓLIO

### 1. APRESENTAÇÃO

A exposição de viagem **Os caminhos de Saint-Hilaire** é parte do produto final da dissertação do mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania de Flávio Teixeira da Costa Junior. Esta dissertação - intitulada **O naturalista e o viajante: o Brasil nos escritos de Auguste de Saint-Hilaire** - foi desenvolvida na Universidade Federal de Viçosa sob a orientação da professora Dra. Karla Denise Martins.

A exposição apresenta imagens de plantas coletadas por Saint-Hilaire durante sua permanência em terras brasileiras, desenhos executados pelo naturalista, mapa de regiões percorridas no Novo Mundo e alguns aspectos relacionados a memória do viajante-naturalista francês.

Ainda sobre a exposição, a mesma conteve 18 quadros sendo que as nove primeiras imagens foram de plantas desenhadas ou coletadas por Saint-Hilaire durante sua viagem ao Novo Mundo. Já as outras nove apresentaram alguns aspectos da viagem e da memória do naturalista francês. Sendo assim, a proposta da exposição é a compreensão de aspectos que ressaltem os trabalhos botânicos de Saint-Hilaire aliados à sua condição de viajante, na qual essa aliança permita uma compreensão holística da viagem do naturalista francês.



### 2. QUEM FOI AUGUSTE DE SAINT-HIALAIRE?

Auguste François César Prouvençal de Saint-

morreu na mesma cidade no ano de 1853. Ainda durante a juventude Saint-Hilaire viveu em Hamburgo (atual Alemanha) se dedicando a atividade de comerciante, ao retornar a Paris, dedicou-se aos estudos de botânica. Saint-Hilaire percorreu o Novo Mundo entre os anos de 1816-1822 e durante suas viagens, além da coleta de plantas, escreveu também sobre populações, cidades, paisagens e encontros.

Durante a sua viagem as terras do Novo Mundo, o naturalista levou para a Europa um herbário de 30.000 espécimes abrangendo mais de 7000 espécies de plantas, das quais as espécies novas podem ser calculadas em mais de 4.500. Muitos gêneros novos foram descritos pelo viajante francês.



Auguste de Saint-Hilaire

### 3. PRODUTOS ACADÊMICOS

Na UFV, os produtos acadêmicos do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania se destacam por sua diversidade e é possível encontrar produtos do programa de pós graduação inseridos nas áreas de tecnologia, cursos de formação e capacitação de profissionais, materiais paradidáticos, documentários entre outros. Estes produtos - além de cumprirem as exigências básicas para a obtenção do título de Magister Scientiae - promovem a integração junto a um público maior do que o chamado meramente acadêmico, à medida que encontra nas mais diversas comunidades o seu alvo.

### 4. IMAGENS

Como já foi dito no item na apresentação, a exposição *Os caminhos de Saint-Hilaire* utilizou 18 quadros em sua totalidade.

Desse modo, neste material serão apresentadas três imagens da exposição, sendo uma imagem de uma planta desenhada por Saint-Hilaire, uma imagem do mapa com as regiões

percorridas no Novo Mundo e uma imagem de um local ligado à memória do naturalista.



Anticum (Annona dioica St. Hil.)

Geralmente, os desenhos realizados por Saint-Hilaire eram feitos no momento da coleta ou em ponto de parada mais próximo e a partir de uma análise da riqueza contida na imagem apresentada, compreende-se que o autor possuía um domínio científico e artístico da técnica de desenhar plantas e flores.



Trajetória percorrida por Saint-Hilaire entre os anos de 1816 e 1822

O botânico esteve no Brasil entre os anos de 1816-1822 e viajou pelas províncias do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, atual Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e em suas viagens pelo país, o naturalista fez coleções de plantas e animais.

As coleções de Saint-Hilaire apresentadas na exposição se encontram no Muséum national d'histoire naturelle. No total, este museu conta com um herbário de aproximadamente 8 milhões de diferentes espécimes, coletadas em mais de dois séculos de história, por botânicos ao redor do mundo.



Busto de Saint-Hilaire

O busto de Saint-Hilaire foi inaugurado em 1928 em homenagem aos trabalhos realizados pelo naturalista em terras brasileiras. Atualmente, o busto está localizado no Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro.

## 5. VERBETES

Os verbetes foram informações complementares as imagens. Estes verbetes tinham como objetivo fornecer aos participantes da exposição algumas informações sobre os quadros ali organizados.

Os verbetes foram equivalentes a quantidade de quadros da exposição, ou seja, a exposição contabilizou um total de 18 verbetes. As informações contidas eram sucintas, mas visavam oferecer ao participante um conhecimento confiável do que era ali contemplado. Ainda sobre os verbetes, estes foram elaborados com informações contidas no próprio trabalho ou outras informações devidamente citadas.

A imagem de fundo escolhida para a confecção dos verbetes traz uma região da zona rural do estado de Minas Gerais. A escolha de uma paisagem mineira não se deu por acaso, Saint-Hilaire descreve muitos conjuntos paisagísticos mineiros de uma forma detalhada e contemplativa.



Verbete com as informações da Annona dioica.

## 6. SONS

Em sua literatura de viagem, Saint-Hilaire capturou sons de uma forma sensível e detalhista, o autor fez isso, principalmente, quando se encontrava mediante a

paisagem encontrada na literatura de viagem não é apenas visual sendo possível encontrar nos escritos do autor, descrições de sons de pássaros, do vento e até mesmo de rios. Saint-Hilaire, ao se encontrar mediante a um conjunto paisagístico, não mobilizava apenas a visão para contemplar o que ali estava apresentado. Segundo a literatura de viagem, em momentos de prazer, o autor tinha uma atitude contemplativa que ultrapassava o campo visual, sendo assim, a sua escrita pode compreendida como o resultado da contemplação holística daquilo que foi vivenciado.

Ainda neste debate, a literatura de viagem mostra que era necessário uma situação de harmonia para que conjuntos paisagísticos fossem contemplados harmoniosamente, como pode ser observado a seguir:

Chegando à casa de Martins em Linhares, vi apenas um Rio e as inúmeras florestas que se estendem em suas margens; durante toda essa viagem, nenhuma habitação me mostrou aos olhos. As pequenas ilhas que, como as margens do rio, são cobertas de matas que se elevam aqui e ali, do meio das águas, oferecem a paisagem alguma variedade. Nenhum ruído nos fere os ouvidos, além dos murmúrios dos ventos que agitam a folhagem das árvores, o canto alegre da araponga e o do pavão, semelhante aos sons de uma flauta doce.

(SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. p.61)

Mediante essa situação, a exposição foi realizada com sons de nascentes e pássaros ao fundo. A utilização deste artifício visava a apresentar aos participantes uma dimensão da viagem de Saint-Hilaire que ultrapassasse o campo visual.

## 7. A COMITIVA DE VIAGEM DE SAINT-HILAIRE

Para a realização de sua viagem, Auguste de Saint-Hilaire teve uma comitiva, predominantemente, composta por Yves Prégent (taxidermista francês que veio a falecer em São Del Rey), José Mariano (tocador que com a morte de Prégent assumiu a função de taxidermista), Firmiano (botocudo responsável pela abertura de caminhos), Matias (tocador dos animais da comitiva), Marcelino (tropeiro), Manuel (escravo) e Antoine Larlotte (secretário francês de Saint-Hilaire). Neste quadro, a utilização do termo predominantemente remete ao fato de que em algumas regiões, alguns membros acabaram sendo incorporados de maneira provisória e outros acabaram abandonando o

regiões, alguns membros acabaram sendo incorporados de maneira provisória e outros acabaram abandonando o naturalista por motivos diversos.

Não foram produzidas imagens de todos os membros da comitiva de viagem, na verdade, além de Saint-Hilaire, o outro 'camarada' de sua comitiva que possui uma imagem é o botocudo Firmiano. Provavelmente, o fato de Firmiano ser um índio da tribo botocudo, fez com que Saint-Hilaire se preocupasse na produção de uma imagem que o retratasse. Naquele período - início do século XIX - os chamados povos indígenas eram fonte de interesse e debate em alguns meios intelectuais europeus.

Ainda sobre a viagem, nenhum outro membro da comitiva produziu uma literatura de viagem. Portanto, qualquer análise e opinião sempre terá por base os escritos realizados por Auguste de Saint-Hilaire.



Imagem do botocudo Firmiano

## 8. PAISAGENS

O ofício de Auguste de Saint-Hilaire não era o de pintar paisagens e pessoas, sua atividade no Novo Mundo estava ligada a coleta de plantas e o envio das mesmas para a Europa. Isto explica o fato de não se encontrarem conjuntos paisagísticos ilustrados pelo naturalista francês.

Entretanto, isso não significa que as paisagens brasileiras não tenham exercido alguma influência sobre a literatura de viagem do naturalista francês. Ao contrário, em seus escritos é possível encontrar múltiplas descrições paisagísticas feitas de uma maneira detalhista e contemplativa.

**Nas vizinhanças da habitação enormes rochedos elevam-se próximo ao regato. Enfim, defronte da residência, abaixo dessas montanhas que limitam o horizonte, a vista repousa sobre um grupo de casinholas intercaladas de árvores, nos meios das quais notam-se, pela elegância do porte, algumas bananeiras. Encontram-se nas montanhas da Europa paisagens que se compõem de elementos mais ou menos semelhantes; mas aqui o aspecto é singular, sendo-me impossível pintá-lo, o que creio ser devido à cor dos rochedos, sua posição e à natureza dos vegetais.**

(SAINT-HILAIRE. Auguste de. Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil. Tradução de Leonam de



## Considerações Finais.

Auguste de Saint-Hilaire já era alguém conhecido e respeitado – tanto no Brasil quanto na França - nos meios acadêmicos desde o tempo de suas viagens e da divulgação de seus trabalhos.

Esta dissertação buscou entender os escritos de Auguste de Saint-Hilaire a partir de novas visões que ultrapassassem a condição de um simples “relato de viagem”. Assim, analisou-se discursos de cientista do período das luzes, mas também de um ser humano que viajou por diferentes regiões do Novo Mundo e que, em determinados momentos ultrapassou essa condição de naturalista.

A denúncia de uma *antroponatura* maléfica foi acompanhada por uma racionalidade que visava equilibrar as relações entre seres humanos e natureza em nosso país. As denúncias partiram de um europeu das luzes, contudo, lembra-se que a viagem deste europeu não tomou em conta apenas os princípios científicos respeitados daquele momento. Logo, Saint-Hilaire esperava uma *antroponatura* equilibrada como um cientista e como um ser humano que teve a capacidade de se encantar por aquilo que vivenciou em terras brasileiras.

As narrativas que retratavam as paisagens encontradas por Auguste de Saint-Hilaire nos mostram um prazer que um naturalista de gabinete jamais sentiu, a contemplação de conjuntos paisagísticos de regiões distantes. Desse modo, a literatura de viagem do botânico nos mostra uma atitude que ultrapassou o campo descritivo, sendo possível observar uma atitude contemplativa harmoniosa de alguém que se encantou com os conjuntos paisagísticos revelados aos seus sentidos.

Ainda sobre paisagens, Saint-Hilaire as analisou de maneira romântica quase poética. Como na análise botânica, o autor se atentou para os mais diferentes detalhes e foi criterioso ao trazer para o seu texto uma paisagem que não se limitava ao seu campo visual. Dessa maneira, o viajante buscou também uma compreensão pormenorizada dos elementos sonoros da paisagem.

Os discursos filantrópicos emitidos pelo autor partiram de concepções científicas de um país dito civilizado para um país que visava a atingir o ideal das luzes e do progresso. Neste sentido, coube a Saint-Hilaire observar, conforme seus padrões científicos e visões de mundo, aquilo que fugia os cânones científicos no Brasil. Neste

sentido, os discursos filantrópicos carregavam a marca de identificar aquilo que estava errado e intervir com ideias que visavam a correção destes erros.

Nos escritos sobre as populações brasileiras, o autor foi por vezes eurocêntrico, mas também contraditório. Na análise desta parte da literatura de viagem deve-se levar em conta quais eram os tipos de população analisada e quais os projetos do naturalista para as mesmas. Logo, observa-se que o texto do viajante não foi linear e, por vezes, elogios e desqualificações, a determinados grupos populacionais, podem ser encontrados em páginas muito próximas.

A presença junto ao *outro*, típica de um viajante de “pés no chão”, nos mostrou, por vezes, um texto ácido, grosseiro e impaciente com os contatos realizados. Ainda à luz deste debate, a literatura de viagem nos mostra que o *outro* assumiu diversas feições, tais como: o membro da comitiva que não acatou perfeitamente sua opinião/ordem; aquele que não o recebeu com as “devidas honras”; e até mesmo o *outro* que o afrontou. Percebe-se que ao escrever sobre o *outro*, Saint-Hilaire nos revela um pouco de sua personalidade e de seus pensamentos. Ainda assim, o que a dissertação tomou em conta foi sempre o ponto de vista do naturalista francês.

Ainda sobre o *outro*, o Auguste de Saint-Hilaire também teve a capacidade de se maravilhar com o que vivenciou em terras brasileiras. Assim, em determinados momentos, o *outro* também lhe trouxe prazer, diversão e descontração, e foi responsável fazer que sua viagem ultrapassasse a condição exclusiva de viagem científica. Ainda neste debate sobre bons encontros o *outro*, a *antroponatura* como aquela vivenciada na Serra da Mantiqueira deixou doces memórias e um sentimento de profunda gratidão junto ao naturalista francês.

A viagem possibilitou que mesmo alguém tão preocupado com os cânones científicos e com a glória nacional da França fosse subjetivo em muitos momentos. Sendo assim, a viagem permitiu entender um Saint-Hilaire que foi muito além do criterioso e metódico cientista do período das luzes. Logo, entendeu-se suas angústias, dificuldades e medos em um trabalho que pode e deve ser criticado, mas merece o reconhecimento de alguém que fez muito pela ciência de seu tempo e produziu conhecimentos úteis mesmo depois de 200 anos do início de suas viagens pelo Brasil.

A análise da literatura de viagem, nos permitiu compreender como uma viagem de “pés-no-chão”, realizada por Saint-Hilaire, não foi algo solitário. Entender diretamente os feitos de Saint-Hilaire - a partir de seus escritos - é compreender também, um ponto de vista sobre Firmiano, José Mariano, Antoine Laruotte e Yves Prégent; e por mais que,

na maioria das vezes, os escritos contidos na literatura de viagem ressaltassem os defeitos destes homens. Observa-se que os mesmos prestaram serviços fundamentais para o desenvolvimento dos trabalhos de Saint-Hilaire durante sua viagem pelo Novo Mundo.

Antes do desenvolvimento do “Produto Final” deste trabalho, realizou-se, no início do terceiro capítulo, um debate sobre imagens, mesmo porque no produto desta dissertação foram trabalhadas imagens ligadas a Auguste de Saint-Hilaire. Este debate teve como objetivo explicar ao leitor como determinados tipos de viajantes utilizaram as pinturas como complemento para as suas atividades.

Debateu-se neste item que Saint-Hilaire, diferentemente de outros naturalistas que estiveram no Brasil durante a primeira metade do século XIX, não foi um pintor de cotidianos e paisagens, sendo que seus desenhos ficaram restritos ao campo da botânica. Sendo assim, a utilização do recurso imagético pode ser entendido como uma atividade de enriquecimento a atividade naturalista.

A realização do “Produto Final”, a partir da exposição *Os caminhos de Saint-Hilaire*, buscou a união de imagens que ressaltassem o trabalho como botânico a partir das plantas coletadas, elementos da viagem realizada pelo Novo Mundo e lugares de memória.

Outro ponto a ser destacado é o desejo de realizar esta exposição em outras cidades. Logo, a exposição que ocorreu em Viçosa foi a primeira apresentação, mas deixou em aberto a realização de novas demonstrações do mesmo teor, principalmente, na minha cidade natal, Manhuaçu. Assim, pretende-se algo que contemple muitos públicos, de diferentes faixas etárias e que alcance o principal objetivo do “Produto Final” do Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagem e Cidadania, um trabalho para o uso da sociedade.

Buscou-se o entendimento de Saint-Hilaire como um naturalista, um cientista metódico, eurocêntrico e criterioso com suas atividades botânicas e seus escritos de viagem. Contudo, procurou-se também abordar o ser humano Auguste de Saint-Hilaire; uma pessoa que ultrapassou a simples condição de naturalista e teve a capacidade de demonstrar, seus sentimentos, suas angústias e seus pensamentos a partir de escritos produzidos a partir de um produto singular, a viagem.

## ANEXOS:



Imagem 12: Verbete com as informações da *Annona dioica*



Imagem 13: *Annona dioica*<sup>220</sup>

---

<sup>220</sup> Pignal M., Romaniuc-Neto S., De Souza S., Chagnoux S. & Lange Canhos D. A. 2013. Saint-Hilaire virtual herbarium, a new upgradeable tool to study Brazilian botany. *Adansonia*, sér. 3, 35 (1): 7-18. <http://dx.doi.org/10.5252/a2013n1a1> acessado em 06/10/2018. Acessado em 06/10/2018.



Imagem 14: Verbete com as informações da *Marcetia taxifolia*



Imagem 15: *Marcetia taxifolia*<sup>221</sup>

<sup>221</sup> Disponível em: <http://mediaphoto.mnhn.fr/media/14459380562191J6HMU5CEp01uMsU> acessado em: 20/09/2019.





Imagem 18: Verbete com as informações da *Lavoisiera imbricata*

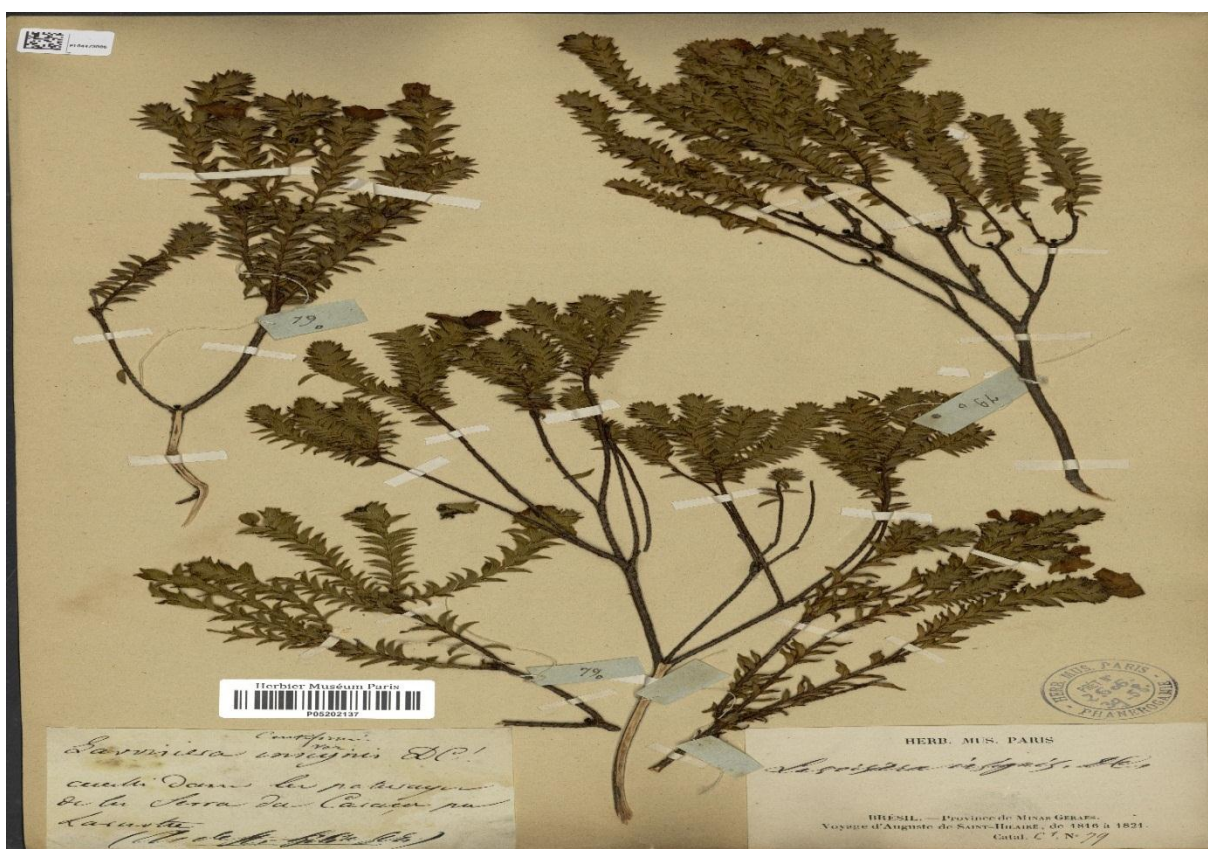


Imagem 19: *Lavoisiera imbricata* <sup>223</sup>

<sup>223</sup> Disponível em: <http://mediaphoto.mnhn.fr/media/144139602236330CkxAdKUMwSOh0Z> acessado em 20/09/2019.

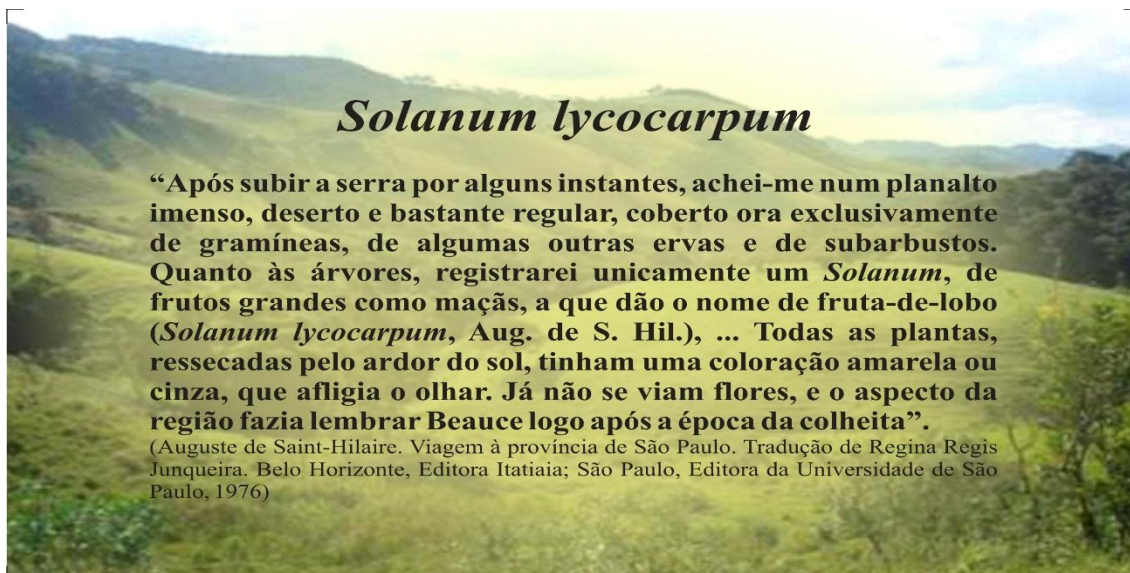


Imagem 20: Verbete com as informações do *Solanum lycocarpum*

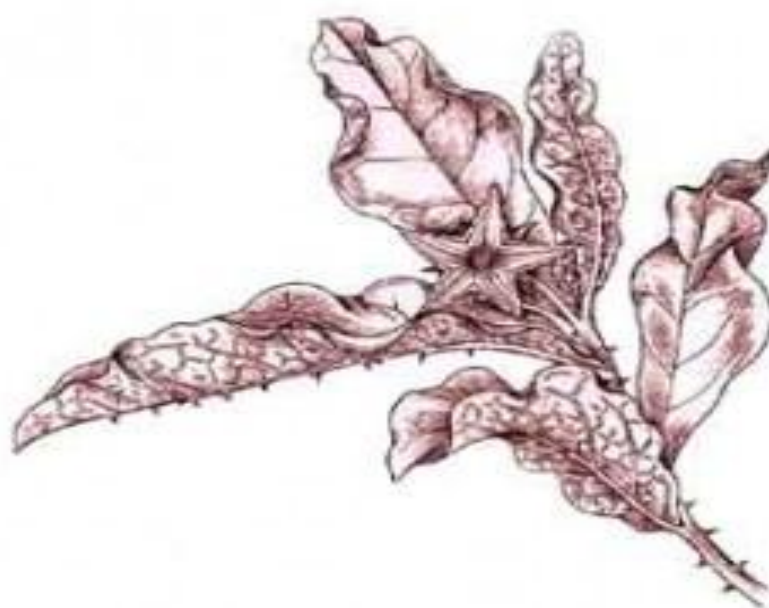


Imagem 21: *Solanum lycocarpum*<sup>224</sup>

---

<sup>224</sup> Disponível em: [https://www.serradacanastra.com.br/saber-mais/saint-hilaire/attachment/fruta\\_lobo](https://www.serradacanastra.com.br/saber-mais/saint-hilaire/attachment/fruta_lobo) acessado em: 10/06/2019.

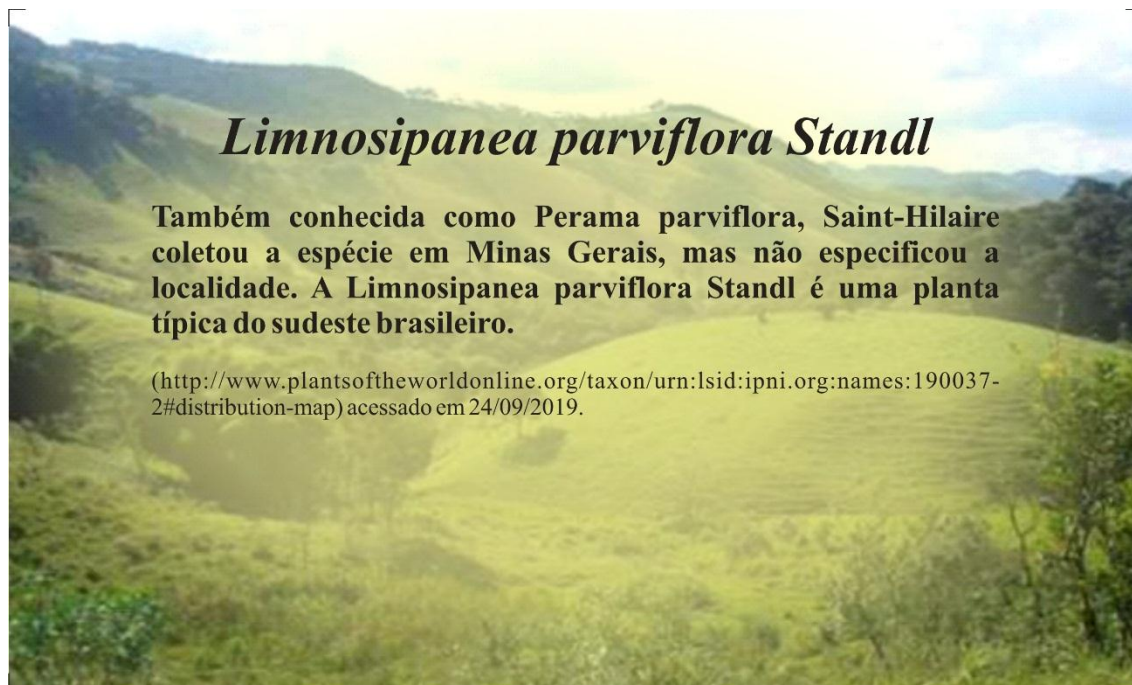


Imagem 22: Verbetes com as informações da *Limnosipanea parviflora* Standl

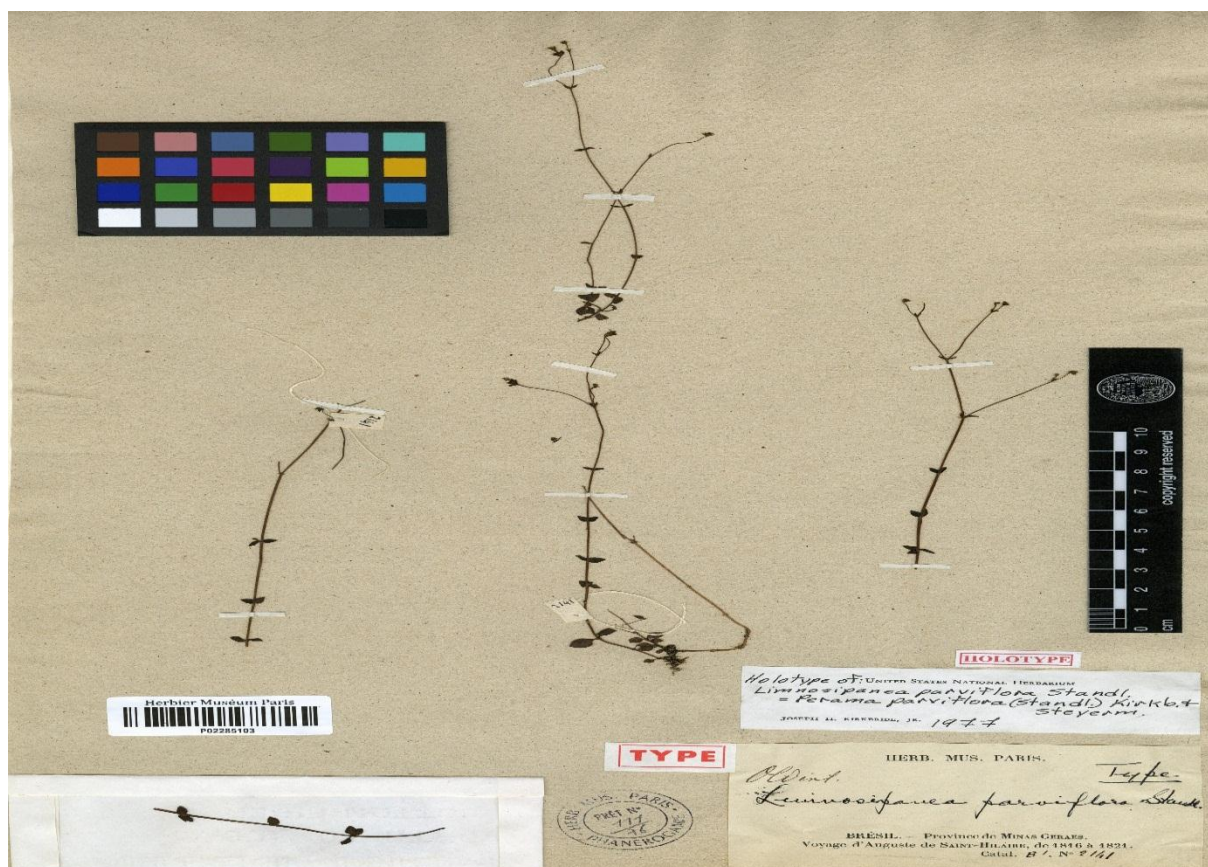


Imagem 23: *Limnosipanea parviflora* Standl<sup>225</sup>

<sup>225</sup> Disponível em: <http://mediaphoto.mnhn.fr/media/14465618695184bC11zsEYEP3Z9FU> acessado em: 20/09/2019.



Imagem 24: Verbete com as informações da *Hyptis petraea*



Imagem 25: *Hyptis petraea* <sup>226</sup>

<sup>226</sup> Disponível em: <http://mediaphoto.mnhn.fr/media/1443361470712exFtxbhn5hvGlaRo> acessado em: 20/09/2019.

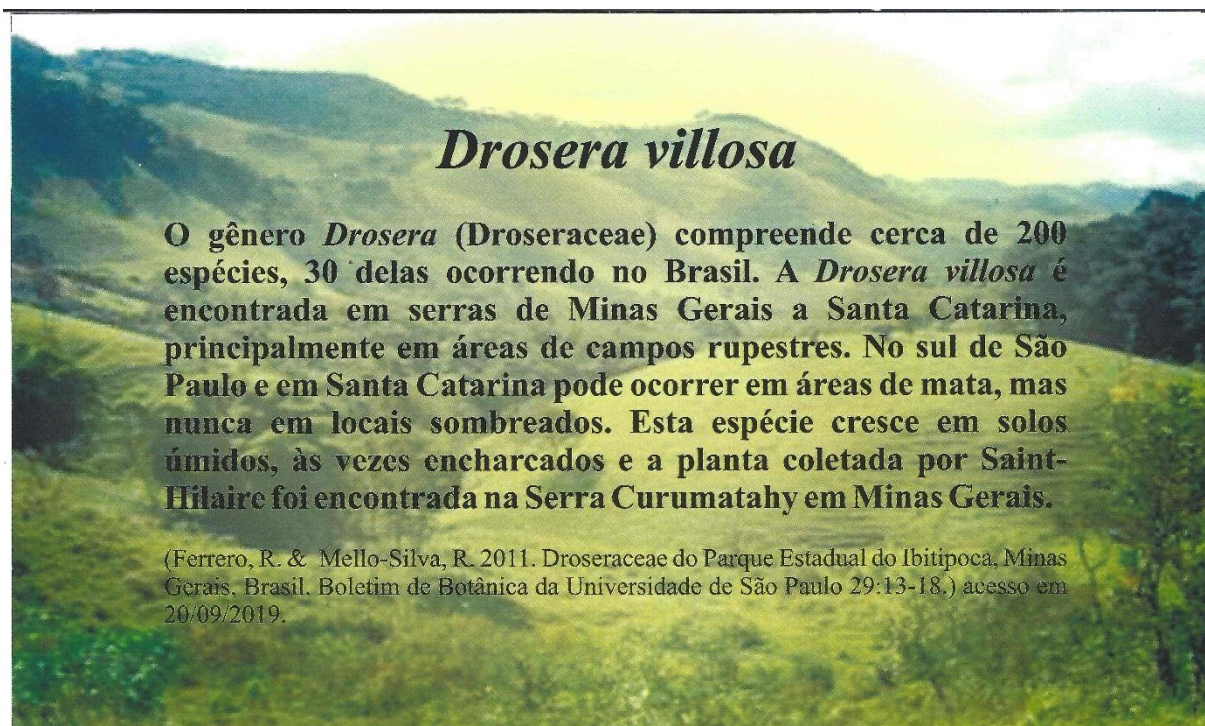


Imagem 26: Verbete com as informações da *Drosera villosa*

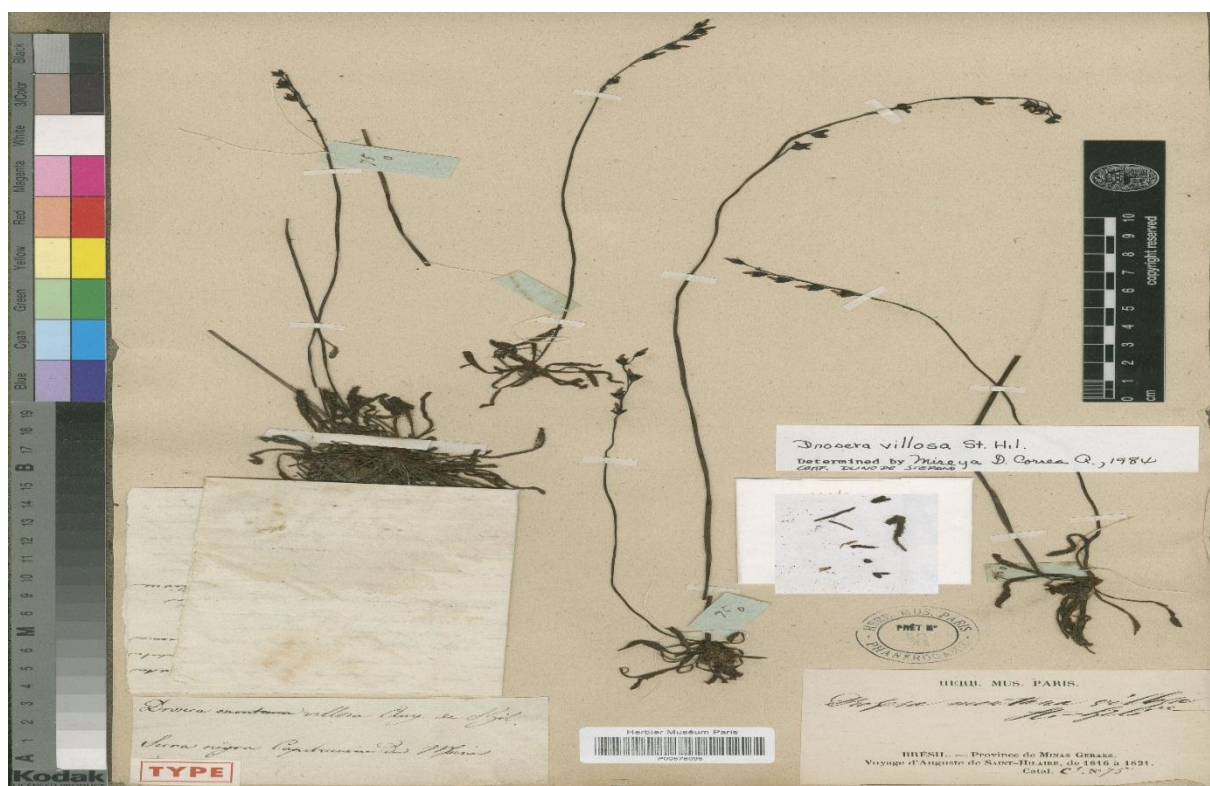


Imagem 27: *Drosera villosa* <sup>227</sup>

<sup>227</sup> Disponível em: <http://mediaphoto.mnhn.fr/media/1442541435935CAWrrjsRRUBjAik4k> acessado em: 20/09/2019.

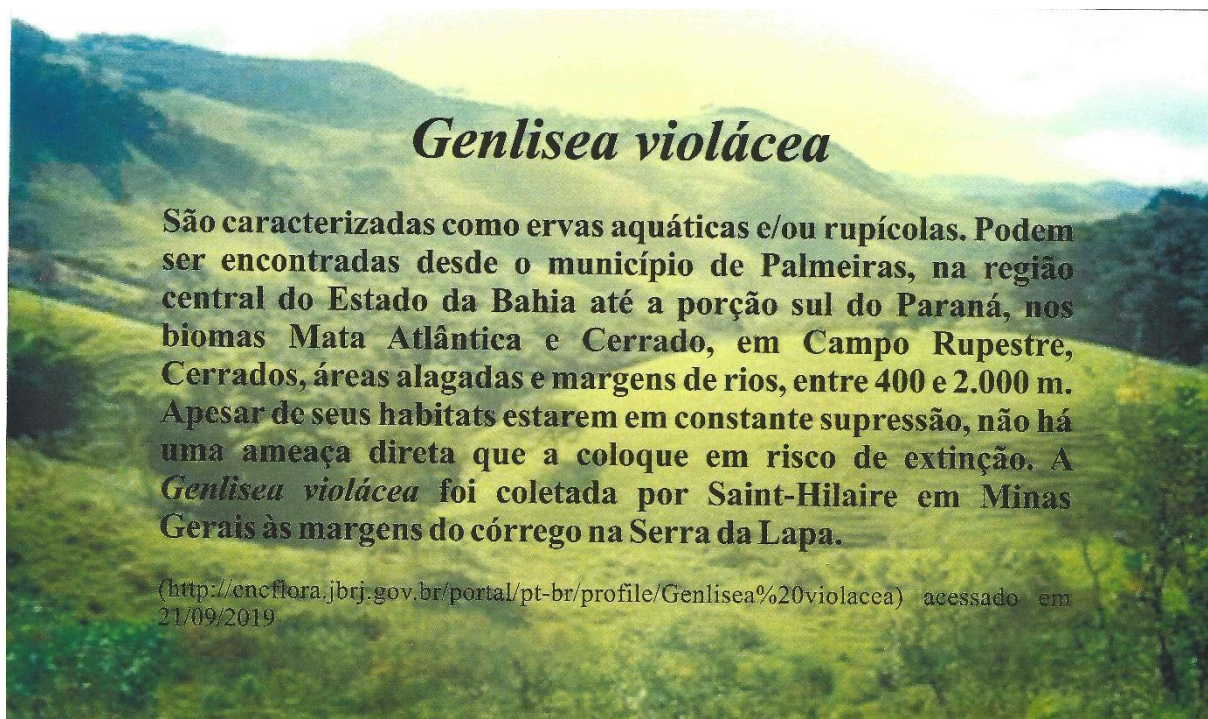
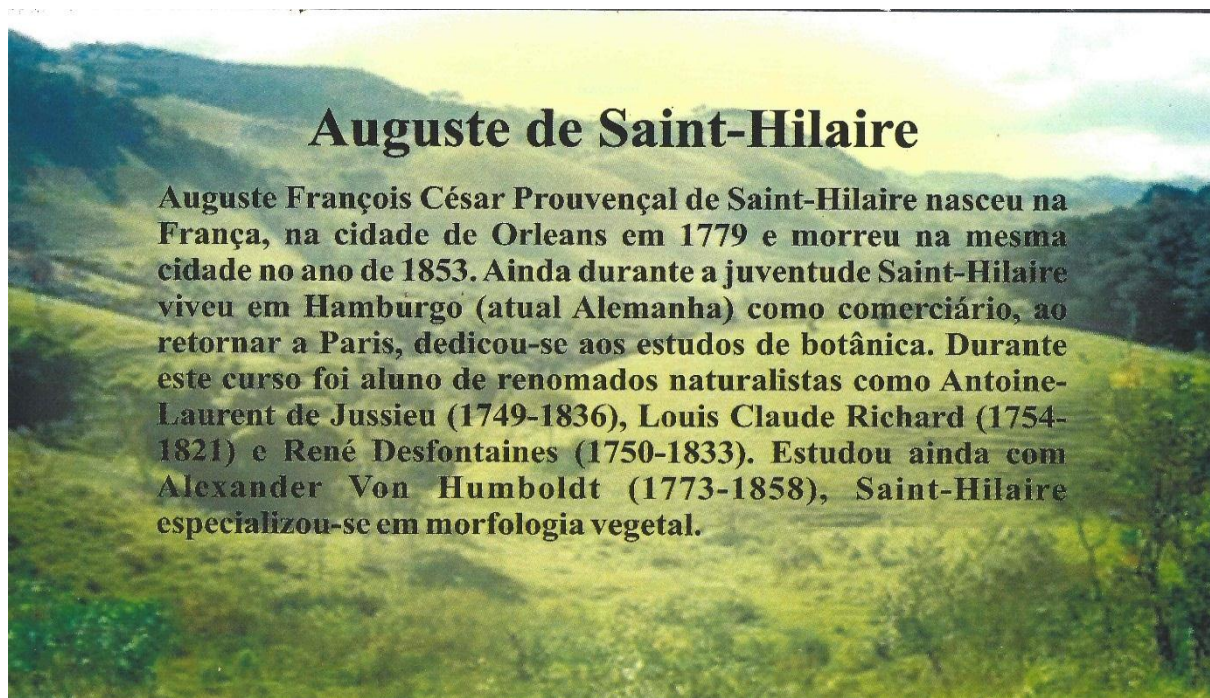


Imagem 28: Verbete com as informações da *Genlisea violácea*



Imagem 29: *Genlisea violácea* <sup>228</sup>

<sup>228</sup> Disponível em: <http://mediaphoto.mnhn.fr/media/1442662619295qtavRwLby07JQdAj> acessado em: 20/09/2019.



## Auguste de Saint-Hilaire

Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire nasceu na França, na cidade de Orleans em 1779 e morreu na mesma cidade no ano de 1853. Ainda durante a juventude Saint-Hilaire viveu em Hamburgo (atual Alemanha) como comerciário, ao retornar a Paris, dedicou-se aos estudos de botânica. Durante este curso foi aluno de renomados naturalistas como Antoine-Laurent de Jussieu (1749-1836), Louis Claude Richard (1754-1821) e René Desfontaines (1750-1833). Estudou ainda com Alexander Von Humboldt (1773-1858), Saint-Hilaire especializou-se em morfologia vegetal.

Imagem 30: Verbete com informações de Auguste de Saint-Hilaire



Imagem 31: Auguste de Saint-Hilaire<sup>229</sup>

---

<sup>229</sup> Disponível em: [https://www.wikiwand.com/pt/Auguste\\_de\\_Saint-Hilaire](https://www.wikiwand.com/pt/Auguste_de_Saint-Hilaire). Acessado em 15/09/2019. Fonte desconhecida.



Imagem 32: Verbete com as informações de Firmiano



Imagem 33: Firmiano<sup>230</sup>

---

<sup>230</sup> Disponível: [https://sumidoiro.files.wordpress.com/2013/01/post\\_firmiano-retrato.jpg](https://sumidoiro.files.wordpress.com/2013/01/post_firmiano-retrato.jpg) acessado: 21/03/2019. Autor desconhecido.



Imagem 34: Verbete contendo informações do mapa do trajeto de Saint-Hilaire pelo Brasil

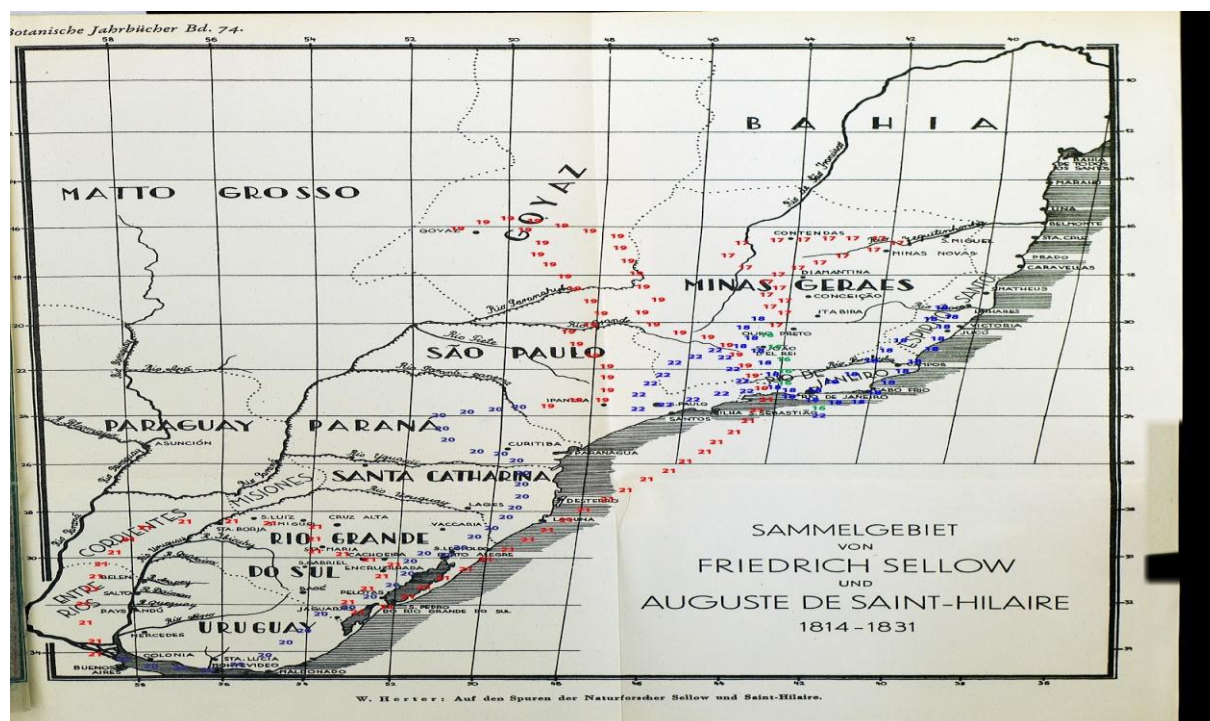


Imagem 35: Mapa do trajeto de Saint-Hilaire pelo Brasil<sup>231</sup>

<sup>231</sup> Fonte: Herbario Virtual Saint-Hilaire. Disponível em:  
<http://parquedaciencia.blogspot.com/2016/05/auguste-de-saint-hilaire-e-sua-passagem.html>, acessado em:  
 21/04/2019



## Mapa do trajeto de Saint-Hilaire por Minas Gerais

Entre 1816-1822, Saint-Hilaire fez três viagens a então Província de Minas. Naquele período, o botânico já percebia as enormes diferenças regionais existentes em Minas Gerais. Destaca-se que na região do Arraial do Tijuco (atual Diamantina), Saint-Hilaire se sentiu muito à vontade e considerou aquela população “a mais civilizada do Brasil”.

Imagem 36: Verbetes com as informações do trajeto de Saint-Hilaire por Minas Gerais



Imagem 37: Mapa da viagem de Saint-Hilaire por Minas Gerais<sup>232</sup>

<sup>232</sup> Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/2016/10/24/saint-hilaire-os-200-anos-da-chegada-ao-pais-do-mais-brasileiro-dos-naturalistas-europeus/#post/0> acessado em: 06/07/2019. Ilustração: CC BY.



Imagem 38: Verbetes do texto descritivo do *Hyptis petraea*.

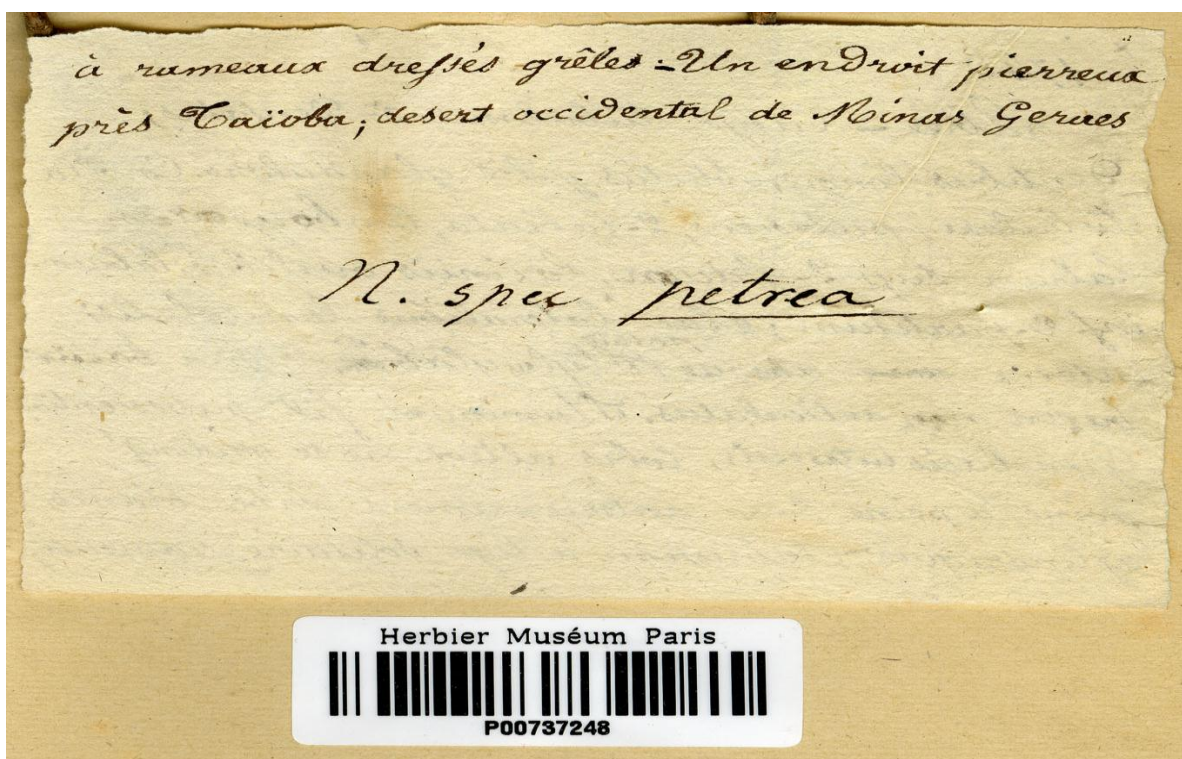


Imagem 39: Texto original com a descrição da *Hyptis petraea*<sup>233</sup>

<sup>233</sup> Disponível em: <http://coldb.mnhn.fr/catalognumber/mnhn/p/p00737248> acessado em: 21/08/2019.

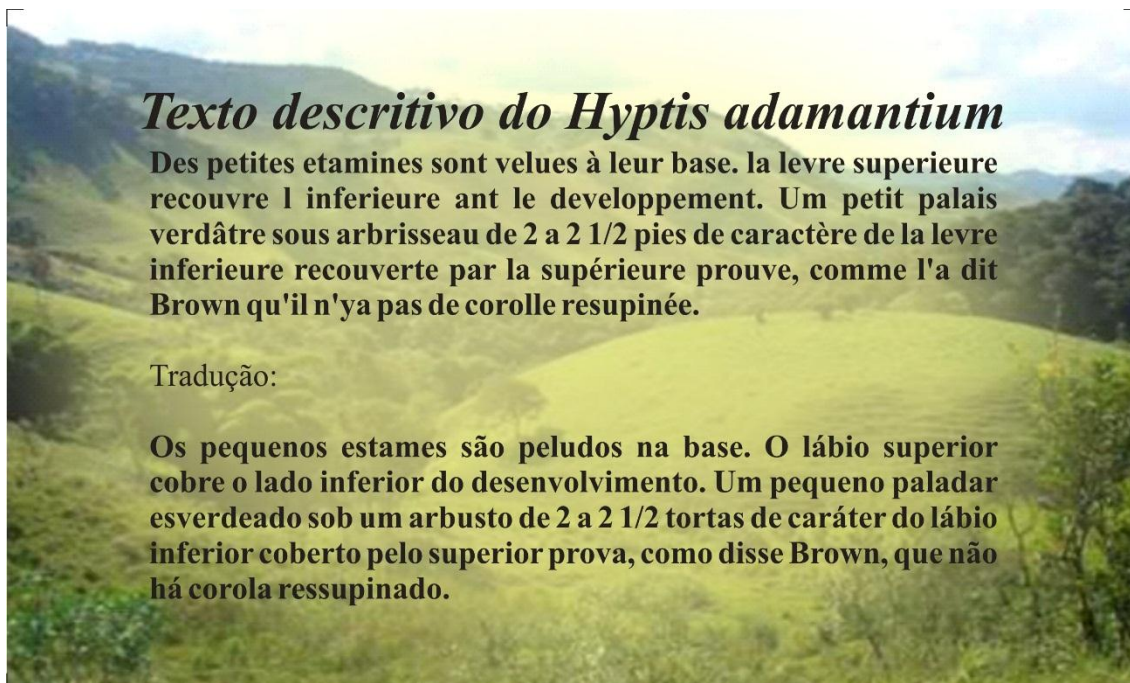


Imagem 40: Verbete com a descrição do *Hyptis adamantium*

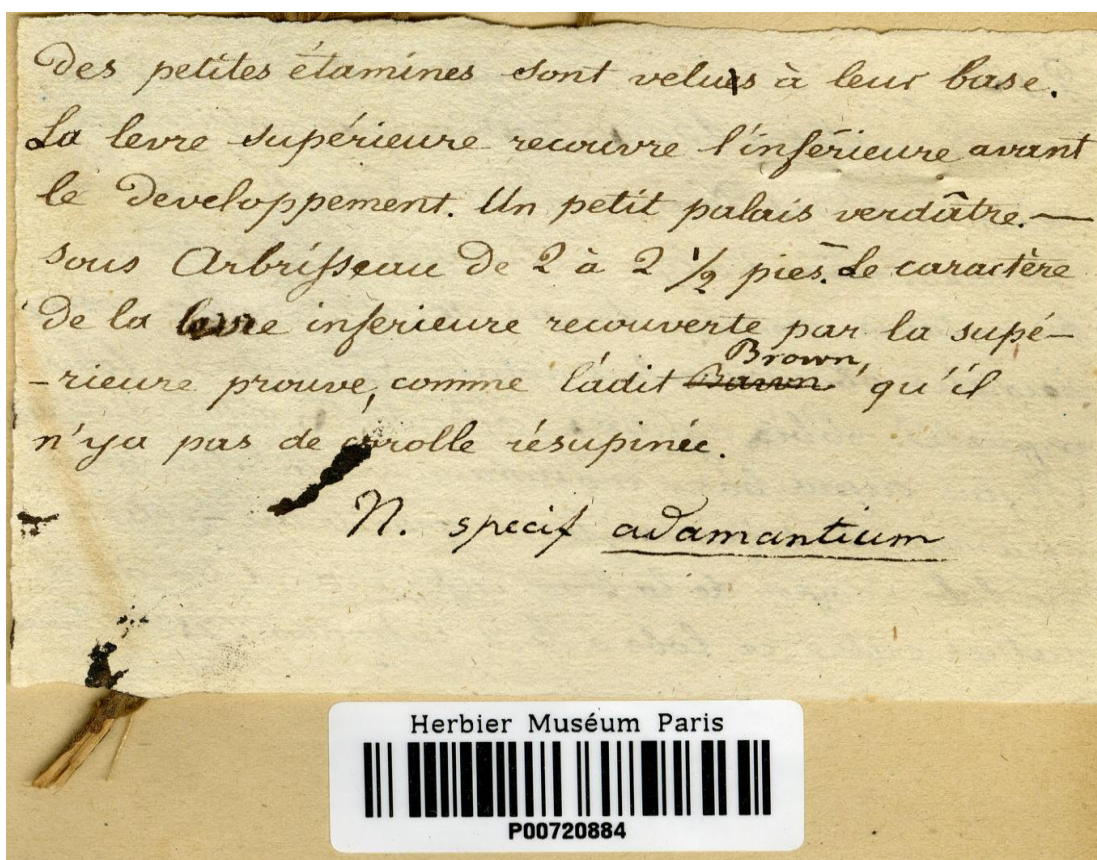


Imagem 41: Texto com a descrição do *Hyptis adamantium* <sup>234</sup>

<sup>234</sup> Disponível em: <http://coldb.mnhn.fr/catalognumber/mnhn/p/p00720884> acessado em: 21/08/2019.



Imagem 42: Verbete com informações do Castelo de Turpinière



Imagem 43: Castelo de Turpinière <sup>235</sup>

<sup>235</sup>Disponível

em:  
[https://www.google.com/search?q=ch%C3%A2teau+de+la+turpini%C3%A8re+sennely&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=iSZajmCVa7bZiM%253A%252CmppX9YLpiyvFrM%252C%20&vet=1&usg=AI4\\_kQq3ctRwZwJDxHpr7iy3aD\\_k5ehg&sa=X&ved=2ahUKEwih6iww7jnAhWGD7kGHTU5DhUQ9QEwAnoECAoQCA&csid=1580839952550483#imgrc=iSZajmCVa7bZiM](https://www.google.com/search?q=ch%C3%A2teau+de+la+turpini%C3%A8re+sennely&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=iSZajmCVa7bZiM%253A%252CmppX9YLpiyvFrM%252C%20&vet=1&usg=AI4_kQq3ctRwZwJDxHpr7iy3aD_k5ehg&sa=X&ved=2ahUKEwih6iww7jnAhWGD7kGHTU5DhUQ9QEwAnoECAoQCA&csid=1580839952550483#imgrc=iSZajmCVa7bZiM) acessado em: 07/08/2019.

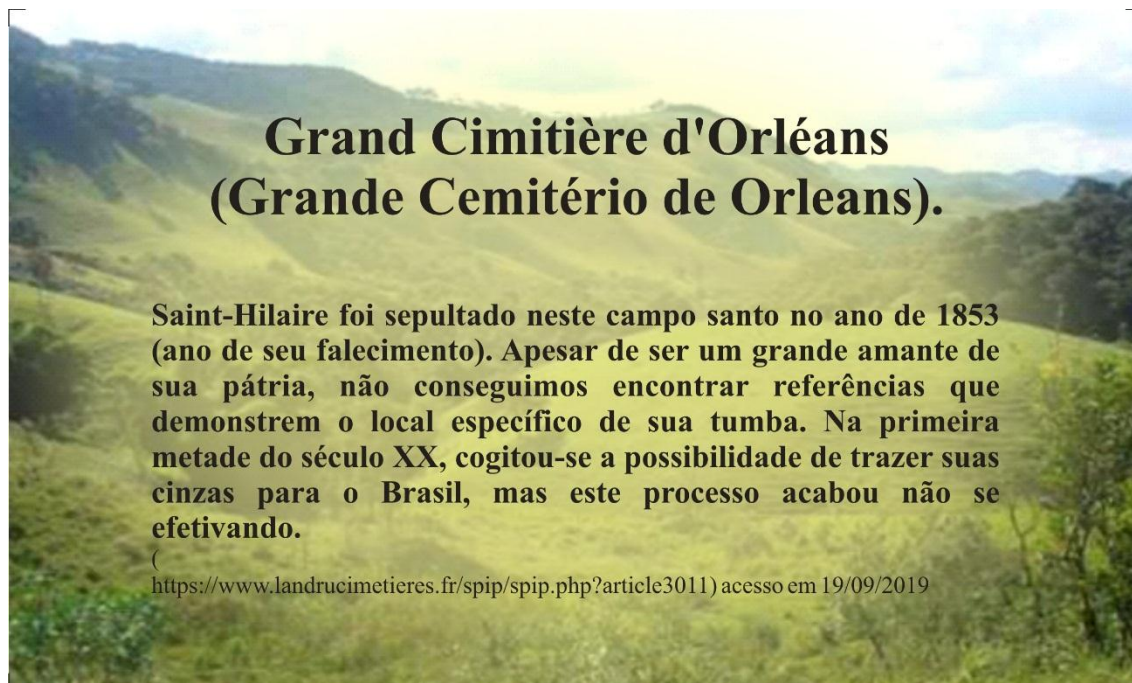


Imagem 44: Verbetes com informações do Grande Cemitério de Orleans



Imagem: 45: Entrada e interior do Grande Cemitério de Orleans <sup>236</sup>

---

<sup>236</sup> Disponível em: <https://www.landrucimetieres.fr/spip/spip.php?article3011> acessado em: 25/08/2019.



## Busto de Saint-Hilaire

O busto de Saint-Hilaire foi inaugurado em 1928 em homenagem aos trabalhos realizados pelo naturalista em terras brasileiras. Atualmente, o busto está localizado no Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro.

Imagem 46: Verbetes com informações do Busto de Saint-Hilaire.



Imagem 47: Busto de Saint-Hilaire <sup>237</sup>

---

<sup>237</sup> Disponível em: [https://www.wikiwand.com/pt/Auguste\\_de\\_Saint-Hilaire](https://www.wikiwand.com/pt/Auguste_de_Saint-Hilaire). Acessado em 29/10/2019. Fonte desconhecida.

**FONTES:**

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo.** Tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e a província de Santa Catarina.** Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte; Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

\_\_\_\_\_. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Tradução de Leonam Azeredo Pena. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; 1999

\_\_\_\_\_. **Viagem à província de São Paulo.** Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás.** Tomo primeiro. Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Livraria Martins e Fontes/Edusp.1972.

\_\_\_\_\_. **Viagem pela Província de Goiás.** Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte; Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975

\_\_\_\_\_. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** Tradução Revista e prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte. Itatiaia; São Paulo: EDUSP,1974.

\_\_\_\_\_. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil.**

Tradução de Leonam de Azevedo Pena. São Paulo: Edusp, 1974.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ANTUNES, Anderson Pereira. **A iconografia dos viajantes oitocentistas:** um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX. Trabalho de monografia apresentado ao Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz. UFRJ. Rio de Janeiro. 2013.

ASSIS JÚNIOR, Heitor de. José dos Reis Carvalho: obras naturalísticas etnográficas e naturezas mortas. II Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP.2006. Disponível em:

<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2006/DE%20ASSIS%20JUNIOR,%20Heitor%20-%20IIIEHA.pdf>. Acessado em 19/07/2019.

\_\_\_\_\_. **Relações de von Martius com imagens naturalísticas e artísticas do séc. XIX.** Dissertação de Mestrado. Campinas, SP : [s.n.], 2004.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes.** 2ª edição. São Paulo; Metralivros; Rio de Janeiro: Editora objetiva, 1999. Volume I e II.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998

BOURGUET, Marie Noelle. O Explorador. VOLVELLE, Michel(org.). **O homem do Iluminismo.** Lisboa: Presença, 1997.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Relatos de viagem como fontes à história.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

CORREA, D. S. Paisagens através de outros olhares. **Revista de História Regional**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 252-276, 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr> Acessado em: 20/08/2016.

COSGROVE, D. A **Geografia está em toda a parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da mata atlântica. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das letras, 1996.

DESCOLA, Philippe. Antropologie de la nature. Disponível em: [https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304\\_R1112\\_Descola.pdf](https://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL8302558278212684304_R1112_Descola.pdf) Acessado em 15/03/2018.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru, São Paulo: EDUSC.

FERRERO, R. & MELLO-SILVA, R. 2011. Droseraceae do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 29:13-18 acessado em 20/09/2019.

FREIRE, Gabriel; GUERRINI, Daniel; DUTRA, Alessandra. O Mestrado Profissional e os Produtos Educacionais: a pesquisa na formação docente. Disponível em: [www.utfpr.edu.br/.../mestrados.../mestrado-profissional.../produtos-educacionais/prod...](http://www.utfpr.edu.br/.../mestrados.../mestrado-profissional.../produtos-educacionais/prod...) Acessado em 17/07/2019.

GARDONI, Livia Cristina de Paiva; ISAIAS, Rosy Mary dos Santos; VALE, Fernando Henrique Aguiar. Morfologia e anatomia foliar de três morfotipos de *Marcetia taxifolia* (A. St.-Hil.) DC. (Melastomataceae) na Serra do Cipó, MG. **Rev. bras. Bot.**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 487-500, Sept. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-84042007000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-84042007000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 20 Set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-84042007000300013>

GERBI, Antonello. **Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil Monárquico** – O processo de emancipação. Coleção História Geral da Civilização Brasileira, t.2, 11ª edição, - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2004

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

KURY, L. B. **Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar**. Intellèctus, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003. Disponível em <http://www.intellectus.uerj.br> Acessado em 3 de dezembro de 2007.

\_\_\_\_\_. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **Hist. cienc. saude** [online]. 2001, vol.8, suppl., pp. 863-880. ISSN 0104-5970. doi: 10.1590/S0104-59702001000500004.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**; escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996.

LISBOA, Karen Macnow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP. 1997.

NAXARA, Márcia Regina Capellari. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **Natureza e civilização:** sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.) Memória e ressentimento – indagações sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2000.

PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: II – Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). **Revista IHGB**, Rio de Janeiro, a.173(455), abril/junho 2012.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2º edição.1979.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru, S: Edusc, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O sol do Brasil:** Nicolas Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de Dom João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA-LUZ, C., GOMES, C., Pirani, J. R., & HARLEY, R. (2012). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Lamiaceae. **Boletim De Botânica**, 30(2), 109-155. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v30i2p109-15>) acessado em 19/09/2019

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América:** a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone. 3º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003

\_\_\_\_\_. **Nós e os outros:** a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Edição 1993